

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DANIEL AUGUSTO DE ALMEIDA ALVES

***ARRIBA LOS QUE LUCHAN!*
SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E LUTA ARMADA. A TRAJETÓRIA DA
FEDERAÇÃO ANARQUISTA URUGUAIA: 1963-1973**

**PORTO ALEGRE
2016**

DANIEL AUGUSTO DE ALMEIDA ALVES

ARRIBA LOS QUE LUCHAN!
SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E LUTA ARMADA. A TRAJETÓRIA DA
FEDERAÇÃO ANARQUISTA URUGUAIA: 1963-1973

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós.

PORTO ALEGRE

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Alves, Daniel Augusto de Almeida
ARRIBA LOS QUE LUCHAN! SINDICALISMO
REVOLUCIONÁRIO E LUTA ARMADA. A TRAJETÓRIA DA
FEDERAÇÃO ANARQUISTA URUGUAIA: 1963-1973 / Daniel
Augusto de Almeida Alves. -- 2014.
173 f.

Orientador: Enrique Serra Padrós.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2014.

1. Anarquismo. 2. Luta armada. 3. Sindicalismo.
4. Uruguai. 5. Organização política. I. Padrós, Enrique
Serra, orient. II. Título.

DANIEL AUGUSTO DE ALMEIDA ALVES

ARRIBA LOS QUE LUCHAN!
SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E LUTA ARMADA. A TRAJETÓRIA DA
FEDERAÇÃO ANARQUISTA URUGUAIA: 1963-1973

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós.

Aprovada em: 10 de Dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA,

Prof. Dr. Enrique Serra Padrós (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Sosa Gonzalez
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof. Dr. Bruno Lima Rocha
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Prof. Dr. Gerson Fraga
Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS)

Na figura de Alberto *Pocho* Mechoso a todos mortos e desaparecidos.

A Olivar Caussade, *El Viejo Pocho*.

A Raul Cariboni por seu legado intelectual.

Aos que resistiram no cárcere, no exílio e na clandestinidade.

Aos que cicatrizam as feridas, mantendo a chama acesa.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é, em grande medida, resultado de um grande esforço coletivo uma vez que em muito colaboraram professores, amigos, companheiros e familiares. Faço questão de explicitar alguns agradecimentos a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram nessa caminhada.

Agradeço, em um primeiro momento, a toda minha família a distância, em especial aos meus pais, Dario e Olga, meus avós, Dario e Maria Nazareth e Antonio Antero, minha irmã, Eleonora e minha tia Mara, pelo contínuo estímulo ao estudo.

À CAPES, pela importante bolsa auxílio.

Aos companheiros e amigos de militância na Federação Anarquista Gaúcha (FAG)/Coordenação Anarquista Brasileira (CAB) e da Resistência Popular.

Aos amigos: Ademir, Airan, Anne, as Amandas, Andreza, Bárbara, Bocha, Bruna, Candida, Cris Castro, Claudio Dias, Douglas, Eduarda, Edzar, Eliete, Federico, Felipe Correa, Gabriel Amorim, Gabriela, Guilherme Runge, Graziano, Jhnonny, Joel, Karen, Kennia, Leonardo M., Lorena, Magno, Marcelo Cortes, Marcia, Odilon, Pig, Rodrigo, Rodrigo ‘Guigo’, Rudi, Tharcus, Vicente, Tzuzy, Raphael PH, Tiago. A Ale, Bruno, Evandro Couto, Patrícia, Rafael Viana e Viktor pelas importantes trocas de idéias e discussões em muito decisivas para o desfecho do trabalho.

Pela *Banda Oriental*, um especial agradecimento pela calorosa recepção em Santa Catalina por Veronica, Camilo, Tania, Anahi, Maurício e toda a *barra* do *Ateneo Pocho Rios* e no Cerro por Juan Carlos Mechoso, China e Marina. Também a Mario, Nathaniel e demais companheiros da Agrupação Wellington Galarza/UNTMRA, a Sapo, Bruja, Daniel e Gustavo Sosa, Lizza e Zelmar. A Cacho, Juan Pilo e Julito pelas inúmeras conversações e troca de idéias a respeito da pesquisa na *Imprenta Aragón*. A Federação Anarquista Uruguaia (FAU) pela receptividade de sempre.

Ainda na *Banda Oriental* agradeço a Universindo Rodrigues (*in memoriam*) e, nas pessoas de Carlos Custódio, Stela Saraiva e Ana Amorós ao *Partido por la Victoria del Pueblo* (PVP), pela colaboração com importantes contatos e materiais. Aos professores Rodolfo Porrini, Clara Aldrighi, Selva Chirico e Carlos Demasi do *Centro de Estudios Interdisciplinarios Uruguayos* assim como os funcionários Daniel e Alondra pela cordialidade e atenção nesse importante arquivo. A Laura Irigoyen, Alejandra Zimmer e Marina Cardozo pelas muitas colaborações em Montevideú.

Por fim, gostaria de manifestar um especial agradecimento a meu orientador, Enrique Serra Padrós, pelo rigorosa análise do texto, diversas sugestões e colaborações ao longo desse período. Sobretudo, pela camaradagem e confiança de sempre.

O anarquismo é o viajante que vai pelas ruas da história,
luta com os homens como são e constrói com as pedras
que lhe proporciona sua época.

(Camillo Berneri)

Es preferible que te sientes
así podremos descansar,
la calle esta tan peligrosa
a la hora que solés llegar.

es que a partir de mis insomnios
vos me empezaste a visitar
y algo de alcohol hace milagros
para sentir que estás acá.

pero porqué hablo yo solo
y nunca te puedo escuchar,
si en este mundo todos tienen
alguna historia que contar

Es que me olvido que tu vienes
desde otra muerte a visitar,
que siempre cuida a tus vivos
como cuidamos de vos.

pero no es llevándote unas flores
si no sabría a que lugar,
a veces te pongo en carteles
y hoy te quiero cobijar.

la calle está tan peligrosa
a la hora que soles llegar,
si te preparo una cama
quizás no tenga que marchar.

es que me olvido que tu vienes
desde otra muerte a visitar,
que siempre cuida a tus vivos
y que entiendes cuando

una parte mía busca la alegría
y la otra no sabe que hacer,
hoy somos tus sobrevivientes
que a veces te sienten volver.

Es preferible que te quedes
Así podremos descansar,
Ya que los dos ahora sabemos
A que se llama soledad.

(Rubén Oliveira)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a incidência da Federação Anarquista Uruguaia (FAU) nas lutas sociais do Uruguai entre os anos 1968-1973. Fundada em 1956, a FAU se alimentou de uma grande influência de anarquistas como Malatesta e Bakunin, além de inúmeras experiências do movimento operário no país, como foi o caso dos sindicatos autônomos e os grêmios solidários. Posta na clandestinidade junto a outras organizações de esquerda em dezembro de 1967, a FAU seguiu desenvolvendo uma consistente atuação político-social. Nesse período, compreendido pela organização enquanto uma “ditadura constitucional”, ampliou de forma considerável seu raio de influência no movimento sindical e estudantil, conformando uma importante organização de massas, a *Resistencia Obrero Estudiantil* (ROE) além de impulsionar um campo de agrupações sindicais que sustentavam uma oposição de esquerda à política do Partido Comunista Uruguaio no movimento sindical, a *Tendencia Combativa*. Também participou ativamente no processo de unificação do movimento sindical, que culmina na conformação da *Convención Nacional de Trabajadores* (CNT). Além de galgar uma significativa expressão nas lutas de massas, a FAU também desenvolveu um pequeno, embora eficaz, aparato armado, a *Organización Popular Revolucionaria 33 Orientales* (OPR-33). Apesar de reivindicar expressamente a luta armada como via revolucionária, esta organização não abarcou nas teses do foquismo, que tanto influenciaram organizações no continente, sustentando um projeto de luta armada articulado e dirigido por uma organização política, com incidência de massas. A luta armada era compreendida, portanto, enquanto uma expressão de auto defesa e impulso das lutas de massas.

PALAVRAS-CHAVE: Anarquismo. Luta Armada. Sindicalismo. Uruguai. Repressão. Organização Política.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo el análisis de la incidencia de la Federação Anarquista Uruguaya (FAU) en las luchas sociales de Uruguay entre los años 1968-1973. Fundada en 1956, la FAU se alimentó de una gran influencia de anarquistas como Malatesta y Bakunin, además de inúmeras experiencias del movimiento obrero en el país, como fue el caso de los sindicatos autónomos y los gremios solidarios. Puesta en la clandestinidad junto a otras organizaciones de la izquierda revolucionaria en diciembre de 1967, la FAU siguió desarrollando una consistente actuación político-social. En este periodo, comprendido por la organización mientras una “dictadura constitucional”, se amplió de forma considerable su rayo de influencia en el movimiento sindical y estudiantil, conformando una importante organización de masas, la *Resistencia Obrero Estudiantil* (ROE) además de impulsar un campo de agrupaciones sindicales que sostenían una oposición de izquierda a la política de Partido Comunista Uruguayo en el movimiento sindical, la *Tendencia Combativa*. También participó activamente en el proceso de unificación del movimiento sindical, que culmina en la conformación de la *Convención Nacional de Trabajadores* (CNT). Además de lograr una significativa expresión en las luchas de masas, la FAU también desarrolló un pequeño, pero eficaz, aparato armado, la *Organización Popular Revolucionaria 33 Orientales* (OPR-33). Aunque reivindicara expresamente la lucha armada como vía revolucionaria, esta organización no abarcó en las tesis del foquismo, que tanto influyeron organizaciones en el continente, sosteniendo un proyecto de lucha armada articulado y dirigido por una organización política, con incidencia de masas. La lucha armada era comprendida, por lo tanto, como una expresión de auto defensa y impulso de las luchas de masas.

PALAVRAS-CLAVE: Anarquismo. Lucha Armada. Sindicalismo. Uruguay. Represión. Organización Política.

RESUME

La présente dissertation a pour objectif d'analyser l'incidence de la Fédération Anarchiste Uruguayenne (FAU) dans les luttes sociales en Uruguay des années 1968 à 1973. Fondée en 1956, la FAU s'est grandement inspirée d'anarchistes comme Malatesta et Bakounine, ainsi que de nombreuses expériences du mouvement ouvrier dans le pays, comme se fût le cas avec les syndicats autonomes et les groupements de solidarités. Entrée dans la clandestinité aux côtés d'autres organisations de gauche en décembre 1967, la FAU continua de développer une action politico-sociale consistante. Durant cette période, comprise par l'organisation comme une « dictature constitutionnelle », son champ d'influence s'est considérablement développé dans le mouvement syndical et étudiant, créant une importante organisation de masses, la *Résistance Ouvrière Etudiante* (ROE). La FAU fut aussi capable d'entraîner, sous le nom de la *Tendance Combative*, tout un pan de regroupements syndicaux qui soutenaient une opposition de gauche à la politique du Parti Communiste Uruguayen dans le mouvement syndical. Elle participa aussi activement au processus d'unification du mouvement syndical, qui culminera avec la création de la *Convention Nationale des Travailleurs* (CNT). En plus de monter une expression significative dans les luttes de masses, la FAU a aussi développé un petit, mais efficace, appareil armé, l'*Organisation Populaire Révolutionnaire 33 Orientaux* (OPR-33). Bien qu'elle revendiquait explicitement la lutte armée comme un moyen révolutionnaire, cette organisation n'est jamais tombée dans les thèses du foquisme, qui a tant influencé les organisations du continent, et a soutenu un projet de lutte armée articulée et par une organisation politique, avec une ligne de masses. La lutte armée était comprise, par conséquent, comme une expression d'auto-défense des luttes de masses.

MOST-CLÉS: Anarchisme, Lutte Armée, Syndicalisme, Uruguay, Répression, Organisation Politique.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEBU	Asociación de Empleados Bancários del Uruguay
AFE	Administración de Ferrocarriles del Estado
ALPRO	Aliança para o Progresso
AMDET	Administración Nacional de Transportes Colectivos de Montevideo
ANCAP	Administración Nacional de Combustibles, Álcohol y Portland
ANTEL	Administración Nacional de Telecomunicaciones
ARU	Agrupación Reforma Universitaria
AUTE	Agrupación de Funcionarios de la UTE
CGT	Confederación General de los Trabajadores – (Argentina)
CGT-A	Confederación General de los Trabajadores Argentinos – (Argentina)
CIA	Agência Central de Inteligência – (EUA)
CICSSA	Compañía Industrial Comercial del Sur Sociedad Anonima
CIDE	Comisión de Inversiones y Desarrollo Económico
CIOSL	Confederación Internacional de Organizações Sindicais Libres
CMI	Complexo Industrial Militar
CNT	Convención Nacional de Trabajadores
CNT	Confederación Nacional del Trabajo
CONAE	Consejo Nacional de Educación
CONSUPEN	Consejo Superior de Enseñanza
COSENA	Consejo de Seguridad Nacional
CSI	Confederación Sindical Internacional
CSU	Confederación Sindical del Uruguay
CUTSA	Compañía Uruguaya de Transportes Colectivos Sociedad Anonima
DII	Departamento de Informacion e Inteligencia
DSN	Doutrina de Segurança Nacional
EUA	Estados Unidos da América
FAI	Federación Anarquista Ibérica
FARO	Frente Armado de Revolución Oriental
FAU	Federación Anarquista Uruguaya
FEUU	Federación de Estudiantes Universitarios del Uruguay
FIDEL	Frente de Izquierda de Liberación
FSM	Federação Sindical Mundial

FUNSA	Fabrica Uruguay de Neumáticos Sociedad Anónima
GAU	Grupos de Acción Unificada
JUP	Juventudes Uruguay de Pie
MAPU	Movimiento de Acción Popular Uruguay
MIR	Movimiento de Izquierda Revolucionaria
MLN (ou MLN-T)	Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros
MPS	Medidas prontas de seguridad
MRO	Movimiento Revolucionario Oriental
OCOA	Organismo Coordinador de Operaciones Antisubversiva
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIT	Organização Internacional trabalho
OLAS	Organização Latinoamericana de Solidariedade
OPR-33	Organização Popular Revolucionária 33 Orientais
ORIT	Organização Regional Interamericana do Trabalho
OSE	Obras Sanitarias del Estado
PCU	Partido Comunista de Uruguai
PHUASA	Primera Hilanderia Uruguay de Algodon Sociedad Anonima
PVP	Partido por la Victoria del Pueblo
ROE	Resistencia Obrero Estudiantil
SID	Serviço de Inteligência e Defesa
SUNCA	Sindicato Único Nacional de la Construcción y Afines
TDE	Terrorismo de Estado
UOS	Unión de Obreros de Seral
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UTE	Administración Nacional de Usinas y Transmisiones Eléctricas
UTU	Universidad del Trabajo del Uruguay

LISTA DE NOMES CODIFICADOS UTILIZADOS PELA FAU

AGUILLAR: Direção do aparato armado

ALEJANDRA: Direção do nível de massas

CHOLA: Aparato armado da organização

FOMENTO: Secretariado Nacional, direção da organização política

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: A TRADIÇÃO SINDICAL ANARQUISTA NO URUGUAI: Dos Sindicatos Autônomos à CNT.....	31
1.1. Os sindicatos autônomos	31
1.2. As greves dos “grêmios solidários” e o Ateneo Cerro-La Teja.....	39
1.3. <i>La juventud es bandera no mortaja!</i> As lutas estudantis e a influência das JJLL e da FEUU	44
1.4. O processo de fundação da FAU.....	47
1.5. O Uruguai que já não é mais a Suíça da América Latina.....	53
1.6. Os primeiros anos da FAU e seus desencontros.....	56
1.7. Um longo e paciente caminho rumo à unidade sindical.....	62
CAPÍTULO 2: ÀS PORTAS DA CLANDESTINIDADE! A FAU ÀS VÉSPERAS DO PACHECATO.....	71
2.1. Uma central forjada no calor das lutas e com protagonismo de suas bases.....	71
2.2. A Reforma laranja e a ascensão de Pacheco Areco	78
2.3. A construção de um pólo combativo na esquerda. Do <i>Coordinador</i> à <i>Tendencia Combativa</i>	83
2.4. Quando um aplauso afirma – ou rejeita – uma linha. A OLAS e a encruzilhada estratégica da esquerda.....	89
CAPÍTULO 3: “ACCIÓN DIRECTA EN TODOS LOS NIVELES”. A FAU DIANTE DA “DITADURA CONSTITUCIONAL” (1968-1973).....	98
3.1. <i>El buen trato</i> . Reestruturando-se após a proscricção	98
3.2. <i>Cielo del 69</i> . O 68 que se prolongou ao sul.....	101
3.3. O crescimento da influência de massas e o debate político-militar	111
3.4. A FAU e a ROE no contexto pré-eleitoral.....	117
3.5. Do Estado de Guerra Interno ao golpe ao Estado.....	132
3.6. Um balanço da greve geral e o início de uma longa luta contra a ditadura.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
ARQUIVOS E FONTES CONSULTADAS.....	161

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** *La Formidable Huelga del Cerro refleja el valor de la clase Obrera que triunfará sobre Patronos y Traidores*.....36
- Figura 2:** Na foto, Rodney Arismendi, o segundo da direita para a esquerda, está de braços cruzados enquanto observa o conjunto da Mesa de encerramento da Conferência da OLAS aplaudir suas resoluções.....95
- Figura 3:** *Avanzar Combatiendo*.....122
- Figura 4:** *¡Salvaje Asesinato de la Dictadura!*.....127
- Figura 5:** Cortejo fúnebre de Heber Nieto. Ao centro Leon Duarte, à sua direita Yamandú González (também dirigente de FUNSA e militante da FAU/ROE) e à esquerda Hugo Casariego junto aos companheiros de Heber; de camisa quadriculada José Carballa e a sua esquerda Graciela Popelka, militantes da ROE no IEC.....128
- Figura 6:** Imagem panorâmica do cortejo fúnebre de Heber Nieto.....128
- Figura 7:** *ENCUENTRAN SEDICIOSO ASESINADO EN POCITOS*.....129

INTRODUÇÃO

(...) La historia tiene sus fantasías inimaginables y sus rasgos de solidaridad eterna.¹

O presente trabalho é parte de um esforço que busca investigar a atuação da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU) em meio às “lutas de massas” (sindicais, estudantis e bairros populares) e também na luta armada, entre os anos de seu maior desenvolvimento: de 1963 até 1973. Pretendemos priorizar as análises em torno de sua incidência no movimento sindical, através de sua intervenção na *Convención Nacional de Trabajadores* (CNT) pela *Resistencia Obrero Estudiantil* (ROE) e *Tendencia Combativa*, assim como sua atuação na luta armada a partir de seu aparato armado *Organización Popular Revolucionaria 33 Orientais* (OPR-33) em função de serem estas frentes de luta as suas prioridades estratégicas.

Para tanto, além de investigar o seu trabalho político-social, também buscamos analisar o contexto histórico do Uruguai, sobretudo a partir da ascensão de Pacheco Areco ao poder em finais de 1967, período marcado por um processo de deterioração democrática que culmina em um Golpe de Estado em 1973. **Objetivamos**, a partir da investigação das questões citadas, ter uma dimensão da influência que esta organização exerceu na esquerda uruguiaia, assim como da complexidade de seu desenvolvimento organizativo.

Inserimos a nossa investigação dentro da perspectiva da Nova História Política. Neste sentido, compreendemos o cenário político do Uruguai para além das instituições e fóruns do Estado assim como dos partidos que encontram nestes espaços o seu locus privilegiado para a atividade política. Procuramos, assim, identificar a política nas mais diversas relações sociais cotidianas que, por sua vez, também são relações de poder. A partir disso, concentramos nossas observações em setores sociais tais como sindicatos, associações estudantis, movimentos de bairros e organizações político- ideológicas não institucionalizadas, priorizando, assim, a análise das chamadas “massas anônimas”, seu cotidiano e expressões políticas e culturais, configurando assim uma “História vista de Baixo”.²

Fundada em 1956, a FAU, embora não tenha alcançado uma hegemonia em meio às forças populares e de esquerda, exerceu considerável incidência nas lutas sociais e, consequentemente, na vida política do país.

¹ BAYER, Osvaldo. Las crisis de las luchas. In: TRUJILLO, Fernando Lopez. *VIDAS EN ROJO Y NEGRO: Una historia del Anarquismo en la “Decada Infame”*. Buenos Aires: Letra Libre, 2005, s/p.

² BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História: especialidades e avordagens*. Petrópolis: Vozes, p. 107.

No interior da CNT, a FAU esteve presente com destacado protagonismo, atuando através da *Tendencia Combativa*, espaço de articulação político-sindical, formado a partir de sua convocatória e que reuniu militantes e agrupações que questionavam as orientações do Partido Comunista Uruguaio (PCU), organização com maior incidência na CNT e que desenvolvia uma orientação mais moderada, de recuo e diálogo, quanto aos conflitos sociais. Posteriormente, já clandestina, a FAU fundou a *Resistencia Obrero Estudiantil* (ROE) enquanto expressão pública de sua política de massas, aglutinando em seu interior um conjunto maior de militantes.

Categorias como gráficos, operários de pneus e derivados da borracha, bancários, ferroviários, sapateiros e magistério foram algumas das que a FAU teve considerável incidência, tendo dirigentes sindicais da magnitude de Gerardo Gatti (gráfico), Elena Quinteros e Gustavo Inzalraude (magistério), Leon “el Loco” Duarte e Washington “Perro” Perez (*Fabrica Uruguaya de Neumáticos Sociedad Anonima*, FUNSA³), e Hugo Cores (bancário); de todos eles, apenas os dois últimos não se encontram entre os muitos desaparecidos do terror de Estado produzido após o golpe de 1973.

Além de ter desenvolvido um grande trabalho sindical, a FAU também atuou no movimento estudantil e em bairros populares como o *Cerro* e *La Teja*, locais de tradicional concentração operária, sobretudo da indústria frigorífica, e palcos de históricas lutas como as grandes greves dos sindicatos autônomos e grêmios solidários, entre a década de 1940 e início da década de 1950, conflitos esses de grande influência para a militância anarquista que fundou a organização no ano de 1956. Para além de sua incidência nas lutas sindicais, estudantis e sua presença nos bairros, a FAU também chegou a contar com um aparato armado, a OPR-33, a qual demonstrou grande capacidade operativa ao longo destes anos, atuando estritamente vinculada aos conflitos sociais.

Apesar de sua importante presença nas lutas sociais do Uruguai, a FAU ainda é pouco conhecida, muitas vezes inclusive ignorada, nos estudos que visam o contexto histórico assinalado. Isso por si só já constitui um fator de importância para o tema em questão: abordar a história de uma das organizações mais influentes da esquerda uruguaia, a qual podemos afirmar que fora uma das esquerdas com maior capilaridade social na América Latina. Não é por acaso que o Uruguai foi o único país onde se deflagrou uma greve geral de resistência ao golpe de Estado. Apesar de derrotada, a experiência de luta e organização da classe

³ Indústria de pneus em Montevideú.

trabalhadora em oposição imediata ao golpe é um fator de primeira ordem para analisarmos a dimensão da esquerda uruguaia nesse contexto.

O considerável vácuo que encontramos a respeito da história da FAU também se manifesta em tantas outras experiências importantes protagonizadas pelo anarquismo, tal como na Revolução Russa, seu papel na organização da nascente classe operária, bem como do campesinato, na América Latina, nos países latinos da Europa, bem como na Bulgária, Japão, China, África do Sul, Egito, Coreia, entre outros. Essa ausência de maiores investigações a respeito das experiências históricas do anarquismo encontra-se vinculada com a tendência que Michael Schmidt classifica enquanto o mito historiográfico dos “cinco grandes momentos” (*five highlights*), que ofuscam uma rigorosa investigação sobre a linhagem histórica do anarquismo em prol da análise de um reduzido conjunto de episódios analisados fugazmente.⁴

Por outro lado, também encontramos em parte expressiva dos estudos sobre o anarquismo uma concepção desenvolvida, dentre outros, pelo historiador norte-americano George Woodcock⁵. A análise reivindicada por Woodcock busca identificar o anarquismo enquanto um fator a-histórico; nesse sentido, o anarquismo constituir-se-ia enquanto um ideal ético, de busca de formas libertárias e não autoritárias de sociabilidade presente em diversas épocas da História. Nesse sentido, a “pedra de toque” para a compreensão do anarquismo é sua negação ao Estado a partir de um recurso semântico (*an archia*; sem governo, autoridade).

Tal concepção tem ofuscado seriamente uma melhor compreensão das experiências protagonizadas pelos anarquistas em distintos países e contextos históricos, compreendendo-o enquanto um ideal abstrato e deslocado dos contextos e das formações sociais onde se localiza. Se a negativa da conformação da sociedade em uma estrutura rigidamente centralizada e vertical que é o Estado, tal como a crítica às relações de poder e dominação, é um elemento basilar do anarquismo, estas não podem ser vistas senão como o desdobramento

⁴ Estes “cinco grandes momentos” para o pesquisador sul-africano consistiriam em: a luta pelas 08 horas de trabalho e os Mártires de Chicago, em 1886-1887; a fundação da Confederação Geral do Trabalho (CGT) francesa, em 1895, e sua posterior Carta de Amiens, em 1906, tidos como marcos iniciais do sindicalismo revolucionário; a Revolta de Kronstadt, em 1921; a Revolução Espanhola de 1936-1939; os episódios do Maio de 1968 francês, em especial a luta estudantil. Como forma de contrapor estes “mitos”, Schmidt propõe uma investigação do anarquismo a partir do que classifica enquanto “cinco ondas” que seriam divididas a partir de recortes cronológicos, no caso: 1º 1868 – 1894, 2º 1895 – 1923, 3º 1924 – 1949, 4º 1950 – 1985; 5º 1990 – aos dias atuais. Dentro desse esquema de análise, aponta como essa vertente do socialismo esteve presente nas mais diversas experiências de luta social de inúmeros países, enfrentando regimes de opressão como o capitalismo, o nazi-fascismo e as ditaduras estalinistas. SCHMIDT, Michael. *Cartography of Revolutionary Anarchism*. Oakland: Ak Press. 2013.

⁵ WOODCOCK, George. *Historia das Idéias e Movimentos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

de uma identidade própria que essa corrente desenvolveu em um “leito” comum da experiência histórica da classe trabalhadora: o socialismo. Nesse sentido, é comum encontrarmos nos poucos estudos onde a FAU é mencionada uma insinuação de que essa fosse uma organização que abdicou do anarquismo em favor do “marxismo-leninismo” em função de seus posicionamentos, mais especificamente a constituição de um partido de quadros e sua solidariedade às lutas de libertação nacional da época, mais precisamente à Revolução Cubana. Ignora-se, assim, uma maior análise a respeito da trajetória histórica do anarquismo através de suas experiências e formulações teóricas e doutrinárias – muitas das quais contraditórias e conflitantes entre si -, para analisá-lo a partir de uma pretensa “experiência pura” que em muitos casos diz mais a respeito daquilo que o intérprete cria enquanto imagem “ideal” de anarquismo⁶, aproximando-se, não raras vezes, da caricatura de uma romântica tendência liberal alheia a formação social do ambiente que o toca se inserir.

Esse recurso metodológico não nos parece o mais adequado para a investigação do anarquismo, seja em suas origens seja em seu desenvolvimento histórico. Para Rudolf Rocker, proeminente teórico anarco-sindicalista, o anarquismo é fruto da sociedade moderna, do advento do sistema capitalista e do surgimento do movimento operário e socialista; nesse sentido, o anarquismo é a vertente libertária do socialismo, não uma manifestação a-histórica e a-socialista. A reivindicação de uma perspectiva classista e, portanto, da necessidade de luta e organização é parte intrínseca de sua origem histórica e um de seus fundamentos mais elementares. Sua origem, assim como das diversas manifestações socialistas, foi consequência direta da experiência de luta das classes trabalhadoras.

[...] las ideas no efectúan por sí ningún movimiento; son más bien producto de situaciones concretas, el precipitado intelectual de determinadas condiciones de vida. Los movimientos surgen tan sólo de las necesidades inmediatas y prácticas de la vida social, y nunca son resultantes de ideas puramente abstractas. Sin embargo, cobran su fuerza incontenible y su íntima seguridad en el triunfo, únicamente si están fecundados por una gran idea que les da vida y contenido intelectual. Es necesario ver así la relación del movimiento obrerista con el socialismo para comprenderle debidamente y valorarle de manera inteligente. El socialismo no es engendrador del movimiento laborista; más bien creció al margen de éste. Dicho movimiento se despertó y avanzó como una consecuencia lógica de la reconstrucción social que dio nacimiento al actual mundo capitalista. Su finalidad inmediata era la lucha por el pan de cada día, la resistencia consciente contra una corriente de las cosas que se volvía constantemente más desastrosa para los trabajadores.⁷

⁶ SILVA, Rafael Viana da. *Os revolucionários ineficazes de Hobsbawm*. Disponível em: <<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2013/02/rafael-viana-os-revolucionarios-ineficazes-de-hobsbawm.pdf>>. Último acesso: 29 out. 2014.

⁷ ROCKER, Rudolf. *Anarco Sindicalismo (Teoría y práctica)*. Disponível em: http://www.nodo50.org/fau/teoria_anarquista/rocker/1.htm Último acesso: 30 out. 2014.

Parte dessas experiências da nascente classe operária encontraram intérpretes intelectuais que a sistematizaram em um escopo teórico e doutrinário. No caso do anarquismo, foi o francês Pierre Joseph Proudhon quem primeiro o delineou, concebendo, a partir das caixas de socorro mútuo e da livre associação e coordenação das associações operárias francesas, a ideia do mutualismo e federalismo. Concepções de grande influência na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) dariam corpo, posteriormente, à doutrina coletivista elaborada, dentre outros, por Bakunin em um momento de maior desenvolvimento e ofensiva do movimento operário internacional.⁸

Mas todos estes esforços que acharam sua expressão nas organizações dos mutualistas, como se chamavam os partidários de Proudhon, podem considerar-se como precursores e o começo do movimento anarquista recém se inicia no período da Internacional, e sobretudo quando a influência de Bakunin e seus amigos é mais reconhecida nas federações dos países latinos. O mesmo Bakunin foi em toda sua vida um fervente defensor da idéia de organização e a parte mais importante de sua atividade na Europa consistia em seu desejo inquebrantável de organizar os elementos revolucionários e libertários e prepará-los para a ação. Sua atividade na Itália, a fundação de sua Aliança, sua portentosa propaganda nas filas da Internacional teve sempre como aspiração de seu pensamento aquela finalidade.⁹

A FAU foi uma organização política anarquista que se baseou, em grande medida, dentro dessa perspectiva, tendo sido influenciada sobretudo pelas proposições organizativas formuladas e ensaiadas por Mikhail Bakunin e Errico Malatesta. A obra de Bakunin, em certa medida dispersa, tende a abrir margem a interpretações confusas, na medida em que não se compreende sua defesa do “dualismo organizacional”: o movimento de massas e o nível específico, o partido revolucionário, associando-o assim, à defesa pura e simples de concepções espontaneístas e adversas à organização. Abordando a *Aliança da Democracia Socialista*, primeiro partido de quadros anarquista e com destacada intervenção na AIT e na Comuna de Paris, Bakunin afirmava que:

[...] Nós conseguimos formar, bem ou mal, um pequeno partido – pequeno em relação ao número de homens que aderem a ele com conhecimento de causa, imenso relativamente aos seus aderentes instintivos, relativamente às massas populares das quais ele representa as necessidades melhor do que qualquer outro partido. – Agora devemos embarcar em conjunto no oceano revolucionário, e doravante não devemos propagar mais nossos princípios por palavras, mas com *atos*, - pois *é a mais popular, a mais poderosa e a mais irresistível das propagandas*. [...]

[...]

Então o que devem fazer as autoridades revolucionárias [...] para desenvolver e organizar a revolução? *Elas nem devem fazê-la por decretos, nem impô-la às*

⁸ Para uma devida apreciação a respeito do surgimento das correntes mutualistas e coletivistas, assim como sua respectiva influência na AIT e na Comuna de Paris ver: SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas. O Federalismo e o Internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra. 2011.

⁹ ROCKER, Rudolf. *Contexto histórico-social e formação da corrente libertária do socialismo*. Disponível em: http://www.anarkismo.net/article/20823?userlanguage=pt&save_prefs=true Último acesso: 30 out. 2014.

*massas, mas provocá-la nas massas. Elas não lhes devem impor uma organização qualquer, mas suscitando a sua organização autônoma, trabalhar secretamente, com a ajuda individual sobre os indivíduos mais inteligentes e mais influentes de cada localidade, para que esta organização esteja o mais próximo possível de nossos princípios. – Todo o segredo do nosso triunfo está aí. [Grifos no original]*¹⁰

Malatesta, por sua vez, seguiu desenvolvendo essa perspectiva, influenciando uma notória geração de anarquistas italianos que levaram a cabo a formação de importantes organizações anarquistas, tais como o Partido Socialista Anárquico Revolucionário e a União Anarquista Italiana. Militante de especial talento organizativo – tendo inclusive percorrido a região do Rio da Prata em finais do século XIX, onde colaborou decisivamente na formação de sindicatos e grupos anarquistas -, Malatesta também dedicou parte expressiva de sua atividade militante à polêmica com as correntes anarquistas adversas à organização. Em uma de suas principais contribuições a esse debate, afirmava:

Somos como um exército em guerra e podemos, segundo o terreno e as medidas tomadas pelo inimigo, combater em massa ou em ordem dispersa: o essencial é que nos consideremos sempre membros do mesmo exército, que obedeçamos sempre as mesmas idéias diretrizes e que estejamos sempre prontos a nos reunirmos em colunas compactas quando for necessário e quando se puder fazê-lo.¹¹

Esses aportes de Bakunin e Malatesta encontraram um grande lastro de influência, estimulando significativamente expressões como o grupo dos anarquistas russos no exílio, Dielo Truda - o qual chegou, inclusive, a travar uma extensa polêmica com Malatesta em torno de prerrogativas da organização anarquista -¹²; a Federação de Anarquistas Comunistas

¹⁰ Bakunin ainda abordaria a relação entre a Aliança e a Internacional nos seguintes termos: “[...] Mas a Internacional e a Aliança, tendendo para o mesmo objetivo final, perseguem ao mesmo tempo objetivos diferentes. Uma tem por missão reunir as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através das diferenças das nações e dos países, através das fronteiras de todos os Estados, em um só corpo imenso e compacto; a outra, a Aliança, tem por missão dar às massas uma direção verdadeiramente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem serem opostos em nada, são diferentes pelo próprio grau do seu desenvolvimento respectivo. O da Internacional, se o tomarmos a sério, também é em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do da Internacional.” Já entre os estatutos da Aliança temos presente um dos elementos mais característicos da FAU, a unidade política e de ação: “8. Existirá uma perfeita solidariedade entre todos os membros aliados, de tal maneira que os acordos decididos pela maioria dos aliados serão obrigatórios para todos os demais, sacrificando-se sempre em benefício da unidade de ação, as apreciações particulares que puderem existir entre os membros.” COLETIVO LUTA LIBERTÁRIA (org.), *Mikhail Bakunin, socialismo e liberdade*. São Paulo: Luta Libertária. s/d. p. 54; 74; 78.

¹¹ MALATESTA, Errico. A Organização II. In: COLETIVO LUTA LIBERTÁRIA (org.) *Errico Malatesta & Luigi Fabbri. Anarco Comunismo Italiano*. São Paulo: Luta Libertária, s/d. p. 62.

¹² O Grupo Dielo Truda (Causa Operária em russo) surge a partir de discussões de anarquistas russos e ucranianos exilados na França após a repressão do Partido Bolchevique à Makhnovitchina e Kronstad. Entre estas discussões surge um documento que buscava delinear um balanço autocrítico a respeito da participação dos anarquistas na Revolução, no qual concluem que uma das principais causas da derrota foi a inexistência de uma coesa organização política anarquista que pudesse disputar os rumos do processo revolucionário. Intitulado *Plataforma de Organização*, o documento suscitou uma das maiores controvérsias na história do anarquismo. Malatesta, em que pese suas características enquanto organizador, foi um dos principais críticos da proposta do Dielo Truda. A *Plataforma de Organização*, apesar de ter elementos muito próximos àqueles desenvolvidos pela FAU, não chegou a ser um documento que circulou no Uruguai e, portanto, não a influenciou. A *Plataforma*,

da Bulgária (FAKB)¹³, do intelectual italiano Camillo Berneri, assassinado pelos estalinistas no marco dos acontecimentos de Maio de 1937 em Barcelona e das já mencionadas organizações italianas.¹⁴ Em que pese essa vasta experiência, sua análise é raramente levada a cabo quando a FAU e outras experiências são abordadas em diversos estudos, reforçando, assim, as estigmatizações acima apontadas.¹⁵

Essa influência de Bakunin e Malatesta foi compartilhada com outras referências pela FAU, tais como a atuação dos diversos grupos de anarquistas expropriadores na região do Rio da Prata e também na Espanha¹⁶, a experiência histórica do anarco-sindicalismo entre a classe trabalhadora, a Revolução Espanhola, assim como o sindicalismo revolucionário. Essas influências marcaram decisivamente o ambiente dos anarquistas uruguaios entre as décadas de 1940 e 1950, quando a inflexão da militância anarco-sindicalista ao sindicalismo revolucionário se acentua através do sindicalismo autônomo, assim como através da fundação da FAU em 1956. Esse processo, associado ao surgimento dos primeiros sinais do início de uma crise econômica e uma maior repressão às tradicionais liberdades democráticas do país, é analisado ao longo do **primeiro capítulo**. Também analisamos nesse capítulo alguns desencontros que marcaram a organização. Além das influências citadas, também tiveram presença na fundação da FAU, embora em menor número, militantes que compartilhavam uma perspectiva mais filosófica e comportamental do anarquismo. A convivência de um espectro amplo, e em grande medida contraditório, de concepções anarquistas começa a manifestar maiores desavenças quando surgem propostas de estruturar a organização de forma a agilizar sua intervenção nas lutas sociais em um cenário onde já se alertava para uma possível transição à clandestinidade. Também suscitaram divergências a tendência em priorizar a atuação no movimento sindical – participando ativamente da conformação da *Convención Nacional de Trabajadores* (CNT) -, uma maior coordenação com outras organizações de

assim como parte do debate suscitado por ela, podem ser vistos em: MAKHNO, Nestor. *Anarquia & Organização*. São Paulo: Luta Libertária, s/d assim como no arquivo eletrônico: <http://nestormakhno.info/> Último acesso: 10 nov. 2014.

¹³ SCHMIDT, Michael. *Anarquismo Búlgaro em Armas: a linha de massas anarco-comunista – parte 1*. São Paulo: Faísca, 2009.

¹⁴ Para uma devida apreciação sobre a vida e obra de Camillo Berneri ver: D'ERRICO, Stefano. *Anarquismo y Política. El “programa mínimo” de los libertários del Tercer Milenio. Relectura antológica y biográfica de Camillo Berneri*. Madrid: Fundación Salvador Seguí, 2012.

¹⁵ A esse respeito, Rafael Viana da Silva considera: “[...] Nos termos da academia essa discussão é largamente ignorada, ainda que exemplos concretos de uma intervenção planejada e articulada dos anarquistas ao longo de contextos e planos distintos e a presença dessa discussão na literatura dos “clássicos” anarquistas possam questionar o senso comum em torno da pergunta: mas os anarquistas se organizam?” SILVA, Rafael Viana da. *Elementos Inflamáveis: Organizações e Militância Anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1964)*. Seropédica: UFRRJ, 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2014.

¹⁶ BAYER, Oswaldo. *Anarquistas Expropriadores*. São Paulo: Luta Libertária, 2004.

esquerda, a defesa da luta armada e um apoio crítico à Revolução Cubana. Essas divergências foram ganhando uma proporção ascendente a ponto de culminar em uma cisão em 1964.

Já no **segundo capítulo**, analisamos o breve e intenso período que marca o desfecho do processo de unidade do movimento sindical uruguaio, através da *Convención Nacional de Trabajadores*, e se conclui com a ascensão de Pacheco Areco à Presidência da República e seu imediato decreto que coloca na clandestinidade a FAU, junto a outras organizações da esquerda e aos jornais *Epoca* e *El Sol*. Esse breve período, compreendido no triênio 1964-1967, foi marcado por um considerável aumento da crise econômica no país, da repressão às lutas sociais e por um esgotamento do modelo de governo colegiado que culmina em uma Reforma Constitucional que instala um regime presidencialista, além de conferir maior margem de repressão ao executivo. Também destacamos nesse capítulo as muitas polêmicas que marcaram a esquerda, tais como os acordos para garantir a unidade sindical nos marcos da CNT, assim como a influência da Revolução Cubana na conformação de um campo de relações entre distintas organizações e militantes, como foram os casos do *Coordinador*, do jornal *Epoca*, das discussões relacionadas à Organização Latinoamericana de Solidariedade (OLAS) e, dentro do movimento sindical, o surgimento da *Tendencia Combativa*.

Por fim, no **terceiro capítulo**, analisamos o período de maior desenvolvimento da FAU assim como da crise econômica e do deterioramento político democrático do país, em um processo que ficou conhecido como “golpe em câmera lenta”, período compreendido entre 1968-1973. Em que pese a clandestinidade da FAU e outras organizações, das recorrentes *Medidas de Pronta Seguridad* (MPS)¹⁷, que passam a ser editadas de forma contínua, a FAU e o conjunto da esquerda e organizações populares seguem registrando um considerável desenvolvimento. Dois elementos marcam esse importante período. Por um lado, a classe trabalhadora, através do movimento sindical, adquire um nível de organização de grande importância com a CNT, massifica-se e se afirma enquanto a grande “coluna vertebral” da resistência ao governo Pacheco; por outro lado, o movimento estudantil também adquire uma considerável envergadura no cenário político do país, alimentando em grande medida as organizações político-militares (também tinham influência em diversos setores da classe trabalhadora) que, a partir de 1968, passam a ser um fator de comoção nacional e alternativa a crescentes setores da esquerda descontentes com a política do PCU. Destacam-se nesses anos, entre outros elementos, a fundação da ROE; as eleições de 1971 e a fundação do *Frente*

¹⁷ As *Medidas de Pronta Seguridad* (MPS) se constituíam enquanto um mecanismo à disposição do poder executivo que permitia, dentre outras prerrogativas, a dissolução do parlamento, censura de veículos da imprensa, intervenção em associações e organizações de classe, entre outras violações de liberdades democráticas.

Amplio (FA); a ofensiva militar do MLN-T e a aprovação do Estado de Guerra Interno; e, por fim, a ascendente participação das Forças Armadas na vida política do país, e no combate à “sedição” em particular, que culmina no golpe de Estado de junho de 1973, e a resposta da classe trabalhadora através de uma greve geral com ocupação dos locais de trabalho que, a despeito do heroísmo, não logra barrar o golpe.

Buscamos dar uma maior ênfase aos períodos que correspondem o segundo e terceiro capítulos em função de serem justamente os períodos onde a organização alcançou o seu maior desenvolvimento. Esse contexto também caracterizou-se por uma progressiva incorporação do Estado uruguaio, assim como os demais Estados latino-americanos, às prerrogativas da Doutrina de Segurança Nacional (DSN)¹⁸ como resultado de sua opção pelo bloco ocidental – capitaneado pelos Estados Unidos da América (EUA) – em meio à Guerra Fria. Mais especificamente durante o período que se inicia com Pacheco Areco, a repressão atingiu proporções cada vez mais drásticas, ao que contou como linha auxiliar de suas instituições oficiais, com a atuação de grupos paramilitares de extrema-direita e dos Esquadrões da Morte.

O complexo desenvolvimento do aparato repressivo encontrava na construção da imagem do “inimigo interno” sua grande justificativa. Concebido a partir dos preceitos da DSN, o “inimigo interno” estava diretamente vinculado à concepção das “fronteiras ideológicas”; mediante tais concepções, buscava-se reorganizar o conjunto do aparelho repressivo e de segurança do Estado a partir de uma perspectiva de que a grande ameaça já não seriam necessariamente potências estrangeiras com uma política beligerante que ameaçasse seus “interesses nacionais”, mas sim a ofensiva do “comunismo internacional”. Como este inimigo “comunista” não encontrava uma localização geográfica por excelência, era preciso identificá-lo “infiltrado” nos múltiplos espaços públicos e privados de um determinado país e, assim, extirpá-lo. A periculosidade desse inimigo demandaria uma responsabilidade de toda a nação, unida em defesa de seus “interesses” pretensamente harmônicos entre si, ignorando suas divisões e contrastes oriundos de sua formação social.

Nesse sentido, ganhou notoriedade, ao menos no Uruguai, muito mais que a construção do elemento “comunista”, o elemento “sedicioso”, ao qual buscava delinear uma imagem criminosa e sádica dos militantes das organizações político-militares da esquerda. Além disso, a categoria “sedicioso” afirmava-se enquanto um grande “guarda-chuva” que buscava associar inclusive manifestações oriundas das esquerdas que eram pública e

¹⁸ COMBLIN, Pe. Joseph, *A Ideologia de Segurança Nacional: O Poder Militar na América Latina* -, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

notoriamente contrárias à luta armada. A necessidade de criar uma histeria coletiva em torno do elemento “sedicioso” levou o Estado uruguaio a adotar medidas como, por exemplo, a proibição da utilização das palavras “Tupamaros” e “guerrilheiro”; jornalistas e meios de esquerda e progressistas recusaram-se a substituí-las pelo termo proposto – sedicioso –, adotando a jocosa categoria de *inombrables*.

Para a FAU, esse período que antecede o golpe de Estado caracterizava-se enquanto uma *ditadura constitucional/legal* referendada pelo texto vigente. Esta *ditadura constitucional* se constituía em um estágio onde a reação e o imperialismo não apostavam ainda na viabilidade de uma ditadura militar “gorila” de tipo clássico, dadas as tradições “civilistas” e “legalistas” da democracia uruguaia. Além disso, esse modelo propiciaria uma eterna chantagem aos setores reformistas da esquerda, dada sua vocação de negociação e salvaguarda da legalidade e dos fóruns institucionais. Ao concentrar os poderes nas mãos do Executivo e manter um Parlamento subordinado e que reiteradamente se demonstrava cúmplice e passivo a toda sorte de pressão, esta *ditadura* se afirmava na arena política do país como um:

[...] ropaje institucional, ‘democrático’, para vestir la esencial realidad gorila del régimen. Nunca como ahora ha quedado en evidencia la cruda realidad de violencia y opresión inherente al régimen burgués, el papel de mera y engañosa apariencia a que quedan relegadas las más caras y afamadas instituciones de la democracia, cuando las exigencias de conservación del fundamento socio-económico del sistema imponen la necesidad de recurrir a la violencia abierta.

2 - La represión es intensa pero medida. No llega a clausurar todas las posibilidades, a la vez que descarga la saña criminal de la policía contra los combatientes estudiantiles y obreros. Pero siempre deja en pie algo que ‘se pueda perder’, que corra riesgo, si el ‘desorden’ continua: la constitución y la ‘legalidad’ con cuya supresión se chantajea a liberales y a reformistas; “autonomías” que se violan y se coartan pero no se suprimen, para utilizarlas como rehenes frente a los “dirigentes responsables”; sindicatos que se “reglamentan”, pero no suprimen. Así se facilita a los claudicantes, que tan importante papel han desempeñado en los planes represivos, motivos de “principios” para cohonestar su retroceso o su traición. Se les proporciona un campo de posible colaboración, más o menos expresa o consciente, con el régimen. En defensa de la preservación de la legalidad o de la autonomía, es más justificable frenar la lucha u dividirla.¹⁹

Ainda no mesmo artigo, a organização sistematiza algumas características que, ao seu ver, seriam elementos centrais no caráter da *ditadura constitucional*, são elas:

- extranjerización absolutamente evidente y casi total de la banca privada.
- dominio sin trabas de la vida económica por esa misma banca y sectores conexos de negociantes y especuladores, varios de los cuales ocupan personalmente los cargos claves del gobierno;
- acentuada subordinación de todos los poderes (el Legislativo, el Judicial y el “cuarto poder” de la prensa), al Poder Ejecutivo, instaurándose una dictadura legal

¹⁹ FAU. “40 puntos para la acción aquí”. In: *Rojo y Negro*. Montevideo Año 1, diciembre de 1968, n 2. p. 8,9

que no termina formalmente con los otros “poderes”, sino que los instrumenta como cobertura de la dictadura del Poder Ejecutivo, instrumento a su vez de la oligarquía;

- estrechos contactos, planes de complementación, intercambios e integración económica, política; territorial y militar, bajo el patronato de las dictaduras de Argentina y Brasil y de grupos económicos controlados por capitales norteamericanos y europeos;
- fortalecimiento y tecnificación bajo dirección norteamericana de aparatos de represión, especialmente de la policía política y las fuerzas de choque.²⁰

Essas características do Estado uruguaio, assinaladas pela FAU como manifestações de uma *ditadura constitucional*, encontram um grande paralelo ao que Guillermo O’Donnell classifica de Estado Burocrático Autoritário (BA).²¹ Entre as características deste Estado BA, O’Donnell chama atenção para o esvaziamento da política não apenas na sociedade civil, mas também no Estado; assim, a política passa a ser responsabilidade exclusiva de “técnicos capacitados” para adotar medidas “racionais”, o que exigia a sua formação em organizações complexas e burocráticas, como as Forças Armadas, empresas privadas e o próprio Estado. Essas características deveriam conter as “ameaças” de um movimento popular capaz de pautar a sociedade a partir de demandas dos setores subalternos, de tal forma que seu objetivo final deveria ser:

[...] eliminar importantes obstáculos políticos à reconstrução dos mecanismos de acumulação de capital e, segundo, para um enfraquecimento da classe operária a nível de empresa que garantisse, também aí, a “paz social” necessária para que estes cambaleantes capitalismo obtivessem novas transfusões de capital internacional.²²]

O permanente exercício de análise da formação social do Uruguai era encarado pela organização enquanto uma necessidade *sine qua non* para que seu desenvolvimento fosse efetivo, ancorado entre a classe trabalhadora e demais setores atingidos pela crise numa perspectiva de ruptura revolucionária. Partindo de elementos ideológicos inerentes ao anarquismo, buscava-se aprofundar uma análise teórica da sociedade e suas relações sociais; em meio a esse processo, a organização passou a desenvolver o que veio a denominar de *síntese*²³, que viria a ser uma abertura a utilização de elementos teóricos oriundos de

²⁰ Idem, p. 12.

²¹ O’DONNELL, Guillermo. Reflexões Sobre os Estados Burocrático-Autoritários BA. São Paulo, Vértice, 1987.

²² Idem. p. 32.

²³ Esse processo de debate em torno da constituição de um marco teórico analítico teve seu início ainda em finais de 1963, embora tenha se desenvolvido efetivamente a partir de 1968. Entre os militantes que mais se envolveram neste trabalho estavam Gerardo Gatti e, principalmente, Raul Cariboni, que foi responsável pela sistematização da maior parte dos materiais de análise. Esse processo de estudos e análise teve sua continuidade e aprofundamento após o Golpe de Estado de 1973, quando quadros da organização seguiram desenvolvendo-o a partir de grupos de estudos realizados no cárcere uruguaio, em especial no *Penal de Libertad* e na Penitenciária de Máxima Segurança de La Plata, Província de Buenos Aires. Em ambos os casos se buscou aprofundar as análises em torno do pensamento estruturalista, analisando o desenvolvimento de categorias do discurso, estruturas de pensamento, identidades e linguagem a partir de obras de autores como Foucault, Bachelard, Lacan,

abordagens heterodoxas do marxismo, além de outros campos do conhecimento que não provinham do anarquismo; nesse processo, a organização foi muito influenciada por Nico Poulantzas através de seu clássico *O Estado, o poder, o socialismo*, onde busca questionar o esquema determinista entre infra e super estrutura, analisando o Estado e o Poder enquanto relações sociais de dominação e resistência.²⁴

Para o desenvolvimento da presente dissertação, nos valem do aporte de algumas poucas pesquisas recentes que abordam a FAU enquanto uma influente organização política no país e não uma marginal expressão de militantes mais radicalizados e com escassa e localizada influência. Por sua vez, entre esses estudos, o único que encontramos que busca analisá-la à luz das experiências e debates históricos do anarquismo é a pesquisa de mestrado realizada por Ricardo Ramos Rugai²⁵. Na referida pesquisa, o autor traça um extenso panorama do anarquismo no Uruguai, analisando sua formação a partir do movimento operário ainda no século XIX, sua relação permanente com o anarquismo argentino e seus desdobramentos ao longo dos anos; em sua análise sobre a FAU, desenvolve sobretudo a sua concepção de partido.

Também encontramos como importantes referências ao presente trabalho, a pesquisa de Eduardo Rey Tristán²⁶ (fruto de uma tese de doutorado apresentada na Universidad de Compostela) e, mais recentemente a biografia de Gerardo Gatti, escrita por Ivonne Trias e Universindo Rodriguez²⁷. Em sua obra, Tristán desenvolveu uma rigorosa análise das organizações da esquerda revolucionária do Uruguai – entendidas como aquelas que defendiam a necessidade da luta armada -, onde confere especial destaque ao *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros* (MLN-T) e à FAU, enquanto as organizações mais influentes desse espectro da esquerda: o MLN-T por ter-se constituído como a maior organização político-militar e a FAU por ter logrado desenvolver sua atuação tanto a nível militar como, sobretudo, a nível de massas. Já a biografia de Gatti nos proporciona uma

Freud, Althusser e Poulantzas. Foge das possibilidades do atual trabalho uma devida abordagem em torno deste rico e complexo debate, recomendando-se ao leitor interessado a leitura de ROCHA, Bruno Lima. “*A Interdependência Estrutural das Três Esferas: uma análise libertária da Organização Política para o processo de radicalização democrática.*”. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Em sua obra, Juan Carlos Mechoso faz um depoimento sobre como esse processo se desenvolveu nos debates da organização: MECHOSO, Juan C. *Acción Directa Anarquista: Una historia de FAU*. Montevideo: Recortes, s/d. pp. 87-89.

²⁴ POULANTZAS, Nico. *O Estado, o poder, o socialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

²⁵ RUGAI, Ricardo Ramos. *O Anarquismo Organizado: As concepções e práticas da Federação Anarquista Uruguia (1952-1976)*. Campinas: UNICAMP, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

²⁶ REY TRISTAN, Eduardo. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya: 1955-1973*. Montevideo, Fin de Siglo, 2006.

²⁷ TRÍAS, Ivonne; RODRIGUES, Universindo. *Gerardo Gatti revolucionario*. Montevideo: Trilce, 2012.

importante dimensão do lastro da influência de massas que a FAU conquistou a partir de sua incidência nas lutas sociais. Ambas as obras, por sua vez, não tratam de entrar no debate político-ideológico de forma a questionar a leitura que a aponta enquanto uma organização não anarquista.

Também recorremos como referência fundamental aos livros de memórias de Juan Carlos Mechoso²⁸ e Hugo Cores, assim como à análise de extensa documentação primária coletada e examinada em instituições de pesquisa uruguaias, assim como nos arquivos da FAU, entre as quais destacamos primeiramente os jornais *Voluntad*, *Lucha Libertaria* – anarquistas – e *Epoca*, a que recorremos para a análise do período prévio à fundação da FAU, bem como seus primeiros anos e, por fim, as *Cartas de FAU* e o jornal *Compañero* para a análise do *Pachecato*, principal foco de nossa pesquisa. Além dessas fontes, também buscamos trabalhar, secundariamente, com algumas entrevistas e depoimentos coletados em Montevideu com militantes que estiveram nos quadros da organização nesses anos, caso de Zelmar Dutra, Julio Facal – pseudônimo -, Pablo Anzalone e Raul Oliveira.

Ao longo da análise dessa documentação, um elemento nos chamou a atenção: para além de ter uma destacada incidência na classe trabalhadora, a FAU foi uma organização conformada fundamentalmente por quadros oriundos do meio operário. Foi uma organização que, não deixando de trabalhar no desenvolvimento de uma consciência e experiência organizativa de classe, enquanto organização da classe trabalhadora também se formou na experiência histórica desta, em seus anseios e em seus signos de luta pela transformação revolucionária da sociedade. Ao analisarmos a dimensão da experiência da FAU, observamo-la enquanto a expressão de sujeitos sociais atuando sob contextos sociais, de espaço e tempo muito particulares. Compreendemos, assim, esses sujeitos tal como E. P. Thompson sugere:

[...] não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.²⁹

Compreendendo a FAU enquanto uma organização da classe trabalhadora, e estando essa classe presente ao longo de toda a nossa pesquisa, buscamos compreendê-la enquanto um

²⁸ A obra de Juan Carlos Mechoso se constitui em quatro tomos que vão desde a formação do movimento operário uruguaio até a greve geral de 1973. Entre estes tomos, o mais utilizado foi o referente ao último período: 1965-1973. Optamos por utilizar a primeira edição deste tomo (sem data) que, no caso, foi o primeiro a ser publicado. Sua segunda edição data de 2009 e aparece com a inscrição Tomo IV, teve parte da documentação histórica da organização amputada. Por avaliarmos esses documentos fundamentais para a presente pesquisa, incorremos na análise da primeira edição.

²⁹ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182.

fenômeno histórico não determinado *a priori*. A classe, portanto, é marcada pelo seu contínuo fazer, por suas relações sociais e por uma “cultura de classe” oriunda dessas relações.

A classe precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais [...]. Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses. A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.³⁰

A FAU, nesse sentido, foi uma organização que encarnou as dimensões de uma “cultura de classe”, de transformações do mundo e do movimento operário em um dado contexto que marcou uma experiência social na metade do século XX. Longe de ter-se constituído enquanto uma “pura” expressão do anarquismo, esteve também sujeita às contradições proporcionadas pelo seu tempo e ambiente histórico, sem, por isso, haver abdicado da estirpe de um anarquismo de classe e de combate.

Entre esses muitos quadros operários que conformaram a FAU, tomou parte Olivar Caussade, conhecido como *El Viejo Pocho*. Trabalhador dos frigoríficos, tinha extensa atuação sindical e integra os quadros da organização vinculando-se imediatamente aos trabalhos do aparato armado. Por também dominar com grande engenho o ofício de pedreiro, passou a ser um dos principais encarregados na construção de *pozos* e *berretines* – porões encobertos e fundos falsos em residências – para garantir sequestros, esconderijo de militantes requeridos, documentos e armas, sendo também um dos poucos que detinha a informação do conjunto dessa importante estrutura da organização. Em 1972, em pleno Estado de Guerra Interno, *El Viejo Pocho* teve sua casa, em La Paz, município nos arredores de Montevidéu, cercada pelas Forças Armadas. Negando-se a entregar-se à repressão e com isso colocar em risco, mediante a sistemática tortura, a abertura das importantes informações que detinha, *El Viejo Pocho* suicidou-se com um tiro no peito, levando ao seu descanso a segurança da organização e de seus companheiros; tinha 55 anos. Posteriormente, já na ditadura civil-militar, a salvaguarda de parte expressiva dessa infraestrutura serviu para abrigar o conjunto da documentação histórica da FAU e salvá-la da busca que faziam as forças repressivas, que confiscaram e queimaram livros, jornais e diversos documentos que registravam uma página da História que a ditadura imposta pelas classes dominantes buscou apagar.³¹ Ao longo da

³⁰ Idem.

³¹ Eduardo Galeano, em uma participação conjunta no disco *Guitarra Negra*, de Alfredo Zitarrosa, assim abordaria este processo: “Aplicaron un plan de exterminio, arrasar la hierba, arrancar las raíces hasta la última plantita todavía viva, regar la tierra con sal. Después matar la memoria de la hierba. Estaba prohibido recordar. Se formaban cuadrillas de presos, por las noches nos obligaban a tatar con tintura blanca las frases de protesta que en otros tiempos cabrían los muros de la ciudad. Pero la lluvia, de tanto golpear los muros, iba disolviendo la tintura blanca y reaparecían poquito a poco las porfiadas palabras.” GALEANO, Eduardo. In: ZITARROSA,

larga noite da ditadura, esses documentos suportaram a umidade e o mofo, sendo prontamente resgatados na reabertura do país como papéis de resistência e luta. Luta pela História, pela memória e contra o esquecimento.

Ao Viejo Pocho.

CAPÍTULO I: A TRADIÇÃO SINDICAL ANARQUISTA NO URUGUAI: Dos Sindicatos Autônomos à CNT

[...] Agora, em pleno céu, o sol de abril brilhava em toda a sua glória, aquecendo a terra que germinava. Do flanco nutriz brotava a vida, os rebentos desabrochavam em folhas verdes, os campos estremeciam com o brotar da relva. Por todos os lados as sementes cresciam, alongavam-se, furavam a planície, em seu caminho para o calor e a luz. Um transbordamento de seiva escorria sussurrante, o ruído dos germes expandia-se num grande beijo. E ainda, cada vez mais distintamente, como se estivessem mais próximos da superfície, os companheiros cavavam. Aos raios próximos da superfície, os companheiros cavavam. Aos raios chamejantes do astro rei, naquela manhã de juventude, era daquele rumor que o campo estava cheio. Homens brotavam, um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, crescendo para as colheiras do século futuro, cuja germinação não tardaria em fazer rebentar a terra.³²

1.1 Os sindicatos autônomos

A década de 1940 foi marcada no Uruguai por um considerável crescimento da classe trabalhadora, não apenas na indústria frigorífica, como também em outros setores fabris, de serviços, estatais e comércio. Esse processo foi acompanhado de uma significativa mudança nas características da classe trabalhadora. Até então, um aspecto que a destacava era o grande contingente de imigrantes que a constituía, com certo nível de politização, convicções de esquerda e acumulada experiência de militância.

Esse cenário começou a mudar rapidamente com a chegada massiva de trabalhadores oriundos do interior do país à capital, os quais estavam imbuídos do tradicional bipartidarismo entre colorados e blancos além de uma cultura política marcada pelo paternalismo.³³ Sua sindicalização foi um enorme desafio para a esquerda, pois esses trabalhadores, até então, careciam de maior experiência em termos organizativos.³⁴ O crescimento da classe trabalhadora nessa década foi acompanhado de um desenvolvimento econômico bastante significativo para o país. A vida “pacata” das pequenas cidades, marcada pela falta de perspectivas, contrastava com um pujante desenvolvimento de Montevideú.

³² ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. p. 535.

³³ FENÁNDEZ HUIDOBRO, Eleuterio. *El Tejedor Héctor Rodríguez*. Uruguay: Editorial tae, 1996, p. 50.

³⁴ CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindico; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *El Sindicalismo Uruguayo: a 40 años del congreso de unificación*. Montevideo: Santillana, 2006, pp. 65, 66.

Durante la relativa bonanza económica de la década de los cuarenta, muchos pobladores del interior emigraban a la capital, seguros de que allí harían realidad sus deseos de prosperidad. En pleno proceso industrializador Montevideo encandilaba. Las fábricas se multiplicaban y junto a ellas las oportunidades de empleo y de un salario que alcanzara.³⁵

Esse significativo crescimento da classe trabalhadora também se expressou em um aumento da participação feminina no mundo do trabalho, assim como nas lutas e organizações sindicais.

La irrupción de la mujer militante (en masa) se produce por el gremio textil y por magisterio. Era típico y llamaba atención en las manifestaciones sindicales: todos hombres y, de pronto, comenzaba a llegar un sector: casi todas mujeres. Eran las textiles.³⁶

Durante esse período de bonança e maior concentração de trabalhadores (fundamentalmente entre 1945 e 1955 conhecido como o “decênio glorioso”), os sindicatos conquistaram uma série de vitórias como a indenização por demissões, seguro desemprego, férias anuais pagas etc.³⁷ Ainda assim, esse desenvolvimento econômico era demasiado frágil por ser dependente das exportações que o país realizava às forças aliadas no contexto da Segunda Guerra e, posteriormente, da Guerra da Coreia.

Ao longo desses anos, parte expressiva dos trabalhadores e militantes anarquistas intensificaram um distanciamento da linha “anarco-sindicalista”, vertente que atingiu seu auge no início do século XX através da *Federación Obrera Regional Uruguaya* (FORU).³⁸ Esse processo iniciou-se ainda em meados da década de 1920 com a efêmera e conflitante experiência da *Union Sindical Uruguaya* (USU).³⁹

³⁵ RODRÍGUEZ, Universindo; EUGENIA JUNG, María Jung. *Juan Carlos Mechoso anarquista*. Montevideo: Trilce, 2006, p. 21.

³⁶ CORES, Hugo. In: FERNÁNDEZ HUIDOBRO, Eleuterio. *Op. cit.*, p. 50.

³⁷ RUGAI, Ricardo Ramos. *Op. Cit.* p. 47.

³⁸ Fundada em 1905, a FORU organizou a grande maioria da classe trabalhadora uruguaia. Surge com uma grande influência de sua “irmã”, a *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA). Ambas as Federações tiveram suas origens no sindicalismo revolucionário – com grande incidência anarquista. Essa corrente animou a formação dos primeiros sindicatos assim como da imprensa operária e anarquista, ainda em fins do século XIX, época na qual percorreram por estes países os influentes anarquistas italianos Errico Malatesta e Pietro Gori. Em 1905, em seu V Congresso, a FORA declara a incorporação do “comunismo-libertário” em seus princípios e estatutos, medida que influencia diretamente na fundação da FORU no mesmo ano, que opta pelo mesmo caminho. Apesar de defenderem abertamente a adesão ao anarquismo – medida oposta à defendida pelo sindicalismo revolucionário –, essas Federações não chegaram a denominar-se anarco-sindicalistas, termo que passou a ser utilizado apenas a partir de 1919 com a CNT espanhola, embora carregassem suas características essenciais. Tanto a FORU quanto a FORA foram grandes referências internacionais do “anarco-sindicalismo”, dado seu caráter de massas e pelos níveis de combatividade que eram capazes de desencadear nas lutas operárias. Para maiores informações a respeito da formação da classe trabalhadora uruguaia, o papel da FORU e suas relações e influências com a FORA, ver: RUGAI, Ricardo Ramos. *Um Partido Anarquista. O anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU*. São Paulo: Ascaso, 2012; MECHOSO, Juan C. *Acción Directa anarquista Una historia de FAU*. Tomo I Raíces, 1870-1940. Montevideo: Editorial Recortes, 2011.

³⁹ A USU foi fundada em 1923 por comunistas e anarquistas que rompem com a FORU por defenderem um “apoio crítico” à Revolução Russa. Por sua vez, sua trajetória não passa de 1929, quando as polêmicas entre

A concepção anarco-sindicalista, à qual se filiava a FORU, vislumbrava o sindicato como espaço estratégico de organização da futura sociedade, a greve geral como principal tática revolucionária e defendia que estes sindicatos assumissem sua condição de anarquistas. Nos seus estatutos, deviam constar, além da luta por reivindicações de melhores condições de vida e trabalho, a busca da vitória do “comunismo libertário”.

Concepção distinta defendia o sindicalismo revolucionário que, apesar de defender a centralidade da greve geral enquanto tática revolucionária e o sindicato como uma ferramenta de organização da nova sociedade, manifestava-se contrário à vinculação do sindicato a qualquer corrente política, pois o mesmo deveria estar aberto a todos os trabalhadores. Essa concepção está nas origens do movimento operário uruguaio, no final do século XIX⁴⁰ e, por sua vez, estava alinhada com as posições defendidas por Mikhail Bakunin nos debates da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em oposição às propostas de Marx e dos seus seguidores, que apontavam para a necessidade das organizações dos trabalhadores darem lugar a partidos de classe que, beneficiando-se do sufrágio universal, pudessem disputar seu programa nas eleições.

É a partir de uma retomada dos postulados do sindicalismo revolucionário que parte expressiva dos militantes anarquistas, então vinculados à proposta anarco-sindicalista, passam a organizar-se em torno dos denominados “sindicatos autônomos” e começam a discutir a necessidade de reunir-se em uma organização especificamente anarquista, visando intervir de forma organizada no âmbito das lutas sociais. Tais discussões carregavam grande influência dos escritos de Bakunin e Malatesta, além da experiência da *Federación Anarco Comunista Argentina* (FACA), no início da década de 1930.⁴¹ Parte expressiva dos anarquistas uruguaios

anarquistas e comunistas resultam em uma divisão. Para os anarquistas, a USU deveria aceitar todo o conjunto da classe trabalhadora, independente de filiações políticas ou religiosas. Para os comunistas, esta deveria dar lugar a uma estrutura centralizada que promovesse a ação político-eleitoral, além de aderir à Internacional Sindical Vermelha. Sobre a FORU, a USU e as polêmicas no movimento operário nesses anos, ver: CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindo; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *Op. Cit.* pp. 15-64.

⁴⁰ Normalmente, encontramos uma certa confusão entre anarco-sindicalismo e sindicalismo revolucionário quando se aborda a história do anarquismo e do movimento operário; é comum ver toda atuação sindical anarquista associada ao anarco-sindicalismo. Sobre estas particularidades, ver: SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009; e SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

⁴¹ É interessante observar o processo de fundação da FACA. Com o golpe de Estado de Uruburu, em setembro de 1930, uma tremenda repressão se abateu sobre as distintas correntes de esquerda. O acentuado grau de violência entre a militância de esquerda levou a autoridade da prisão de Devoto a manter os presos políticos em pavilhões separados, de acordo com suas respectivas correntes. Aos anarquistas, coube o Quadro 3º bis. A convivência entre os diversos anarquistas, também divididos entre si, levou-os a um profundo balanço autocrítico sobre suas respectivas atuações. Essa autocrítica teve como principal foco a postura “neutra” da FORA em relação ao golpe, dada sua postura “apolítica”. Tal discussão contou com a participação fixa de 300 anarquistas, mas dado o constante fluxo de militantes que entravam e saíam do cárcere, a participação estimada é de uns 600 militantes.

vinculava-se com militantes da FACA, distribuindo seu jornal *Reconstruir* e colaborando com o mesmo através da agrupação *Amigos de Reconstruir* (envio de informes e ajuda nas finanças).⁴²

Nesse momento, o movimento sindical uruguaio se encontrava dividido em quatro “centrais”: A *Unión General de Trabajadores* (UGT), sob influência do PCU; o *Comite de Relaciones Sindicales*, sob influência do PS; o *Comité de Enlace de Sindicatos Autónomos*, com importante presença de militantes anarquistas e socialistas; e, por fim, a FORU, que nesse momento já estava reduzida a uma inexpressiva incidência na classe trabalhadora. O *Comité de Enlace de Sindicatos Autónomos*, enquanto articulação intersindical, convergiria, nos anos 1950, nos “grêmios solidários”, com especial destaque da *Federación de Obreros en Construcciones y Reparaciones Navales* (sindicato com forte presença anarquista, com lideranças como Blas Facal⁴³ e Wellington Galarza⁴⁴) e da *Federación Autónoma de la Carne*. Entre as características organizativas de influência libertária estava a inexistência de remuneração para os dirigentes; esses seguiam exercendo seu ofício, o que os mantinha vinculados ao dia-a-dia do local de trabalho e suas demandas.

Outros sindicatos com incidência anarquista (mesmo que não fosse hegemônica) tinham em seus estatutos restrições à autonomia de ação das direções, obrigando-as a convocar frequentes assembleias. Essa cultura de debates “exaustivos” entre a militância oxigenava as tendências e promovia o rodízio de dirigentes e maior participação da base sindicalizada.⁴⁵

O ano de 1943 foi um momento significativo para o desenvolvimento dos sindicatos autônomos. Em meio a corrente conflagração mundial, intensificou-se o distanciamento dos sindicatos autônomos da UGT (os comunistas). Sob o pretexto de uma política antifascista que apoiasse os aliados na Segunda Guerra, o PCU desenvolveu uma política de colaboração de classes dentro do país. Essa política colaboracionista era justificada por uma análise que

Esse processo de reflexão e debate culminou na realização de um congresso dentro do cárcere, o Congresso de Devoto, de junho de 1931, quando se funda a nova organização. LÓPEZ TRUJILLO, Fernando. *Vidas en Rojo y Negro: una historia del anarquismo en la Década Infame*. La Plata: Letra Libre, 2009. p. 47-54.

⁴² MECHOSO, Juan C. *Acción Directa Anarquista Una historia de FAU. Tomo II La Fundación*. Montevideo: Recortes, 2005, p. 25.

⁴³ Veterano militante de origem catalã, Blas Facal foi um dos mais notórios anarquistas no processo de lutas dos gremios solidários. Ao contrário de Wellington Gallarza era mais inclinado à uma ação estritamente nos marcos sindicais e, por isso mesmo, menos preocupada com o desenvolvimento de uma organização específica anarquista. Não participa da fundação da FAU.

⁴⁴ Wellington Gallarza foi um dos principais veteranos remanescentes do auge da FORU anarco-sindicalista que funda a FAU, afirmando-se como uma referência para a jovem geração que funda a organização.

⁴⁵ CORES, Hugo. *La Lucha de los Gremios Solidarios (1947-1952)*. Montevideo: Ediciones Compañero; Ediciones de la Banda Oriental, 1989. p. 171.

identificava o período enquanto “*nueva etapa histórica, no prevista teóricamente*”.⁴⁶ Nesse sentido, qualquer iniciativa da classe trabalhadora que “prejudicasse” o “esforço de guerra” era acusada de cumplicidade com o eixo.

O colaboracionismo da UGT inviabilizou qualquer iniciativa de unidade sindical e foi pivô de uma importante luta do período, quando ocorreu uma greve que mobilizou em torno de dez mil trabalhadores dos frigoríficos no bairro *Cerro*, em janeiro de 1943. Essa greve foi antecedida por uma paralisação ocorrida em outubro do ano anterior, no *Frigorífico Nacional*, quando a administração remanejou trabalhadores de suas respectivas seções e reduziu seus salários. De imediato, a *Asociación de Empleados y Obreros del Frigorífico Nacional*, dirigida pela UGT (os militantes do sindicalismo autônomo estavam organizados no *Sindicato de Obreros y Obreras del Frigorífico Nacional*), recorreu à Comissão de Atividades Antinacionais⁴⁷, denunciando a paralisação como medida de sabotagem e “quinta-colunismo”. Algumas semanas após a denúncia da Associação, operários dos setores de frios e embarque do Frigorífico foram obrigados a suspender o trabalho. A paralisação fora provocada pela acusação de um almirante britânico sobre um suposto atentado à bomba realizado em um barco carregado no frigorífico. Aproximadamente 90 operários foram obrigados a depor ante a Comissão de Atividades Antinacionais que, ao concluir suas investigações, informou ao Frigorífico a impossibilidade de atribuir aos operários a autoria do atentado. Porém, pese o relatório da Comissão, 10 operários permaneceram suspensos e, posteriormente, acabaram exonerados. “*El ambiente iba calentando más y más: la huelga se gestaba: el espíritu de indignación cundía en todas las secciones del Frigorífico.*”⁴⁸ Uma nova assembleia do sindicato tentou negociar com a direção do Frigorífico a reintegração dos companheiros; contudo, a direção se negou a receber os delegados sindicais, os quais terminaram sendo detidos, o que provocou a imediata deflagração de uma greve que se estendeu aos demais trabalhadores da indústria frigorífica no dia seguinte.

⁴⁶ GÓMEZ, Eugenio. Citado In: CORES, Hugo. *Op. cit.* p. 160.

⁴⁷ As Comissões de Atividades Antinacionais surgem a partir de 1941 em torno de *Comités de Vigilancia Obrero Patronal* para perseguir e delatar pessoas que fossem críticas à guerra. MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 19.

⁴⁸ VOLUNTAD. *Breves antecedentes del conflicto*. Montevideu, 29 jan. 1943, p. 1.

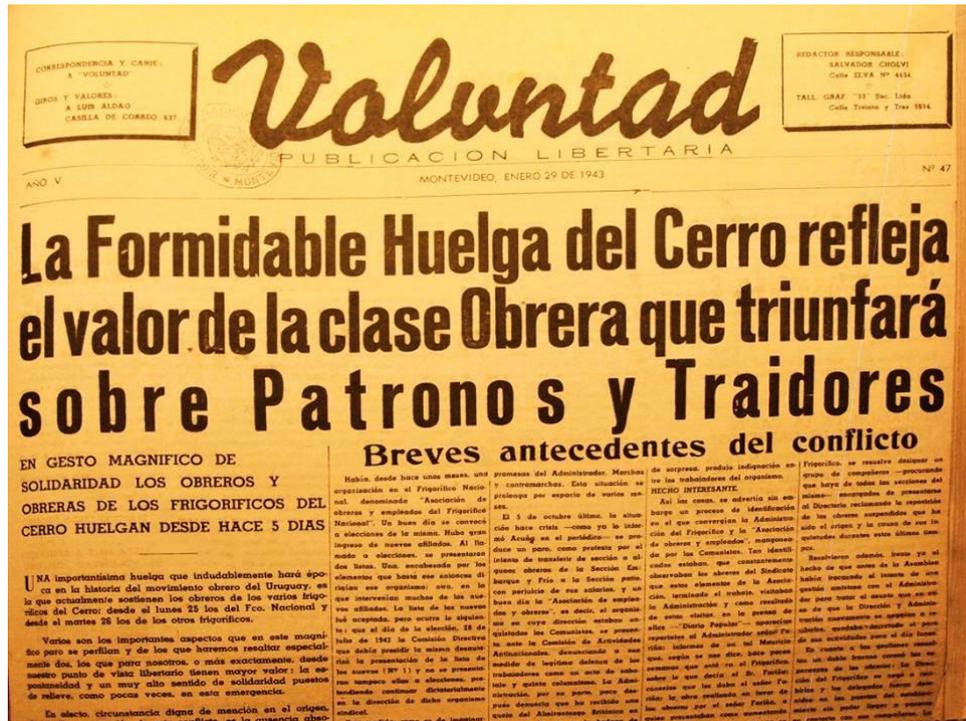


Figura 1: La Formidable Huelga del Cerro refleja el valor de la clase Obrera que triunfará sobre Patronos y Traidores.

FONTE: VOLUNTAD. Breves antecedentes del conflicto. Montevideú, 29 jan. 1943, p. 1.

A UGT, além de não se solidarizar com os trabalhadores grevistas, seguiu sustentando a versão de que os operários eram sabotadores e “quinta-colunistas”, apoiando, assim, a decisão patronal. Com a vitória da greve, a partir de uma decisão judicial pela reincorporação dos 10 operários demitidos, a *Federación Autónoma de la Carne*, sindicato que organizava operários de distintos frigoríficos e se encontrava dentro do espectro dos sindicatos autônomos, saiu fortalecida do conflito. Ainda que o anarquismo tivesse considerável participação no conflito, sua militância não superava os 10% de delegados dos congressos da *Federación Autónoma de la Carne* (considerado, nesse momento, um dos sindicatos mais fortes do país).⁴⁹ Tal influência era devido ao reconhecimento da sua larga trajetória de luta e sua postura classista nos conflitos em curso.

Todavía, a afirmação da *Federación Autónoma de la Carne*, naquele momento como sindicato classista e combativo, não a eximia de contradições. A forte influência do presidente Luis Battle no imaginário de parte expressiva do operariado, que votava no *batllismo* ou no *Partido Colorado*, não era diferente entre os operários da carne. Tratava-se de um paradoxo,

⁴⁹ CORES, Hugo. *Op. cit.* p. 200.

os trabalhadores organizados no sindicato deveriam confrontar-se com o partido em que votavam nas eleições presidenciais.⁵⁰

Outro conflito sindical marcado pelo protagonismo dos sindicatos autônomos foi a greve dos operários navais de 1947, que durou 101 dias.⁵¹ A mesma ocorreu como resposta de solidariedade internacionalista, quando trabalhadores do Dique Nacional se negaram a realizar tarefas em um barco em conflito com a *Federación de Obreros en Construcción Navales*, de Buenos Aires; os trabalhadores reivindicaram o direito de organização e a desmilitarização dos operários civis do Dique Nacional. O conflito se estendeu a outros diques, paralisando totalmente as obras de reparação do porto da capital. Como reação, a patronal armou um considerável número de fura-greves com o objetivo de hostilizar os piquetes de grevistas. A intimidação foi rechaçada; os grevistas partiram para uma contra-ofensiva que terminou com fura-greves e grevistas protagonizando um tiroteio que feriu um dos primeiros e produziu a detenção de seis grevistas que, imediatamente, foram julgados:

Las condenas fueron enormes y bien de clase, para ese momento significaban un disparate, cinco años para algunos, más si se tiene en cuenta que no hubo muertos y que los rompehuelgas tiraron primero y que fue suyo el mayor volumen de fuego. La “justicia” una vez más mostraba la hilacha. Los obreros además de la larga condena pedida fueron brutalmente torturados. Picana eléctrica y todos los “chiches”.⁵²

Uma ampla campanha de solidariedade ocorreu a seguir e a própria *Federación de Obreros en Construcciones y Reparaciones Navales del Uruguay* liderou e convocou a constituição de um comitê pela liberdade dos presos, fato fortemente repercutido pelo semanário *Marcha*⁵³, além de aglutinar sindicatos autônomos e agrupações libertárias. A integridade dos presos políticos também contou com considerável solidariedade do *Sindicato de Construcciones Navales* da Argentina e do mencionado periódico *Reconstruir*:

Dispuestas las voluntades, presto ya el espíritu, todos, cada uno en la medida de sus fuerzas y posibilidades, tendrá que ser un combatiente más en esta lucha reparadora. Desde los rincones del país, desde los barrios de la ciudad, habrán de surgir, al calor y al impulso popular, iniciativas, grupos, subcomités barriales y vecinales, que sumando y coordinando su acción, con el Comité ya existente, darán vida y vigor a un amplio movimiento, con fuerza y volumen de ola incontenible, que arrancará de la cárcel a estos trabajadores, víctimas de su generosidad y valentía, de su gran amor

⁵⁰ *Idem.* p. 104.

⁵¹ *Idem.* p. 37.

⁵² *Idem.* p. 47.

⁵³ Fundado em 1939 pelo advogado e economista Carlos Quijano, *Marcha* se afirmou enquanto um dos principais espaços de debate dos setores progressistas e de esquerda uruguaios. Entre as principais características de sua política editorial estava o latino-americanismo anti-imperialista, defendendo uma postura *tercerista*, que consistia na oposição às duas potências predominantes da época, EUA e URSS e a construção de um novo modelo socialista e democrático. Ver: MACHÍN, Horacio; MORÑA, Mabel (org.). *Marcha y America Latina*. Biblioteca de América: Pittsburg, 2003.

a la organización obrera liberadora, en pugna con el reaccionarismo y la insensibilidad de los encargados de administrar la “justicia” en el Uruguay.⁵⁴

A solidariedade aos presos navais, manifestada pelo sindicalismo autônomo, não encontrou eco no conjunto do movimento sindical, indiferente à luta. No entanto, essa luta ressaltou a influência desses setores sindicais. Segundo Mechoso:

[...] esta y otras luchas obreras dan cuenta de que los sindicatos y la militancia de acción directa mantiene aún una fuerza relativa, mayor de la que se menciona regularmente en determinados libros de historia. Luchas obreras combativas con fuerte represión y torturas brutales y encarcelamientos en el marco de una, sin eufemismos, verdadera lucha de clases. Con internacionalismo solidario y no olvidándose de los presos por luchar.⁵⁵

Conflitos como os mencionados contribuíram para a rearticulação da militância anarquista dispersa desde o enfraquecimento da outrora vigorosa FORU anarco-sindicalita. Todavía, a classe trabalhadora, de forma geral, também se encontrava dispersa, órfã de organizações devidamente unitárias e enfrentando um ambiente de desenfreada luta fraccional entre suas distintas vertentes. A militância anarquista não se mostrou indiferente a expectativa de contornar esse ambiente de divisão e atomização do movimento sindical, como manifesta José Rita Luz em um artigo publicado em 1946 no jornal *Reconstruir*.

El Uruguay necesita una central obrera, independiente de sectarismos y exclusivismos partidistas. Es indiscutible esta necesidad, pero hay que partir de la base de que los sindicatos obreros reúnen a los trabajadores en su condición de tales, y no como miembros de partidos o sectas. Son productores que deben mantener unidad de acción en su lucha contra el capitalismo que pretende mermarles o arrebatarles su derecho a la vida.(...) El individuo como productor no debe quedar al margen de su organización gremial y ésta a su vez debe mantenerse ligada al resto de los trabajadores a través de sus entidades básicas, formando en una central sindical. Pero para lograr esto, previamente hay que terminar con la influencia en el movimiento obrero de partidos o sectas. El Uruguay, geográfica y económicamente, es demasiado pequeño para pretender tener media docena de centrales obreras. Ello constituye un suicidio, ya que produce tal disgregación de esfuerzos, que el capitalismo especula y aprovecha perfectamente esta debilidad producida por los trabajadores, y más por éstos, por la acción deletérea de muchos redentoristas demagogos.

[...]

De cualquier forma, el mal debe combatirse en sus focos. Y si queremos reconstruir el movimiento obrero uruguayo, hay que actuar en su seno, en contacto con los trabajadores.

Montevideo, octubre de 1946.⁵⁶ [Grifos nossos]

Nesse sentido, as palavras de José Rita Luz refletiam não só a defesa concreta de uma central única de âmbito nacional, como também uma preocupação elementar desses

⁵⁴ MECHOSO. Juan C. *Op. cit.* p. 55.

⁵⁵ *Idem.* p. 52.

⁵⁶ *Idem.* p. 30.

anarquistas em fazer desta construção uma obra coletiva do conjunto da classe trabalhadora, tarefa para a qual deveriam estar imersos entre essa mesma classe.

1.2 As greves dos *Gremios Solidarios* e o *Ateneo Cerro-La Teja*

Um dos aspectos mais marcantes na história do movimento operário e da esquerda uruguaia foram as greves que ocorrem nos anos 1951 e 1952, conhecidas como as greves dos *Gremios Solidarios*. Assim como as paralizações dos operários da carne e navais, as greves dos *Gremios Solidarios* também foram protagonizadas pelas bases operárias e pelos “sindicatos autônomos”. Seu início relaciona-se com a tentativa de sindicalização dos trabalhadores da empresa estatal *Asociación Nacional de Combustibles, Alcohol y Portland* (ANCAP). Esse processo contou com a ativa participação de militantes anarquistas, socialistas e independentes.⁵⁷

Ao ser fundado o sindicato, sua principal bandeira de luta foi a de obter reconhecimento enquanto organização sindical. Ante a intransigência da administração da estatal, ocorreu a greve, respondida com intensa repressão sob amparo judicial, o que acarretou na prisão de 28 sindicalistas por abandono de trabalho.⁵⁸ Em consequência, formou-se uma coordenação solidária entre o sindicato de ANCAP com outros sindicatos autônomos; um mês depois, 40 mil trabalhadores, de distintos setores, estavam em greve e um amplo apoio era colhido nos bairros populares. Tratava-se, sobretudo, de uma luta pelo direito de sindicalização dos trabalhadores do Estado, expressa na consigna “*Por la libertad sindical, contra la represión estatal*”.⁵⁹ Um informe do então Ministro do Interior permite dimensionar a amplitude do movimento:

El 15 de octubre se agravó la situación como consecuencia de haber resuelto recurrir a la huelga, en adhesión con el personal de Ancap los siguientes sindicatos autónomos: Comité Coordinador de Gremios Portuarios, Sindicatos de Obreros de la Cía. Bao [fábrica de jabones], Sindicato de Cereales y Frutas, Federación Naval, Sindicato de Resistencia de los Obreros del Gas, Federación Autónoma de la Carne, Asociación de Funcionarios del Frigorífico Nacional, Unión Obrera Textil y Sindicato Textil “La Aurora”, Cutsa y Amdet.⁶⁰

O movimento estudantil teve importante papel de solidariedade, através da *Federación de Estudiantes Universitarios de Uruguay* (FEUU), participando com ativa presença de seus

⁵⁷ CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 199.

⁵⁸ CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 200.

⁵⁹ *Idem.*

⁶⁰ Informe del Ministro del Interior. *Apud* CORES, Hugo. *Op. Cit.*, p. 203.

militantes nos piquetes e demais atividades de agitação promovidas pelos *gremios solidarios*. Simultaneamente, os estudantes enfrentavam um complexo processo de luta pela autonomia universitária, o qual era marcado por greves, manifestações públicas e repressão policial.⁶¹

Mesmo com a forte repressão estatal⁶², os trabalhadores não se deixaram intimidar, protagonizando inúmeros enfrentamentos de rua.⁶³ O movimento logrou uma importante vitória com a intervenção do Parlamento em 15 de novembro, sancionando uma anistia aos trabalhadores demitidos e presos, sua reintegração aos postos de trabalho e o reconhecimento do seu direito à organização sindical e à greve.⁶⁴ O depoimento de Juan Carlos Mechoso a esse respeito é esclarecedor quanto à dimensão dessas lutas:

El Cerro, el Pueblo Victoria y La Teja se convirtieron en un campo de batalla cercado por el Ejército. Los vecinos reaccionaron. Yo vi en la parada de ómnibus, mientras intentaban largar el tranvía 16 por el Cerro, a doñas poniendo piedras en el delantal y a las pedradas con los tranvías y con los camiones de los milicos. Los milicos a su vez llevaban gente en cana en todas las esquinas. Entraban a los comercios y arreaban a la gente. Eso duró varios días en los que prácticamente la población entera se mantuvo movilizada. A partir de esos sucesos esa zona de Montevideo pasó a ser llamada “paralelo 38” en alusión a la línea divisoria entre Corea del Norte y del Sur.⁶⁵

Em setembro do ano seguinte, as greves solidárias se repetiriam, dessa vez em solidariedade com os trabalhadores do transporte. A medida levou o governo a decretar as MPS⁶⁶, alegando que se tratava de um movimento sincronizado e com fins políticos. O movimento foi derrotado e o revanchismo patronal efetuou inúmeras demissões. Apesar desse quadro, os *gremios solidarios* colheram um avanço político importante⁶⁷, fortalecendo sua unidade interna e os vínculos de coordenação com setores solidários a partir de uma linha de ação marcada pela combatividade e solidariedade de classe.⁶⁸ Cabe acrescentar que, assim como na referida greve dos operários da carne em 1943, o PCU também atacou o movimento de greves solidárias. Fazendo jus a sua concepção de partido de vanguarda da classe

⁶¹ CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 205.

⁶² “En pleno desarrollo de la huelga, el Poder Ejecutivo dispuso como medida de previsión la ocupación con fuerzas del Ejército y la Marina de la Usina del Gas, Planta de Combustible y Destilerías de Ancap, Puerto de Montevideo y Frigorífico Nacional, lográndose que fueran puestos de inmediato en funcionamiento los distintos servicios de esos organismos.” Informe del Ministro del Interior. *Apud.* CORES, Hugo. *Op. Cit.*, p. 203, 204.

⁶³ Um informe do Ministério do Interior dá conta de mais de 300 incidentes violentos no decorrer da greve, sobretudo em bairros de grande concentração operária. CORES, Hugo. *Op. Cit.*, p. 11.

⁶⁴ *Idem*, p. 201.

⁶⁵ CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindo; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *Op. Cit.*, pp. 65 e 66.

⁶⁶ Durante as *Medidas* de setembro de 1952, coube ao general Gestido, futuro presidente do país, colocar suas tropas para patrulhar as ruas de Montevideú. CORES, Hugo. *Op. Cit.* p. 221.

⁶⁷ Em um “Comício da derrota”, organizado pelos sindicatos autônomos, Blas Facal afirmava: “Nos ganaron, hemos aprendido mucho; ahora conocemos mejor muchas cosas. Hemos perdido esta batalla pero esto es una guerra. Seguiremos peleando, tenemos que organizarnos para triunfar en esta guerra de clases.” *Idem*. p. 232.

⁶⁸ *Idem*, p. 124.

trabalhadora, o PCU desenvolveria uma peculiar política de relação com os sindicatos autônomos. Acusava os sindicatos autônomos, em um primeiro momento, de “traidores”, “provocadores a serviço do governo” e “agentes do inimigo”; porém, logo em seguida “estendia-lhes a mão”, visando conformar uma unidade sindical no âmbito da UGT.⁶⁹ O então secretário geral do partido, Eugenio Gómez, chegou a afirmar no editorial de *Justicia* (3 de outubro de 1952) que se esses trabalhadores estivessem organizados na UGT não teriam sofrido uma derrota em suas reivindicações.⁷⁰ O sectarismo das diretrizes do PCU o levou a estigmatizar toda luta sindical que fugisse do controle de seu aparato, a UGT. A atuação da estrutura sindical operava muito mais como “cortina de fumaça” para fundamentar a sua política de fundo, a busca por uma unidade nacional “anti-imperialista”, postura que impedia qualquer conflito mais radicalizado com o governo e as patronais. Em um informe à *Justicia* em 10 de Outubro de 1952, Gómez conclamava a peculiar política unitária do partido:

Unidad no solo de la clase obrera y el campesinado sino unidad también con otras capas sociales: burguesía industrial, pequeños y medios industriales y también ganaderos perjudicados por la política del imperialismo yanqui [...]. El eje de la política de nuestro partido está entonces en la lucha por la unidad [...] cuyo centro, cuyo elemento aglutinante es esencialmente la lucha por la paz, lucha por la paz que engloba toda la lucha reivindicativa [...].⁷¹

No contexto dos conflitos citados, organizou-se a *Unión de Obreros y Empleados de FUNSA*, sindicato que, com o tempo, afirmou-se como a principal expressão da influência da FAU no movimento sindical. Fundado com considerável participação de anarquistas e apoio de jovens organizados nas Juventudes Libertárias (JJLL) e na FEUU⁷², o sindicato de FUNSA se notabilizou ao longo dos anos por sua forte solidariedade de classe para com outros setores em luta. Da mesma forma, surgiram em meio a esse contexto o *Ateneo del Cerro-La Teja*⁷³, que propugnava *una cultura popular sin dogmas*. Históricos bairros de concentração operária,

⁶⁹ *Idem*, p. 165.

⁷⁰ *Idem*, p. 166.

⁷¹ *Ibidem*. p. 165.

⁷² MECHOSO, Juan C. *Ibidem*. p. 97.

⁷³ Ateneus são associações culturais com a finalidade de promover conhecimentos artísticos, literários, filosóficos, dentre outros. No caso do movimento operário de finais do século XIX e princípios do século XX, em especial onde a influência anarquista era majoritária, os Ateneus foram uma constante em diversos sindicatos, constituindo-se enquanto espaços de sociabilidade do movimento operário, seus militantes, bem como de suas respectivas famílias. Supriam demandas educativas e culturais da classe operária, como cursos de alfabetização, teatro, concertos musicais, conferências diversas, cooperativas de consumo e troca, fomento de atividades práticas de solidariedade a conflitos, militantes presos e suas famílias, entre outras atividades. Por vezes, os Ateneus deram lugar às “Escolas Modernas” ou “Escolas Racionalistas”, inspiradas no modelo de Francisco Ferrer y Guardia, que advogavam a educação integral mista, científica e laica das crianças a fim de desenvolver igualmente suas vocações para o trabalho intelectual e manual, bem como um discernimento crítico da sociedade.

sobretudo da indústria frigorífica⁷⁴, *Cerro* e *La Teja* possuem larga tradição de luta e organização classista. Seu cotidiano era marcado por carros de som da Federação Autônoma da Carne pelas ruas mobilizando a população em geral⁷⁵, consignas como “*Cerro si, milicos no!*” e “*Ni Milicos, ni Carneros!*”⁷⁶, afixadas nas barbearias e bares. A *Villa del Cerro* também se destacava pelo qualificado ambiente cultural, com inúmeros cinemas e teatros frequentados pelos seus moradores. Com capacidade para reunir entre 300 e 600 pessoas, esses espaços eram muito populares, mas também eram precários em termos de estrutura:

Los techos de aquellas salas eran de chapas y el paso del tiempo los había deteriorado, por eso, los días de lluvia eran comunes las goteras [...] que en algunas de esas salas provocó la situación –gozosa y alevosa– que un espectador abriera el paraguas en plena proyección de los filmes.⁷⁷

Em uma matéria onde anuncia a fundação do *Ateneo*, o jornal *Voluntad* fez um breve levantamento das inúmeras experiências de centros culturais animados pelos anarquistas ao longo da história, reproduzindo em seguida a convocatória da assembleia para discutir a constituição desse organismo.

Villa del Cerro, enero de 1952. Compañero: Respondiendo a la inquietud que flota en el ambiente del “Cerro” y “La Teja”, luego de la exitosa Huelga Solidaria de ANCAP donde quedó como saldo favorable, a más del triunfo, una gran admiración hacía nuestros métodos de lucha y nuestra prédica finalista y libertaria, tanto de parte de amigos y simpatizantes, como de la población obrera de estas barriadas en general. Un grupo de compañeros de afinidad ideológica recogiendo esa inquietud y en el deseo de aunar todas esas simpatías y canalizarlas hacia una labor organizada hacia principios libertarios, aprovechando el momento psicológico especial, se proponen a dar razón a una agrupación tan necesaria como descuidada en estos últimos tiempos.⁷⁸

O *Ateneo Cerro-La Teja* desenvolveu regularmente debates sobre temas como o processo revolucionário espanhol (a cargo de exilados políticos no Uruguai), história das lutas sociais, literatura, artes, entre outros. Também eram muito concorridas as seções de cinema para crianças: “*Se llenaba de niños que supieron reír con el inmortal Chaplín, especialmente con “El Pibe” que rompía todos los vidrios*”.⁷⁹ Além disso, muitas dessas atividades

⁷⁴ Além da indústria frigorífica, também estavam presentes nos bairros *Cerro* e *La Teja*, fábricas de vidro, sabonetes e da construção naval. Parte expressiva da militância sindical dessas categorias e de outras, como padeiros, construção, portuários e marmoristas residiam nesses bairros. MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 103.

⁷⁵ *Idem.* p. 103.

⁷⁶ *Carnero* é uma expressão coloquial muito utilizada no movimento sindical uruguaio para designar o trabalhador pelego, fura-greve. *Idem.* p. 104.

⁷⁷ BERTOLINI, Raúl. *Aquellos tiempos en el Cerro*. Uruguay: Graficas Leonardo, 1994, p. 21.

⁷⁸ VOLUNTAD. *ATENEO CERRO-LA TEJA “Por una Cultura Popular sin Dogmas”*. Montevideú, mar, 1952, p. 3.

⁷⁹ MECHOSO. Juan C. *Op. cit.* p. 111.

contavam com apresentações de Carlos Molina e Alfredo Zitarrosa⁸⁰, históricos personagens da música popular uruguaia com forte vínculo com as lutas sociais do país. É evidente que, além de diversas atividades de cunho cultural e educativo, o *Ateneo* também se constituiu em espaço de articulação das principais lutas sociais que se desenvolviam no país.

La actividad del Ateneo fue múltiple, abarcó diversas cosas. Estuvo junto a los conflictos de la Federación de la Carne; apoyando la Federación de Jubilados que no hacía mucho había comenzado; otros conflictos obreros de la zona, textiles por ejemplo; campañas contra el agio y la especulación; contribuyendo a la formación de la cooperativa de consumos; por DD.HH.; a favor de la reapertura de los frigoríficos; en defensa de la Enseñanza Pública; apoyando la pelea por la Ley Orgánica Universitaria; contra el brote de grupos fascistas; enfrentando las Medidas de Seguridad; estando presente en el Paralelo 38; apoyando la creación de la casa del Canillita en el Cerro; ocupando un bloque de viviendas como actividad solidaria junto a los que habían quedado viviendo apilados en locales oficiales después de las inundaciones; promoviendo reuniones sindicales para plantear en el Congreso de la Federación; identificándose y propagandeando el asalto al Moncada de los Cubanos; repudiando la invasión de Castillo Armas en Guatemala; apoyando militantemente las Marchas Cañeras; participando más adelante, activamente en el Congreso del Pueblo.⁸¹

As lutas protagonizadas pelos *gremios solidarios*, apoiadas pelo movimento estudantil e pelos moradores dos bairros populares, marcaram uma ampla resistência contra as investidas do governo e da patronal em regulamentar a atividade sindical e estimular a criação de sindicatos pelegos, como a *Confederación General de Trabajadores de la Republica Oriental*, a *Confederación Sindical del Uruguay* (CSU), ligada às “internacionais sindicais” fomentadas pela política exterior dos EUA e a Confederação Interamericana de Trabalhadores (CIT). Essa última, de orientação anticomunista, foi fundada no Peru, em 1948; sua principal liderança era o italiano Serafino Romualdi, que além de ser “sindicalista” da central norte americana *American Federation of Labor* (AFL), também era responsável pelos assuntos operários latino-americanos do Departamento de Estado dos EUA.⁸² Em 1951, a CIT se

⁸⁰ Carlos Molina esteve vinculado à FAU até seus últimos dias de vida (1998). Já Zitarrosa teve uma breve passagem pela organização, tendo logo em seguida aderido ao PCU. Sua passagem às fileiras do partido não o impediu de seguir mantendo uma considerável relação de amizade com seus antigos companheiros de militância na FAU, em especial Molina. Em 1977, já no exílio em Madrid, Zitarrosa compõe uma de suas mais famosas canções, onde recorre de forma um tanto “nostálgica” a história recente uruguaia, marcada, por um lado, pelas angústias de um país subdesenvolvido e com diversos contrastes sociais e, por outro lado, por um ambiente de grande esperança de transformação social. O clássico *Guitarra Negra* traz, em meio a suas estrofes, uma homenagem e um reconhecimento de sua parte aos anarquistas que conheceu e com quem militou no *Cerro*. “[...] a mis anarcos queridos bajo bandera, bajo mortaja, bajo vinos y versos interminables”. ZITARROSA, Alfredo. <https://www.youtube.com/watch?v=4bgyqoHcM7k> Último acesso: 04 set. 2014.

⁸¹ Interessante observarmos que mesmo antes do triunfo da Revolução Cubana, parte expressiva da militância que funda a organização já acompanhava com entusiasmo as lutas que precedem a Revolução naquele país. *Idem*. p. 111.

⁸² CORES, Hugo. *Op. cit.* p. 153.

fundiu com a europeia Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres (CIOILS), constituindo a Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT).⁸³

1.3 *La juventud es bandera no mortaja!*⁸⁴ As lutas estudantis e a influência das JJLL e da FEUU

Em meio à efervescência dessas lutas sindicais, o movimento estudantil também ocupou um posto de destaque para a rearticulação da militância anarquista. Através das JJLL, a militância anarquista conquistou uma grande influência no interior da FEUU.

Fundadas em 1938, as JJLL era composta fundamentalmente de estudantes trabalhadores dos liceus noturnos, o que os colocava em contato direto com a dinâmica do movimento sindical, mais especificamente com os sindicatos autônomos. Nesse momento, o movimento estudantil tinha pouca influência do PCU; em contrapartida, notabilizava-se a predominância política da *terceira posição*, também conhecida como *tercerismo*, que entendia a luta anti-imperialista como algo mais amplo, o que a levava a se opor aos dois blocos de poder geopolítico: EUA e URSS. Afirmava-se um modelo socialista que, ao mesmo tempo em que fazia uma contundente oposição ao imperialismo e aos EUA, não se pautava pela experiência da URSS. Tratava-se, portanto, da busca de um socialismo democrático e avesso ao modelo de partido único. A vertente *tercerista* teve como um de seus principais expoentes o núcleo do semanário *Marcha*, tendo uma grande adesão entre os anarquistas que, em um editorial do jornal *Voluntad*, afirmavam:

[...] La base fundamental de ese movimiento heterogéneo universal, es la oposición a la guerra, porque es obvio que tanto las clases que dominan Norte America como las que manejan los destinos del enorme y monstruoso Estado totalitario ruso, se preparan para la guerra. Y la guerra que ellos preparan incluye a todos los pueblos del orbe y el terrible poder de las armas atómicas y termonucleares haría sentir sus efectos devastadores sobre todos los habitantes del planeta, poniendo en peligro la existencia misma de la especie humana.

[...] Frente a este peligro inminente, el movimiento libertario del Uruguay asume la responsabilidad de integrar la Tercera Posición, mas con un criterio propio, en función de sus objetivos y principios fundamentales, porque considera que no basta oponerse a la guerra, al estallido de las operaciones militares propiamente dichas, sin extirpar las causas que generan las guerras: el nacionalismo, el capitalismo, el militarismo, el racismo, el dogmatismo de todo orden y muy fundamentalmente el estatismo, sea cual fuera el lema que le sirva de disfraz.⁸⁵

⁸³ *Ibidem*, p. 154.

⁸⁴ Consigna presente nas fichas de filiação da JJLL. Depoimento de Julio Mancebo, fundador da FAU e militante das JJLL. In: MECHOSO, Juan C. *Idem*, p. 89.

⁸⁵ VOLUNTAD. *Nuestra Tercera Posición es Acción Contra la Guerra y sus Causas Generadoras*. Montevidéo, jan. 1956, p. 3.

Influenciada pelo histórico movimento de Reforma Universitária de Córdoba, de 1918⁸⁶, a FEUU empunhava como principal bandeira (desde a década de 1920) a autonomia universitária, pauta pela qual a juventude uruguaia travou inúmeras batalhas e nas quais contou sempre com a solidariedade do movimento sindical.

Os impactos do movimento de Reforma Universitária de Córdoba também influenciaram substancialmente os anarquistas das JJLL, que, em 1951, fundam a *Agrupación Reforma Universitaria* (ARU), espaço mais amplo por não se restringir só a anarquistas. A ARU chegou a contar com 1300 associados.⁸⁷ Constavam nas suas pautas a autonomia universitária, a integração da universidade com a sociedade, a independência de atuação diante dos grupos políticos, a solidariedade com o movimento operário e a defesa da terceira posição. Essas pautas também eram majoritárias no Conselho Federal da FEUU, ainda que nem sempre o fossem em suas bases.⁸⁸ Pela ARU e JJLL passaram militantes que posteriormente seriam destacados quadros da FAU, como Raul Cariboni – que se havia afastado das Juventudes Comunistas –, Gerardo Gatti, Hugo Cores e Vasco Larrasq.

Em 1951, em meio ao processo de reforma constitucional, a FEUU, apoiada pelo Conselho Universitário da universidade (instância institucional superior de decisão, também conhecida como Claustro), iniciou uma mobilização com vistas a incorporar a autonomia universitária e o co-governo universitário no texto constitucional. A agitação em torno da pauta culminou em uma greve estudantil marcada por diversos enfrentamentos com a repressão. Parcialmente vitoriosa, a mobilização conseguiu aprovar a autonomia e o co-governo na constituição do país, embora ainda faltasse a aprovação de uma lei específica que regulamentasse essas pautas. Com o passar dos anos, o movimento estudantil conseguiria a aprovação da Lei Orgânica Universitária (1958). A conquista da Lei Orgânica decorreu das lutas massivas com grande presença do movimento sindical, denotando um vínculo solidário

⁸⁶ Buscando “[...] romper la última cadena que en pleno siglo XX nos ataba a la antigua dominación monárquica y monástica.”, o Movimento de Reforma Universitária de Córdoba marcou um antes e depois na história das universidades da América Latina. Entre suas principais pautas destacava-se a autonomia universitária. Seu diagnóstico das universidades identificava que: “[...] Las universidades han llegado a ser así el fiel reflejo de estas sociedades decadentes, que se empeñan en ofrecer el triste espectáculo de una inmovilidad senil. Por eso es que la ciencia, frente a esas casas mudas y cerradas, pasa silenciosa o entra mutilada y grotesca al servicio burocrático.” Por fim, exortava a juventude latino-americana a lutar por essas prerrogativas: “La juventud ya no pide. Exige se le reconozca el derecho a pensar por su propia cuenta. Exige también que se le reconozca el derecho a exteriorizar ese pensamiento propio en los cuerpos universitarios por medio de sus representantes. Esta cansada de soportar a los tiranos. [...] La juventud universitaria de Córdoba por intermedio de su federación saluda a los compañeros de la América toda y les incita a colaborar en la obra de libertad que se inicia.” FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE CORDOBA. *La juventud argentina de Córdoba. A los hombres libres de Sud America*. <http://www.reformadel18.unc.edu.ar/manifiesto.htm> Último acesso: 13 ago. 2014.

⁸⁷ CAPANO, Ricardo. In: MECHOSO, Juan C. *Op. cit.*, p. 84.

⁸⁸ MANCEBO, Julio. In: MECHOSO, Juan C. *Idem*, p. 91.

entre estudantes e trabalhadores, eternizado na consigna “*Obreros y Estudiantes, unidos y adelante*”.

A luta pela autonomia universitária era simultânea à defesa de uma universidade popular, com atividade docente, grade curricular e formação profissional pertinentes a esses anseios.⁸⁹ Ambas as lutas vinham de longa data no movimento estudantil universitário do país. Em um boletim dos estudantes de medicina, essa pauta aparecia com força na denúncia da situação dos doentes internados do Hospital *Saint Bois*⁹⁰, que chegaram, inclusive, a realizar uma greve de fome em 1947 contra a precária situação em que padeciam:

Todos tenemos la obligación de luchar por la recuperación física de los enfermos. En el Saint Bois no se trata solo de eso. Esta también el factor humano, la personalidad del internado que se degrada allí como en una cárcel y que no se recupera solamente con talleres de readaptación. La Medicina debe ser humanista y social. Luchemos por ellos.⁹¹

Entre os muitos trabalhos desenvolvidos pelo movimento estudantil na busca da adequação entre o corpo universitário e as demandas populares, destacaram-se as Missões Sócio-pedagógicas, impulsionadas pela *Asociación de Estudiantes de Medicina e Asociación de Estudiantes Magisteriales*, em 1945⁹², e que tinham como objetivo atuar junto às comunidades do interior do país, realidade quase desconhecida dos habitantes de Montevideú.

Durante todos esos años han llegado los estudiantes a perdidos y olvidados rincones del país para conocer y hacer conocer a todos como viven en el Uruguay miles y miles de hombres. Han llegado para ofrecer una palabra de aliento a veces sino de esperanza, de cálida comprensión al menos. Han llegado para dejar en su estada todo lo concreto y también todo lo intangible que pueden dejar en el lapso que imponen las circunstancias.⁹³

As missões cumpriram um papel fundamental no reconhecimento das terríveis condições de vida de dezenas de milhares de uruguaios nos chamados “*pueblos de ratas*”. Só em Artigas, de uma população de menos de 30.000 habitantes, mais de 4.000 viviam em situação de pobreza extrema. Pelas missões passaram inúmeros quadros de destacada trajetória na militância do magistério, casos de Julio Castro – vinculado à *Marcha* –, que chegou a coordená-las; Elena Quinteros e Gustavo Inzaurrealde⁹⁴ – vinculados à FAU –, todos

⁸⁹ CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 177.

⁹⁰ Hospital voltado ao tratamento de tuberculosos em Montevideú.

⁹¹ EL ESTUDIANTE LIBRE. Octubre, 1948. Apud. CORES, Hugo. *Op. Cit.*, p. 178.

⁹² CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 177.

⁹³ RODRIGUEZ. V. de Vecchi. Los Estudiantes frente a los rancherios. In: Jornada. 26 de junio de 1953. Apud. CORES. Hugo. *Op. cit.* 178, 179.

⁹⁴ Também passaram pelas Missões “[...] Telba Juárez asesinada em Buenos Aires em 1976 [...] Hugo Rodríguez preso desde 1975, Cecilia Gianarelli asesinada en Montevideo en 1972, María Emilia Islas estudiante de Magisterio secuestrada en setiembre de 1976, con su hija Mariana Zaffaroni; Jorge Zaffaroni, su compañero, también estudiante magisterial.” CORES. Hugo. *Op. cit.* pp. 61e 62.

militantes posteriormente sequestrados e desaparecidos pela ditadura civil-militar. Ainda que essas missões tenham contribuído para denunciar a miséria dos rincões do Uruguai, seu caráter “explosivo” só seria percebido pelo conjunto da sociedade uruguaia com o início das *Marchas Cañeras*⁹⁵.

Finalmente, também fez parte das bandeiras do movimento estudantil a luta em solidariedade à Guatemala (contra o golpe de Estado que derrubou Jacob Arbenz Guzmán em 1954) e, coerente com sua linha *tercerista*, à Revolução Húngara de 1956.

1.4 O Uruguai que já não é mais a Suíça da América

Até meados da década de 1950, ainda era muito marcante no Uruguai uma realidade conhecida por alguns como “Suíça da América Latina”. As razões de tamanha comparação estavam ligadas à certa prosperidade econômica aliada a uma relativa estabilidade política que contrastavam com a maioria dos demais países do subcontinente. O arcabouço de uma estrutura política e econômica que levou o país a receber tal comparação começou a tomar seus contornos iniciais em princípios do século XX, através dos governos do colorado José Battle y Ordoñez (1903-1907 e 1910-1915).⁹⁶ Em suas duas administrações, Battle y Ordoñez reorganizou o aparelho de Estado ao apoiar-se nas camadas populares urbanas, restabelecendo a unidade nacional e promovendo reformas que, se bem não questionavam as estruturas econômicas, garantiram melhorias no padrão de vida e nas condições de trabalho das camadas populares. Tais foram os casos do direito à aposentadoria, pensões, previdência social e liberdade de organização e reunião. Além dessas medidas, foi garantida a gratuidade do ensino, o direito ao divórcio e a separação entre Estado e Igreja, mudanças progressistas importantes mesmo se comparadas com muitos países da Europa à época.⁹⁷

No entanto, essa suposta prosperidade tinha inúmeras limitações que passaram a inviabilizá-la paulatinamente. Entre essas limitações estava a dependência da economia quanto às exportações de produtos agropecuários, que, conjugado com o estancamento produtivo e o atraso tecnológico, vinha demonstrando sinais de uma grave crise ainda na

⁹⁵ As *Marchas Cañeras* foram marchas de trabalhadores rurais do norte do país que saíam em caminhada, muitas vezes descalços e acompanhados de toda a família, até Montevideú para reivindicarem seus direitos trabalhistas. Ficaram conhecidas enquanto “*Cañeras*”, pois o setor mais dinâmico que animava essas marchas eram os trabalhadores do corte de cana da região de Bella Unión, organizados no sindicato *Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas* (UTAA).

⁹⁶ MORAES, João Quartim. *Liberalismo e Ditadura no Cone Sul*, IFCH, Unicamp, 2001. p. 256.

⁹⁷ *Idem*. pp. 256-258.

década de 1930.⁹⁸ Nas décadas posteriores, e sobretudo após o contexto da Segunda Guerra Mundial, além desse estancamento, a ocorrência de taxas negativas de crescimento industrial, déficit da balança comercial⁹⁹, recurso a empréstimos, aumento significativo das atividades do setor financeiro, da especulação, da inflação e de um ambiente de crescente agitação social davam o tom de uma crise que não era passageira.¹⁰⁰

Esse processo de esgotamento do modelo de desenvolvimento econômico empregado pelo Partido Colorado, mais especificamente pelo *batllismo*, culmina com a vitória eleitoral do Partido Blanco – também conhecido como Partido Nacional –, nas eleições de novembro de 1958, o que colocava fim a quase 100 anos de hegemonia colorada. Na tentativa de implementar um novo modelo econômico, apoiado em instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI), foi aplicada uma Reforma Monetária e Cambial¹⁰¹ logo no primeiro ano de governo. Em matéria de política internacional, o governo *blanco* consolidou os vínculos com os EUA, integrando-se, em 1960, à Associação Latino-americana de Livre Comércio (ALALC) e realizando, em agosto de 1961, em Punta del Este, a reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social que, com o solitário voto contraditório de Cuba (representada por Ernesto *Che* Guevara¹⁰²), criava a Aliança para o Progresso (ALPRO). Cinco meses depois, novo encontro de Chanceleres ratificava, com a anuência do Uruguai, a expulsão de Cuba da Organização de Estados Americanos (OEA). Pouco depois, o embaixador cubano também seria expulso do país.¹⁰³

A paulatina decadência econômica do país foi acompanhada por um endurecimento do Estado em relação às tradicionais liberdades democráticas. Iniciava um novo ciclo político, onde a repressão sistemática à questão social passa a ser uma das suas principais características. Além da repressão organizada a partir dos aparelhos oficiais do Estado, intensificou-se a agitação “anticomunista”. As páginas do jornal *El País* buscaram criar um

⁹⁸ NAHUM; FREGA; MARONNA; TROCHÓN. *El fin del Uruguay liberal 1959-1973*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, 1994. pp. 99 e 100.

⁹⁹ A partir de 1955, o déficit da balança comercial passa a ser recorrente. *Idem*. p. 99.

¹⁰⁰ *Idem*. p. 99.

¹⁰¹ A Reforma Monetária e Cambial de 1959 “[...] suponía el abandono del viejo sistema de tipos de cambios múltiples que había protegido y propiciado el desarrollo industrial en las dos décadas anteriores; la promoción de la producción agropecuaria; la retracción del intervencionismo del Estado en la esfera económica; y la reorganización del sistema tributario.” REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.* p. 24.

¹⁰² Em sua passagem pelo Uruguai, Guevara também participaria de uma conferência na *Universidad de la República*, sob o lema: “*Con Cuba, por la dignificación de Latinoamérica, contra la colonización económica del continente*.” Junto ao *Che*, também participariam dessa conferência personalidades como Salvador Allende e Josué de Castro. A Conferência havia sido organizada em conjunto pela CTU, FEUU e o *Comité Nacional Coordinador de Apoyo a la Revolución Cubana*. O áudio do discurso de Guevara está disponível no cd: *Che Ernesto Guevara en Montevideo*. Montevideo: Ayuí; Tacuabé, 2004.

¹⁰³ REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.* p. 25.

clima propício a esse endurecimento do Estado.¹⁰⁴ Organizações de extrema-direita de caráter paramilitar entraram em cena, atuando com a complacência das autoridades policiais, caso do *Movimiento Estudiantil de Defensa de la Libertad*. Assumindo a “batalha contra o comunismo”, essas organizações promoveram reiterados ataques à esquerda, abrindo fogo em atos políticos e chegando a atuar nos marcos de uma não dissimulada inspiração nazi-fascista (caso explicitado no sequestro da jovem militante estudantil paraguaia Soledad Barret¹⁰⁵, que teve suásticas marcadas em seu corpo). A complacência das autoridades policiais era nítida e se expressava em operações de atuação conjunta, como foi a tentativa de atentado contra *Che*, em Montevideu, e que resultou na morte do professor de história Arbelio Ramírez.¹⁰⁶

O endurecimento da estrutura repressiva do Estado tomou maior vulto ao final da década de 1950, mas já vinha desenvolvendo-se nos anos anteriores. Para Hugo Cores¹⁰⁷, as *Medidas de Pronta Seguridad* de 1952 deixavam evidente a “*otra cara de la democracia uruguaya*.”¹⁰⁸

Essa estrutura repressiva, na análise de Cores, estava implicitamente vinculada ao caráter de classe do próprio reformismo *batllista*, responsável por consolidar a ideia de “*Suíça da América*”. Esses vínculos de classe os faziam muito mais burgueses que reformistas sociais, não titubeando, portanto, em empregar medidas de força para dobrar a resistência dos trabalhadores, quando essa colocava em risco o *status quo*.¹⁰⁹

¹⁰⁴ “El diario *El País*, que repite monocordemente los estribillos que le dicta la embajada de Estados Unidos, há dicho que “detrás de cada cañero se esconde un guerrillero”, y acaso, por una vez, ha dado en la tecla. Los directores de *El País*, que en 1960 se habían transformado en comandantes de las tropas de asalto que tomaron la Universidad, no conciben que la miseria y la injusticia desencadenen la rebeldía[...]”. BLIXEN, Samuel, *Sindic acción y legado*. Montevideo: Trilce, 2000, p. 68.

¹⁰⁵ Neta do escritor anarquista Rafael Barret, Soledad Barret também teve uma passagem pela esquerda brasileira, onde integrou os quadros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Foi assassinada aos 28 anos junto a outros cinco companheiros no episódio conhecido como “Massacre da Chácara São Bento” nos arredores de Recife (PE), após delação de seu então companheiro, Cabo Anselmo, quem cumpria o papel de agente infiltrado na organização. Na ocasião Soledad encontrava-se grávida. MOTA, Urariano. *Soledad no Recife*. São Paulo: Boitempo, 2009.

¹⁰⁶ “Los chicos del MEDL se han entreverado, también, en los incidentes programados con motivo de la conferencia que el *Che* Guevara ha ofrecido en el Paraninfo de la Universidad, en agosto de 1961, y quizás alguno de ellos haya disparado su arma en la ráfaga de balas que mató al investigador de historia Arbelio Ramírez, pero los indicios han revelado que algún policía participó directamente; los gases lacrimógenos de una brigada y los carros lanza-agua utilizados en el sentido contrario al de donde partieron los disparos, han permitido la fuga de los asesinos.” BLIXEN, Samuel. *Op. cit.* p. 69.

¹⁰⁷ Hugo Cores faz um retrospecto das inúmeras lutas sindicais protagonizadas por esse espectro do movimento operário – os sindicatos autônomos –, entre finais de 1940 e princípios de 1950. O levantamento aponta as medidas de repressão por parte do Estado, como o envio de tropas das Forças Armadas para conter greves e mobilizações. Entre esses muitos conflitos reprimidos, temos as greves portuária (22 a 25 de junho) e frigorífica (09 de agosto de 1950), nas mesmas semanas em que o Uruguai se consagrava campeão mundial de futebol sobre o Brasil e a expressão *Como el Uruguay no hay* era popularizada. CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 9 - 11.

¹⁰⁸ *Idem.* p. 237.

¹⁰⁹ *Idem.* p. 237.

Já em meio aos conflitos dos *Gremios Solidarios*, em 1951 e 1952, o fantasma do inimigo interno vinha sendo plantado na sociedade uruguaia. Em uma entrevista à revista *Mundial* de outubro de 1952, o jurista Justino Jiménez de Arechaga justificava as MPS a partir desse fantasma.

La república está sufriendo el impacto de tres tendencias totalitarias: el comunismo, el peronismo, el anarco-sindicalismo. El primero, totalitarismo del crimen; el segundo, totalitarismo de la estupidez; el tercero, totalitarismo del egoísmo. Sus agentes están en la escuela, en los liceos, en la Universidad, en los sindicatos, en los movimientos agrarios, en los negocios, en el deporte”.¹¹⁰

Se, já em finais da década de 1940 e princípios de 1950, havia, na análise de Cores¹¹¹, um nítido marco de ruptura com um modelo reformista social para um Estado autoritário que não hesitava em tratar a questão social como caso de polícia, o final da década de 1950 marcou um ponto de inflexão nesse processo.

Em que pese a nítida quebra do modelo econômico dependente do país, o Estado uruguaio trabalhava de forma rigorosa para manter seu status de “Suíça”, reafirmando que “*Como el Uruguay no hay*” perante a comunidade internacional. Para tanto, a repressão se afirmava como principal recurso, uma vez que com ela se pretendia quebrar essa crescente agitação social, instalando um clima de calmaria no país. Em uma matéria de capa de *Lucha Libertaria*, já em 1960, a FAU avaliava esse procedimento apontando que, ao passo que os investimentos na diplomacia e na repressão cresciam de forma meteórica, os investimentos em educação despencavam.

Pero más importante que la enseñanza, que la cultura, en esa época de austeridad es mantener y afianzar los aparatos represivos, y una considerable legión de diplomáticos que en el exterior continúen difundiendo el “como el Uruguay no hay”, aunque la población analfabetizada aumente, aunque el tan mentado principio de la gratuidad para nuestra enseñanza desaparezca. [...] Toda una política, con mil y una manifestaciones, tendientes a hacer del país un solo y gran cuartel. Y a esa intención el pueblo, en su lucha, sabrá ponerle freno. Luchando por la defensa de la escuela, y por lo que ella

¹¹⁰ CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 210.

¹¹¹ Não configura nos objetivos do presente trabalho uma análise a respeito da polêmica apontada por Cores em torno do marco de quebra da “Suíça da América”. Tal análise, por sua complexidade, demandaria um estudo à parte. Trazemos a discussão levantada por Cores por tomar como ponto de referência a importante trajetória de luta e organização dos sindicatos autônomos/grêmios solidários. Acreditamos que esse fenômeno, pouco estudado pela historiografia do movimento operário uruguaio e latino-americano, seja de fundamental importância para a compreensão do acúmulo de experiência política e organizativa por parte do anarquismo uruguaio que acaba por desaguar no objeto de nosso estudo, a Federação Anarquista Uruguaia. Para além do anarquismo, essa experiência também é de grande substância para compreendermos o desenvolvimento da futura CNT e a intensa trajetória da mesma onde trabalhadores anarquistas, independentes e marxistas não alinhados com o PCU e sua ortodoxia marxista-leninista, organizados na *Tendencia Combativa*, desenvolveram uma intensa disputa política em torno de métodos de luta e organização.

significa en sus postulados de laicidad y gratuidad: libertad, igualdad y solidaridad.¹¹²

Por sua vez, esse processo de endurecimento do aparelho repressivo do Estado contra as lutas sociais não se restringiu ao Uruguai, passando a abarcar toda a América Latina. Nesse sentido, o triunfo da Revolução Cubana em 1959 influenciou em grande medida a inflexão autoritária e repressiva no continente. As tensões da Guerra Fria seriam então significativamente reforçadas na América Latina.¹¹³

A Revolução Cubana chamou a atenção para uma problemática que se tornou um dos debates centrais em toda a esquerda latino-americana: a possibilidade de fazer a revolução a partir de uma política que reivindicasse a luta armada e o não alinhamento às burguesias nacionais, colocando também a possibilidade de se obter uma vitória revolucionária em um curto espaço de tempo.¹¹⁴ Essas problemáticas inseridas nas esquerdas da América Latina influenciam seus respectivos destinos como poucos outros acontecimentos históricos. Na esteira desse processo, foram surgindo diversas organizações que optaram pela via da luta armada, o que acirrou os ânimos entre seus defensores e a esquerda mais tradicional, influenciando de forma decisiva na cisão de inúmeras organizações¹¹⁵, entre elas a própria FAU.

Mas, para além das forças da esquerda latino-americana, as classes dominantes e os Estados capitalistas-burgueses do continente também foram abalados pelo acontecimento. Prontamente, a Revolução Cubana foi elencada como um processo a ser ferrenhamente combatido de forma a evitar que seu desenvolvimento capitalizasse um possível avanço das esquerdas como “efeito dominó”.

[...] A experiência de *Sierra Maestra* funcionou como “mola propulsora” de radicalização social sem precedentes. A derrota norte-americana na invasão à Baía dos Porcos (*Playa de Girón*), em 1961, a opção do regime de Castro em acolher-se ao “guarda-chuva” militar soviético e os efeitos da crise do populismo exigiram das elites latino-americanas dominantes a necessidade de manter a todo custo, o controle do aparato político-institucional, num cenário de acentuada pauperização dos setores médios e populares e de radicalização das mobilizações políticas.¹¹⁶

¹¹² LUCHA LIBERTARIA. *Escuelas si, Cuarteles no*. Año XXII, Montevideo, Octubre, 1960, n. 199. p. 1.

¹¹³ PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Seguridad Nacional Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar. Tomo I*. Tese de Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2005, p. 135.

¹¹⁴ O conjunto destas polêmicas são melhor elaboradas no 2º capítulo, onde analisamos a *Organizacion de Solidaridad Latinoamericana* (OLAS).

¹¹⁵ Outra experiência revolucionária que valorizava o emprego da luta armada e influenciou em inúmeras cisões na esquerda latino-americana foi a Revolução Chinesa e a posterior polêmica sino-soviética. No Uruguai essa influência expressou-se em um pequeno grupo das Juventudes Comunistas que rompem com o PCU e fundam o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR). Sobre o MIR ver: TRISTÁN. Eduardo Rey. *Op. cit.* pp. 283-293.

¹¹⁶ PADRÓS, Enrique Serra. *Op. cit.* pp. 132 e 133.

Nesse processo de reação à radicalização das lutas sociais, as classes dominantes encontraram nos EUA um contundente aliado em sua política de contenção às esquerdas e setores populares organizados; além disso, a superpotência considerava que sua segurança interna dependia, também, da defesa da segurança interna dos demais países da América Latina. Em função de tal análise, os EUA aprofundaram suas experiências intervencionistas na região, contribuindo no desenvolvimento econômico e de infra-estrutura como paliativo para as demandas sociais reprimidas, assim como capacitando as forças repressivas para o combate à “subversão”. O intervencionismo estadunidense, respaldado pela clássica análise da DSN que procurava garantir a segurança interna do país¹¹⁷ mediante a combinação Segurança-Desenvolvimento, intensificou-se ao longo da década de 1960.

A mais notória investida intervencionista no plano econômico –Desenvolvimento – no subcontinente foi a Aliança para o Progresso, projeto que consistia em ajuda financeira e linhas de crédito aos governos locais mediante o compromisso destes com os interesses geopolíticos dos EUA.¹¹⁸ Além da ALPRO, outros projetos na mesma perspectiva foram levados a cabo pelo governo dos EUA, como os Corpos da Paz - projeto criado na administração Kennedy -, que consistiam na organização de voluntários norte-americanos para trabalharem em áreas como saúde e educação.¹¹⁹ Tais projetos tinham como objetivo central amenizar as tensões sociais como meio de limitar o crescimento da esquerda.¹²⁰

Paralelo à ALPRO, desenvolveu-se uma minuciosa política de ajuda aos setores dominantes no plano repressivo. Com o subterfúgio de capacitação de agentes policiais e militares, foram enviados inúmeros técnicos em inteligência, informação e segurança para treinar agentes locais. Também foram recrutados oficiais em seus países de origem e treinados nas escolas especializadas em técnicas de contra-insurgência em escolas militares nos EUA e no Canal do Panamá.¹²¹

Nessas escolas, ofereciam-se diversos cursos em áreas estratégicas (inteligência, ação psicológica, armamento, técnicas de combate contra-insurgente, doutrinação etc.) essenciais na formação dos protagonistas dos futuros golpes de Estado que se projetariam pela região.

¹¹⁷ Leia-se, garantir o *status quo* e eliminar toda e qualquer possibilidade de desenvolvimento da esquerda e setores populares organizados, independente de seu projeto.

¹¹⁸ PADRÓS, Enrique Serra. *Op. Cit.* p. 134, 135.

¹¹⁹ AZEVEDO, Cecília. *Em Nome da América: Os Corpos da Paz no Brasil*. São Paulo, Alameda, 2008.

¹²⁰ PADRÓS, Enrique Serra. *Op. cit.* p. 135.

¹²¹ “[...] Desde 1962, funcionavam centros de preparação e treinamento contra-insurgente de militares da América Latina dirigidos por especialistas dos EUA, como na Escola Militar das Américas. Por estes centros passaram parte daqueles quadros que, posteriormente, dirigiram as forças policiais, militares e paramilitares dos seus respectivos países; articularam eficientemente os diversos golpes de Estado ocorridos no continente a partir de 1964; estruturaram as decorrentes ditaduras de Segurança Nacional e montaram os brutais sistemas repressivos internos e a futura rede repressiva internacional, a Operação Condor.” *Idem.* p. 135.

Para o sucesso dessa política de contra-insurgência, priorizou-se, em um primeiro momento, a formação e capacitação das forças policiais. Segundo Alexis Johnson, subsecretário de Estado para Assuntos Políticos na administração de Richard Nixon:

La labor policial efectiva es como la “medicina preventiva”. La Policía puede ocuparse de las amenazas al orden interno en sus etapas de formación. Si no estuviera preparada para hacerlo, se requeriría de una “cirugía mayor” para remediar estas amenazas, y una acción así es dolorosa, cara y desgarradora.¹²²

Por sua vez, Robert McNamara, secretário de defesa de Lyndon Johnson ao abordar os interesses dos EUA na região, afirmava:

Nuestro objetivo primordial en Latinoamerica es ayudar, donde sea necesario, al continuo desarrollo de las fuerzas militares y paramilitares nativas capaces de proporcionar, en unión con la Policía y otras fuerzas de seguridad, la necesaria seguridad interna.¹²³ [Grifos nossos]

A presença ostensiva dos interesses das elites norte-americanas na região, sempre respaldada por um forte trabalho policial-militar, leva ao desenvolvimento do que podemos classificar como *pentagonização* do subcontinente. Esse fenômeno consistia na instrumentalização do conjunto do aparelho de segurança e repressão do Estado no sentido de garantir os interesses norte-americanos e de suas respectivas corporações e aliados.¹²⁴

A quebra da *Suíça da América Latina*, portanto, processa-se em meio a um turbulento cenário da história política internacional, mais especificamente no que tange ao continente. Motivadas pelo “fantasma” de Cuba, as classes dominantes do Uruguai e demais Estados latino-americanos reforçariam ainda mais seus históricos vínculos com as elites dominantes norte-americanas, encontrando nas mesmas um aliado de primeira ordem para a garantia da “segurança” interna em seus respectivos Estados.

1.5 O processo de fundação da FAU

O conjunto dessas lutas trouxe à militância anarquista uruguaia não só um significativo aumento de sua expressão, mas também a necessidade do debate em torno de uma questão crucial: a organização política. Tal debate estava marcado pelo anseio em criar uma organização que superasse a fragmentação e potencializasse a intervenção anarquista nas

¹²² ALDRIGUI, Clara. Anexo: Mitrión y su tiempo: El apoyo de Estados Unidos al proceso autoritário. In: *El Caso Mitrión: La intervención de Estados Unidos em Uruguay (1965-1973) Tomo I*. Montevideo, Trilce, 2007, p. 382.

¹²³ ALDRIGUI, Clara. *Op. cit.* p. 382.

¹²⁴ PADRÓS, Enrique Serra. *Op. cit.* pp. 128 e 131.

lutas sociais. Fruto desse processo surgiu em 1952, o Comitê pró-Federação Libertária Uruguaia (FLU), atraindo parte da militância anarquista, especialmente a Agrupação Libertária *Cerro-La Teja* – organizada a partir do *Ateneo* – e a JJLL, seus “pilares” fundamentais. Também desempenhou um papel destacado o coletivo do jornal *Voluntad*, que passou a ser importante tribuna em defesa da constituição de uma organização libertária no país; colaboradores do mesmo realizaram diversas plenárias relacionadas com a construção da organização.

Os temas debatidos no Comitê Pró-FLU eram diversos: a realidade do interior do país, a questão agrária, o movimento operário e sindical, a conjuntura nacional e internacional, questões doutrinárias e organizacionais (com ênfase nas formulações de Bakunin e Malatesta) etc. Também eram recorrentes os debates sobre a experiência da Revolução e Guerra Civil espanhola.

O desenvolvimento das atividades do Comitê Pró-FLU culminou na organização do *Pleno Nacional Anarquista*, realizado em duas etapas: a primeira em 14 de abril de 1956 e a segunda em 5 de maio do mesmo ano. Nessas instâncias, o Plenário indicou a realização de um Congresso Constituinte da futura organização para o mês de outubro. Entre os acordos consensuados estava a organização dos militantes em agrupações. Em um documento de balanço do Plenário, o Comitê avaliava:

La Agrupación Libertaria “La Teja-Paso del Molino”, la Agrupación Libertaria del Sur, la Agrupación Libertaria de la Unión, la Agrupación Anarquista Iberia y, ahora últimamente, la Agrupación Libertaria del Cerrito, han significado un aporte invaluable para el movimiento.

Queremos significar aquí la importancia, a los efectos de posibilitar una intensa acción militante, que tiene la organización de base que nuclea a simple afinidad, y la coordinación luego a través de un organismo federativamente constituido. Es deber militante de cada compañero ingresar a las agrupaciones constituidas a proponer a la formación de otras. Inmensas posibilidades se le abren a nuestro movimiento.¹²⁵

Em um ato público realizado no *Centro de Protección de Choferes*, a militância fez uma exposição dos acordos estabelecidos ao longo do Plenário. Na ocasião, manifestaram-se Rubens Barcos, Roberto Gilardoni, Welligton Gallarza, Pedro Scaron e Jacobo Prince, os quais discutiram sobre a conjuntura nacional e internacional, a situação do movimento operário e o papel das novas gerações na forja da nascente organização. Em sua intervenção, Barcos destacava que:

Sin desmerecer los esfuerzos de las generaciones anteriores el Pleno y la proyectada creación de la Federación Libertaria del Uruguay inician una nueva etapa en la historia social del país, por la madurez objetiva de sus planteos realizadores, por la

¹²⁵ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 211.

clarificación de sus posiciones frente a los problemas de nuestro tiempo, y por la coordinación orgánicamente estructurada de todos los esfuerzos, hasta ahora dispersos, de los militantes anarquistas del Uruguay.¹²⁶

Também constava das deliberações a formação de uma Comissão Sindical e de Grupos Sindicais de orientação libertária no interior dos sindicatos e locais de trabalho onde houvesse militantes anarquistas. Esses Grupos Sindicais deveriam estar vinculados ao Comitê Pró-FLU de forma federativa, a partir da representação de delegados designados para tais tarefas.

Como objetivos essenciais das agrupações sindicais, destacavam-se a luta pela redução da jornada de trabalho para seis horas (sem a redução de salários); da jornada em trabalhos insalubres para cinco horas ou até sua extinção; a equiparação salarial entre homens e mulheres; férias anuais obrigatórias com no mínimo vinte dias.¹²⁷ Também era recomendado polemizar com outras correntes socialistas e atrair simpatias para a possibilidade da coletivização e controle operário das indústrias, de forma a “*liberarlas de la explotación capitalista y de la perniciosa hegemonía estatal y ponerlas al servicio de la colectividad, creando una Comisión Nacional Pro Coletivización*”¹²⁸, bem como defender um movimento operário livre de todo tipo de hegemonia política.¹²⁹ Entretanto, descontentamentos com os rumos da Plenária fizeram com que alguns militantes do jornal *Voluntad* rompessem com a futura organização¹³⁰, o que gerou uma situação inédita, a existência de dois jornais intitulados *Voluntad*, um em torno do grupo majoritário, que fundou a FAU – tornando-o seu veículo oficial de comunicação –, e outro avesso a constituição de uma organização anarquista.

Ambos os grupos reivindicavam-se herdeiros da publicação original. O impasse só foi resolvido após a fundação da FAU, quando a organização deu por esgotadas as tentativas de convencer o outro grupo a respeitar as deliberações do Plenário e deixar de utilizar o mesmo nome na publicação. Em maio de 1957, após consultar colaboradores, assinantes e leitores do jornal¹³¹, começou a ser publicado o *Lucha Libertaria*, enquanto a outra vertente continuava utilizando o nome *Voluntad* na sua publicação (até outubro de 1965).¹³²

Por fim, entre os dias 27 e 28 de outubro, realizava-se o Congresso Constituinte, marcando o nascimento da FAU. A mudança de nome de Federação Libertária para Federação

¹²⁶ VOLUNTAD. CON UN GRAN ACTO CLAUSUROSE LA TRASCENDENTAL CONSULTA LIBERTARIA. Montevideú, mai. 1956, p. 1.

¹²⁷ Idem. TRASCENDENTALES ACUERDOS ADOPTO EL PLENO NACIONAL ANARQUISTA: *Actuación Libertaria en el Movimiento Obrero del País*. Montevideú, mai. 1956.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.* p. 196.

¹³¹ VOLUNTAD. “VOLUNTAD” CAMBIA DE NOMBRE *Resolución de FAU*. Montevideú, jan. 1957, p. 3.

¹³² REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.* p. 196.

Anarquista se deu diante da constatação de que naquele contexto outros grupos e indivíduos, não necessariamente vinculados ao anarquismo, também se identificavam como libertários.¹³³ Portanto, a alteração no nome buscava reforçar a vertente socialista à qual a recém-fundada organização se filiava.

O Congresso tornou público sua Declaração de Princípios e a Carta Orgânica, documentos que representavam:

[...] los acuerdos básicos acerca de una orientación de carácter general para ese conjunto que acababa de organizarse; y la forma jurídica de su funcionamiento, los derechos y deberes de los militantes a través de la Carta Orgánica; y un conjunto de materiales elaborados, que ahí ya se hacen colectivamente, que indican formas de acción en el seno del movimiento obrero, estudiantil, cooperativo [...]. Y después para el trabajo barrial y posiciones acerca de América Latina. En esos documentos están las pautas que se van estableciendo para el trabajo de ese conjunto de militancia.¹³⁴

A Declaração de Princípios partia de uma definição de corte ideológico, doutrinário, onde se apontavam objetivos de caráter “finalista” como socialização dos meios de produção e distribuição, vigência integral da liberdade, a criação da nova sociedade e a eliminação das fronteiras nacionais. Não obstante, o documento também indicava tarefas imediatas para o local onde os anarquistas se inseriam, apontando para “[...] *iniciativas populares tendientes a resistir y restringir la explotación capitalista y opresiva y división de los pueblos por los Estados.*”¹³⁵

Por sua vez, a Carta Orgânica defendia os Congressos como a instância máxima de decisão e com a maior representação das agrupações, intermediado, por sua vez, por um Conselho Federal onde cada agrupação estaria representada por dois militantes, além da presença de secretários responsáveis por tarefas administrativas como finanças e propaganda. Essas instâncias seriam as responsáveis pela síntese, encaminhamento e mediação das discussões levadas a cabo nas agrupações.

1.6 Os primeiros anos da FAU e seus desencontros

A fundação da FAU em 1956, no meio do crescimento da crise da “Suíça da América”, demarcou uma intensa atividade pública da organização. Essa etapa de desenvolvimento e consolidação se conclui no final de 1967, quando a FAU foi proibida e

¹³³ RUGAI, Ricardo Ramos. *Op. cit.* p. 129.

¹³⁴ REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.* p. 199.

¹³⁵ VOLUNTAD. *Declaración de Principios de la Federación Anarquista Uruguaya*. Montevideu, nov. 1956, p. 6.

posta na clandestinidade quando Pacheco Areco assumiu a Presidência da República. A etapa pública e “legal” da organização teve dois momentos característicos: o primeiro, desde a fundação até o início de 1964 (quando sofreu uma divisão dos seus quadros); o segundo, desde essa divisão até o início da sua clandestinidade (finais de 1967).

Durante a primeira fase, a organização se concentrou em atividades sindicais, promovendo iniciativas a partir do *Ateneo Cerro-La Teja* para a constituição, em um horizonte futuro, de uma central única, mas sem descuidar dos movimentos estudantis e comunitário. Também foram frequentes os atos públicos para tratar de questões conjunturais ou comemorativos (caso do 1º de maio ou do 19 de julho¹³⁶). A publicação e difusão de *Lucha Libertaria* foi outra questão estratégica da organização. O mesmo jornal saiu mensalmente entre maio de 1957 e julho de 1961, caindo para três edições em 1962 e uma só em 1965¹³⁷. A organização contava ainda com um programa semanal de rádio, *Habla Lucha Libertaria*, na rádio América CX 46.¹³⁸

Além dessas atividades, tomou contornos importantes no interior da FAU a luta que confrontou duas concepções díspares a respeito de um projeto político anarquista. O desaparecimento de *Lucha Libertaria* guarda muita relação com essa crise interna. O jornal, assim como seu antecessor *Voluntad*, acompanhava rigorosamente os fatos da conjuntura uruguaia e mundial, a partir de uma perspectiva de classe e internacionalista. Em *Voluntad*, um tema central havia sido o processo revolucionário espanhol e a posterior resistência antifranquista, bem como a luta antifascista na Europa. Já *Lucha Libertaria* destacou o processo cubano com informes sobre a luta contra a ditadura Batista até análises posteriores ao triunfo da Revolução. Outras matérias davam conta das lutas populares e libertárias ao redor do mundo. Tais informes marcavam as páginas de quase todas as suas edições, inclusive vislumbrando uma presença, ainda que pequena, do anarquismo em meio aos movimentos populares nesses países, o que é pouco conhecido e abordado pela historiografia quando se trata dessa época.¹³⁹

¹³⁶ Data referente ao levante operário e camponês que frustra a tentativa de golpe fascista, encabeçada pelo general Francisco Franco, em parte expressiva do Estado Espanhol, iniciando, em contrapartida, um processo revolucionário cujo protagonismo anarquista foi uma de suas principais marcas.

¹³⁷ REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.* p. 204.

¹³⁸ *LUCHA LIBERTARIA*. “*Lucha Libertaria*” *Radial*. Montevideú, jan. 1960, p. 12.

¹³⁹ Entre os muitos informes de lutas em outros países, chama a atenção um informe na edição de Outubro de 1960 a respeito de uma grande mobilização na cidade de Gênova contra um congresso do neo-fascista Movimento Social Italiano (MSI). Contra a demonstração fascista, Gênova terminou imersa em uma greve geral com violentas manifestações, onde operários e estudantes lutaram juntos contra a repressão policial e os fascistas. As mobilizações contaram com destacada presença de militantes anarquistas inseridos no movimento operário e estudantil. MARZOCHI, Humberto. Los Sucesos de Genova: Una eclosión Revolucionaria en Nombre del Antifascismo. In: *LUCHA LIBERTARIA*. Montevideú, out. 1960, p. 5.

Mas, apesar de realizar um amplo trabalho de propaganda, capaz de manter um jornal mensal que desse conta de análises nacionais e internacionais, além de inúmeras atividades sociais, a organização enfrentou fissuras, resultado de uma frágil unidade perante a persistência de distintas perspectivas constitutivas.

La FAU desde su constitución, de hecho, estuvo integrada por distintos matices anarquistas: comunitarista, estética, partidarios de una estructura organizativa laxa, partidarios de una estructura organizativa ágil y operativa, clasistas y no clasistas. Un conjunto fundamental de ideas y aspiraciones unió este espectro en un primer momento: ideas de autogestión, de participación directa de la gente en sus problemas fundamentales, el antiburocratismo y autoritarismo, determinado encare sobre la problemática del poder, la necesidad de procesos que apuntaran a la desestructuración del orden capitalista, la necesaria independencia de los procesos de cada lugar, el antimperialismo. Un fuerte concepto de libertad envolvía a todos los matices. No obstante predominó en su fundación el criterio de una organización anarquista fuertemente organicista, con planes a llevar adelante, con proyectos de mediano y largo plazo, con análisis de conyuntura para un mayor conocimiento del lugar donde debía desarrollarse su accionar.¹⁴⁰

Essa estrutura política, não tão consistente em termos operacionais e mais coesa em termos ideológicos, apresentou contradições ao longo dos anos. As diversas interpretações realizadas no seu interior sobre as mudanças no panorama nacional e internacional, como a intensificação da crise econômica do país, o aprofundamento da repressão ou a Revolução Cubana, acentuaram as divergências na organização, particularmente sobre questões relacionadas ao modelo organizativo, a priorização ou não da inserção no movimento sindical e a questão da luta armada.

Esse conjunto de fatores confrontava uma concepção classista de antagonismo político-social com uma visão mais filosófica e comportamental do anarquismo, polarizando as posições. Por um lado, encontrava-se um setor que abarcava em torno de dois terços da organização, composto, majoritariamente, por militantes oriundos do meio operário e das lutas sindicais em curso, bem como do ativismo comunitário de bairros como *Cerro* e *La-Teja*. Embora em proporção bem menor, também contava com militantes do meio estudantil. O outro pólo era constituído fundamentalmente por militantes estudantis, especialmente da Escola de *Bellas Artes*, e pela *Comunidad del Sur*.¹⁴¹ Luce Fabbri, filha do anarco-comunista organicista italiano¹⁴² Luigi Fabbri (ambos refugiados do fascismo italiano no Uruguai), era a

¹⁴⁰ MECHOSO, Juan C. *Acción Directa Anarquista: Una historia de FAU. Tomo III Los primeros años*. Montevideo, Recortes, 2006, p. 261.

¹⁴¹ Não iremos nos deter na análise desse setor que se desliga da FAU. Para tanto, recomendamos: RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, UNESP, 2001.

¹⁴² O anarco-comunismo surge enquanto uma divergência à concepção coletivista defendida por Bakunin. Na concepção coletivista de Bakunin, a distribuição da “riqueza social” deveria ser balizada pelo trabalho dos

principal referência desse grupo. A concepção de um anarquismo mais filosófico e comportamental ia de encontro com uma orientação de “*organizar comunidades e viver comunitariamente*”¹⁴³, entendendo que “[...] *a comuna é a célula básica da sociedade socialista e o instrumento fundamental para a mudança social*”.¹⁴⁴ Segundo Margareth Rago, tais concepções eram ligadas a uma “*formação malatestiana*”, que se encontrava em descompasso com as orientações defendidas pelo grupo majoritário que pretendia “[...] *ganhar as massas, o que implica penetrar nos sindicatos, nas escolas e universidades, difundindo os ideais libertários e conquistando militantes em seus próprios espaços de trabalho.*”¹⁴⁵

O “comunitarismo” advogado por Luce estaria em desacordo com um acúmulo de forças resultante da luta de classes e do antagonismo violento contra a sociedade burguesa (como ocorreu nos casos históricos da Comuna de Paris e das coletivizações na Espanha revolucionária). A concepção em questão - o “comunitarismo” - correspondia à decisão de um grupo de libertários de criar uma espécie de “comunidade alternativa” com novas formas de sociabilidade libertária na perspectiva dessa experiência propagar-se a partir do exemplo.

Na contramão dessa proposta, encontramos, nas obras de Malatesta e Luigi Fabbri, a defesa explícita da concepção de “ganhar as massas” estando dentro de seus espaços de sociabilidade (trabalho, estudo, moradia, lazer etc.) com a perspectiva de organizá-las. Convictos da necessidade de um trabalho regular e persuasivo entre os trabalhadores, dinamizado pela sua organização específica, o “partido anarquista”¹⁴⁶, Malatesta¹⁴⁷ e Luigi

indivíduos na nova sociedade, de forma a impedir o surgimento de novas classes gestoras que simplesmente desfrutassem da produção coletiva. Já para o anarco-comunismo, essa distribuição deveria fazer valer o princípio “*de cada um de acordo com suas possibilidades, à cada um de acordo com suas necessidades*”. Defendia-se, portanto, a distribuição de acordo, sobretudo, com as necessidades coletivas. Táticas distintas que compreendiam uma mesma finalidade: neutralizar o ressurgimento de classes em uma possível sociedade socialista e libertária. Por sua vez, no âmbito do anarco-comunismo, pode-se encontrar duas “tendências”. Por um lado, a “educacionista” e “evolucionista”, cujos principais expoentes foram os geógrafos russo e francês Piotr Kropotkin e Elisé Reclus. Ambos geógrafos, apesar de defenderem com ênfase uma visão classista e, portanto, a necessidade da inserção dos anarquistas nas lutas de massa, sobredimensionavam a necessidade da propaganda e educação como tarefa a ser empregada. Acreditava-se, assim, que o anarquismo seria fruto de uma evolução humana, onde essa propaganda e educação cumpririam uma tarefa vital de acelerar o processo de libertação humana. Por outro lado, o anarco-comunismo organicista de Errico Malatesta e Luigi Fabbri discordava dessa concepção evolucionista, apresentando o anarquismo e o socialismo como possibilidades históricas que dependem da vontade e convicção dos Homens em lutar por seu triunfo. Para tanto, defendiam como tarefa central aos anarquistas a inserção nas lutas de massas dinamizadas pela organização específica dos mesmos, o “partido anarquista”. LUTA LIBERTÁRIA (org.) *Errico Malatesta & Luigi Fabbri. Anarco Comunismo italiano*. São Paulo: Luta Libertária, s/d.

¹⁴³ RAGO, Margareth. *Op. cit.* p. 243.

¹⁴⁴ *Idem.*

¹⁴⁵ *Idem.*

¹⁴⁶ “Entendemos por partido anarquista o conjunto daqueles que querem contribuir para realizar a anarquia, e que, por consequência, precisam fixar um objetivo a alcançar e um caminho a percorrer. Deixamos de bom grado às suas elocubrações transcendentes os amadores da verdade absoluta e do progresso contínuo, que, jamais

Fabrizi não tomaram a iniciativa de promover tais comunidades, tampouco se demonstraram entusiastas de tais medidas. Em uma carta direcionada a seu companheiro Vito Panzacchi, Malatesta criticava veementemente a iniciativa de seu conterrâneo, o agrônomo Giovanni Rossi, de partir com um grupo de companheiros ao Brasil imbuídos da ideia de constituir aí uma colônia libertária - que surgiu, em 1890, no altiplano do Paraná: a Colônia Cecília. Segundo Malatesta:

Quanto à empresa de Rossi eu a deploro, porque oferece aos oprimidos a vã esperança de se emanciparem sem a necessidade de revolução. Se Rossi quer fazer sua experiência, que a faça, mas deixe em paz os revolucionários, recolha os trabalhadores mais pobres, embrutecidos, e faça a nobre tentativa de elevá-los à dignidade. Vá, portanto, Rossi ao Brasil repetir tardiamente, quando o problema tornou-se gigante e reclama soluções urgentes, a experiência de diletantes com as quais precursores do socialismo encheram a primeira metade do século. Os revolucionários continuem em seu posto de luta.¹⁴⁸

Já no que diz respeito ao ato de “ganhar as massas”, Malatesta ressaltava:

Devemos converter ao nosso ideal a grande massa dos trabalhadores, porque, sem ela, não podemos derrubar a sociedade existente nem construir uma nova. E, para que a grande massa de proletários liberte-se do estado de submissão no qual ela vegeta, e alcance a concepção anarquista e o desejo de realizá-la, é necessário uma evolução que não se opere unicamente sob a influência da propaganda; visto que as lições que derivam dos fatos da vida cotidiana são muito mais eficazes do que todos os discursos doutrinários. Nós devemos absolutamente tomar uma parte ativa na vida das massas e empregar todos os meios que as circunstâncias nos permitem para despertar gradualmente o espírito de revolta, e mostrar à massa, com a ajuda desses fatos, o caminho que conduz à emancipação. É evidente que um dos melhores meios é o movimento sindical, e seria um grande erro negligenciá-lo.¹⁴⁹

Para o setor majoritário da organização, a conjuntura uruguaia apontava para um aprofundamento da crise econômica e do endurecimento da repressão do Estado. Nesse sentido, a expectativa era de uma luta a longo prazo para a qual a organização deveria preparar-se, para sobreviver a futuras situações adversas de perseguição e clandestinidade.

Essa perspectiva contrastava com a do setor que acabou se desligando da organização. Para esse, o importante era garantir uma estrutura que não exigisse um comprometimento

colocando suas idéias à prova, acabam por nada fazer ou descobrir.” MALATESTA, Errico. Organização II. In: COLETIVO LUTA LIBERTÁRIA (org.). *Op. cit.* p. 59.

¹⁴⁷ Para uma maior compreensão da trajetória política de Malatesta, assim como de sua concepção de anarquismo, ver: CAPPELLETTI, Angel J. *El Pensamiento de Malatesta. Idealismo Etico y Socialismo Libertario*. Ediciones Recortes. Montevideo. 1990.

¹⁴⁸ MALATESTA, Errico. *Apud.* SALLES, Isa. *Um Cadáver ao Sol. A história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2005. p. 31.

¹⁴⁹ MALATESTA, Errico. Anarquismo e Sindicalismo. In: COLETIVO LUTA LIBERTÁRIA (Org.) *Op. cit.* p. 70.

comum da militância para com as resoluções acordadas pela maioria nas instâncias deliberativas, permitindo, assim, que cada agrupação e militante se orientasse de acordo com o que julgava de maior importância. Da mesma forma, propunha a realização mais sistemática de plenárias e encontros gerais da militância como forma de debater e referendar posições em oposição ao conselho.¹⁵⁰

A priorização do trabalho no movimento sindical, mais especificamente no meio operário, também suscitou profundas discordâncias com militantes da *Comunidad del Sur* e *Bellas Artes*, que discordavam do protagonismo fundamental da classe trabalhadora no processo revolucionário e da construção de uma central operária. Apesar disso, dentro desse campo, houve quem aderisse à defesa de uma central operária, caso de Alfredo Errandonéa.¹⁵¹ A prioridade dada à militância sindical decorria de uma análise que identificava a existência, no Uruguai, de um alto índice de sindicalização e uma ampla gama de assalariados que vinham perdendo seus direitos em um contexto de conflitos sociais em curso, muitos com alto nível de combatividade, além de uma rica história de luta e organização dos trabalhadores da qual o anarquismo era parte destacada.

Por fim, a polêmica em torno da Revolução Cubana foi a que mais exaltou os ânimos no interior da organização. Para a militância que permaneceu na FAU, a opção foi de manifestar um “apoio crítico” à Revolução Cubana.¹⁵² Apesar de não estar de acordo com o modelo de organização interna de Cuba, entendia-se ser necessária a defesa da autodeterminação de um povo em luta contra o imperialismo. Identificava-se na Revolução Cubana um fator positivo para a radicalização das lutas sociais no continente, uma vez que esse episódio, independente das orientações dos partidos comunistas ligados a Moscou, mostrava a possibilidade de vitória a partir de uma política que valorizasse a luta armada. Nesse sentido, o apoio da FAU à Revolução Cubana consistia muito mais na reivindicação da estratégia de ruptura revolucionária que resultara na mesma do que ao próprio processo político que começava a se desenvolver naquele país.

¹⁵⁰ MECHOSO, Juan C. *Tomo III*, p. 271.

¹⁵¹ Alfredo Errandonéa participou junto de José Jorge Tito Martínez das primeiras instâncias convocadas pela *Federación Autónoma de la Carne* para discutir a unidade do movimento sindical, enquanto representante da Secretaria de Relações Sindicais da FEUU. CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindico; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *Op. Cit.* p. 69, 70. Alfredo Errandonéa foi uma das principais lideranças da FEUU ao longo das lutas pela lei orgânica e o co-governo. Posteriormente, ganhou grande notoriedade enquanto sociólogo, tendo sido docente na *Universidad de la República de Uruguay*. Sua obra de maior destaque foi *Sociología de la Dominación*. Não confundí-lo com Jorge Errandonéa, seu irmão, o qual sim era avesso a uma maior aproximação do movimento operário. Martínez foi um dos principais quadros que estiveram na defesa da Revolução Cubana na FAU. Posteriormente, integrou-se ao Partido Comunista. Redigiu uma autobiografia intitulada *Cronicas de una Derrota* onde relata sua experiência na esquerda uruguaia.

¹⁵² MECHOSO, Juan C. *Acción Directa Anarquista: Una Historia de FAU*, Montevideo, Editorial Recortes, pp. 61-66.

Já para o setor dissidente, o apoio à Revolução Cubana era inadmissível, por identificar nesse processo uma reprodução do “socialismo real” de matriz soviética. Ao opor-se à solidariedade à Revolução Cubana, esse setor passou a classificar a FAU como uma organização que sucumbira ao “castrismo”. Seja como for, apesar das ponderações em torno da experiência cubana, a associação da FAU com o castrismo foi uma constante.

Quando se qualificou a FAU de castrista ou fidelista na verdade se associou o próprio processo da revolução à figura pessoal de Fidel Castro ou ao comunismo. Um procedimento extremamente simplista, que levou a total indistinção entre Fidel Castro – comunismo – Revolução Cubana. Neste raciocínio conclui-se que ou se apóia tudo ou não se apóia nada. Uma visão bastante maniqueísta no nosso entender.¹⁵³

O acúmulo dos desgastes em função de tais polêmicas e a necessidade de ambos os setores de aprofundarem sua respectiva orientação levou à ruptura no início de 1964. O grupo que se desligou da organização fundou a *Alianza Libertaria Uruguaya* (ALU), agrupação de efêmera existência e pouca incidência social.¹⁵⁴

Ao longo desse processo de luta interna, cabe destacar que a Agrupação de Belas Artes, um dos principais coletivos influentes na cisão, era caracterizada por sua escassa organicidade interna, fruto de discussões autocentradas no ambiente da própria Escola. As duras polêmicas que marcaram o interior da FAU não chegaram a ser discutidas com profundidade na Agrupação. Pouco após a cisão, realizaram um acampamento onde as questões que envolveram a divisão foram devidamente discutidas, ocasionando que alguns militantes retornassem à FAU, entre os quais Zelmar Dutra (delegado da Agrupação no Conselho Federal da FAU), Roger Julien e Victoria Julien (posteriormente desaparecidos na Argentina) e a *Canaria Maria*.¹⁵⁵ Da mesma forma, também retornaram alguns militantes da *Comunidad del Sur*, caso de Vasco Larrasq¹⁵⁶, que viria a ser um dos maiores responsáveis pelo serviço de inteligência do aparato armado da organização, principalmente por sua habilidade em falsificar documentos.

1.7 Um longo e paciente caminho rumo à unidade sindical

A defesa de uma central única de trabalhadores não era uma novidade para os anarquistas que militavam no movimento sindical uruguaio, como vimos quando tratamos da

¹⁵³ RUGAI, Ricardo Ramos. *Op. cit.*

¹⁵⁴ REY TRISTAN, Eduardo. *Op. cit.* p. 218.

¹⁵⁵ DUTRA, Zelmar. Entrevista nº 1.

¹⁵⁶ MECHOSO, Juan C. *Tomo III*. p. 274.

experiência dos “sindicatos autônomos”. No entanto, ainda que houvesse uma compreensão da importância de tal unidade, pouco havia sido feito no sentido de lográ-la.

O ambiente de “beligerância” entre as distintas correntes sindicais inviabilizava toda sorte de unidade. Tal situação começou a se modificar paulatinamente em meados da década de 1950, no calor das lutas e do acirramento da crise no país. A militância da FAU se envolveu nos trabalhos de constituição da unidade desejada. Esses trabalhos se estenderam por mais de uma década, envolvendo o conjunto das correntes sindicais do país. A “lentidão” do processo ocorreu, sobretudo, em função dos inúmeros traumas resultantes da luta fratricida entre tendências que marcaram o movimento operário até então, casos, por exemplo, das citadas greves dos operários da carne em 1943 e dos grêmios solidários em 1951 e 1952. A cautela no desenvolvimento desse processo era marcada pela paciente construção de um entendimento comum entre as distintas tendências; entendimento necessário para superar os cismas que adiavam a unidade da classe, sem que isso significasse desconhecer a existência das tendências, ideias e programas. Era, sem dúvida, um grande desafio.

Nesse processo, cabe destacar o papel que cumpriram a *Únion Obrera Textil*¹⁵⁷ no ano de 1955 e a *Federación Autónoma de la Carne* em conjunto com o *Ateneo Cerro La-Teja* em 1956. Foram essas agremiações que tomaram as primeiras iniciativas em convocar o conjunto do movimento sindical com o objetivo de debater a unidade em torno de uma central única. A iniciativa da *Federación Autónoma de la Carne* ocorria logo após uma greve que contara com o apoio de uma importante paralisação geral de solidariedade.¹⁵⁸ Além dos sindicatos autônomos, aqueles vinculados à UGT e à CSU também atenderam a convocação dos trabalhadores da carne, resultando na fundação da *Coordinadora Pro Central Única*.¹⁵⁹ Entretanto, essa foi dissolvida logo a seguir, após inúmeras disputas internas. A CSU, sob orientação da CIOSL-ORIT, retirou-se da mesma, justificando discordar da invasão soviética à Hungria.¹⁶⁰ Já a UGT defendia a possibilidade de haver dirigentes sindicais remunerados e aptos a exercer mandatos parlamentares ou executivos, bem como a filiação a uma central

¹⁵⁷ Ao contrário dos frigoríficos, não encontramos no ramo dos têxteis uma importante presença anarquista. No entanto, essa foi uma das principais bases sindicais a construir a *Tendencia Combativa* junto à militância da FAU. Seu principal dirigente era Hector Rodriguez que havia sido expulso do PCU em função de divergências com a linha adotada pelo partido no conflito frigorífico de 1943. Desde então, passa a se vincular ao campo do sindicalismo autônomo, tendo sido expressão pública dos *Grupos de Acción Unificada* (GAU), importante corrente sindical da *Tendencia Combativa*, e, posteriormente, da *Corriente*. Foi colunista de temas relacionados ao movimento sindical no semanário *Marcha* e diretor do jornal *Respuesta* (alinhado à *Corriente*).

¹⁵⁸ CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindo; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *Op. cit.*, p. 69.

¹⁵⁹ GATTI, Gerardo. Raices y Presencia de la CNT. Una Década de Sindicalismo. In: *Lucha Libertaria*. Montevideú, abr. 1965, p. 6, 7.

¹⁶⁰ CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindico; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *Op. Cit.*, p. 71.

sindical internacional, questões que encontravam grande resistência entre os “sindicatos autônomos”.¹⁶¹

Apesar desses entraves ao processo unitário, a necessidade de unidade de classe era cada vez mais sentida e o grito “*Unidad Sindical, una sola central*” ecoava pelas ruas do país em meio a inúmeros conflitos.¹⁶² A realização de atividades conjuntas entre os sindicatos autônomos e a UGT foi consequência direta das mudanças que passam a ocorrer no interior do PCU a partir de 1955. Nesse ano, um grupo de dirigentes liderados por Rodney Arismendi aplicam um “golpe de partido”¹⁶³, expulsando de suas fileiras Eugenio Gomez, então Secretário Geral, e seu filho, Eugenio Gomez Chiribao, Secretário de Organização¹⁶⁴, os quais desde a década de 1940 conduziam o PCU, reforçando uma política de auto-culto das suas respectivas personalidades¹⁶⁵ e de adesão às teses de Earl Browder¹⁶⁶, de grande influência nos PCs da América Latina. O giro político do PCU, em 1955, dinamizou a vida partidária, diminuiu significativamente o culto personalista aos seus dirigentes, promoveu quadros intermediários entre as bases e a direção e, principalmente, levou o partido a uma política *frentista* que reivindicava a unidade sindical e eleitoral da esquerda. Essas transformações levaram o partido a romper um considerável isolamento para se transformar em um influente partido de massas.¹⁶⁷ No plano sindical, essas mudanças levaram a UGT a dissolver a *Federación de la Carne* para que seus trabalhadores se integrassem à *Federación Autónoma*,

¹⁶¹ *Idem.* p. 70.

¹⁶² Analisando criticamente os entraves na construção de uma central única, Gerardo Gatti afirmava que: “[...] El autonomismo tradicionalmente rígido de algunos sectores [...] el sectarismo partidista y el burocratismo maniobrero de otros, la limitación de enfoque de unos, la venalidad y el personalismo de otros; todas esas taras del movimiento sindical parecen ceder ante el empujón poderoso que viene desde las bases y que se expresa en los mítines en el grito de “Unidad sindical – una sola central.” GATTI, Gerardo. *Op. cit.* p. 6.

¹⁶³ LEIBNER, Gerardo. Anatomía de un “golpe de partido”. In: *Camaradas y Compañeros. Una historia social de los comunistas uruguayos. Tomo I. La era Gomez 1941-1955, Tomo II. La era Arismendi 1955- 1973.* Montevideo: Trilce, 2011. pp. 190-212.

¹⁶⁴ Um aspecto nitidamente caricato que marcava os desmandos da família Gómez no controle do PCU era a frequente presença de Gómez Chiribao na vida noturna de Montevideo - cassinos, boates, bares -, com a presença de guarda-costas e motoristas privados que eram subvencionados pelo partido. As badalações eram justificadas como um trabalho de inteligência e defesa do partido. *Idem.* p. 202

¹⁶⁵ Esse culto à personalidade dentro do PCU nos “anos Gómez” chegou a situações como, por exemplo, ao mobilizar todo o partido para comemorar o aniversário de nascimento e de filiação ao partido do seu Secretário Geral. Na ocasião, dirigentes participavam de conferências em homenagem a Eugenio Gómez, destacando seu papel implacável enquanto “amigo”, “guia” e “dirigente” de camponeses, operários, estudantes e intelectuais. *Idem.* p. 128, 129.

¹⁶⁶ Earl Browder (1891-1973) foi Secretário Geral do Partido Comunista dos EUA entre 1934 e 1943, período de maior influência do partido. Foi um principais teóricos da “coexistência pacífica”, apontando como principal desafio dos comunistas “empurrar” seus respectivos governos às burguesias nacionais. Influenciados por sua teoria, os comunistas uruguayos denominar-se-iam nesse período de “força patriótica”. *Idem.* p. 39; 73.

¹⁶⁷ Interessante observar aqui que o “golpe de partido” foi tão meticulosamente arquitetado que sequer houve uma cisão de um setor de militantes vinculados aos Gómez. Da mesma forma, outros acontecimentos como a polêmica sino-soviética e tantas outras que abalaram o movimento comunista internacional pouco impactaram a interna dos comunistas orientais, que, além de manterem sua unidade partidária, constituíram o que provavelmente foi um dos maiores Partidos Comunistas da América Latina.

por reconhecer “[...] que este conglomeraba la mayoría de los trabajadores frigoríficos”.¹⁶⁸ A adesão à *Federación Autónoma de la Carne* foi acompanhada de uma auto-crítica, em que o partido reconhecia os equívocos de sua conduta na greve de 1943. Em linhas gerais, a nova era no PCU, sob a direção de Arismendi, reconhecia que, por aqueles anos, o partido havia estado a reboque da burguesia.

Em 1961, os comunistas dissolveram sua central, participando, a seguir, da fundação da *Central de Trabajadores Uruguayos* (CTU), de espectro sindical mais amplo, já que incluía o *Congreso Obrero Textil* (COT), vinculado aos sindicatos autônomos, os trabalhadores dos municípios, de saúde pública (então vinculados à CSU), o sindicato dos comerciários (liderados por Pepe d’Elia), entre outros. Por sua vez, o giro político do PCU não deixou de reivindicar a aliança com a suposta “burguesia nacional-progressista”, o papel do partido enquanto vanguarda das lutas sociais e a priorização das disputas eleitorais.

A “aproximação” entre a militância comunista e o sindicalismo autônomo não era vista como medida suficiente para a FAU. Seu objetivo era aumentar a irradiação das premissas do sindicalismo autônomo, o qual, na opinião de Leon Duarte, era, nesse momento,

[...] caracterizado por su combatividad, por su solidaridad y también por la total desorganización que siempre ha imperado en sus filas, lo cual lo ha colocado en evidente situación de desventaja frente a otras tendencias [...].¹⁶⁹

Com a perspectiva de fortalecer a organicidade do sindicalismo autônomo, a *Unión de Obreros y Empleados de FUNSA* convoca, em 1958, um plenário dos sindicatos alinhados com essa visão. Em entrevista à *Lucha Libertaria*, Duarte analisa a busca de maior coesão entre o sindicalismo autônomo para a construção da central única:

[...] nuestra posición ha sido en todo momento aclarada, que este hecho de tratar de unificar el movimiento autónomo no significa de ninguna manera una oposición a centrales constituidas sino que por el contrario quiere significar un grito de avanzada en la real unidad de todos los trabajadores por encima de partidos, de orientaciones y tácticas de lucha.¹⁷⁰

A iniciativa dessas direções sindicais, forjadas nas lutas dos *sindicatos autonomos* e das greves dos *gremios solidarios*, ocorria em um cenário de crescente repressão estatal e de aplicação dos mecanismos restritivos das MPS. Das muitas lutas do período em que a FAU participou, destacou-se a ocupação de FUNSA. Defendendo o direito de organização sindical, o aumento salarial e posicionando-se contra o *lock-out* patronal, os operários de FUNSA

¹⁶⁸ RODRIGUEZ, Enrique. *Uruguay: Raíces de la madurez del movimiento obrero*. [sem dados.] p. 84.

¹⁶⁹ LUCHA LIBERTARIA. *Reportaje Sindical. Hoy: Leon Duarte. Ni prebendas ni privilegios; trabajo quieren los obreros de FUNSA*. Montevideú, ago. 1958, s/p.

¹⁷⁰ *Idem*.

dirigiram a fábrica ao longo de 15 dias¹⁷¹, contando com expressiva solidariedade de outros setores, em especial da FEUU. Aliás, no mesmo contexto, os estudantes universitários também ocupavam a universidade reivindicando a nova lei orgânica.¹⁷² Longe de haver sido uma radicalização isolada, a ocupação de FUNSA mediante controle operário da produção se afirmava enquanto uma medida transcendente no panorama político e sindical do país, evidenciando também as divergências de método entre as correntes sindicais.

La puesta en marcha de una fábrica grande – en realidad un complejo de fábricas donde se hacían desde zapatos hasta cubiertas, y desde guantes de goma hasta baterías -, con más de dos mil doscientos obreros, es un hecho importante en cualquier parte: implicaba, para empezar, enfrentar a una patronal reaccionaria con grandes apoyos en el gobierno. Significaba, además, desarrollar, con el apoyo de miles de trabajadores, una concepción opuesta a la defendida por el Partido Comunista, la fuerza más cohesionada del sindicalismo en ese período, que no apoyó la medida.¹⁷³

A ocupação de FUNSA possibilitou uma rotunda vitória aos trabalhadores, levando a patronal a ceder diante do conjunto da pauta. A FAU procurou acumular politicamente, reafirmando uma estratégia de ação direta:

[...] Un triunfo y una lección para el resto de la clase obrera [...] Cuando la organización sindical sabe poner en juego todas sus posibilidades, cuando los trabajadores tienen confianza en sus propias fuerzas y entereza para encarar la lucha, no precisan para nada del padrino político, del paternalismo parlamentario, ni hacer de espectadores pasivos para lucimiento de los padres de la patria, llenando las barras parlamentarias. Fue un triunfo limpio y categórico de los trabajadores. Del sindicalismo auténtico que sabe lo que quiere y no necesita de andaderas interesadas y pescadoras de votos. Un triunfo de la acción directa y la capacidad de lucha de los trabajadores. Un triunfo que hará historia. Que hará escuela. Que puede, que debe marcar, junto con el movimiento obrero-estudiantil recientemente vivido, el punto de partida de una franca recuperación sindical, que permita a la clase trabajadora pasar, de una actitud defensiva a otra francamente ofensiva contra los desbordes de la explotación estatal-capitalista. Así lo deseamos y para ello trabajaremos con todas las posibilidades de nuestras fuerzas.¹⁷⁴

O triunfo em FUNSA transformou a própria organização do sindicato. Isso porque, dentre as muitas pautas conquistadas, estava o direito de sindicalização do conjunto dos trabalhadores da empresa, incluindo aí supervisores e guardas. Após o conflito, o sindicato promoveu uma “anistia” aos fura-greves, incorporando-os em suas fileiras. Tais medidas não foram de consenso na base sindical; muitos trabalhadores tinham forte resistência à presença dos seus “capatazes” dentro da organização sindical. Contudo, a proposta foi cuidadosamente trabalhada e defendida no interior do sindicato, dentre outros, por Leon Duarte, que

¹⁷¹ PÉREZ, Washington. *Apud*: MECHOSO, Juan C. *Tomo III*. p. 64.

¹⁷² *Idem*.

¹⁷³ CORES, Hugo. *Memorias de la resistencia*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2002, p. 57.

¹⁷⁴ FAU. Categórico y ejemplar triunfo. In: MECHOSO, Juan Carlos. *Op. Cit.*, p. 65, 66.

argumentava em favor de “[...] lograr la unidad interna de todos los trabajadores”. Com as mudanças na composição sindical, o sindicato passava a se chamar *Unión de Obreros, Empleados y Supervisores de FUNSA*¹⁷⁵ e se constituiu, definitivamente, como grande referente para o movimento sindical. Com o tempo, passou a ser comum o envolvimento de antigos fura-greves e supervisores em atividades sindicais; muitos, inclusive, tornaram-se dirigentes e não titubearam em ajudar seus companheiros condenados à clandestinidade em função das reiteradas MPS, escondendo-os inclusive em suas respectivas casas.

O ano de 1958, portanto, entrou para a história da esquerda oriental como um “antes e depois”, um significativo salto de qualidade na unidade entre trabalhadores e estudantes, expressa na consigna que ecoava nas diversas mobilizações “*Obreros y Estudiantes, Unidos y Adelante!*”; as inúmeras mobilizações a favor do seguro desemprego, as greves na *Administración Nacional de Usinas y Transmisiones Eléctricas* (UTE) e dos trabalhadores do gás ou a luta dos estudantes pela lei orgânica corroboram tal afirmação. Da mesma forma, causaram impacto as experiências de radicalização da luta, como no caso dos trabalhadores de FUNSA que, além de ocupar a planta “[...] apedrean la Casa de Gobierno y peleando con la guardia militar penetran casi hasta el despacho presidencial”.¹⁷⁶

A década de 1960, por sua vez, começaria com muita intensidade e tensão social: novas greves dos trabalhadores frigoríficos; as *Marchas Cañeras* sobre Montevideú; manifestações de rua em solidariedade à Revolução Cubana e contra o rompimento de relações diplomáticas promovido pelo governo uruguaio¹⁷⁷; conflitos na UTE etc. Esses fatores marcaram o início dos anos 60, mais especificamente o período 1961-1964, como um evidente prelúdio do cenário radicalizado da segunda metade dos anos 60.

¹⁷⁵ Sobre as referidas mudanças orgânicas no sindicato de FUNSA, ver a entrevista de Alberto Márquez, ex-dirigente sindical de FUNSA, e Hortencia Pereira, trabalhadora da fábrica e viúva de Leon Duarte, em: PORRINI, Rodolfo; MARIELA, Salaberry. *LEON DUARTE: Conversaciones con Alberto Márquez y Hortencia Pereira*. Montevideú: Editorial Compañero, 1993.

¹⁷⁶ MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 111.

¹⁷⁷ Em 1964, em meio a diversos rumores de um possível golpe de Estado, o governo rompeu as relações com Cuba, não sem uma grande resistência, como indica o documento “La historieta” da FAU. “En 1964, luego del fracaso de la invasión organizada contra Cuba desde la Bahía de los Cochinos, siguiendo directivas de los Estados Unidos, la Organización de Estados Americanos (OEA) impone a sus miembros la ruptura con la isla revolucionaria. El gobierno uruguayo se apresta a obedecer. Se suceden las manifestaciones, los choques callejeros con la represión y otras diversas formas de protesta. Estudiantes y trabajadores se atrincheran en la Universidad. Se amenaza con entrar a sangre y fuego para desalojarla. El edificio está cercado y bloqueado por la policía y ejército en varias cuadras a la redonda. [...] Ambulancias del Sindicato Médico y de la Cruz Roja son prolijamente revisadas para impedir se introduzcan alimentos; se anuncia que el agua será cortada. Desde las azoteas del edificio universitario los ocupantes ven corridas y cargas de caballo, se oye el retumbar de las granadas de gases. Obreros y fuerzas de represión se chocan en la plaza de los Treinta y Tres, después de haberse enfrentado en [na esquina de] Andes y 18. Mamelucos de los obreros, túnicas de las obreras, contra los uniformes de la Metro y el Ejército. Habían parado la fábrica y trepado a los camiones para volcarse a la Universidad ocupada; son los trabajadores de FUNSA. Personales de varias empresas textiles hacen lo mismo; son frenados antes de poder llegar al centro.” FAU, La Historieta. In: MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 246.

No bojo do aprofundamento da crise, os trabalhadores frigoríficos protagonizaram nova série de greves contra o fechamento das unidades produtivas; só a de 1961 se prolongou por 156 dias e contou com a solidariedade de trabalhadores do mesmo ramo de produção de Rio Grande, que se recusaram a receber gado uruguaio.¹⁷⁸ Mas a grande novidade desse contexto foi a irrupção das já citadas *Marchas Cañeras*, assim como de diversas greves e ocupações promovidas pelos trabalhadores rurais, “escancarando” uma realidade até então “desconhecida” no centro político e demográfico do país. Confluindo em Montevideú, milhares de trabalhadores do campo, cortadores de cana e trabalhadores dos arrozais e cultivo de beterraba “[...] desfilaron su miséria por el centro de la ciudad.”¹⁷⁹ A luta dos trabalhadores do campo ganhou notória projeção nacional pelo alto nível de radicalização que manifestaram, resultando, por vezes, em conflitos que alinhavam forças policiais e jagunços armados pelos estancieiros contra os denominados *peludos*. Em meio a estas lutas, projetou-se a *Unión de Trajadores Azucareros de Artigas* (UTAA), sindicato onde o advogado de origem socialista Raul Sendic desenvolvia notória tarefa organizativa.

A segunda Marcha, realizada em 1964, cuja consigna levantada era “*Por la Tierra y con Sendic*”, foi a mais notória. Mesmo clandestino desde o ano anterior, quando foi associado ao assalto ao *Tiro Suizo*¹⁸⁰, Sendic continuava vinculado aos trabalhadores rurais do norte do país, especialmente àqueles organizados na UTAA. Para essa marcha, a FAU desencadeou intensa atividade solidária, delegando um grupo de militantes para acompanhá-la desde sua partida, na cidade de *Bella Unión*. Em Montevideú, em contrapartida à resistência do PCU, a FAU deu todo apoio possível e apresentou sua própria consigna: “*Tierra y Libertad, expropiar ahora.*”¹⁸¹

La propaganda de apoyo a la Marcha Cañera es sostenida ya que hay un ambiente de sabotaje y campaña en contra del PC. Hasta la madrugada antes de la llegada se deben reponer los muros con pintadas y murales ya que eran tapados sistemáticamente. La consigna que traía la marcha los tenía nerviosos, eso de “Por la Tierra y con Sendic” les resultaba intolerable. Era reivindicar la clandestinidad de un militante más el contenido de una estrategia: camino revolucionario para nuestro proceso.¹⁸²

Em meio a rumores de um possível Golpe de Estado e sob o impacto do Golpe no Brasil, realizar-se-ia, pouco depois, a convocação de uma *Convención Nacional de*

¹⁷⁸ FAU, La Heroica Huelga de la Carne y la Revisión de Tácticas Sindicales. In: *Lucha Libertaria*, Montevideú, mai. 1962, p. 5.

¹⁷⁹ BLIXEN, Samuel. *Op. cit.* 51.

¹⁸⁰ O episódio do *Tiro Suizo* é abordado no item 2.3 do 2º Capítulo, quando tratamos a experiência do *Coordinador*.

¹⁸¹ MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.*, p. 283.

¹⁸² *Idem.* p. 252.

Trabajadores (CNT) e de uma paralisação geral para o mês de junho. A discussão de um plano de ação conjunta do movimento sindical amadurecia e deu a tônica nos debates prévios. Essas discussões confluíram na constituição da CNT enquanto instância coordenadora de sindicatos, garantindo a autonomia de cada um deles, assim como a presença das diversas tendências nos organismos de direção. O surgimento da CNT enquanto organismo de coordenação representava, naquele momento, o estágio do movimento sindical e suas respectivas limitações. Os acúmulos não eram circunstanciais; demonstravam uma resoluta capacidade do movimento sindical em intervir nas estruturas do país. Inegavelmente, para chegar a esse ponto das lutas sociais, a massificação do sindicalismo havia sido um fenômeno que transcendera o operariado e incorporara trabalhadores rurais e do funcionalismo público.

La sindicalización erosionó por dentro la manipulación clientelística de las empresas estatales. Al mismo tiempo incorporó en la agenda de los sindicatos estatales los problemas estructurales y de gestión del área nacionalizada de la economía incorporando un protagonista esencial en el debate sobre las reformas necesarias para incorporarlas a una estrategia de desarrollo económico de carácter nacional y popular.

A esto hay que agregar el proceso de extensión del sindicalismo a las áreas rurales, particularmente a los sectores azucarero, remolachero, arrocero y de peones de tambo que van a protagonizar diversas luchas y movilizaciones.¹⁸³

Estavam dadas as condições para tentar superar divisionismos e gerar novas possibilidades de atuação qualitativa e de ação política para a classe trabalhadora uruguaia. Os sólidos avanços organizativos do movimento sindical eram proporcionais ao desenvolvimento da crise no país, onde a precarização nas relações de trabalho, a perda do poder aquisitivo e de históricos direitos sociais, em especial no que tange às liberdades democráticas, ganhava contornos ascendentes e acelerados. Em meio a esse contexto, o processo cubano teve destacada influência no cenário político nacional e continental, complexificando ainda mais a ação dos Estados e das burguesias locais. Essa nova configuração no panorama geopolítico viria impor às esquerdas novos e complexos desafios ao seu acionar político-social.

Por sua vez, o estabelecimento de vínculos orgânicos cada vez mais estreitos entre o movimento sindical e estudantil também se afirmaria enquanto uma das principais características desse período. A coordenação e solidariedade entre as lutas de distintas categorias de trabalhadores e estudantes davam contornos de uma implacável solidariedade entre as distintas organizações populares, elevando tanto os níveis das lutas, como também dos debates que se desenvolviam na esquerda. Mais que uma mera consigna de agitação, “*Obreros y Estudiantes, Unidos y Adelante!*” afirmava-se enquanto uma síntese de um novo

¹⁸³ CORES, Hugo. *Op. cit.*, p. 33.

Uruguai que germinava nas escolas, universidade, fábricas, locais de trabalho diversos e bairros populares, demarcando, por sua vez, os horizontes de uma geração para o porvir.

CAPÍTULO II: ÀS PORTAS DA CLANDESTINIDADE! A FAU ÀS VÉSPERAS DO *PACHECATO*

[...] Si la revolución pudiéramos hacerla nosotros los anarquistas solos, o si no los socialistas por su cuenta, podríamos darnos el lujo de proceder cada uno por sí, y hasta de pelear entre nosotros. Pero la revolución la hará todo el proletariado, el pueblo entero, del cual los socialistas y los anarquistas son numéricamente una minoría, aunque aquél parezca tener muchas simpatías por unos y otros. Dividirnos inclusive donde podríamos estar unidos significaría dividir al proletariado, o más bien entibiar su simpatía, hacerlo menos proclive a seguir la dirección ampliamente socialista común, que socialistas y anarquistas juntos podrían hacer triunfar en el seno de la revolución. Pero a esto deben proveer los revolucionarios, y especialmente los socialistas y anarquistas, no acentuando sus motivos de disenso sino atendiendo sobre todo a los hechos y propósitos que pueden unirlos y permitirles conseguir el máximo resultado revolucionario posible.¹⁸⁴

2.1 Uma central forjada no calor das lutas e com protagonismo de suas bases

O triênio que antecede a ascensão de Pacheco Areco à presidência da República e a consequente ilegalização da FAU junto a outras organizações de esquerda e os jornais *Epoca* e *El Sol* marcaria a consolidação da linha política majoritária – e que levaria à saída dos militantes da *Comunidad del Sur* e de *Bellas Artes* -, o início de significativo crescimento no meio sindical e os trabalhos visando desenvolver um aparato armado da organização. Esse período também seria marcado pela conclusão do processo de unificação do movimento sindical uruguaio, iniciado com a fundação da CNT (1964), passando pelo *Congreso del Pueblo* (1965) e pelo Congresso de Unificação (1966). A CNT se constitui em uma central sindical que congregou em torno de 90% do movimento sindical nacional. Esse rico processo de acúmulo de debates e lutas, por sua vez, devia reagir diante do *pachecato* (1968-1973), governo que seguiu intensificando as políticas tecnicistas orientadas pelo FMI, que tentou impor a regulamentação sindical e que desencadeou uma escalada repressiva que fez das MPS sua principal marca de coerção.

Em especial, essa escalada repressiva em curso no cotidiano do país apontava, nitidamente, para a conformação de um regime de exceção; nesse sentido, rumores sobre um

¹⁸⁴ MALATESTA, Errico. *Los anarquistas y los limites de la coexistencia política*. In: RICHARDS, Vernon (org.) *MALATESTA: Pensamiento y Acción Revolucionarios*. Buenos Aires: Tupac, 2007. p. 143.

golpe de Estado eram cada vez mais frequentes¹⁸⁵ e colocavam desafios à resistência popular, em especial à classe trabalhadora - nesse momento, com um nível organizativo superior em relação às décadas passadas. O “golpe em câmera lenta” começava a se desenvolver com a ascensão de Pacheco Areco em 1967.

A divisão da FAU havia-se consumado em princípios de 1964. A partir desse momento, até a declaração de sua ilegalidade (1967), a organização se concentrou na definição da sua orientação política. Entre os principais aspectos dessa “nova” orientação, destacam-se: o apoio às lutas com níveis de radicalização e emprego de ação direta; uma maior autonomia para os trabalhos do Comitê Federal em torno de assuntos executivos; empenho na coordenação com outros setores da esquerda revolucionária; priorização do trabalho sindical.¹⁸⁶

Essa maior nitidez política se manifestou a partir de 1965, após a paralisação geral¹⁸⁷ convocada pela CNT e pela CTU em 06 de abril. A FAU convocou um Congresso Extraordinário visando “*Elaborar entre todos los lineamientos generales de la orientación ideológica y la acción práctica de FAU.*”¹⁸⁸ A pauta do congresso definia uma Carta Orgânica e uma Declaração Política e um Programa de Ação¹⁸⁹. O congresso ainda se manifestou sobre um dos pontos polêmicos da crise que afetava a organização: a luta dos movimentos de libertação nacional e a autodeterminação dos povos (onde a Revolução Cubana ocupava lugar destacado).

Manifiesta su indeclinable adhesión al principio de autodeterminación de todos los pueblos ‘tengan el sistema social que tengan’ frente a cualquier potencia [...] señalando que este principio constituye (con su correlato de ‘no intervención’) [...] un postulado necesario en la lucha de liberación [...] 2.- En consecuencia ratifica la posición antiimperialista integral que ha animado a su militancia [...].¹⁹⁰

¹⁸⁵ Os rumores em torno de um possível golpe de Estado não eram mera “teoria da conspiração” de factóides. Já em meados da década de 1960, com o golpe de Estado no Brasil consolidado, a imprensa brasileira recomendava ao seu governo que considerasse uma possível intervenção no Uruguai, como atestam os editoriais de O Globo e Jornal do Brasil de 18 de maio de 1965, onde se alertava a necessidade de “[...] *guardar la seguridad comum*[...]” e “[...] *quienes se afierran a la doctrina de no intervención deberán ser más prudentes y cautelosos en sus manifestaciones.*” EPOCA. *Tropas brasileñas alertas para apoyar um golpe aquí*. Montevideú, 3 jun. 1965, p. 4. Tais manifestações de órgãos de comunicação aliados da ditadura brasileira, conjugados a um ambiente de crescente repressão às lutas populares no Uruguai, com o recurso cada vez mais frequente às MPS, levavam os setores populares organizados a um estado de alerta permanente em relação a um possível golpe de Estado.

¹⁸⁶ “[...] Nuestros compañeros se metían hasta el pescuezo en esta tarea que fortalecía nuestro planteo clasista, esa veta que nos venía de la vieja FORU. No por ello se descuidaban los aspectos específicos de la organización política y otros frentes de trabajo, en ese momento el barrial y estudiantil.” MECHOSO. Juan C. *Ibidem*, p. 36.

¹⁸⁷ As principais pautas da jornada de lutas da CNT, convocada no dia 06 de abril, eram: contra a crise, a carestia e a inflação, por liberdades democráticas, fontes de trabalho e solidariedade e defesa à 3º *Marcha Cañera*.

¹⁸⁸ FRANANO. Roberto. Nuestro Congreso. In: Lucha Libertaria. Montevideú, abr. 1965, p. 5.

¹⁸⁹ “Lo que nos preocupa es reafirmar através de la Carta Orgánica nuestro concepto y nuestra posición organicista con todo el compromiso y el protagonismo que implica ser integrante de la organización [...]. *Idem*.

¹⁹⁰ *Idem*.

Na esteira desses acontecimentos, intercalados com a chegada da 3ª *Marcha Cañera* em Montevideu e um multitudinário ato pelo 1º de Maio convocado pela CNT¹⁹¹, a esquerda uruguaia e os setores populares organizaram o *Congreso del Pueblo* (em 12, 13 e 14 de agosto), um momento decisivo para definir os rumos do processo de unificação sindical, além de realçar sua ímpar capacidade organizativa. O *Congreso del Pueblo* entrava para a história uruguaia enquanto:

[...] la más trascendente instancia de elaboración programática de los trabajadores uruguayos. El evento contó con la participación de 1376 delegados titulares en representación de 707 organizaciones sociales “de los distintos oficios manuales, intelectuales, estudiantiles, artesanos y pequeños comerciantes y productores, y hasta amas de casa de toda la República”. El congreso obrero hizo un llamado a la acción unificada de todo el pueblo trabajador uruguayo y aprobó un *Programa de soluciones a la crisis*: reforma agraria, nacionalización de los monopolios y de las industrias esenciales de capitales extranjeros, del comercio exterior y de la banca [...].¹⁹² [Grifos no original]

Ao longo do Congresso, a FAU toma parte ativa com sua militância sindical, estudantil e do *Ateneo Cerro La Teja*; o sindicato de FUNSA foi “*La voz cantante de nuestras posiciones*”¹⁹³. A FAU também procurou articular-se com outros setores de esquerda críticos à linha política do PCU, mas essa iniciativa não logrou êxito ante o número crescente de conflitos que precisava enfrentar: “[...] *los compañeros estan hasta la coronilla de actividades*.”¹⁹⁴

Posteriormente ao *Congreso del Pueblo*, ocorria nova reação governamental contra as mobilizações de bancários e funcionários de UTE, ANCAP e FUNSA, enfrentados com a

¹⁹¹ O ato de 1º de Maio convocado pela CNT era encerrado com a intervenção de Gerardo Gatti. “[...] Quinientos mil trabajadores, pararon el 6 de abril, exigiendo tierra, trabajo y libertad, a partir de ese momento la política del Gobierno há cambiado. Ahora, esa política es más dura, pero no por ello nos van a detener. [...] El proletariado uruguayo ha comprendido que la lucha circunscripta al salario no basta, es por eso que levantamos una plataforma de lucha con soluciones de fondo para nuestro país. Y hoy, gritamos bien fuerte: soluciones sí, golpes no. De la misma forma que gritamos nuestra solidaridad y apoyo al pueblo dominicano. La burguesía no nos encontrará más divididos. Estamos unidos y sabemos, somos conscientes de que las únicas soluciones para el país serán logradas solo con la unidad y la lucha de la clase trabajadora. [...] Los que quieren el golpe de Estado que sepan que el pueblo sabrá responder de inmediato paralizando las actividades y ocupando los lugares de trabajo. Pero entretanto no nos quedaremos esperando el golpe, sino que lucharemos por soluciones de fondo y no pretendan asustarnos pues nosotros, los militantes sindicales, estamos acostumbrados a las persecuciones.” GATTI, Gerardo. Apud: TRIAS, Ivone; RODRIGUES. *Universindido*. *Op. cit.* p. 93.

¹⁹² CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindico; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *Op. Cit.*, p. 75.

¹⁹³ A influência da FAU no interior do sindicato de FUNSA era amplamente reconhecida entre a esquerda uruguaia e se manifestava de forma resoluta nos conflitos. Em seu livro, Juan Carlos Mechoso recorda um curioso episódio do *Congreso del Pueblo* que atesta isso: “[...] en una plenaria que se realizó en lo que entonces era el local del Cine 18 de Julio, en momento que hablaba el “flaco Laroca” hubo unos gritos de desaprobación que partieron de las delegaciones que estaban en el centro del salón. “Ya están mis queridos compañeros de FUNSA, oponiéndose a lo que digo”, dijo Laroca. Los que gritaron no habían sido delegados de FUNSA. Esto reflejaba, como la militancia del Partido Comunista ubicaba con total claridad a quien hacia la punta en posiciones diferentes de la suya.” MECHOSO. Juan C. *Op. Cit.* p. 37. Laroca foi um destacado dirigente sindical comunista no ramo portuário. LEIBNER. Gerardo. *Op. cit.*, pp. 263 e 345.

¹⁹⁴ *Idem.* p. 37

política de arrocho e congelamento salarial.¹⁹⁵ Em suas páginas, o jornal *Epoca* destacava a resistência popular contra o cerceamento às liberdades democráticas. Às vésperas de uma paralisação geral convocada pela CNT contra novas MPS (13 de outubro de 1965), o diário afirmava:

[...] Epoca ya lo há dicho: puede decretarse la dictadura “legal”. Pero el miedo no se siembra por decreto. Hasta frente a la jefatura se han producido manifestaciones de repudio. Y no hay uruguayos dispuestos a acostumbrarse al silencio. La represión podrá durar. Pero nadie está decidido a confundir lo vulgar con lo normal.”¹⁹⁶

No dia seguinte à paralisação geral, o governo censurava os jornais *Epoca* e *El Popular* (este, porta-voz do PCU), recolhendo suas edições e prendendo parte de seu pessoal. A medida provocou imediata paralisação, durante 24 horas, dos gráficos e jornalistas como expressão de solidariedade. A censura se estendeu por quatro dias e também mobilizou a solidariedade de *Marcha*, semanário de grande tradição na esquerda uruguaia. Em sua edição de 16 de outubro, *Marcha* reproduzia na íntegra os editoriais das respectivas publicações censuradas. Em um desses editoriais, Guillermo Chifflet, diretor interino de *Epoca*, convocava a resistência às medidas:

La tormenta [...] recién empieza. Y si el gobierno y la interministerial pretenden como hasta ahora, sumisión, sólo recogerán violencia. “Golpe por golpe”, ha sido la respuesta del movimiento sindical. ¿Las reuniones están prohibidas? Pues, se realizan. ¿Las manifestaciones no se autorizan? Se organizan, en respuesta, hasta frente a la Jefatura de Policía. ¿Solo se puede hablar a favor de las medidas? Hay, en este país, prensa digna que esgrimirá razones en contra.

Las amenazas no determinarán la historia de nuestro Uruguay. El miedo no puede sembrarse por decreto.

[...] la rebeldía es una condición natural de los pueblos de nuestro tiempo. La inmensa protesta del miércoles último, el paro organizado por la CNT, ha sido una respuesta; la primera. Y una advertencia. En la inmovilidad de las máquinas, en el silencio caliente de los barrios obreros, en la soledad de las oficinas, la “Interministerial” ha comprobado cual es el único silencio que puede imponerse cuando hay un pueblo decidido a la lucha.¹⁹⁷

As medidas estender-se-iam por mais de um mês. Em novembro, quando foram levantadas pelo governo, a CNT convocava outra paralisação geral, mobilizando em torno de 500 mil trabalhadores. A intensa guerra de nervos levou o governo a reeditar as MPS e a assumir iniciativas mais agressivas contra a resistência. Assim, uma assembleia geral de

¹⁹⁵ No caso dos bancários, as mobilizações coincidiam com o escândalo e quebra do *Banco Transatlantico*, que tinha cem mil acionistas. Essas lutas aconteciam em um momento em que a Associação de Empregados Bancários do Uruguai (AEBU) começava a radicalizar, rompendo seus vínculos com a amarela CSU. Posteriormente, esse foi um dos sindicatos onde a FAU logrou maior incidência.

¹⁹⁶ *EPOCA. ¡Viva el paro General!*, Montevideú, 11 out. 1965, p. 4.

¹⁹⁷ CHIFFLET. Guillermo. *La Voz de Epoca*. In: *MARCHA*. Montevideú, 16 out. 1965, s/p.

FUNSA terminava com o sindicato invadido, 300 operários presos e parte da direção sindical confinada em bases militares do interior do país.¹⁹⁸

No ano seguinte, centenas de paralizações e greves foram combatidas com mais MPS e ataques das forças coercitivas do Estado. 1965 foi um ano onde os setores populares confrontaram as classes dominantes e o Estado¹⁹⁹, forjando consciência²⁰⁰ e organização, superando as lutas corporativas e resignificando-as a partir de uma perspectiva de classe. O conjunto da classe trabalhadora se sensibilizara ante as mais “simples” reivindicações de uma determinada categoria e debatia-se contra um aparato repressivo que já se esboçava como o “ovo da serpente” do que viria no futuro. Por outro lado, os setores sindicais mais combativos, apesar de sua relativa dispersão, postulavam-se como alternativa ao PCU. Em meio a esses conflitos e instâncias deliberativas, delinearam-se as condições para a constituição da *Tendencia Combativa*.

Na sequência do transcendente *Congreso del Pueblo*, ocorreu o Congresso de Unificação, em 1966, onde 436 organizações sindicais do país referendavam a CNT, não mais como instância coordenadora, mas sim como central sindical unificada. Coube ao PCU a predominância política no interior da central, ocupando a maioria dos postos de direção que, por sua vez, também contavam com a presença, entre outros, de Washington “Perro” Perez (dirigente sindical de FUNSA e militante da FAU) e Hector Rodriguez (dirigente sindical do ramo textil). O Congresso de Unificação reafirmou a resolução do *Congreso del Pueblo* de que, em caso de golpe de Estado no país, o movimento sindical desencadearia, de imediato, uma greve geral com ocupação dos locais de trabalho. Essa firme resolução era elaborada sob o impacto dos acontecimentos que derrubaram João Goulart no Brasil, em 1964, e a

¹⁹⁸ MECHOSO. Juan C. *Op. cit.* p. 39.

¹⁹⁹ Na introdução de sua obra a respeito da história do MLN, Fernandez Huidobro faria a seguinte colocação a respeito de 1965: “1965, que conocerá tres Medidas Prontas de Seguridad, es un año que contiene casi todos, si no todos, los elementos que compondrán la dramática historia del país en los ocho años posteriores. Es también el año que nacemos los tupamaros.” FERNANDEZ HUIDOBRO. Eleuterio. *Historia de los Tupamaros. Tomo 2: El nacimiento*. Imprenta Alvarez, 1987. p. 9.

²⁰⁰ Além de desenvolver uma contundente intervenção em espaços de organização e luta de classe, a FAU também se dedicou à elaboração de um arcabouço teórico que ajudasse a compreender a formação social do país e do continente, assim como de elementos subjetivos da organização e luta de massas. Entre os problemas refletidos, elementos como consciência e ideologia foram uma constante; eram compreendidos de forma antagônica à escola marxista-leninista; esta afirmava que a consciência e a ideologia eram levadas de fora da classe para a mesma a partir de uma intelectualidade burguesa e/ou pequeno burguesa que optava por vincular-se à classe trabalhadora (concepção hegemônica na esquerda). No ato de 10 anos da FAU, Gerardo Gatti lançava algumas reflexões desse debate, que viria a se desenvolver nas *Cartas de FAU* e em outras publicações clandestinas da organização, entre 1968 e 1973. Na ocasião, Gatti afirmava: “[...] *Las ideologias no surgen de ‘genealidades’*. *Se dan en un proceso, maduran en la historia y en el tiempo, se reelaboran, se adecuan a las realidades [...]*” GATTI, Gerardo. En torno a la vigencia del socialismo libertario. In: MECHOSO. Juan C. *Op. cit.*, p. 55.

intervenção liderada pelos EUA, em Santo Domingo, em 1965, fatos que preocupavam a esquerda latino-americana quanto a tentativas políticas na região.

Apesar de ter a maioria na composição da CNT, o PCU sabia que não tinha “sinal verde” para moldar a central “a sua imagem e semelhança”. A notória influência que militantes oriundos do sindicalismo autônomo tinham em muitos sindicatos, de grande protagonismo e de alta capacidade de mobilização, era vista com desconfiança por parte dos comunistas. Essa força do sindicalismo autônomo fez com que esses setores tivessem considerável gravitação no interior da central, funcionando como contrapeso, impedindo que os comunistas transformassem a central em mera “correia de transmissão”.

Ao longo do processo de construção unitária, o sindicalismo autônomo não permitiu, estatutariamente, a existência de militantes profissionais (pagos) para desempenhar suas funções; isso era visto como antídoto contra desvios que poderiam deslocar os militantes do cotidiano de sua classe, transformando-os em meros burocratas e gestores de um aparelho sindical. Da mesma forma, aprovou-se a não filiação da CNT a outras centrais internacionais, garantindo a autonomia dos sindicatos de se filiarem a essas, assim como o veto à ocupação de cargos públicos, em nível de legislativo e executivo, por parte de dirigentes da central; caso um dirigente fosse eleito, deveria optar entre um dos dois cargos.

Longe de ter sido concessão dos comunistas, o reconhecimento desses três aspectos no interior da central foi fruto da correlação de forças existente no interior da central. De fato, o PCU recuou em pontos nos quais sempre fora intransigente. Isso ficou ainda mais evidente no veto da filiação da CNT à Federação Sindical Mundial (FSM), abertamente pró-soviética e onde os países do Leste europeu tinham grande influência. Nesse caso, o sindicalismo autônomo mostrou dissidências: Hector Rodriguez também defendia a presença da CNT na FSM.²⁰¹

En todo momento, durante las negociaciones y después de ellas los sindicalistas del PCU no dejaron de expresar lo dura (sic) que había sido esa concesión de su parte.²⁰²

A unidade sindical entre os anarquistas e os comunistas no marco de uma central sindical, embora possa soar “curiosa”, “excêntrica”, ou até mesmo absurda, dado seus significativos desencontros históricos, era a consequência dessa intensa disputa política manifestada nas lutas cotidianas e não em discussões de ordem doutrinária e filosófica. Em

²⁰¹ “En realidad también para un dirigente autónomo como Hector Rodriguez se trataba de una cuestión de importancia. El mismo, una vez expulsado del PCU y habiendo roto el sindicalismo textil con la UGT, había realizado exitosas gestiones para mantenerlo en el marco de la FSM, con la cual tenía buenas relaciones y en la que apreciaba la experiencia y trayectoria de algunos dirigentes europeos.” LEIBNER. Gerardo. *Op. cit.*, p. 364.

²⁰² *Idem.*

um debate convocado pelo semanário *Marcha*, sob a coordenação do jornalista Raúl Iván Acuña, Gerardo Gatti defendeu que a unidade procurada não era mero encontro burocrático de correntes, mas sim uma afirmação permanente nas lutas:

El hecho de haber dado forma a la CNT y de mejorarla hasta darle una consolidación orgánica como centro único de dirección o de coordinación sindical no representa de por sí el *desiderátum*. Ello posibilita una acción unida de toda nuestra clase frente al enemigo interior y exterior, para derrotarlo. Por eso es importante. Esa unidad para “funcionar”, depende de la lucha. De la concepción de lucha que se tenga [...] por la vía sindical y popular, por la unión directa de los sindicatos – que no pueden ser furgón de cola de nadie - se debe actuar. “Utilizar” esa unidad para lograr los cambios que el país necesita, teniendo a los sindicatos como promotores y a los trabajadores como protagonistas, es tarea realista que debe convocar el esfuerzo permanente. [Grifos nossos]²⁰³

Estendidas por todo o processo unitário, essas polêmicas, assim como as que sucedem à formação da CNT, eram duras e acaloradas; as correntes travavam um embate vigoroso pela disputa político-ideológica. Para os comunistas, as exigências dos anarquistas e de parte dos autônomos eram “*dificuldades creadas por falsas concepciones, de origen bugués y pequeño-burgués que superviven en el seno de la clase obrera.*”²⁰⁴ A insistência em classificar setores dissidentes da ortodoxia marxista-leninista como burgueses ou pequeno burgueses era um artifício recorrente da militância comunista, a qual se reivindicava portadora da autêntica “ideologia e ciência do proletariado”; logo, qualquer expressão política das classes trabalhadoras que não se enquadrasse em seus preceitos era energicamente classificada de burguesa ou pequeno burguesa e, portanto, considerada nociva ao conjunto da classe.²⁰⁵

A queda de braço no processo de unificação sindical, em meio à luta contra a escalada autoritária do Estado e às políticas econômicas tecnicistas orientadas pelo FMI, apenas demonstrava os duros desafios que a FAU devia enfrentar e que obrigavam sua militância a permanecer em constante “estado de alerta”, preparada não somente para fazer frente aos ataques das patronais e do Estado, mas também para uma intensa disputa política e ideológica com um partido que não podia ser subestimado por seu poder de influência e capacidade de mobilização.²⁰⁶

²⁰³ GATTI. Gerardo. Apud: RODRIGUES. Universindo; TRIAS. Ivonne. *Op. cit.* p. 99.

²⁰⁴ DAGLIO. César Reyes. *Comentarios a algunos problemas ideológicos en el movimiento obrero del Uruguay*. Estudios, n 15-16, Julio de 1960, p. 35-54. Apud: LEIBNER. Gerardo. *Op. cit.* p. 367.

²⁰⁵ “[...] sus desacuerdos con los comunistas eran automáticamente atribuidos a la influencia ideologica de otras clases sociales. Entonces, al polemizar, al desarrollar “la lucha ideológica” con sindicalistas sinceros de otras tendencias, no se les estaba disputando las ideas sino dando una “ayuda fraternal y modesta de los comunistas a sus camaradas de otras tendencias”. En otras palabras se les revelaba *la verdad*, la verdad proletaria, para ayudarles a superar sus ideas erróneas, resabios de la ideología originada en otras clases sociales.[...]” LEIBNER. Gerardo. *Op. Cit.* p. 367.

²⁰⁶ “Va a ser dura la mano con los bolches, van a venir a copar, hay que asegurar en todo lo que se pueda la independencia del movimiento obrero de todo partido y que no llenen de burócratas rentados la Convención –

2.2 A Reforma laranja e a ascensão de Pacheco Areco

O ano de 1966, por sua vez, mesmo com o salto organizativo do movimento sindical, não contou com um processo de lutas tão acirrado quanto o anterior. Porém, outros fatores tensionaram significativamente o debate no interior da esquerda, como na questão da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), das eleições nacionais e da reforma constitucional; em um plano mais específico, a formação da *Tendencia Combativa* e a comemoração dos 10 anos de existência da FAU atraíram as principais atenções.

Logo no início do ano, as polêmicas em torno do posicionamento da esquerda diante das eleições e da reforma constituinte apareceram com vigor. Na Assembleia Nacional de Sindicatos foi aprovada a proposta que garantia a liberdade dos sindicatos para mover-se em torno do tema. A União Nacional de Trabalhadores Metalúrgicos e Ramas Afins (UNTMRA) – hegemônica pelo PCU – apresentava um projeto de “reforma popular²⁰⁷” divulgado através das páginas do jornal *El Popular*. Também tomava parte nesse projeto a coligação eleitoral encabeçada pelos comunistas, o *Frente de Izquierda y Liberación* (FIDEL).²⁰⁸ O projeto defendia o fim da “*ley de lemas*”²⁰⁹, a separação das eleições departamentais das nacionais, a reforma agrária, a nacionalização da banca e do comércio exterior, o direito de representação dos trabalhadores nos diretórios das estatais e dos aposentados nas administrações de fundos de pensão, a eliminação das MPS, o ingresso no serviço público por concurso e o seguro nacional de saúde. Esse projeto, junto a outros três, seria votado junto à eleição majoritária, marcada para o fim daquele ano, sob forte questionamento do modelo colegiado. Os projetos de reforma constitucional eram distinguidos pela cor da cédula colocada para apreciação do eleitorado: amarela (“reforma popular”), cinza²¹⁰, rosa²¹¹ e laranja²¹² (que acabaria sendo a mais votada).

eran estas preocupaciones y comentarios en torno a los problemas que se avecinaban en el terreno sindical.” MECHOSO. Juan C. *Op. cit.*, p. 36.

²⁰⁷ Lançado pela UNTMRA e sustentado de forma incisiva pelo PCU e FIDEL, o projeto também angariou o apoio dos sindicatos dirigidos pelos comunistas, como foi o caso do SUNCA, AUTE, entre outros. RODRIGUES. *Universindo.*; TRIAS. Ivone. *Op. cit.*, p. 103.

²⁰⁸ O FIDEL foi uma frente eleitoral impulsionada pelo PCU, que contou com a adesão de setores como o MRO, as agrupações da esquerda *batllista Avanzar* e *26 de octubre*, além de setores independentes. LEIBNER. Gerardo. *Op. cit.*, p. 428.

²⁰⁹ “A *Ley de Lema* permite que, no interior de um partido (*lema*), exista um certo número de correntes (*sub-lemas*) oficialmente reconhecidas e com organização própria. As mesmas podem apresentar, independente de outros *sub-lemas* do mesmo partido, seu candidato à presidência da República e outros demais cargos eletivos do Poder Executivo e do Poder Legislativo. O presidente eleito pertence ao partido mais votado. Ou seja, é o candidato do *sub-lema* mais votado no interior do partido vencedor.” PADRÓS. Enrique Serra. *Op. cit.* p. 258.

²¹⁰ Pautava maiores prerrogativas ao executivo, introduzindo limitações aos direitos civis e democráticos (maior facilidade para o Presidente dissolver as Câmaras, supressão da autonomia do ensino etc.). Foi reivindicada pelos

As iniciativas para construir uma frente de esquerda em torno das eleições foram alvo de críticas por parte da FAU. Na coluna “*Unidad de las izquierdas*”, aberta em *Epoca* para manifestação da opinião das distintas organizações da esquerda a respeito do processo eleitoral, Juan Carlos Mechoso classificava, em ironia à ortodoxia marxista-leninista, a defesa da unidade em termos eleitorais como uma tendência infantil e que confundia²¹³:

A propósito de unidad de izquierda y confusión, con mucha frecuencia se utilizan sinónimos ‘unidad de izquierdas’ y ‘unidad del pueblo’. Y esa confusión es grave.

[...]

Nuestro pueblo tiene ya, para su unidad, organismos naturales. Los sindicatos, la Convención Nacional de Trabajadores, los núcleos de cultura y de barrio, el Congreso del Pueblo. Ahí, en medio de la lucha, se va procesando la unidad del pueblo, que aunque contradictoriamente pueda usar cinco minutos cada cuatro años para meter en un agujero un sobre con papeleta blanca o colorada, va comprendiendo que eso cada vez importa menos, y que lo que realmente importa es la lucha de todos los minutos del año, que la da en sus organismos naturales, donde aprende a enfrentar en los hechos a los mismos que tal vez votó en el cuarto oscuro. Con sus militantes, con su orientación, con acciones de defensa y avance, es función de la izquierda unida ayudar a fortalecer esa unidad del pueblo y a profundizar el enfrentamiento de éste contra la oligarquía [...]

[...]

cree la FAU que al contribuir a la unidad del pueblo, la izquierda irá forjando en el terreno de los hechos su propia unidad [...].²¹⁴

Ainda que as eleições²¹⁵ fossem fator de grande polêmica dentro da esquerda, era, entretanto, a reforma constitucional a que ocupava o centro dos debates. Para a FAU a reforma constitucional era uma cortina de fumaça cuja consequência era postergar as lutas, remetendo-a para um desaguadouro institucional.

Por nuestra parte creemos que todo cambio real deriva de una variación favorable en la correlación de las fuerzas sociales políticas que no va a estar expresada en los términos electoralistas y ahora constitucionalistas. Los sindicatos no participan en

setores nacionalistas – *blancos* – que não compuseram o acordo com o Partido *Colorado*. Obteve 10,57% dos votos. NAHUM; FREGA; MARONNA; TROCHÓN. *Op. cit.*, p. 46.

²¹¹ Apresentada por setores do Partido *Colorado*, a proposta teve inexpressiva votação. Coincidia com as cinza e laranja ao defender maiores prerrogativas ao executivo, mas, ao mesmo tempo, reivindicava um maior resguardo às liberdades democráticas. *Idem*.

²¹² Resultado de um acordo interpartidário que reuniu os setores majoritários dos partidos *Blanco* e *Colorado*. Também propunha maior concentração do poder nas mãos do executivo, garantindo maior margem de manobra ao emprego das MPS e sua consequente supressão de liberdades civis e democráticas. *Idem*.

²¹³ “[...] Por ello nos parece un tanto infeliz, bastante utópico y exageradamente infantil plantear la lucha en el terreno parlamentario, intentando ‘competir’ con los políticos profesionales en su propia ‘cancha’, dentro de mecanismos que tienen de peor si una dinámica paralizante [...] en lugar de unir en una gran trinchera a todo el pueblo trabajador, para darle batalla a los de arriba [...]” MECHOSO, Juan C. Es infantil plantear la lucha en el terreno parlamentario. In: *EPOCA*. Montevideú, 17 jan. 1966, s/p.

²¹⁴ *Idem*.

²¹⁵ No caso, ainda que adversa a questão eleitoral, não se encontrava entre as linhas de agitação da organização a defesa, pura e simples, do abstencionismo, mas sim da crítica da concepção eleitoralista na esquerda. Gerardo Gatti, no ato de 10 anos da organização, afirmava “No creemos que el tema esencial sea en definitiva votar o no votar. [...] Lo que define es lo qué se haga, y cómo se haga y para que se haga, todos los días que preceden y todos los días que siguen a ese domingo folklórico.” GATTI. Gerardo. Electoralismo y Parlamentarismo: Trabas para la izquierda. In: MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 53.

los organismos ejecutivos del gobierno, sin embargo nadie puede negar su importancia como factor de poder.

[...]

[...] La política oligárquica se enfrenta luchando por un programa y con una estrategia coherente, ya ahora, antes y después de esta y de todas las elecciones. Y lucha, significa: movilización, creación de conciencia, paros, actos, combatiendo en la calle contra la especulación, la corrupción y el privilegio, y hasta acciones armadas cuando la necesidad lo exige [...] por eso frente al reformismo y las corrientes electoralistas, siempre la FAU, ha postulado la acción directa obrera y popular como lo hacen ahora nuestros compañeros y otros militantes revolucionarios en los sindicatos y demás movimientos populares [...] esa lucha, su programa y su estrategia coherente es lo que importa. Por eso, una vez más, postular la tesis ‘reformista’ resulta diversionista y negativo. Además de dividir y alentar falsas ilusiones [...].²¹⁶

Para o PCU, ao contrário, a apresentação de um projeto “popular” de reforma constitucional era a via por excelência para massificar o programa do *Congreso del Pueblo* e elevar o nível de consciência da classe trabalhadora. Leibner expõe a essência da argumentação comunista em prol da reforma constitucional enquanto, simultaneamente, tratava como caricata a crítica a essa via.

Argumentando contra los críticos que planteaban que la tarea era hacer la revolución y no proponer y luchar por reformas constitucionales dentro del sistema burgués²¹⁷, José Luis Masera explicaba que se trataba de un terreno de lucha que servía para no dejar a las masas populares tan solo con las alternativas reaccionarias, un instrumento para esclarecer y salir a convencer a grandes masas. Y, entre diversos argumentos más, Masera agregaba uno de especial interés: la lucha por la reforma popular era también un proceso de vanguardia.²¹⁸

A grande questão em jogo era que o propósito principal das propostas das reformas cinza e laranja era, dentre outros secundários, uma maior concentração do poder em mãos do executivo, medida que tendia a ampliar a política repressiva e a edição indiscriminada de MPS. A crítica à via defendida pelos comunistas e o conjunto de sindicatos por eles dirigidos também ecoava nos sindicatos de FUNSA, bancários, têxteis e gráficos. Também o jornal

²¹⁶ FRANANO, Roberto. Quienes auspician una Reforma Popular se suman al confusionismo. In: MECHOSO, Juan C. *Op. cit.*, p. 45.

²¹⁷ Essa visão caricata de que os setores da esquerda não alinhados ao PCU teriam uma política inflexível, onde a única pauta era a exigência intransigente de seu programa máximo, manifestava-se de forma recorrente, sendo por vezes um artifício para desviar polêmicas em torno de métodos de luta. Em entrevista para um balanço sindical do ano, Gerardo Gatti respondia a essas críticas. “[...] cualquier dirección sindical con la orientación o la situación objetiva que tenga, termina un conflicto o una huelga negociando. Salvo que se capitule totalmente con el triunfo de una clase, lo que no está planteado en este momento, es correcto la negociación. [...] tendencias que prevalecen en algunas direcciones sindicales parecen creer que la solución de los problemas se puede lograr por la habilidad en los contactos en la cúspide, así dejan como enseñanza a los trabajadores que por esa vía conciliadora el movimiento debe transitar. Rehuyendo profundizar los métodos de lucha, que es la forma fundamental de crear conciencia, de dinamizar y dar sentido a la unidad.” GATTI, Gerardo. Balance del año sindical. In: *MARCHA*. 30, dez. 1965, s/p.

²¹⁸ LEIBNER, Gerardo. *Op. cit.*, p. 489. Mencionado por Leibner, José Luis Masera foi um renomado matemático uruguaio que, ao lado de Arismendi, afirmou-se enquanto um dos principais dirigentes do PCU.

Epoca denunciava o caráter reacionário das reformas cinza e laranja – em especial a última – e criticava a utilização dessa via para concretizar o programa do *Congreso del Pueblo*.

Os projetos conservadores apresentados, em especial o da reforma laranja, levaram a FAU a esboçar sua caracterização do que viria a ser o *pachecato*, no caso, uma ditadura distinta daquelas existentes então na América Latina, a exemplo do Brasil.

[...] La dictadura del Poder Ejecutivo es una derivación natural del régimen democrático burgués en un período de crisis, esa dictadura ejercerse post-golpe de estado, a través de un “gorila”, o sin “golpe” por un ejecutivo “democrático” dotado constitucionalmente de amplios poderes. Algo de esto último buscan los textos de reforma de la Constitución (“naranja” y “gris”) de blancos y colorados; mientras las intenciones golpistas tampoco pueden ser descartadas, los ideólogos de la “reforma popular” (“amarilla”) frente a eso reivindican los fueros... del Parlamento. Frente a la amenaza de ejecutivos fuertes es utópico plantear reformas para tener un imposible Parlamento fuerte. Lo único posible y realista es consolidar, unir, nutrir sindicatos fuertes, combinando su lucha con las mil y una formas de acción, adecuada a cada situación, de los demás organismos de “poder popular.”²¹⁹

A contenda eleitoral encerrou-se com uma esmagadora vitória da reforma laranja, que contou com o equivalente a 75% dos votos válidos²²⁰, pondo fim à experiência de um Poder Executivo que, durante quatro mandatos, foi organizado de forma colegiada. Ou seja, retornava o sistema presidencialista. O Partido Colorado consagrou-se vencedor através da chapa integrada Oscar Gestido e Jorge Pacheco Areco.²²¹

A FAU encerrou esse ano (1966) com um concorrido ato público em comemoração a seus 10 anos de existência. No mesmo, manifestaram-se o veterano militante Roberto Franano, resgatando as experiências históricas; Juan Carlos Mechoso, analisando a conjuntura nacional e latino-americana; e Gerardo Gatti, que delineava a linha política definida para o momento. O discurso de Gatti alertava para um cenário marcado pela intensificação da violência política tanto a nível nacional como internacional, onde as classes dominantes e o imperialismo não titubeariam em barrar o avanço das esquerdas locais.

Com o início do novo governo, as MPS contra o movimento sindical e popular voltaram à cena. A medida dividiu o governo e levou à renúncia dos ministros batllistas

²¹⁹ GATTI, Gerardo. Apud: MECHOSO, Juan C. *Op. cit.*, p. 46, 47.

²²⁰ NAHUM; FREGA; MARONNA; TROCHÓN. *Op. cit.*, p. 51.

²²¹ Com a vitória eleitoral, Pacheco Areco, nesse momento como Presidente da Assembleia Geral (pela Constituição, cabe ao vice-presidente da República a presidência da reunião das duas Câmaras), de forma sutil e “dissimulada”, declarava seu projeto político marcado por elementos da DSN. “La tareas fundamentales que deberá encarar el gobierno son, entre otras: crear una administración eficaz, ágil y receptiva, en la cual el ciudadano encuentre las vías adecuadas para sus tramites y aspiraciones, por modestas que sean. Hay que terminar con un sistema que en lugar de estar orientado hacia los intereses del país, ha estado – o pareció estar - a menudo, orientado hacia los intereses de los grupos políticos.” PACHECO, Jorge. Apud: *EPOCA. El Presidente de la Asamblea General Pacheco Areco: “Una administración ágil”*. 29 dez. 1966, s/p.

Amílcar Vasconcellos, Zelmar Michellini, Heraclio Ruggia e Enrique Véscovi²²², os quais, dentro do governo²²³, defendiam um modelo desenvolvimentista, maior tolerância com a oposição e diálogo com os sindicatos. Por outro lado, a nomeação de César Charlone²²⁴ para o Ministério da Economia²²⁵ representava um gradual avanço na incorporação dos receituários do FMI por parte do governo. A morte do presidente Gestido, em 6 de dezembro de 1967, propiciou a ascensão do vice Pacheco Areco. Com ele, a tendência a uma maior abertura ao mundo financeiro e empresarial no governo se acentuou. Simultaneamente, ocorreu maior endurecimento repressivo e a “tecnificação” da política. Em seu discurso de posse, Pacheco não deixava dúvidas quanto à disposição de militarizar a sociedade, alinhando cada vez mais o país aos ditames da DSN e esclarecendo qual era o principal objetivo de sua administração: “*Aseguraremos el orden público, sin margen de tolerancia contra todos aquellos que atenten contra las instituciones nacionales*”.²²⁶ De modo coerente com esse pronunciamento, na primeira semana de sua administração, Pacheco decretou a ilegalidade dos jornais *El Sol* e *Época*, assim como o Partido Socialista, o Movimento Revolucionário Oriental (MRO), o Movimento de Ação Popular Uruguaio (MAPU), o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) e, por fim, a FAU, alegando vinculações desses periódicos e organizações com Cuba e a “subversão”. O decreto era aplicado menos de um mês depois da reaparição de *Epoca*, que havia enfrentado problemas estruturais. Uma semana antes, o jornal declarava o *Acuerdo de Epoca*, no qual, junto com as organizações políticas que o sustentavam, anunciava a defesa das orientações da OLAS, o que ocasionou imediata reação dos grandes meios de comunicação, caso do jornal *El Diario*, que o denunciou como “[...] *brete de violencia disfrazado de periodismo*”.²²⁷ O texto do decreto (que determinava a prisão do conselho do

²²² Eram, respectivamente, ministros da Fazenda, Indústria e Comércio, Obras Públicas e Trabalho e Segurança Social. NAHUM; FREGA; MARONNA; TROCHÓN. *Op. cit.*, p. 56.

²²³ Em um primeiro momento, a política do governo Gestido apontava um afastamento das orientações fundomonetaristas, o que não inviabilizava uma tendência política de corte conservador. “[...] Al asumir el mando 1º de marzo de 1967, el Gral. (R) Oscar D. Gestido se había dirigido a la ciudadanía anunciando las dificultades económicas por las que atravesaba el país, su apertura al diálogo con todos los sectores de la sociedad, a la vez que su firme decisión de no ceder ante las demandas “arbitrarias o prepotentes” de cualquier grupo de presión. Muy poco tiempo después las medidas tomadas por la Presidencia establecieron diferencias de trato según implicaran a las entidades empresariales o a los sindicatos. En agosto, por ejemplo, se prohibió la reunión en el país del Congreso Permanente de Unidad Sindical de Trabajadores de América Latina, que contaba con el apoyo de la recientemente fundada Convención Nacional de Trabajadores [...]”. NAHUM; FREGA; MARONNA; TROCHÓN. *Op. cit.*, p. 55.

²²⁴ Charlone havia sido Ministro da Fazenda no governo golpista de Juan P. Terra. RODRIGUES. *Universindo*; TRIAS. Ivone. *Op. cit.*, p. 104.

²²⁵ NAHUM; FREGA; MARONNA; TROCHÓN. *Op. cit.*, p. 139.

²²⁶ ARECO. Pacheco. Apud: MECHOSO. Juan C. *Op. cit.*, p. 73.

²²⁷ EL DIARIO. Apud: MECHOSO, Juan C. *Op. cit.*, p. 73.

jornal, do qual fazia parte Gerardo Gatti) era uma definição clara da luta pelas “fronteiras ideológicas” que animava a DSN.

Ideas que son pruebas.

5º El solo hecho de las ideas difundidas en “Epoca”, como [...] ideológico de los seis grupos políticos integrantes de la federación asociativa de que trata esta Resolución y la expresa y proclamada adhesión por esos grupos a tales ideas, plasma con virtualidad de plena prueba, la fragancia de la situación consistente en que los aludidos grupos constituyen, a nivel penal, en si y en su unión confederada, una asociación ilícita.²²⁸ [Grifos no original.]

A implacável perseguição ao “inimigo interno” atingiria, a partir de então, níveis de campanha aberta e articulada entre os grandes meios de comunicação que intensificaram ainda mais sua atividade de “construção de consensos”.

2.3 A construção de um polo combativo na esquerda. Do *Coordinador* à *Tendencia Combativa*.

Entre as pautas que motivaram as polêmicas no interior da FAU estava a defesa de um trabalho conjunto com outras organizações políticas e sociais. No caso, a defesa dessa tese recaía em duas vias de atuação: por um lado, a busca da unidade sindical em torno de uma central única, como já analisamos anteriormente e, por outro, a constituição de um campo político-social de orientação revolucionária, com a finalidade de superar a hegemonia do Partido Comunista na esquerda uruguaia. Nesse sentido, a FAU buscou caminhos para enfrentar esse desafio, como na estruturação do *Coordinador*; no apoio solidário à luta dos *cañeros*, através da atuação do jornal *Epoca*; e, por fim, aquela que foi capaz de projetar-se e consolidar-se no tempo, a construção da *Tendencia Combativa*.

Ainda em 1962, em meio à luta intestina na FAU, ocorreu uma coincidência entre parte dos militantes do seu núcleo majoritário com os de outras organizações de esquerda, caso de setores radicalizados do Partido Socialista²²⁹, do *Movimiento de Izquierda*

²²⁸ EL PAÍS. *El Presidente resolvió clausurar Epoca y El Sol*. Montevideu, 13 dez. 1967, p. 5.

²²⁹ Desde o XXX Congresso, realizado em 1956, o PS vinha demarcando um giro à esquerda em sua orientação política, assumindo uma linha terceirista, de ruptura com a CSU, adesão aos trabalhos pró- central única e um maior alinhamento ao sindicalismo autônomo e rural. No caso do sindicalismo rural, a militância do partido chegou a lograr um grande destaque, tendo uma participação ativa na formação do *Sindicato Único de Arroceros* (SUDA) no Departamento de *Treinta y Tres*, entre 1955 e 1956, onde se destacava seu militante O. Leguizamón, na formação do sindicato dos trabalhadores da beterraba de Paysandú em 1958 e, por fim, com os cortadores de cana de açúcar de Artigas com a fundação da *Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas* (UTAA) em 1961. Isso não impediu que expressivos setores do partido fossem radicalizando ainda mais sua política, resultando em duas cisões, o *Movimiento de Unificación Socialista Proletaria* (MUSP), a partir de um setor de sua juventude em 1965, e a outra, que englobou quase a totalidade dessa mesma juventude, e que desembocaria, com outros militantes e grupos externos ao PS, na fundação do MLN-T em 1966, cujo maior expoente era Raul Sendic. REY TRISTAN. Eduardo. *Op. cit.*, p. 69, 70; 94.

Revolucionaria (MIR), cisão maoísta das JJCC, do *Movimiento Revolucionario Oriental* (MRO)²³⁰, além do grupo liderado por Raul Sendic (muitos deles vinculados à UTAA). A coincidência desses militantes era concomitante a um profundo debate que concernia à esquerda internacional do período (a exemplo da vitória da Revolução Cubana e das lutas anti-coloniais no Vietnã e na Argélia), aliadas às questões locais (a crise político-econômica, o acirramento das lutas sociais e a repressão às mesmas, os caminhos revolucionários a percorrer, a colaboração com as lutas dos trabalhadores *cañeros* etc.²³¹). A questão da luta armada era tema comum de debate.

Em princípios de 1963, essa militância começa a fomentar práticas de autodefesa, de armamento e coordenação de atividades nessa via. O encontro entre militantes oriundos de distintas experiências, marcados, sobretudo, pelo triunfo revolucionário em Cuba, identificava:

[...] un compromiso personal mucho más profundo: ya no era sólo reunirse para *hablar de la acción y la revolución*, era implicarse en ella, pasar de ser revolucionarios *de palabra y papel a aprendices de revolucionarios*. La lucha cañera había actuado, y seguiría haciéndolo, como aglutinadora de las tendencias más radicalizadas. [...] esa misma acción les generaba nuevos problemas y necesidades que le daban sentido por sí sola, más allá de su relación con UTAA. Motivaría un nuevo desarrollo organizativo que comenzó a abrirse espacio propio en la izquierda uruguaya.²³² [Grifos no original.]

Ainda antes de começar uma coordenação regular de atividades, essas organizações sofreriam um duro revés. No objetivo de angariar armas para apoiar a ocupação de terras, organizou-se o assalto ao *Club de Tiro Suizo*; problemas técnicos com o carro de fuga permitiram que os serviços de inteligência chegassem, dias depois, aos militantes que participaram da operação, obrigando Raul Sendic a entrar na clandestinidade.²³³ A revelação da existência de um grupo com táticas revolucionárias em torno de UTAA e o conseqüente escândalo midiático nacional e internacional em torno do caso levou essa militância a

²³⁰ Com o início do *Coordinador*, em setembro de 1963, esse grupo passa a se denominar *Movimiento de Apoyo al Campesino* (MAC), cuja liderança mais expressiva era Fernández Eleuterio Huidobro, posteriormente um dos principais dirigentes do MLN-T.

²³¹ REY TRISTAN, Eduardo. *Op. cit.*, p. 97.

²³² *Idem*, p. 98.

²³³ Dentre as organizações citadas, a FAU foi a única que não esteve presente nesse operativo. Por ocasião da detenção de vários militantes e da campanha aberta contra Raul Sendic, o Partido Socialista saiu em defesa resoluta desses militantes, ainda que os mesmos não estivessem estritamente alinhados com a sua política. O manifesto do Partido, publicado na seção *Cartas de los Lectores de Marcha*, afirmava o que seriam, em seu entendimento, as razões pelas quais se deveria levar em conta a ação de Sendic e seus companheiros. “En la zona donde estos compañeros actúan en defensa del elemental cumplimiento de la legislación laboral y social violada por las patronales y el Estado, se desconocen asimismo las libertades individuales y sindicales y se persigue, con violencia desconocida en las luchas urbanas, a los gremialistas. Incluso, se toman matones a sueldo para eliminar físicamente a los luchadores gremiales, ante la pasividad cómplice de la Policía y la Justicia.” PARTIDO SOCIALISTA. Carta de los Lectores. In: *Marcha*. Montevideo, 20 set. 1963, s/d.

exercitar maior precaução e reforçar a segurança de suas atividades. Era o início da efêmera, embora fecunda, existência do *Coordinador*. A mesma (1961-1965), marcou um nível organizativo que transcendeu o apoio aos trabalhadores *cañeros*, pois se tornou um espaço de aprendizado e acúmulo de experiência em torno de questões como a clandestinidade e a organização de operativos. Atividades como expropriação de recursos, armas e finanças, sabotagens a símbolos econômicos identificados com o imperialismo e as propriedades da oligarquia fizeram parte de seu repertório. Entre essas atividades se destacaram os *comandos del hambre*, ação de expropriação de caminhões de grandes cadeias de supermercados e posterior distribuição de alimentos nos bairros pobres de Montevideú.²³⁴

A utilização de táticas de ação direta – em estrita unidade com os *cañeros* – animava uma militância estimulada pelo impacto da via cubana, mas também preocupava os comunistas, os quais viam sua linha política duramente questionada. Em não raras ocasiões, os comunistas fomentaram atividades que inviabilizassem as lutas dos *cañeros*, da UTAA e a liderança de Raul Sendic.²³⁵ Para o PCU, antes de tudo, a ordem do dia consistia em resguardar seu posto de “vanguarda” no processo uruguaio, procurando impedir o que consideravam um avanço dos “pequenos burgueses radicalizados” que, ainda segundo o mesmo, recentemente haviam aderido ao campo da esquerda.²³⁶ Uma via de confronto e radicalização era vista pelo PCU como contraproducente à massificação da organização sindical dos trabalhadores rurais do país.²³⁷

O nível organizativo do *Coordinador* partia do apoio às lutas *cañeras*; porém, ia além delas, realizando outras atividades armadas. Entretanto, a entidade não possuía uma organicidade político-programática, o que, associado a conflitos internos motivados por desavenças em operativos, começou a minar a unidade interna do grupo, já marcado pela

²³⁴ REY TRISTAN, Eduardo. *Op. cit.*, pp. 100, 101.

²³⁵ Em razão da tentativa dos comunistas censurarem a propaganda da *Marcha Cañera* e em solidariedade a Sendic, Fernandez Huidobro, secretário de propaganda do MAC, dirigia-se por carta a Enrique Rodriguez, então secretário de propaganda do PCU, afirmando, dentre outras coisas: “En nuestro caso, la propaganda de apoyo a Sendic y a los cañeros há sido sistemáticamente destruída por los organismos de difusión del P.C. mientras que la de apoyo al pueblo panameño, si bien no há sido destruída en su totalidad, há sido “censurada” en los hechos por los cros. Comunistas; a este respecto citamos como ejemplo el hecho de que a nuestros murales que decían: “LATINO-AMERICA EN ARMAS APLASTARA A LOS YANQUIS”, les han sido tapadas con murales del P.C. las palabras: “EN ARMAS” y la sigla de nuestro Movimiento.” FERNANDEZ HUIDOBRO. Eleuterio. ¿Por que nos tapan los Murales? In: FERNANDEZ HUIDOBRO. Eleuterio. *Op. cit.*, p. 23.

²³⁶ Tal visão, não só simplista como caricata, da esquerda revolucionária, ignorava suas próprias origens. Se for correto afirmar que parte expressiva dessa militância provinha das classes médias radicalizadas e organizações até então reformistas, não é menos correto encontrar nessa articulação laços orgânicos com experiências que anteriormente disputavam com o PCU pela esquerda, como fora a hegemonia terceirista no âmbito da FEUU, assim como as greves dos *gremios solidarios*, como vimos no capítulo anterior.

²³⁷ *Idem.* p. 474.

pressão de parte de seus militantes em definir logo a questão político-programática, o que implicava em passar de uma instância coordenadora para o de uma organização de fato.

Em abril de 1965, o *Coordinador* realizou uma reunião na localidade *Parque del Plata*. A mesma durou um final de semana inteiro e foi marcada por uma questão central: a construção de uma nova organização política revolucionária que congregasse o conjunto daqueles militantes. Dentro dessa proposta, disputavam as teses foquista²³⁸ com a maoísta; uma vez conciliadas, foi definido um estatuto da nova organização, ainda sem nome, mas sendo identificada, entre seus quadros, como *Tupamaros*.

Um ano depois, essa mesma organização, já sem a participação orgânica da FAU, realizaria sua Convenção Nacional; a mesma foi marcada por nova cisão, a dos militantes oriundos do MIR, que defendiam a constituição de um partido marxista-leninista-maoísta, em contraponto à linha predominante que reivindicava um maior alinhamento à via cubana. Essa cisão marcou a saída de cerca de um terço da militância. A partir dessa convenção, estaria constituído, definitivamente, o *Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros* (MLN-T). Principal expressão da luta armada no Uruguai e uma das mais influentes na América Latina, o MLN-T só veio a conhecimento público em dezembro de 1966, quando, durante uma operação de expropriação de FUNSA, seus militantes confrontaram-se com a polícia, o que resultou na morte de um de seus quadros.

A citada reunião de *Parque del Plata*, na qual a FAU foi representada por Gerardo Gatti, foi a ocasião para que a organização comunicasse ao *Coordinador* os motivos do seu desacordo em incorporar-se à nova organização. Em realidade, ao longo de 1964, a FAU percebia uma guinada nos propósitos do *Coordinador*. Isso havia ficado claro durante uma reunião com Sendic²³⁹ e Washington Rodriguez Beletti (o “Flaco” Beletti²⁴⁰) e da qual participaram Juan Carlos Mechoso, Gerardo e Mauricio Gatti, delegados da FAU nas instâncias do *Coordinador*. Nessa reunião, Sendic, que estava clandestino, propunha, de forma enfática, a constituição de uma nova organização que correspondesse à necessidade de radicalizar as lutas em curso: “*Crear un ambiente tal que no dejara lugar a otra forma de*

²³⁸ No caso, o foquismo aqui defendido não era uma transposição estritamente mecânica da teoria do foco elaborada por Guevara e Régis Debray, que preconizava sua implantação no campo em detrimento das grandes cidades. A experiência dos *Tupamaros* caracterizou-se fundamentalmente por resultar em uma espécie de adaptação das teses foquistas ao terreno das grandes concentrações urbanas.

²³⁹ “Había interés de conversar con Sendic, en nuestro ambiente era grande el reconocimiento a su trabajo en el Interior, a su dedicación y entrega, y al impulso dado por él a la acción directa a nivel nacional en esta coyuntura. Como se vivía en ese momento la labor militante en nuestra Organización el “Bebe” Sendic era un clandestino y combatiente también nuestro, pero no nuestro sólo porque pertenecíamos al Coordinador. Creo que esa estima y reconocimiento perduraron en el tiempo.” MECHOSO. Juan C. *Acción Directa Anarquista Una Historia de FAU. Tomo III: Los primeros años*. Montevideo: Recortes, 2006. p. 254.

²⁴⁰ Beletti era um dos mais destacados dirigentes de UTAA.

lucha que no fuera la revolucionaria.” Para Sendic “*Nosotros seríamos los armados de la izquierda.*”²⁴¹ Incorporar-se a uma organização maior não estava nos horizontes da FAU, a qual apontava para a coordenação das organizações revolucionárias dentro de um marco estratégico: a afirmação da via armada para a revolução. Pesava, nesse sentido, o fato de já constituir uma organização política com seus devidos acordos no plano teórico e ideológico, os quais não seriam flexibilizados em nome de uma organização maior.

Nunca estuvo planteado para la Organización la formación de una nueva estructura política en tal marco. En el Coordinador eran variados los enfoques, los bagajes ideológicos, hasta la propia estrategia distaba mucho de ser algo de identificación común. Claro está que no nos referimos a la intención revolucionaria y la opción por la vía violenta como principal para el cambio. Las coincidencias las veíamos como muy generales aún y unidas ellas con diferencias de relevancia que no impedían acciones comunes y concertadas. Como que había por delante un proceso largo, de mucha discusión y tarea conjunta antes de pensar en dar pasos de mayor compromiso.²⁴²

Além do mais, reconheciam expressivas divergências em relação ao núcleo que formava o MLN-T, no que dizia respeito a sua concepção foquista. Sua prioridade de trabalho estava na incidência na classe trabalhadora, para impedir que a via da luta de massas – particularmente a sindical - estivesse aberta ao reformismo proposto pelo PCU. Temia-se que, na medida em que os setores revolucionários concentrassem o fundamental de suas forças no plano militar, a combatividade dos trabalhadores fosse fragilizada. Essa concepção em torno de um acionar político, social e militar distinto ao foquismo passou a ser aprofundada pela organização, dando características singulares ao acionar do seu aparato armado que, em 1971, seria denominado *Organización Popular Revolucionaria 33 Orientais* (OPR-33).

O surgimento de uma nova organização revolucionária (o MLN-T), por sua vez, não era visto de forma negativa pela sua militância; o importante era analisar em que aspectos poder-se-ia coordenar atividades. Dado o próprio andamento dos debates internos, esse desfecho era visto como um processo natural pela organização, de tal forma que o término do *Coordinador* e a passagem para uma nova etapa de relações não fora encarado como algo traumático.

Dissolvido o *Coordinador*, o MLN-T, por sua iniciativa, entregou à FAU algumas armas expropriadas. As relações entre FAU e o MLN-T seguiram de forma regular até o ano de 1968, quando passou a ser mais esporádica.

Pero los encuentros siguieron, ahora con una organización, los Tupamaros-MLN. Estas reuniones en un periodo inicial fueron bastante regulares. Se hacía intercambio

²⁴¹ Idem. p. 254.

²⁴² Idem. p. 253.

de alguna información y cuestiones técnicas. Pero la cuestión no terminaba ahí, se siguieron discutiendo temas como evaluación de situación general y algunos que tenían que ver con aspectos teóricos. A esas reuniones venían regularmente por Tupamaros y después también por MLN: el Ñato Eleuterio, Marenales y Manera, por FAU: Gerardo y Mauricio Gatti y quien escribe

Las reuniones fueron casi siempre cordiales pese a que cuando se tocaban temas de orientación las diferencias eran importantes.

Había intercambio técnico como por ejemplo: préstamo de MLN de un par de metralletas Pan para un operativo. Se precisaban para parar un vehículo en la rambla, oportunidad ésta en la que nuestros militantes iban vestidos de policías y se hacía necesario complementar la imagen con esos fierros; Marenales yendo algunas veces a arreglar armas y a cortar caños de escopetas a un taller de un compañero de FAU que tenía torno y buenas herramientas; confección de documentos “yutos” de parte nuestra para varios de ellos en algún momento especial; algunos datos sobre seguridad que ellos nos proporcionaban en oportunidades; recogiendo de nuestra parte en evacuaciones de apuro fierros y papeles.²⁴³

Já no marco dessas reuniões entre a FAU e o MLN seria realizada nova expropriação de armamento, da casa de armas *El Cazador*. Organizada e dirigida pelo MLN, a operação, que contou com a participação de um pequeno grupo de militantes da FAU e ocorreu na madrugada da véspera das eleições de 1966, recolheu farto material, do qual uma parte foi destinada à FAU.²⁴⁴

Em finais de 1966, a FAU começou a debater a necessidade de uma maior estruturação de sua atividade armada, assim como sua articulação interna com o restante da organização e as lutas projetadas. Era preciso articular a tradicional concepção de ruptura violenta com uma conjuntura complexa e particular, tanto a nível nacional quanto internacional, precisando considerar a existência de diversos movimentos de libertação e a reconhecida influência da Revolução Cubana.

Em torno dessas preocupações iniciais, começaram os primeiros trabalhos para se estruturar o embrião de um aparato armado, formando uma equipe específica de militantes para se dedicar ao assunto e, sobretudo, organizando aspectos de segurança, infra-estrutura, plano de trabalho, aspectos ideológicos e políticos relacionados a essa atividade.²⁴⁵ Também faria parte das preocupações relacionadas ao desenvolvimento dessa atividade a realização de ajustes no âmbito da organização, de forma a simplesmente não a agregar como mais um “simples” elemento.²⁴⁶ Esse conjunto de tarefas começa a se consolidar a partir de 1967, e mais especificamente em 1968, quando a organização já se encontrava na clandestinidade.

As preocupações em torno do início de um aparato armado regular dariam lugar a um congresso (outubro e novembro de 1967), onde se discutiu o funcionamento orgânico, a

²⁴³ Idem. p. 256.

²⁴⁴ MECHOSO. Juan Carlos. Acción Directa Anarquista. Una Historia de FAU. p. 58.

²⁴⁵ Idem. p. 56.

²⁴⁶ Idem.

conjuntura e o desenvolvimento do aparato armado. Como resultado do encontro, surge um extenso documento de orientação, onde é tratada não apenas a questão do aparato armado, mas também “[...] *compreende la vida interna de la Organización para esta nueva etapa.*”²⁴⁷ A grande preocupação expressa no documento era capacitar o conjunto da militância, tanto a vinculada à atividade armada como a pública, a atuar em um cenário onde a organização já avaliava que a repressão viria a se endurecer. Nesse sentido, o documento tinha como elemento central uma preocupação com a segurança da organização e seus militantes, apontando orientações de reflexos, discrição no cotidiano, pontualidade, compartimentação de determinadas informações, a mudança de vida e identidade por parte daqueles que começavam a transitar gradualmente na clandestinidade, manejo de documentos, locais, residências etc. Essa rígida preocupação em torno da segurança, por sua vez, era acompanhada de uma reflexão que orientasse a militância a não a canalizar em uma percepção “paranóica”.

Consideramos a la seguridad en un sentido dinámico; debe practicarse con preocupación hasta el limite que no cree ‘parálisis’ a la militancia. No interesa un militante que dura eternamente si no actúa.²⁴⁸

A preocupação com a segurança, portanto, acompanhava uma outra: garantir sua incidência no cenário político-social a partir de uma perspectiva revolucionária; uma decisão que implicava riscos dos mais graves. Segundo uma das expressões a que mais frequentemente recorrem seus veteranos militantes “*Atuar para durar no tempo e durar no tempo para atuar.*”

2.4 Quando um aplauso afirma – ou rejeita – uma linha. A OLAS e a encruzilhada estratégica da esquerda

Além do *Coordinador*, a atuação no jornal *Epoca* e as discussões em torno da participação na OLAS também representavam espaços de unidade e convergência que reuniram, inclusive, militantes do PS e do MRO. Tendo aparecido em 1962 sob a direção de Carlos Quijano²⁴⁹, *Epoca* constituiu uma experiência editorial única na história da esquerda

²⁴⁷ Idem. p. 75

²⁴⁸ Idem. p. 77

²⁴⁹ Após um breve espaço de três meses e meio, Quijano deixou a direção do jornal, a qual posteriormente esteve a cargo de Gutemberg Charquero, militante do PS, e posteriormente, oscilou entre Eduardo Galeano, então jornalista independente, e Guillermo Chifflet, militante do PS que posteriormente vincular-se-ia ao MLN-T. TRISTAN. Eduardo Rey. *Op. Cit.* p. 110. Também passou pela administração do jornal em seu início Roberto Cotelo. Cotelo foi um dos veteranos anarquistas que estiveram na fundação da FAU e nela seguiram. Esteve em estreito contato com os grupos de anarquistas expropriadores que atuaram na região do Prata, ocasião na qual

uruguaia por sua capacidade de unir o conjunto da esquerda “não comunista”.²⁵⁰ Nos seus primórdios, estava mais vinculado a uma esquerda de perfil “latino-americanista”, identificada com a Revolução Cubana. Ao longo dos anos sua linha editorial passou a incorporar uma forte defesa da reforma agrária e da expropriação do latifúndio, assim como a reivindicação de elementos característicos da “nova esquerda”, tais como o anti-imperialismo tercerista e a reivindicação das lutas de libertação nacional (Argélia, Cuba, Vietnã, as guerrilhas latino-americanas etc.). Em nível interno, foi um constante defensor das *Marchas Cañeras* e do processo de unificação sindical; sofreu, de forma constante, grandes dificuldades econômicas, as quais eram enfrentadas com a colaboração da militância que o lia.

Através de *Epoca* foram divulgadas as polêmicas em torno da OLAS, apontando as divergências dentro da esquerda. A organização da OLAS havia sido uma das muitas iniciativas tomadas na Conferência da Tricontinental, realizada em *La Habana*, em janeiro de 1966, em meio a um ambiente de grande entusiasmo do conjunto da “nova esquerda” internacional. Durante uma semana, os diversos delegados internacionais debateram possíveis vias de unificação das organizações populares e antiimperialistas dos três continentes, assim como a solidariedade ao processo revolucionário em Cuba e a luta contra as bases militares estrangeiras, o armamento nuclear, o *apartheid* e a segregação racial. Entre os grandes temas discutidos ao longo da conferência, destacaram-se a luta no Vietnã – na ocasião, Ho Chi Minh, presidente do Vietnã do Norte, enviava uma carta de saudação à Conferência²⁵¹ – e a invasão de Santo Domingo.

Por sua vez, o evento ocorreu em um contexto de duros golpes dos aparelhos repressivos contra alvos revolucionários. Assim, pouco antes da conferência, o líder do movimento negro radical norte-americano, Malcom X, eram assassinado; os governos argelino, de Bem Bella (Argélia), tal como o de Achmed Sukarmo (Indonésia) eram derrubados por golpes de Estado; por fim, Ben Barka, um dos mais notórios expoentes da

estabeleceu contato com Buenaventura Durruti para ceder-lhe os dados de seu documento de forma a proporcionar que este retornasse clandestinamente à Espanha. MECHOSO. Juan C. *Op. cit.* p. 39; BAYER. Osvaldo. *Os anarquistas expropriadores*. São Paulo: Luta Libertária, 2004, p. 44.

²⁵⁰ “Época fue, ante todo, un lugar de encuentro de toda izquierda no comunista. Y no sólo en sus páginas, sino inclusive en sus locales. Su sede estaba en 18 de Julio, esquina Río Branco, en el mismo edificio en que el PCU editaba El Popular. Según Andrés Cultelli, fue como el ministerio de relaciones exteriores de parte de la izquierda (y especialmente de aquellos que comenzaban a organizar actividad clandestina), *el centro de contactos políticos nacionales e internacionales*. Allí se reunían exiliados brasileños (desde 1964), con los que además los grupos locales tomaron asiduo y fluido contacto (especialmente el MLN-T), y gentes de otros lugares.[...] Fue un lugar clave para la formación de una izquierda revolucionaria en el Uruguay, tanto por el contacto con gentes de otros países allí refugiados, como por las relaciones que en el diario y a través de él (en sus paginas), se establecieron.” REY TRISTÁN. Eduardo. *Op. cit.* p. 112.

²⁵¹ “La conferencia de los pueblos de tres continentes reunida en el solo heroico de Cuba, reviste una significación política de extraordinaria importancia.” HO CHI MINH. Apud: *Epoca*. 4 de enero de 1966.

Tricontinental e destacada liderança das lutas de libertação do Marrocos, era sequestrado e desaparecido pelo serviço secreto desse país em Paris, durante o seu exílio.

A delegação uruguaia na Tricontinental era integrada por seis militantes, todos vinculados ao FIDEL, e estava presidida por Luis Pedro Bonavita²⁵², escritor e então presidente do FIDEL; a delegação também contava com a presença de Rodney Arismendi, secretário geral do PCU. Ao FIDEL, coube a responsabilidade de convocar um Comitê Nacional preparatório da OLAS, assim como as demais delegações em seus respectivos países. Esse processo, dirigido pelo PCU, já havia gerado um ambiente desconfortável entre as demais organizações de esquerda que reivindicavam o direito ao debate e à participação.

Na véspera da Tricontinental, ao questionar o FIDEL por ter excluído um amplo leque de organizações, a FAU e outras organizações foram acusadas de divisionismo das forças antiimperialistas; o porta-voz dessas acusações foi o jornal *El Popular*, que as estigmatizou, ironicamente, de “*estos grupitos autodefinidos como revolucionarios*” os quais “*manejan la calumnia y el ataque sucio contra la historia de la Rev. Cubana*” e que, por fim, “*es bien sabido que a nadie representan*”.²⁵³

A atitude excludente do FIDEL, que evita a convocatória, levou a FAU a articular-se com setores da esquerda com os quais já havia tratado essa questão quando da conferência da Tricontinental (especialmente a militância do entorno de *Epoca* e do MLN). Assim, a FAU convoca os jornalistas Carlos Nuñez, de *Marcha*, Manrique Salbarrey, de *Epoca* e Ricardo Saxlund, de *El Popular*²⁵⁴, além das diversas organizações de esquerda para debater. O FIDEL não atendeu à convocatória, mas enviou uma carta ao evento; o jornalista de *El Popular* também não compareceu.²⁵⁵ *Epoca* deu amplo destaque à realização da reunião, reportando as intervenções de Carlos Machado (PS), de Gustavo Cosse (MAPU), de Manrique Salbarrey (*Epoca*), de Alcion Cheroni (MIR), de Leo Gerner (FAU), de Carlos Núñez (*Marcha*) e de Carlos María Gutierrez (Izquierda Nacional Independiente); também incluiu a nota do FIDEL, onde se automeava Comitê Nacional da OLAS e desqualificava a iniciativa como medida antiunitária.²⁵⁶ A repercussão dessa atividade, somada a uma

²⁵² EL POPULAR. Bonavita: Aprovechar toda forma de lucha. Montevideú, 10 jan. 1966, s/p.

²⁵³ FAU. La Izquierda y la Tricontinental. Declaración de la FAU. In: EPOCA. Montevideú, 24 jan. 1966, s/p.

²⁵⁴ FAU. FAU Convoca Mesa Redonda. In: EPOCA. Jueves 15 de diciembre de 1966.

²⁵⁵ *Epoca* chegou a publicar uma carta de Saxlund onde o mesmo esclarecia os motivos de sua ausência do debate. Sua argumentação ia de encontro à do FIDEL, afirmando tratar-se de um espaço com maior pretensão em constranger o FIDEL do que em processar uma política de unidade das forças antiimperialistas, criticando inclusive a cobertura de *Epoca* à discussão que estaria reforçando tais constrangimentos. EPOCA. Jueves, 22 de diciembre de 1966.

²⁵⁶ EPOCA. ORGANIZARSE PARA LA SOLIDARIDAD. Montevideú, 21 dez. 1967, s/p. Um extrato destas intervenções também pode ser visto em MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* pp. 62-64.

mediação de Salvador Allende, do PS chileno, fez com que o PS fosse convocado a integrar a delegação²⁵⁷. A FAU tentou contornar para que essa vaga fosse decidida segundo um consenso entre os grupos então excluídos pelos comunistas, mas tal iniciativa não prosperou.²⁵⁸

Diante do impasse e da ausência de critérios comuns na delegação uruguaia, Carlos Maria Gutiérrez, que foi à Conferência como jornalista enviado por *Marcha*²⁵⁹, levou um documento à mesma expressando a posição da FAU e do MLN. No documento, além da categórica afirmação da via armada para a revolução, também se ressaltava o trabalho em nível de massas. Em meio a esse processo, o MRO, força minoritária dentro do FIDEL, começou a colidir com as posturas do PCU, aproximando-se da esquerda revolucionária.²⁶⁰

Deve-se considerar que a FAU havia-se desentendido com uma delegação cubana que visitara o Uruguai antes da OLAS; essa situação prejudicava, de certa forma, as possibilidades de poder participar do evento em Cuba. Naquela ocasião, a FAU, contando com a participação de Gerardo Gatti e Juan Carlos Mechoso, intercambiou opiniões a respeito dos respectivos processos de cada país e sobre um possível apoio técnico, no caso, viagens à Cuba para cursos de capacitação militar. Em meio a conversação, o delegado cubano fixou como exigência à FAU a modificação de seu nome – no caso, deixar de denominar-se anarquista – para que, então, pudesse receber tais cursos. Segundo Mechoso, essa exigência foi duramente rejeitada:

Gerardo que era buen expositor, le explicó de manera bastante larga y fundada el por qué de la definición. Que implica en materia de concepción socialista esa definición. [...] dentro de la exposición quedó claro que nosotros luchábamos por ese socialismo, que ese era el sentido de nuestra lucha, que había métodos de acción directa, un concepto de que al sistema sólo se le podía cambiar mediante ruptura y que el modelo de reconstrucción tenía para nosotros valor supremo: participación creciente del pueblo, proceso de libertad, estructuras y formas organizativas acordes a esos procesos.

El camarada siguió con cierta atención el planteo, no parecía gustarle del todo. Gerardo terminó la tirada. Por ahí, después de un breve silencio, el Cubano dice más o menos: “tienen que pensar un cambio de nombre, socialismo si, pero otra cosa”, y sugiere algún tipo de nombre, por lo que recuerdo no eran extraños a otros que ya había en el continente. Y agrega aproximadamente: “así no van a viajar nunca ni recibir curso alguno”. Fue la gota que desbordó. Le respondimos que nuestra concepción no estaba en venta al mejor postor, que estaba equivocando el planteo. Que no nos interesaban los viajes ni los cursos en determinadas condiciones y que se podía quedar nomás con ellos.

Nos miró un poco sorprendido y se enojó mucho, nosotros también y nos gritamos por unos segundos. Después las aguas volvieron a su cauce. Parecía que el encuentro había terminado, por lo menos a nosotros nos parecía que la cosa no daba para más. Cuando de repente y en buen tono el cubano nos pregunta ¿Pero entonces ustedes no están de acuerdo con nosotros? Vino otra tirada que corrió, fundamentalmente, por

²⁵⁷ REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.* p. 116.

²⁵⁸ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 64.

²⁵⁹ REY TRISTÁN, Eduardo. *Op. cit.*, p. 117.

²⁶⁰ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.*, p. 64.

cuenta de Gerardo. Que teníamos un reconocimiento de lo que había significado la Revolución Cubana para las luchas revolucionarias en el continente; que había refrescado y puesto en la escena una concepción de acción directa, de ruptura; que había fortalecido una línea antiimperialista. Que nosotros reivindicábamos el derecho a la autodeterminación de los pueblos; pero que planteábamos intransigentemente a la autonomía que debían tener los procesos revolucionarios en cada lugar, acorde a su historias y reales condiciones generales, etc. Y que además todo este reconocimiento a la Revolución Cubana no implicaba que estuviéramos de acuerdo con el modelo interno. Un modelo que nos parecía se perfilaba para parecerse al de la URSS con el que no teníamos ninguna afinidad. Hubo algún intercambio más de opiniones, ahora en tono fraternal y se puso punto final a la reunión.

-Sí, tenemos concepciones muy diferentes –dijo al despedirse.

De ahí en más nuestra relación con Cuba fue nula.²⁶¹ [Grifos nossos]

Como pode verificar-se, a postura da FAU em torno da Revolução Cubana, longe de ser uma adesão pura e simples ao processo em curso, constituiu-se em um marco de apoio crítico. Tal postura teve consequências políticas. Por um lado, foi duramente estigmatizada como organização que, a partir de então, teria rompido com o anarquismo, orientando-se a partir disso por preceitos “marxistas-leninistas”. Por outro lado, recebeu a censura da delegação cubana que se recusou a colaborar, ainda que minimamente, no desenvolvimento de seu futuro aparato armado, censura essa que complexificou ainda mais a realização de tal atividade, ao passo que fortalecera sua identidade política e ideológica.

Nuestro trabajo político, nuestras cuestiones técnicas se hicieron a pulmón y en el marco de nuestras preocupaciones ideológicas. No es que no valoremos la importancia de ciertas transferencias de conocimientos, pero, si vienen con precio mejor no tomarlas.

En cierta forma esto arrojó un saldo positivo. Y se mantuvo una consecuencia, sobre la que muchas veces se conversó, de hacer política pero no politiquería, no obrar en función de cálculos mezquinos, demagogia, oportunismo, o por pánico a la soledad.²⁶² [Grifos nossos]

Os resultados da Conferência da OLAS são sintomáticos no que tange à grande polêmica que dividia a esquerda uruguaia e internacional naquele momento: a polarização entre um campo que apostava na tática frentista com finalidades eleitorais e de colaboração com uma pretensa burguesia nacional e progressista, e outro que rejeitava tal caminho e demarcava a criação de condições para viabilizar a tática insurrecional. A Conferência concluiu com a vitória da via armada em detrimento da linha frentista defendida pelos Partidos Comunistas e que tinha em Rodney Arismendi seu principal porta-voz. Além disso, a Conferência demarcava uma condenação à URSS por prestar assistência técnica a distintos governos do continente.²⁶³

²⁶¹ *Idem.* p. 65, 66.

²⁶² *Idem.* p. 66.

²⁶³ *Idem.* p. 69.

Dada a expressiva derrota de sua concepção na Conferência, o PCU – que detinha a maioria absoluta da delegação uruguaia - censurou em seu jornal *El Popular* os telegramas da agência cubana *Prensa Latina*, assim como os acordos da OLAS e o discurso de encerramento da Conferência propagado por Fidel Castro. Em função disso, a FAU publicou e difundiu o discurso de Fidel, discurso esse que, naquele momento, era a síntese de uma via de ação revolucionária antagônica à defendida pelos PCs, sinalizando também um frágil alinhamento de Cuba com a URSS na medida em que apontava não só outras prerrogativas para o acionar da esquerda latino-americana mas, também, colaborando de forma direta com as organizações internacionais que se debatiam com os PCs pela hegemonia das esquerdas. O discurso de Fidel no encerramento da OLAS era uma expressão dos tempos de tormenta que vivia a América Latina e dos anseios de sua esquerda mais radicalizada, como podemos atestar em algumas passagens:

[...] Hay veces que los documentos políticos llamados marxistas dan la impresión de que se va a un archivo y se pide un modelo; modelo 14, modelo 13, modelo 12, todos iguales, con la misma palabrería, que lógicamente es un lenguaje incapaz de expresar situaciones reales. Y muchas veces los documentos están divorciados de la vida. [...] ¿y en qué se diferencia de un catecismo, en qué se diferencia de una letanía y un rosario?

[...]

Tan mala es la frase sin contenido como el supuesto contenido de determinadas frases. Porque hay tesis que tienen 40 años de edad; la famosa tesis acerca del papel, por ejemplo – para citar una -, de las burguesías nacionales. Cuanto trabajo ha costado acabarse de convencer que ese es un esquema absurdo a las condiciones de este continente; cuánto papel, cuánta frase, cuánta palabrería, en espera de una burguesía liberal, progresista, antimperialista. Y de verdad que nos preguntamos si hay alguien que a estas horas pueda creer en el papel revolucionario de ninguna burguesía en este continente.²⁶⁴

Destacou-se também, ao longo da Conferência, a atuação de Carlos Maria Gutierrez, o jornalista enviado por *Marcha*, por reivindicar a linha revolucionária e delimitar uma rígida contenda com o PCU, em especial com seu secretário geral Rodney Arismendi. Após a conferência, Gutierrez publicou em *Marcha* um artigo ironicamente intitulado *MENSAJE A LOS NEO-SOCIALDEMOCRATAS*, o qual concluía o seguinte:

[...] Ya no alcanzará con que los PC hablen de unidad o de divisionismo, que muestren sus documentos de papel con el modelo 12 o 14, diciendo que ya han declarado suficientemente que están en el campo revolucionario. Los hechos reales – hasta el pequeño hecho de un aplauso - son los que cuentan de ahora en adelante. Sometidos a un análisis que ya tiene detrás una tesis, los partidos comunistas latinoamericanos tendrán que optar de una vez por todas ante la alternativa que he señalado al principio de estas correspondencias desde La Habana: o la estrategia soviética o la estrategia de la OLAS. O se declaran plenamente integrados en el

²⁶⁴ *Idem.* p. 66.

proceso dinámico e irreversible de la revolución continental, o deberán resignarse a ser los neo-socialdemocratas de América Latina.²⁶⁵

A contundente oposição de Gutierrez à atuação de Arismendi na OLAS foi motivo de largas discussões nas páginas de *Marcha* e *El Popular* entre agosto e setembro. Em meio à extensa polêmica que resultou de sua firme defesa da linha majoritária da Conferência, Gutiérrez foi acusado de “divisionista” e de ser agente da embaixada norte-americana na OLAS. As acusações foram duramente contestadas em um artigo direcionado a Arismendi, em *Marcha*, onde classificou o PCU de “[...] *vanguardia política de una izquierda institucionalista y complementaria de un orden burgues al que contribuye a decorar con su presencia en el Parlamento y otros ambitos del status quo [...]*”.²⁶⁶ O artigo viria recheado com uma pérola: a foto de encerramento da Conferência, onde o conjunto da mesa aplaudia suas resoluções, enquanto Arismendi se mantinha de braços cruzados em nítida reprovação à linha política triunfante.



Figura 2: Na foto, Rodney Arismendi, o segundo da direita para a esquerda, está de braços cruzados enquanto observa o conjunto da Mesa de encerramento da Conferência da OLAS aplaudir suas resoluções.

Fonte: GUTIERREZ. Carlos María. CON RODNEY ARISMENDI. In: MARCHA. Montevidéo, 8 set. 1967, s/p.

Essa acirrada polêmica em torno da OLAS provocou um progressivo distanciamento entre o MRO e o FIDEL, que culminaria com o seu desligamento formal no ano seguinte. Tal fato, aliado ao impacto da morte de Ernesto *Che* Guevara em meio de sua tentativa de criar um foco na região de *Ñancahuazú*, nos vales da Bolívia, fundamentou a decisão de reativar *Epoca*, agora como um jornal claramente identificado com as resoluções da OLAS.

Este consenso, que se concretó, amplio, y afirmó más tarde en el conocido como *Acuerdo de Época*, firmado por las seis organizaciones, fue la expresión definitiva y más elaborada de esa izquierda radical o revolucionaria [...] que se venía gestando

²⁶⁵ GUTIERREZ, Carlos María. EL DISCURSO DE FIDEL. MENSAJE A LOS NEOSOCIALDEMOCRATAS. In: MARCHA. Montevidéo, 26 ago. 1967, s/p.

²⁶⁶ GUTIERREZ. Carlos María. CON RODNEY ARISMENDI. In: MARCHA. Septiembre, 8 de 1967. Nº 1369.

desde los inicios de la década. A esas posturas habían llegado esos grupos tras un proceso particular de definición y consolidación en lo interno de las posturas revolucionarias. La OLAS vino a darle su forma final. Además, significaba el logro de una cierta estructuración de un proceso de acercamiento que se daba desde tiempo atrás y que había acabado de confirmarse en el debate sobre la participación en el Comité Nacional Uruguayo de la OLAS desde diciembre de 1966.²⁶⁷

Por fim, no âmbito da luta de massas, mais especificamente na sindical, a busca por consolidar um campo orgânico da esquerda revolucionária era um objetivo assinalado ao longo do processo de unificação sindical. Até então, o movimento sindical que vinha da experiência dos *gremios solidarios*, assim como uma nova geração que com ele se identificava, demonstrava certa sintonia nas lutas, conseguindo reafirmar uma posição que enfrentava a política do PCU. No entanto, essa articulação ainda recaía em certo nível de improvisação na medida em que carecia de uma instância regular capaz de planificar uma linha de ação em comum, de dar-lhe uma identidade político-sindical.

A grande onda de lutas de 1965 foi um momento ímpar para que a ausência dessa instância fosse detectada como um entrave. A pouco menos de dois meses das eleições de 1966, a FAU, através de sua frente sindical, fazia a convocatória de uma reunião para se viabilizar essa instância. Com a presença de militantes dos ramos da borracha, têxteis, gráficos, metalúrgicos, bancários, portuários, jornalistas, entre outros, a reunião propunha analisar a situação do movimento sindical em uma nova etapa, caracterizada por um avanço organizativo e predominância de uma política reformista. A convocatória propunha construir um espaço de encontro entre a militância sindical combativa.

Montevideo, octubre de 1966

Estimado compañero.

[...]

Todos sabemos que ese año, prácticamente la CNT no pudo aplicar su Plan de Lucha. Todos sabemos los motivos.

El reformismo constitucionalista, expresión de un reformismo general. La utilización de la acción gremial para la cosa electoralista. La poca disposición para encarar cualquier movilización que vaya cuestionando seriamente al régimen capitalista y sus soportes. Los elementos reformistas y electoralistas que actúan desde muchas direcciones sindicales han actuado de esa manera. A la vez que desde la reacción se ataca a los sindicatos, desde el reformismo se conspira – de hecho – contra su unidad para la lucha.

Convencidos de la necesidad de impulsar desde cada uno de nuestros puestos de trabajo, la UNIDAD para la LUCHA, luego de intercambiar ideas en el Frente Sindical de F.A.U., y con compañeros de militancia gremial independiente, el Secretariado de nuestra Organización, ha entendido útil propiciar la realización de una reunión de un núcleo de compañeros de militancia independiente y afiliados a la F.A.U., quienes en su actuación, en distintos niveles, dentro de diversas organizaciones gremiales, han evidenciado acuerdos sobre aspectos importantes de la lucha sindical.²⁶⁸

²⁶⁷ REY TRISTAN, Eduardo. *Op. cit.*, p. 118.

²⁶⁸ MECHOSO. Juan C. *Op. cit.*, pp. 47, 48.

Essa instância seria constituída como *Tendencia Combativa*, organizando um importante campo do movimento sindical que daria uma maior transcendência nas disputas no interior da CNT.

Dada a sua heterogeneidade, a *Tendencia Combativa* ainda deixava flancos abertos no sentido de afirmar uma orientação política de fundo. Sua convergência dizia respeito a uma linha de ação que delimitasse critérios para o movimento sindical e o acúmulo de forças a partir de um progressivo avanço de lutas coordenadas, vislumbrando transcendê-las a lutas políticas. Isso não impedia que houvesse rigorosa divergência em torno de enfoques estratégicos a respeito da caracterização do movimento sindical e da esquerda uruguaia.

Na perspectiva de Hector Rodriguez, o PCU impunha uma tática equivocada: a do reformismo. Rodriguez considerava necessário “*rectificar una línea que nadie trazó*” e afirmava regularmente “*Lamento que no se haya registrado unanimidad ni mayoría para el combate necesario*”, visualizando assim uma espécie de contradição do PCU que poderia ser revertida no transcorrer das lutas.²⁶⁹ Já para a militância da FAU, o movimento sindical se debatia ante uma estratégia de atuação muito bem definida por parte do PCU, com seus correspondentes ideológicos e políticos internacionalmente articulados.

[...] Esto fue motivo de fraternales discusiones en varias oportunidades. Nos parecía que la línea que aplicaba lo que llamábamos reformismo en lo sindical (como en lo político) no era casual y que en consecuencia se seguiría aplicando sistemáticamente. A partir de las premisas que establecía tenía su coherencia. Nosotros teníamos que procesar una misma coherencia a partir de nuestras premisas. Había un enfoque distinto con Héctor en esta problemática. Este enfoque distinto, además, era compartido por otros militantes sindicales. Esto fue un factor para que la Tendencia en lo orgánico tuviera ese carácter laxo y para que más adelante impulsáramos la R.O.E.²⁷⁰

Apesar dessa frágil organicidade, a *Tendencia Combativa*, constitui-se enquanto um espaço que se projetou no tempo, afirmando-se como importante vetor de encontro de expressivos setores sindicais que buscavam fortalecer as medidas de luta de forma a derrotar o *pachecato* com protagonismo da classe trabalhadora e demais setores populares organizados, criando assim perspectivas de ruptura revolucionária.

²⁶⁹ RODRÍGUEZ, Hector. In: Juan C. Op. cit. p. 72.

²⁷⁰ MECHOSO, Juan C. Op. cit. p. 73.

CAPÍTULO III: “ACCIÓN DIRECTA EN TODOS LOS NIVELES”. A FAU DIANTE DA “DITADURA CONSTITUCIONAL” (1968-1973)

[...] Abruptamente, ya no son los códigos, el parlamento u otros fetiches de la civilización occidental y cristiana, los que aparecen consagrando la autoridad. Ya no es el cumplimiento de las normas acordadas teóricamente por todos, que constituye el llamado “Estado de Derecho”, el medio para gobernar. Entre el gobierno y la gente casi desaparecen los intermediarios (politiqueros, editorialistas, abogados). El régimen se vuelve lacónico: habla por boca de sus escopetas, de sus revólveres.²⁷¹

Cielito, cielo que sí,
 cielo del sesenta y nueve,
 con el arriba nervioso
 y el abajo que se mueve.²⁷²

3.1 *El buen trato*.²⁷³ Reestruturando-se após a proscricão

O período do *Pachecato* (1968-1973) foi o período de maior efervescência político-social na história recente do Uruguai. A irreversível crise econômica e o deterioramento político-democrático entravam em uma espiral ascendente de proporções incomparáveis aos anos anteriores. Da mesma forma, os movimentos populares incorriam em franca massificação, encontrando um significativo avanço de consciência das amplas camadas populares e médias atingidas pela crise. Também foi o momento em que o conjunto da esquerda encontrou seu maior desenvolvimento orgânico, deparando-se, por outro lado, com uma tortuosa encruzilhada para romper o quadro em que se encontrava o país. Os cinco anos de *Pachecato*, conhecidos como ante-sala do golpe de Estado (ou “golpe em câmera lenta”), foram anos onde as distintas forças de esquerda mais organizadas lograram um crescimento

²⁷¹ FAU. “40 puntos para la acción aquí”. In: *Rojo y Negro*. Montevideú, dez. 1968, p. 17.

²⁷² BENEDETTI, Mario; NUMA MORAES, Héctor. *Cielo del 69*. <http://www.cancioneros.com/nc/13568/0/cielo-del-69-mario-benedetti-hector-numa-moraes> Último acesso: 20/10/2014.

²⁷³ *El Buen Trato* foi o nome da carvoaria de fachada montada pelos anarquistas *expropiadores* Gino Gatti e Miguel Arcangel Rosigna nas imediações do então presídio de Punta Carretas em 1931. Por detrás da carvoaria, os anarquistas executavam um minucioso plano: cavar um túnel que permitisse a fuga de seus companheiros presos. Quando logram a fuga, Tadeo Peña, Pedro Boadas Rivas e Augustín García Capdevilla (catalães condenados à pena de morte na Espanha por suas atividades clandestinas vinculadas ao grupo *Los Solidarios*, ao qual pertenciam Buenaventura Durruti, Francisco Ascaso e Garcia Oliver) e Vicente Moretti, anarquistas *expropiadores* ali detidos, deixam um bilhete à polícia: “A solidariedade anarquista é mais que palavra escrita!”. *El Buen Trato* referia-se, antes de mais nada, ao zelo com que esses anarquistas encararam a difícil tarefa de operar na clandestinidade, criar mecanismos para desenvolver as lutas operárias e levar solidariedade efetiva àqueles que a demandassem. Desse mesmo zelo viria a nutrir-se a FAU ao se inspirar nessa modalidade (expropiação) e desenvolver uma complexa estrutura que a permitisse operar na clandestinidade e sob implacável perseguição.

ímpar de suas fileiras e disputaram o complexo cenário na busca por um caminho à revolução uruguaia e latino-americana.

Ainda em finais de 1967, após seu Congresso e às vésperas da clandestinidade, a FAU acelerou a montagem de uma infraestrutura que capacitasse seu funcionamento orgânico; providenciou-se o aluguel – com documentos falsos – de uma rede de locais encobertos para as atividades do aparato armado, então denominado de *Chola*, e de sua Junta Federal, que passa a ser denominada de *Fomento*. Também foi realizada a construção de fundos falsos em residências e nos aparelhos da organização, visando esconder documentos e armas.

Obviamente, a aquisição dessa infra-estrutura mínima para um devido funcionamento clandestino não era tarefa simples e demandava altos gastos financeiros, incompatíveis com a capacidade de cotização de seus militantes; garantir os recursos seguramente foi uma das tarefas e preocupações centrais da organização. A via encontrada foi a retomada de ações clássicas do anarquismo do Rio da Prata: as expropriações. Essa metodologia começou a ser utilizada de forma regular após o congresso de 1967, quando se realizou uma operação de venda de bônus do tesouro falsificados. O montante era relativamente baixo (15 mil dólares), mas foi recebido com entusiasmo e euforia; era um ato simbólico.

En una reunión de la Junta Federal se hace entrega del dinero. Era un bulto grande, se había cobrado en moneda uruguaya. Fue la única vez que se entregó directamente a un colectivo, era más que nada un acto simbólico. Después se haría directamente al Tesorero. Por otra parte habían sido muchas las referencias de que sin dinero gran parte del proyecto bosquejado no funcionaría. En ese momento era Tesorero San Ramón (Franano). Los dos más veteranos de la Junta: San Ramón y Falero (militantes desde la década del 20), hicieron comentarios discretos pero les chispeaban los ojos. Quedaron eufóricos, especialmente Marino que siempre recordaba otros tiempos y otra gente, dándole siempre para adelante a la acción directa clásica.²⁷⁴

No ano seguinte, a organização foi obrigada a retomar o problema das finanças, já que “*No tenemos plata ni para el ómnibus[...]*”²⁷⁵, afinal de contas “[...] *Las finanzas obtenidas con los “papeles”, – bonos extranjeros – fue una inyección en su momento[...] Quedaban pocos pesos y muchos proyectos.*”²⁷⁶ Em função disso, ocorreu a expropriação do *Banco de La Teja*, UBUR (*Unión de Bancos de Uruguay*). A operação foi um marco importante na história da organização; a prática ainda não era recorrente no país – “*Como casi no se hacian Bancos, no había aún psicosis al respecto.*”²⁷⁷ –, e aquele acabou sendo o primeiro banco

²⁷⁴ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 82.

²⁷⁵ *Idem*, p. 118.

²⁷⁶ *Idem*, p. 309.

²⁷⁷ Até então, o MLN-T havia realizado duas expropriações bancárias. Não obstante, o primeiro banco expropriado no país encontra parentesco com a FAU, embora não tenha sido uma atividade da organização. Na ocasião, ainda na década de 1950, Alberto “Pocho” Mechoso (Martin), junto a um grupo de amigos, expropriam

expropriado pela organização. Após um rigoroso trabalho de informação da rotina do banco e de seu entorno – a FAU pode contar sempre com a colaboração de um grupo de militantes bancários que informavam a respeito das movimentações nas agências –, a operação foi realizada.²⁷⁸ Esvaziado o caixa-forte, a equipe responsável saiu em fuga; Hugo Cores (Anselmo) guiava o automóvel e, no meio de inúmeras freadas bruscas, dava gritos eufóricos citando uma expressão até então inexistente: “*¡Arriba los que luchan!*”. No dia seguinte, ao ser relatada a ocasião à Mauricio (Sebastián) e Gerardo Gatti (Santiago), Mauricio, então responsável pela parte de propaganda, tomou nota de imediato da expressão de Hugo, que passou a ser utilizada como consigna pela organização em diversos materiais.²⁷⁹

A referida expropriação buscava solucionar a necessidade da organização de financiar a montagem de uma nova estrutura, o que exigia recursos de grande porte. A proscricção da FAU e as características heterogêneas da *Tendencia Combativa* estimularam a construção de uma nova organização que funcionasse como uma espécie de cara pública da FAU, refletindo sua linha política sem, contudo, colocar nessa organização as mesmas exigências, disciplina e definições ideológicas; quer dizer, não se definiria, portanto, enquanto organização anarquista, o que a deixava aberta a um âmbito maior de militantes.²⁸⁰ A ideia era de que essa nova estrutura não concorresse com a *Tendencia*; ao contrário, deveria fortalecer esse espaço mais amplo.

Em função disso, surgiu a *Resistencia Obrero Estudiantil* (ROE). A opção por “Resistência” demarcava a concepção de um processo revolucionário de longo prazo, bem como a não caracterização do período enquanto revolucionário, portanto, de resistência e de acumulação de forças. Buscava também a unidade operário-estudantil e pretendia-se trabalhar

uma filial de *La Caja Obrera*, de forma a levantar fundos para uma cooperativa de trabalho e doar outra parte à recém-fundada FAU. Um ano após o feito, foi preso por vinculação ao episódio. Na ocasião, passou seis anos detido nos cárceres de *Miguelete* e *Punta Carretas*, incorporando-se logo em seguida à FAU, mais especificamente em seu aparato armado.

²⁷⁸ Mechoso nos proporciona um relato deveras interessante a respeito do operativo que denota o perfil da composição do aparato armado. No caso, a referida expropriação só foi consumada em sua segunda tentativa, dado que na primeira houvera problemas na locomoção da equipe responsável até o local. “No podía repetirse el intento enseguida aunque se resolviera el problema automovil. Pues, aunque parezca casi absurdo el horario bancario acarrea sus problemas, es que el Equipo que iba a operar era todo de extracción obrera. Casi todos ellos tenían que arreglar sus horarios de trabajo para poder participar. Así que hubo que esperar una semana para volver a intentar.” *Idem*. p. 312.

²⁷⁹ “El santo y seña de la ROE, su frase insignia, fue ‘Arriba los que luchan’. Que de alguna manera expresa el sentido de una organización con mucho dinamismo y pocas definiciones. Años después y ya en el tramo final de lucha contra la dictadura, el “Arriba los que luchan” se transformó en una consigna pintada en muros y carteleras, coreada en las manifestaciones populares de todo Uruguay por miles y miles de personas, que poco o nada, sabían de su origen.” RODRÍGUEZ, Universindo; EUGENIA JUNG, María. *Juan Carlos Mechoso anarquista*. Montevideo: Trilce, 2006. p. 67.

²⁸⁰ “La Organización necesitaba presencia en el ámbito público y al mismo tiempo cierta beligerancia. Un ámbito que expresara líneas fundamentales.” MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 120.

para criar um “estilo” de militância. Segundo Mechoso, as intervenções de Gerardo Gatti nos debates apontavam para esse encontro operário-estudantil:

[...] Decía algo así como que con la integración de estos elementos se obtenía: disciplina, imaginación, solidez, dinamismo y realismo. Algunos de estos argumentos ya se los había escuchado anteriormente: cuando él era aún militante de FEUU.

Así las cosas, en lo que respecta al estudiante se trataba de “producir” un militante no libresco, que tuviera contacto con el mundo real de las fábricas, con los problemas concretos que enfrentaba a diario el obrero. En cuanto al obrero: que había que moverlo más, que tuviera regularmente más dinamismo y presión ambiente para aumentar su mundo de ideas.²⁸¹

A ROE aglutinou, de fato, o conjunto da militância sindical e estudantil da FAU, assim como aquela que se localizava em seu entorno enquanto simpatizante de sua política. Com o seu surgimento, começaria a funcionar a estrutura básica da organização e a essência de seu modo de operar, as “*dos patas*”.

La parte de Chola [o aparato armado] se estaba desarrollando y comenzaba la Resistencia a nivel popular. Dos creaciones orgánicas de la FAU. Dos patas para la organización política.²⁸²

Caberia, portanto, à FAU, enquanto organização, incidir nos dois âmbitos, nas lutas de massas e também no terreno militar consolidando um aparato armado. Buscava-se, nesse sentido uma “linha estratégica”²⁸³ que permitisse dinamizar e ligar esses dois campos de luta. Isso se reforçaria na “pata” armada, a qual não tinha autonomia deliberativa e política, apenas operativa. Portanto, a FAU visava aprofundar a organização e incidência nos setores populares – principalmente na classe trabalhadora -, além da luta avançada (desenvolvimento de táticas de ação direta violenta e expropriações). “*Dos patas*” para conceber a “*acción directa en todos los niveles*”, linha estratégica que marcaria seu acionar.

3.2. *Cielo del 69. O 68 que se prolongou ao sul*

O ano de 1968 foi marcado por um desborde de lutas em escala global. No coração do imperialismo, ao passo que a guerra do Vietnã se intensificava, ganhava corpo um amplo movimento contestatório ao *American way of life* (modo de vida americano) nas figuras dos

²⁸¹ Idem.

²⁸² Idem.

²⁸³ A ideia de “linha estratégica” era concebida pela FAU nos seguintes termos: “La actividad de una organización supone una previsión del devenir posible de los acontecimientos durante un lapso más o menos prolongado, previsión que incluye la línea de acción a adoptar por la organización ante esos acontecimientos de manera de influir sobre ellos en el sentido más eficaz y adecuado.” Ao que concluía: “A estas previsiones es a lo que se llama línea estratégica.” *CARTAS DE FAU. De Aquí Partimos*. Montevideo, 1 jun. 1970, p. 1

diversos movimientos contra a guerra; dos “beatnik”; da luta contra a segregação racial e a violência policial expressas fundamentalmente nos Panteras Negras e na figura do reverendo Martin Luther King. Esse desborde internacional encontrava um campo amplo de anseios e reivindicações onde a juventude ocupou um posto destacado. Nesse sentido, questões de ordem cultural, comportamental e de relações de gênero²⁸⁴ também apareciam entrelaçadas às tradicionais pautas levantadas pela esquerda. A oposição à guerra do Vietnã era um tema de grande relevo, despertando inúmeras mobilizações dentro e fora dos EUA.²⁸⁵ Em um documento, a FAU analisaria com entusiasmo essa radicalização estudantil em escala internacional:

Desde fines de abril la agitación estudiantil internacional se desarrolla hasta extremos desconocidos. Ella sacude todo el continente europeo: de Varsovia a Barcelona y Madrid, de Belgrado a Berlín y Milán. En París esa insurgencia estudiantil ha de alcanzar su expresión más alta. Por causas específicas y propias, pero influenciado por aquel vasto movimiento que en el viejo mundo se levantaba contra la sociedad de consumo por la libertad, contra la opresión burocrática y estatal, también han de levantarse los estudiantes de Río de Janeiro, de Rosario y La Plata, desafiando a las dictaduras de Costa e Silva y Onganía.²⁸⁶

Ao sul, mais especificamente no Rio da Prata, esse desborde de lutas prolongou-se pelo ano seguinte. Na Argentina, 1968 seria o ano de fundação da *Confederación General del Trabajo de los Argentinos* (CGT-A).²⁸⁷ Iniciativa de um amplo movimento sindical de base e combativo, a CGT-A constitui-se enquanto ferramenta opositora à CGT oficialista que praticava um sindicalismo de perfil mafioso e corrupto; foi alvo de uma dura repressão logo em seus primeiros anos de vida. Ainda que debilitada pela repressão, a CGT-A logrou manter uma presença regular nas províncias do interior do país, dando sequência a um persistente trabalho entre a classe trabalhadora argentina. Em maio de 1969, uma série de medidas de

²⁸⁴ “En New Jersey, 7 de setiembre de 1968, más de cuatrocientas mujeres llegadas de distintos lugares del país bloquearon el concurso Miss América considerando que en todo certamen de belleza se califica a las mujeres como reses.” RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivone. *Op. cit.* p. 131.

²⁸⁵ “[...] Japón fue, durante la guerra contra Vietnam, una base militar clave para Estados Unidos. El 19 de enero de 1968 el buque estadounidense *US Enterprize* hizo escala en el puerto de Tokio. Los estudiantes Zengakuren, opositores a la guerra contra Vietnam, avanzaron hacia el puerto en formación militar, en filas distinguidas por los colores de sus cascos. A pesar de la brutal represión lograron llegar hasta el portaaviones y arengar a los marineros a desertar. Desde allí se dirigieron al Ministerio de Relaciones Exteriores, atacaron el edificio y ingresaron.” Zengakuren era a Federação de Associações Autogestionárias Estudantis. *Idem.* p. 132.

²⁸⁶ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 94.

²⁸⁷ A FAU/ROE desenvolveu uma fluída relação com a CGT-A, tendo essa última participado de alguns atos públicos promovidos pela ROE. Na *Cartas de FAU* de 4 maio de 1970, foi publicada uma crônica de um ato da ROE, onde um delegado da CGT-A pronunciar-se-ia: “[...] La CGT-A – dijo – que surge en el 68 como respuesta a la burocracia corrompida que controla casi todos los aparatos sindicales. Su trabajo se orienta a la base, a la creación de agrupaciones cuya estructura es clandestina. Tenemos claro que el enfrentamiento es a muerte. Que contra nosotros se une toda la represión, los dirigentes amarillos y el reformismo. Reuniones como ésta son útiles para nosotros para intercambiar experiencia con compañeros a los que nos unen los mismos objetivos.” *Idem.* p. 163.

ajuste econômico seriam a gota d'água para os setores populares, fundamentalmente das províncias. O corte do “sábado inglês” (direito que garantia meio dia de trabalho como uma jornada inteira) e legislações que permitiam salários mais baixos do que na capital animaram diversas lutas que de pronto ganhariam uma poderosa envergadura, desaguando no *Cordobazo* e no *Rozariazo*²⁸⁸, verdadeiras insurreições marcadas pela unidade entre trabalhadores e estudantes que convulsionaram o país.

No Uruguai, 1968 não deixaria de ser um marco divisório; um importante hiato na disputa pelos rumos do país. O ano começaria com a decisiva luta dos operários do frigorífico Anglo (inglês) de Fray Bentos contra o fechamento da planta. Organizados na *Unión Obrera de Rio Negro* – afiliada à *Federación Autónoma de la Carne* –, os operários ocupam a planta e, em seguida, marcham a Montevideú, sendo reprimidos pela polícia. Após um mês de ocupação, os operários lograriam a reabertura da planta sob o controle do *Frigorífico Nacional*.

Ainda nos primeiros meses do ano, os trabalhadores de FUNSA tornaram a ocupar a empresa contra o *lock-out* patronal; na *General Electric*, os piquetes de greve eram ostensivamente atacados pela polícia e permanentemente reorganizados; trabalhadores da colheita de beterraba marcharam a Montevideú e os estudantes de Magistério sofreram na capital os sinais de uma repressão que atingiria resultados dantescos no semestre seguinte. Às vésperas do 1º de maio, chegou a Montevideú mais uma *Marcha Cañera*, dessa vez, com a consigna “*Basta ya de dialogar, hay que armarse pa'luchar*”; sua propaganda seguiu encontrando uma resoluta oposição por parte dos comunistas, dando lugar, inclusive, a confrontos físicos de rua entre a militância que disputava as consignas de agitação nos muros da cidade. A Marcha, acompanhada por parte da militância da FAU (que, junto com o MLN, dedicou-se à tarefa de sua viabilização), acampou novamente no bairro *Cerro*, onde Carlos Molina viria a brindar seu canto solidário junto a outros cantores populares. O 1º de maio foi novamente marcado por uma massiva manifestação convocada pela CNT, que dessa vez contou com a destacada participação de uma coluna da *Tendencia Combativa*.

El 1º de Mayo una multitud se congrega en el mitin de la CNT. Una poderosa columna donde se juntaban sindicatos, agrupaciones y militantes identificados en la tendencia combativa, dinamizan la manifestación. Frente a la Embajada de los EE.UU. se producen enfrentamientos entre manifestantes con los grupos de choque del Partido Comunista (alineados delante de ella) y con los escuadrones policiales

²⁸⁸ Sobre essas grandes mobilizações, ver: BALVÉ, Beatriz; BALVÉ, Beba. *El '69. Huelga Política de Masas: Rosariazo Cordobazo, Rosariazo*. Buenos Aires: Editorial Contrapunto. s/d.

ubicados más atrás. Posteriormente la policía carga contra el mitin y lo disuelve, en medio de duros enfrentamientos.²⁸⁹

Ainda em maio, a FAU fazia a primeira publicação de sua revista *Rojo y Negro* (que teve apenas dois exemplares, ambos em 1968); no mês seguinte, deu início à publicação semanal *Cartas de FAU*. Diferente de *Rojo y Negro*, as *Cartas* eram voltadas a informes e análises de orientação e agitação para o momento, enquanto em *Rojo y Negro*, a linha editorial pretendia focar-se em análises mais amplas que, embora remetessem à conjuntura do momento, fossem mais aprofundadas; também deu importante margem de atenção a questões internacionais.

As *Cartas de FAU* apareceram em junho, quando se consumou o desborde do 68 uruguaio. Esse mês acabou marcado por novas MPS, militarização de funcionários públicos²⁹⁰, prisão de centenas de bancários, invasão da sede da CNT, congelamento salarial e um pretense congelamento de preços – na realidade, a inflação seguia a galope, aumentando, ainda mais, a indignação popular. Na ocasião, em uma das primeiras *Cartas*, a organização defenderia um dos seus principais eixos de reivindicação à própria CNT, a elaboração de um plano ascendente de lutas e de enfrentamento, “[...] Así, con menos diálogo y MÁS LUCHA enfrentaremos las medidas de seguridad.”²⁹¹

Em meio a esse cenário, o movimento estudantil (que então lutava contra o aumento da passagem escolar) começava a promover mobilizações de massa, contando com forte presença de secundaristas (que não tinham grande tradição de luta e organização) e níveis de radicalização até então inéditos. Essas mesmas mobilizações estudantis sofreriam as primeiras vítimas produzidas pelo *Pachecato* e o regime concebido por ele, a ditadura civil-militar. Em agosto, próximo à Faculdade de Veterinária, foi ferido gravemente o militante das Juventudes Comunistas Liber Arce (28 anos), que faleceu dois dias depois. Seu cortejo fúnebre foi uma das maiores demonstrações de repúdio à escalada repressiva que vivia o país; um mar de 300 mil pessoas saiu às ruas. No mês seguinte, em uma nova mobilização estudantil acossada por forte repressão policial, foram feridos mortalmente Hugo de los Santos (21 anos), estudante

²⁸⁹ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 94.

²⁹⁰ “A militarização dos trabalhos consistia em obrigá-los a retornar ao trabalho em caso de greve e a enfrentar mudança de horários e de locais de trabalho como ação preventiva para desmobilizar e evitar greves em gestação. Dispositivos militares, incompatíveis com a condição civil desses trabalhadores, eram aplicados, o que implicava no confinamento em quartéis das lideranças e dos quadros sindicais mais combativos, deslocamento para centros militares de outras cidades, imposição de disciplina militar no local de trabalho, ou mesmo obrigação de exercício físico. O empregado ausente virava, na lógica militar, um “desertor” e como tal era tratado (até com ameaça de perda do emprego).” PADROS, Enrique Serra. *Op. cit.* 279.

²⁹¹ *CARTAS DE FAU. MENOS DIALOGO Y MAS LUCHA PARA ENFRENTAR AL GOBIERNO*. Montevideú, 20 jun. 1968, p. 01.

de economia, e Suzana Pintos (27 anos), estudante da *Universidad del Trabajo* (UTU), ambos recentemente integrados às Juventudes Comunistas.

O impacto de três estudantes assassinados em pouco mais de um mês se tornou uma considerável mola propulsora à radicalização desse setor. Desde então, o movimento estudantil se transformou em uma grande escola de quadros das organizações revolucionárias; além do mais, a partir desse cenário de maior radicalização e enfrentamento do movimento estudantil, o MLN-T começou a processar um significativo desenvolvimento em suas fileiras – até então restritas a militantes egressos do PS, do MRO e a alguns quadros da UTAA. Todavia, esse fenômeno não se limitava apenas à repressão contra os estudantes. Influenciava também nessa ascendente adesão à luta armada o alto nível de politização e eferescência intelectual daquela geração.²⁹²

La peculiaridad e importancia de la movilización estudiantil no residió tanto en las causas de sus protestas o en la acción desarrollada, como en el hecho de que dio a luz nuevos actores y nuevas formas de acción política. Su significado hay que entenderlo dentro del proceso global de transformación de la sociedad uruguaya de aquellos años. El movimiento estudiantil no era el único proceso radical o violento que se desarrollaba. Entraba dentro del conjunto en el que también se encontraban la radicalización de ciertos sectores obreros o la aparición de grupos armados.²⁹³

Esse intenso processo de lutas diárias sob MPS levou os sindicatos *Unión Obrera de Bao*, *Federación de Asociaciones Viales del Uruguay*, *Sindicato Único de Enrique Ghiringhelli*, *Federación Uruguaya de la Salud*, *Sindicato Autonomo de Tem* e a *Unión de Obreros, Empleados y Supervisores de FUNSA* - dirigidos fundamentalmente pela ROE e *Tendencia Combativa* - a enviarem uma carta à CNT em julho, reivindicando “[...] *Canalizar la combatividad hacia un plan que repique con la lucha en escalada del pueblo, a la escalada represiva del gobierno.*”²⁹⁴ A pressão dos seis sindicatos logrou aprovar uma paralisação de 48 horas; no entanto, diante do pronunciamento presidencial em cadeia nacional no 2 de setembro, prometendo intensificar a repressão, o Secretariado Executivo da CNT suspenderia a medida. A decisão foi tomada de comum acordo entre as direções comunistas e o sindicato têxtil, sob a justificativa de que “*estaban encaminadas las gestiones a nivel parlamentario*”, o

²⁹² “En 1966 se publicaron 430 nuevos títulos con 2.022.690 ejemplares. En 1967 son 647 títulos y alrededor de 3 millones de ejemplares (“El País”, 2 de enero, 1968). No era poco para un país económicamente en crisis y con poco más de 2 millones y medio de habitantes.” CORES, Hugo. *El 68 Uruguayo. Los antecedentes. Los hechos. Los debates*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental. 1997. p. 67.

²⁹³ REY TRISTAN, Eduardo. *Movilización estudiantil e izquierda revolucionaria en el Uruguay (1968-1973)*. In: *Revista Complutense de Historia de América*. Vol. 28 (2002) p. 191.

²⁹⁴ *CARTAS DE FAU. ¡A RESISTIR! 6 SINDICATOS LLAMAN A LA LUCHA*. Montevideo, 29 jul. 1968.

que ocasionou um duro ataque por parte da delegação dos sindicatos de FUNSA e de Artes Gráficas, além de descontentamento com a decisão em grande parte da base da CNT.²⁹⁵

Ainda que a grande marca do 68 uruguaio tenha sido as lutas estudantis, dado a radicalização sem precedentes e o impacto da repressão, o ano também foi pontuado por importantes conflitos sindicais, apesar do recuo da maioria da CNT nas possibilidades de uma maior coordenação entre os conflitos, visando, assim, a uma maior intensidade das lutas e maior desenvolvimento da capacidade combativa da classe trabalhadora. Ao longo do segundo semestre, greves com ocupação dos locais de trabalho foram registradas no *Frigorífico Nacional*, em FUNSA, em hospitais e postos de saúde, em TEM (local onde os trabalhadores impedem a saída de diretores e impõem a restituição de demitidos), em BAO²⁹⁶, entre outros.²⁹⁷ Ao final do ano, ainda sob MPS, o governo interrompe as aulas da universidade, do magistério, das escolas e da UTU, além de aprovar a *Comisión de Productividad, Precios e Ingresos* (COPRIN), medida que visava regulamentar a atividade sindical ao formar uma espécie de tripartite onde as questões trabalhistas deveriam ser encaminhadas.²⁹⁸ Por sua vez, a organização realizaria mais uma expropriação bancária, dessa vez na cidade de La Paz.²⁹⁹

A criação da COPRIN se colocou como uma das maiores polêmicas no interior da CNT, suscitando também desavenças no âmbito da *Tendencia*. Tanto o PCU quanto os *Grupos de Acción Unificada* (GAU) - agrupação com importante incidência nos têxteis e cuja principal liderança era Hector Rodriguez - sustentavam a necessidade de transformar a COPRIN em uma “tribuna de luta”, impedindo seu preenchimento pelos sindicatos “amarelos” e de fachada. Para a FAU/ROE, a COPRIN deveria ser duramente combatida enquanto uma medida do governo para manter o controle dos níveis salariais em um momento em que a perda do poder aquisitivo da classe trabalhadora era estrutural.

Com a permanência das MPS, na virada do ano, a repressão faria mais uma vítima fatal, o operário municipal Arturo Recalde, assassinado durante uma mobilização no Ministério da Fazenda. As MPS só seriam derrubadas em março, 275 dias após sua edição, ao que a organização apontava.

²⁹⁵ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 113.

²⁹⁶ TEM era uma fábrica de eletrodomésticos e BAO de sabonetes. Ambas as fábricas estavam em La Teja e contavam com expressiva incidência da militância da *Tendencia Combativa* e da ROE.

²⁹⁷ “[...] Os dados referentes a 1968 são bem demonstrativos da inconformidade dos setores populares e do grau de ativação política e de mobilização dos mesmos. Nesse ano, ocorreram 134 greves em empresas e instituições estatais; 130 em empresas privadas; 56 em instituições de ensino; 446 paralisações e ocupações de fábricas; 220 manifestações estudantis; 40 ocupações de faculdades; etc.” PADROS, Enrique Serra. *Op. cit.* p. 278, 279.

²⁹⁸ CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindo; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *Op. cit.* p. 84.

²⁹⁹ Cidade localizada no entorno de Montevidéu. MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 120.

Ahora no habrá censura de prensa, se harán actos públicos, los volantes volverán a circular libremente [...] pero para las ‘asociaciones para delinquir’, para las organizaciones revolucionarias y para los militantes de la resistencia obrero-estudiantil que no les dan tregua, la persecución prosigue. Por eso nuestro trabajo no cambia de características, por eso nuestros métodos deben seguir siendo los mismos, por eso nuestras medidas de seguridad no se levantan. Por eso, pegar justo y actuar duro, siempre con la guardia en alto, compañero.³⁰⁰

O ritmo ascendente de lutas seguiu pelo ano de 1969, deparando-se, dessa vez, com o movimento sindical no seu epicentro. Em meio à astronômica inflação (1968 terminou com um índice de 130%) e ao congelamento salarial, os trabalhadores dos frigoríficos começavam a sofrer como poucas outras categorias os reflexos mais profundos da crise; centenas de trabalhadores demitidos no *Cerro* e nas cidades de *Fray Bentos* e *Paysandú* marcavam a derradeira crise dessa indústria que até então havia sido o grande pilar da economia uruguaia. Na ocasião, estava em curso um projeto de reestruturação da indústria frigorífica no país que implicava, progressivamente, o desaparecimento do *Frigorífico Nacional* e a concentração da indústria em mãos de grupos estrangeiros e seus sócios locais, o que levou a uma greve que se estendeu por quatro meses e meio, sustentada por uma ampla rede de solidariedade de classe articulada fundamentalmente pela *Tendencia Combativa*, a partir seus núcleos sindicais (ferroviários, saúde, professores, portuários, BAO, FUNSA, *Obras Sanitarias del Estado* (OSE), bancários, Ghiringhelli e estudantes). As medidas de solidariedade foram efetivas e diretamente vinculadas às demandas do conflito frigorífico:

Los funcionarios de OSE se negaron a cortar el agua a los huelguistas, los ferroviarios no trasladaron ganado y los trabajadores de ANCAP negaron el combustible a los empresarios frigoríficos.³⁰¹

A força e convicção dos trabalhadores frigoríficos, respaldados por um vigoroso espectro de solidariedade de classe, não seria suficiente para dobrar a ofensiva do governo e das patronais. A *Federación Autónoma de la Carne*, histórico baluarte do sindicalismo autônomo e combativo no país, não só amargou a derrota em torno da reestruturação da indústria frigorífica e a não concessão de aumento salarial, como também perdeu um de seus mais elementares direitos: os dois quilos de carne que os operários recebiam diariamente.³⁰²

Nesse quadro, os trabalhadores passaram a enfrentar com maior frequência a militarização do trabalho; os trabalhadores da UTE, de FUNSA e, sobretudo, bancários, entraram em uma intensa queda de braço contra essa medida e se transformaram nos maiores

³⁰⁰ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 136.

³⁰¹ RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivonne. *Op. cit.* p. 169.

³⁰² O direito aos dois quilos de carne diários era usufruído pelos trabalhadores desde o ano de 1947. RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivonne. p. 167.

exemplos de resistência. Em UTE, os trabalhadores desencadearam uma greve geral (26 de junho) que prontamente foi alvo de uma intensa repressão.

27, 28 y 29 de junio. En medio de una brutal represión, con trabajadores sacados de sus casas a palos y llevados a trabajar por la Marina, la huelga continúa en medio de plantones, bayonetazos, campos de concentración, habilitación de la Isla de Flores como prisión [...].³⁰³

A greve não se estenderia por muito tempo, sendo suspensa pela Mesa Directora da *Agrupación de Funcionarios de UTE* (AUTE) sem nenhuma consulta à base do sindicato. Da mesma forma, no âmbito da CNT, foi reprovada uma medida de luta solidária apresentada por sindicatos da *Tendencia*.³⁰⁴ A suspensão do conflito sem a deliberação do conjunto da categoria e a não adoção de medidas solidárias foi duramente criticada pela ROE em seus boletins, nos quais afirmavam que o isolamento de um conflito se constituía enquanto uma traição.³⁰⁵

Poucos dias após a suspensão da greve em UTE, o governo editou novamente as MPS (24 de junho); a resposta dos trabalhadores foi contundente, com novas lutas protagonizadas pela CNT e destacada participação dos setores incorporados na *Tendencia*. O sindicato de FUNSA tornou a reivindicar medidas de luta de conjunto pela CNT; nessa ocasião, defendeu uma paralização de 48 horas com mobilizações que se desenvolvessem “[...] dentro de una estrategia tendiente a desembocar en la huelga general.” A reivindicação foi novamente descartada pela direção majoritária da CNT. Seguindo sua orientação de enfrentar as MPS com medidas de luta ascendentes, o sindicato de FUNSA tornou a fomentar a ocupação da fábrica, medida que não saiu ileso da repressão, que fez uma intervenção, resultando na prisão de diversos trabalhadores e dirigentes sindicais e em seu confinamento em quartéis.³⁰⁶

Ao lado do sindicato de FUNSA, a *Asociación de Empleados Bancarios de Uruguay* (AEBU) viria a se afirmar enquanto uma nova referência para a atuação da *Tendencia* e a ROE. Em abril, foi eleita para a direção do sindicato a lista da *Tendencia*, então encabeçada por Hugo Cores. Um dos elementos que mais pesou na eleição foi a frustração e revolta da categoria com a suspensão da greve - sem consulta no conjunto da categoria - que

³⁰³ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 139.

³⁰⁴ “Los delegados de FUS, Textiles, Bancarios, FUNSA, Judiciales, Profesores, votan una moción de paro general el miércoles 2 de julio con ocupación de los lugares de trabajo, mantención de los servicios imprescindibles a la salvaguardia de la vida humana y establecimiento que ninguna organización podría decidir unilateralmente la reducción ni el levantamiento del paro.” Idem.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 139, 140.

protagonizaram enfrentando a militarização no ano anterior.³⁰⁷ Não havia completado dois meses de seu triunfo e a *Tendencia* já passava por seu teste de fogo à frente dos bancários com o início de uma greve (3 de julho) que de pronto seria alvo da militarização. A greve se estendeu por 72 dias, no que foi um dos mais decisivos conflitos que a classe trabalhadora levou contra o *Pachecato*, representando também uma ímpar queda de braço no que dizia respeito às disputas da CNT.

Ainda em princípios da greve, quando a situação já se mostrava tensa e sem grandes perspectivas de solução, a FAU acionou seu aparato armado para intervir no conflito. A medida resultou na destruição do cérebro eletrônico do Banco Comercial (um dos pilares da patronal), peça chave para suas operações. Algumas horas depois, uma outra equipe da organização expropriava a bandeira dos *Treinta y Tres Orientales* do Museu Nacional como medida propagandística da luta contra a escalada autoritária no país. Com a consigna “*Libertad o Muerte*”, a bandeira dos *33 Orientales* tem um importante significado simbólico na formação social uruguaia, tendo sido uma das primeiras bandeiras do país e remontando à luta dos “*33 orientales*” que derrotaram as tropas brasileiras na praia de Agraciada em 1825, proclamando a independência uruguaia.³⁰⁸

O conflito bancário, marcado por uma verdadeira caça a trabalhadores e dirigentes sindicais “desertores”, que em um determinado momento chegaram a ser mais de dois mil, quebrando em grande medida a militarização, acabou devido ao desgaste e a falta de maiores medidas de solidariedade por parte da CNT, que se limitou a convocar uma paralisação geral no 04 de agosto; além disso, a direção da CNT, na figura de seu presidente José “Pepe” D’Elia, iniciou conversações com o governo a respeito do conflito, sem nenhum tipo de coordenação com a direção do sindicato, o que foi percebido como fator de desmobilização da greve, acarretando na sua suspensão em uma assembleia que teve a concorrência de seis mil

³⁰⁷ CORES, Hugo. *Op. Cit.* p. 113.

³⁰⁸ RUGAI, Ricardo Ramos. *Op. cit.* p. 237. Um manifesto deixado pela organização e assinado como “LOS 33” afirmava “Es hora de que esa Bandera deje de ser pieza de museo en insultante posesión de los vendepatrias. Ahora, la Bandera de “Los 33” flameará nuevamente al tope de las luchas populares.” A retenção da bandeira custou uma série de perseguições à militância da organização, sobretudo após o golpe de Estado. Em 1975, aos 150 anos do histórico acontecimento dos 33 Orientales as Forças Armadas procuraram encontrar a bandeira a todo custo para exibi-la em um ato de “reafirmação patriótica”. Para tanto, diversos quadros da organização que estavam presos foram transferidos do Penal de Libertad para os quartéis, onde eram submetidos a longas seções de tortura para que entregassem seu paradeiro. No ano seguinte tornariam a repetir essa medida levando Raul Cariboni, Santa Romero e Juan Carlos Mechoso ao que chamaram de “Inferno”. Ao haver um vazamento dessa informação, iniciou-se uma ampla campanha internacional de denúncia o que obrigou as Forças Armadas levá-los de volta à suas respectivas prisões e apresentá-los à imprensa internacional. “Con el correr del tiempo, y ante los acontecimientos que se fueron dando, el sentido de poseer la Bandera, notoriamente, cambió para la Organización. La Bandera nunca fue recuperada por la represión. Compañeros asesinados en Argentina llevaron su secreto a la tumba. Por lo visto, ella seguirá flameando en los tiempos en el imaginario popular.” MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 269.

trabalhadores em um ambiente de tensão, profunda desconfiança e conflitos entre as correntes. Passados poucos dias do final do conflito, Hugo Cores viria a renunciar de seu cargo de vice-presidente da CNT. A carta de renúncia afirmava, em termos duros, que “[...] vengo a renunciar a este comando desde el que ninguna lucha se comanda y en el que ni siquiera se tiene conocimiento de las gestiones que se realizan a nombre del conjunto de los trabajadores uruguayos.”³⁰⁹ Posteriormente, a direção de AEBU divulgou um extenso documento de balanço da greve, onde apontava a existência de uma resoluta disposição entre os trabalhadores do país de assumir medidas de luta mais efetivas contra a “ditadura”; o que vinha atravancando esse avanço eram os próprios organismos centrais da CNT que, em função de sua linha política, consideravam “[...] decisiva la preservación de ciertas formas ‘legales’ en el marco de las cuales canalizar su acción parlamentarista y electoralista[...]”. O documento ainda afirmava que o conflito demonstrava “*Que es posible organizar a un gremio en las peores condiciones de clandestinidad. [...] El gremio bancario [...] recibió información y discutió los problemas [...] organizado zonalmente cuando se desató la mayor represión.*”³¹⁰

O conflito bancário ainda contou, às vésperas de seu encerramento, com o sequestro do banqueiro Gaetano Pellegrini Giampietro, que permaneceu retido pelo MLN-T durante 72 dias, mesmo período que levava a greve. De origem italiana, Pellegrini vinha de família de tradição no ramo financeiro, além de contar com fortes vínculos com o fascismo italiano (seu pai, o advogado e economista Domenico Pellegrini Giampietro, havia sido Ministro da Fazenda de Mussolini entre 1943 e 1945).³¹¹ Instalado no Uruguai, afirmou-se enquanto um importante dirigente da patronal, tendo fundado o Banco Italo Americano e a Sociedade de Bancos do Uruguai, além de ter sido o acionista majoritário da Sociedade Editorial Uruguiaia, grupo responsável pela edição dos jornais *La Mañana* e *El Diario*.³¹²

A vice-presidência da CNT naquele momento era ocupada por Cores e o representante da AUTE, Wladimir Turiansky (um dos principais quadros sindicais do PCU); os nomes de ambos os sindicalistas haviam sido ratificados no primeiro congresso da central, que ocorrera em maio daquele ano. Na ocasião, embalada pelo triunfo nas eleições de AEBU, a *Tendencia* fora apoiada nesse sindicato, que expressou a defesa mais explícita de suas teses, ganhando a

³⁰⁹ CORES, Hugo. Apud: RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivonne. *Op. cit.* p. 171.

³¹⁰ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 142, 143.

³¹¹ ABREU, L. El secuestro de un banquero. In: *CUESTIÓN LATINOAMERICANA*. Nº 24, 1983. pp. 38-41.

³¹² Idem. *El secuestro de un banquero (II)*. Nº 25, 1983. pp. 42, 43.

adesão de um terço do congresso³¹³, o que corroborava a força social que representava esse campo e sua capacidade de disputar os rumos do movimento sindical.

Pouco após o frustrado fim da greve bancária, um outro acontecimento marcaria profundamente a esquerda uruguaia, demarcando o prelúdio de um rumo que o MLN-T viria a tomar nos próximos anos. Em 08 de outubro, em data alusiva à morte de Ernesto *Che* Guevara, um comando do MLN-T ocupou a cidade de *Pando*. Em pouco tempo, foram cercados por um forte aparato policial. O desfecho foi um duro golpe à organização: 3 mortos e dezenas de detidos.³¹⁴ A operação marcava o início da opção do MLN-T por intensificar a espiral de luta a partir do plano militar. Foi um trágico desfecho do biênio 1968-1969, que com trabalhadores e estudantes em luta fez o país arder.

3.3 O crescimento da influência de massas e o debate político-militar

O biênio 1968-1969 foi o momento em que a FAU consolidou sua influência de massas a partir da criação da ROE; em pouco tempo, no calor de distintas lutas e enfrentamentos com a política repressiva do governo e os ataques patronais por um lado e com a linha do PCU por outro, a ROE se afirmava como destacado polo militante, uma organização a nível de massas impulsionada e animada pela organização, refletindo em grande medida a sua política para as lutas sociais. Esse considerável desenvolvimento também se expressava a nível da *Tendencia Combativa* e das demais agrupações que a construía. Em basicamente todos os sindicatos com considerável dinamismo de mobilizações, encontravam-se presentes agrupações de base da ROE e, conseqüentemente, da *Tendencia*; no movimento estudantil, a ROE se afirmava sobretudo no meio secundarista, promovendo plenárias quinzenais na Faculdade de Agronomia, que reuniam em torno de 500 estudantes para avaliar o andamento de suas lutas.³¹⁵ A respeito do desenvolvimento e funcionamento orgânico da ROE, Hugo Cores recorda que:

[...] La ROE tenía agrupaciones, sacaba un boletín y funcionaba con una [asamblea] plenaria: dos o tres compañeros por cada agrupación estudiantil y dos o tres por cada una de las agrupaciones sindicales. Se juntaba mucha gente, 120, 150, 180 personas en una reunión de delegados de la ROE en 8 de Octubre [local del sindicato de FUNSA], pero también en alguna facultad, como la de química. [...] Hubo una

³¹³ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 142, 143.

³¹⁴ “Nuestra estrategia era distinta pero por el conocimiento de los planteos y dinámica del MLN el hecho no nos sorprendió del todo. Pero en ese momento la reacción fue de simpatía profunda por la entrega militante y de dolor por los militantes caídos. No era momento de confrontar estrategias sino de plantearse solidaridades.” Idem. p. 150.

³¹⁵ MECHOSO, Juan C. Entrevista a Felipe Correa, Novembro de 2013.

voluntad política de canalizar lo que aparecía como un factor de mucha pujanza: los sectores combativos del movimiento popular que consideraban insuficientes el estilo de respuesta que daba el Partido Comunista al gobierno Pacheco. En ese momento creció, se extendió mucho, había gente desconforme con el PC en un espectro muy grande. Había grupos trotskistas, chinos, MAPU, que coordinaban con la ROE. Tupas había muchos, gente que militaba con nosotros en la ROE y estaba afiliada al MLN. Y ni hablar del movimiento estudiantil, agrupaciones importantes: Magisterio, UTU, liceo Colón... radio, electricidad, General Electric, Divino [fábrica de colchões], Phuasa [fábrica textil]... También había núcleos chicos en gremios donde dominaba el PC [...].³¹⁶

O fortalecimento da ROE e da *Tendencia* enquanto expressões de uma alternativa à política do PCU na esquerda uruguaia era entendido pela FAU como um trabalho central para seu desenvolvimento e impulso de uma política revolucionária. Em sua concepção, o objetivo central dessas agrupações era estimular a vida política no interior dos sindicatos, promover a participação e a formação de novos quadros.

La ausencia de impulso a la acción de la base es una característica de los métodos reformistas de trabajo. El verticalismo y el burocratismo son expresión de ello. En su raíz está el temor a los “excesos” y los “desbordes” de la masa y a su participación activa y protagónica. Así ocurre que se mantiene al gremio desinformado, pasivo, con la sensación de que las cosas del sindicato son patrimonio de los dirigentes. Eso muchas veces deja en el aire a las organizaciones. Por allí se cuele el amarillismo.

El sindicato debe tener continuidad en su acción, debe promoverse la participación más activa y permanente de todo el gremio, debe incitarse al planteo de opiniones e iniciativas; debe ser tema central la forja de nuevos militantes preparados para la acción gremial en todas las circunstancias y con la mayor experiencia en ese sentido. Ese debe ser uno de los objetivos básicos de la tendencia de avanzada dentro de cada gremio.³¹⁷

Esse processo de significativo crescimento da ROE também era expressado a nível de partido, a FAU, a qual também processava um desenvolvimento de sua “pata” armada, *Chola*. Isso levou a organização a pautar a necessidade de uma nova reestruturação interna, com o objetivo de manter uma melhor relação entre o conjunto da militância, ao mesmo tempo que também fortalecesse critérios de segurança. Nesse sentido, estabeleceu-se para o aparato armado a formação de quatro Unidades (posteriormente denominadas Ligas), sendo três operativas e uma de informação. A parte relacionada a serviços passa a ser mantida a cargo de pequenas comissões e colaborações regulares.³¹⁸ As unidades seriam formadas, cada uma, por

³¹⁶ RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivone. *Op. cit.* p. 151.

³¹⁷ Mais adiante, o mesmo artigo agregaria: “La estructuración de ese centro político se inicia por los sectores más conscientes e inquietos. El esfuerzo se centra en esclarecer y organizar primero a esos sectores. Ellos forman el esqueleto que vertebrará a un movimiento más amplio. Son su pequeño motor. No se puede dilapidar esfuerzos. Lo básico, en esta etapa, no es montar un vasto movimiento de masas amorfo, blando y vulnerable a la represión. Lo fundamental es construir una organización de cuadros, capaz de operar en las condiciones de represión generalizada y duradera.” FAU. 40 puntos para la acción aquí. In: *Rojo y Negro*. Montevideo, diz. 1968, P. 26; 28.

³¹⁸ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 164. O setor de serviços era compreendido de forma ampla e podia fomentar tanto a “pata” armada como a “pata” de massas, a partir de conhecimentos e habilidades individuais socializadas entre a militância tais como: costura, maquiagem, artes visuais e gráficas em todos os ramos, propaganda,

3 equipes (que contavam com em torno de 5 militantes cada), compartimentadas entre si e com um delegado; os delegados de cada unidade, mais um de *Fomento*, formariam um novo organismo, *Aguilar*, direção do aparato armado. Para o nível de massas, formou-se o organismo *Alejandra*, que reunia delegados de distintos espaços de atuação da organização, constituindo a direção para o trabalho de massas.

Na busca por dinamizar o vínculo entre os trabalhos de massas e o militar, também se formou um novo dispositivo, a *Violencia FAI* (VF), cujo objetivo era distinto, embora complementar, ao do aparato armado. Ao aparato armado caberia uma concepção mais estratégica, de longo prazo, enquanto *Violencia FAI* era de ordem tática³¹⁹; tratava-se de um organismo voltado a responder questões imediatas relacionadas às lutas de massas, tais como sabotagens e capacitação para conflitos de rua com forças policiais e grupos de choque da extrema direita. Por seus quadros, passavam militantes que em sua maioria estavam em um nível de semi-clandestinidade, mas também alguns quadros do aparato armado, sendo uma espécie de ante-sala para a incorporação de novos quadros no aparato. A opção pelo nome *Violencia FAI* era uma clara inspiração dos grupos clandestinos da *Federación Anarquista Ibérica* (FAI), uma das principais referências para a FAU na elaboração de sua concepção de violência revolucionária.³²⁰

O desenvolvimento de mecanismos de violência revolucionária, concebido e dirigido desde a organização política, era entendido enquanto uma tarefa elementar de uma organização revolucionária.

En tanto cometido específico del “partido”, la preparación y desarrollo de las condiciones (materiales y psicológicas) para la práctica de la violencia es una de sus tareas centrales y permanentes. No puede concebirse una organización revolucionaria que no llene esta función. No cumplirla supone renunciar de antemano a la destrucción del poder burgués que implica, necesariamente, la lucha armada. Esta comprobación influye decisivamente sobre las características organizativas y los métodos de trabajo aun en los momentos de “paz”, aun en las circunstancias en que la práctica concreta de la violencia no es lo central dentro del

jornalismo, idiomas, história, economia, psicologia, sociologia, medicina e áreas auxiliares e afins, direito, arquitetura, tornearia, chaveiros, mecânica e eletricidade de automóveis, chapa e pintura de automóveis, mecânica em geral, construção, armamento, manejo de toda sorte de veículos, conhecimento de ruas, estradas, rios, manuseio de armas, educação física e artes marciais. Idem. p. 247.

³¹⁹ Entrevista Zelmar Dutra.

³²⁰ Fundada em 1927, em meio a ditadura de Primo de Rivera, a FAI se constitui enquanto uma organização clandestina e armada que trabalhava fundamentalmente na promoção da auto-defesa e emprego de medidas de ação direta violenta de acordo com as demandas do movimento operário e camponês espanhol, notadamente aquele organizado na *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT), em um momento onde o pistoleirismo patronal atingia diversos quadros do anarco-sindicalismo, em especial na Catalunha. Também estabeleceu-se em Portugal, embora com menor ênfase. Sobre a história da FAI, ver: GÓMEZ CASAS, Juan. *Historia de la FAI*. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo. 2002.

conjunto de las tareas de la organización político-revolucionaria. [...] [Grifos no original]³²¹

A concepção dessa modalidade de luta, a militar, nutriu-se de uma perspectiva deveras antagônica à foquista. Na lógica foquista, a luta armada era uma medida de urgência a ser empregada sempre que as condições econômico-sociais a viabilizassem; a conquista ideológica das massas seria oriunda da própria atividade do foco armado, na medida em que sua ação desencadearia uma crescente espiral de violência que terminaria por colocar a guerrilha enquanto única expressão de luta consequente do povo. Concebia-se seu emprego em meio rural por suas condições geográficas (montanhas, selvas etc.), no entanto, dada a própria formação social uruguaia, onde a esmagadora maioria da população concentrava-se na capital, além das características pampeanas de seu meio rural – o que dificultava uma melhor movimentação nesse ambiente –, o MLN optou por fazer uma espécie de adaptação do foquismo ao meio urbano. Todavia, essa centralidade da questão militar por parte do foquismo não levou o MLN a negar totalmente a importância de uma participação de massas no processo revolucionário, tendo desenvolvido, em certa medida, uma política que buscava angariar simpatias a nível popular, simpatia essa que estava direcionada fundamentalmente a fortalecer o aparato armado.³²²

Para a FAU, o desenvolvimento da atividade guerrilheira deveria responder questões como: para que se faz e quais os objetivos e programa da guerrilha? Quando se inicia e quando termina a mesma? Nesse sentido, a FAU apontava que uma guerrilha podia ser desenvolvida tanto a partir de uma luta anticolonial, pela independência nacional, quanto por questões sociais, de classe. No caso uruguaio, tratava-se essencialmente de uma guerrilha socialista, de classe, o que implicava uma tarefa muito mais complexa e árdua. Recorrendo a experiências como o IRA irlandês, o IRGUN ZVAL LEUMI dirigido por Menahem Begin em Israel e o EOKA dirigido pelo coronel Greco-cipriota Grivas, a FAU afirmava que:

Os imperialistas ingleses não queriam – obviamente – ir embora. A guerrilha, nos três casos citados, quase exclusivamente urbana, levou contra eles guerras relativamente breves. [...] Inglaterra – império decadente como França – resistiu até certo ponto. Quando o balanço de custos econômicos e – fundamentalmente – políticos foi claramente deficitário, se foram. **Porque os exércitos coloniais podem ir-se. Os exércitos “nacionais”, das burguesias nacionais dependentes, por outro lado, quando as revoluções são sociais, anticapitalistas, resistem até o fim.** Devem ser vencidos militarmente, destruídos. Isto põe sobre o tapete, de cara, uma diferença essencial entre a dimensão da tarefa militar com a qual se vêem

³²¹ CARTAS DE FAU. *La Violencia Como Tarea Del Partido*. Montevideo, 22 de junio de 1970. p. 1.

³²² Para uma síntese das concepções que orientaram o MLN, ver: MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL – TUPAMAROS. *30 preguntas a un Tupamaro*. 1968. Disponível em: <http://cedema.org/ver.php?id=1722> Último acesso: 01 nov. 2014.

defrontadas as revoluções burguesas pela independência política e as revoluções das classes dominadas por sua libertação nacional. [Grifos no original.]³²³

Nesse sentido, a FAU concebia a guerrilha enquanto um preâmbulo para uma insurreição que, no caso uruguaio, seria fundamentalmente urbana – dadas as características do país – e deveria contar com uma decisiva participação de massas. Essa hipótese só poderia ser desenvolvida mediante uma estratégia harmônica e global de um partido revolucionário que não descuidasse do trabalho a nível de massas e ideológico; a vitória seria, portanto, fruto de uma adequada política de longo prazo e com incidência social, não um mero desenvolvimento técnico-militar.

[...] As características urbanas da guerra, a condicionam politicamente muito mais que a qualquer outro tipo de tática militar revolucionária porque o desenvolvimento do aparato armado clandestino da guerrilha urbana não constitui, militarmente falando, um fim em si, mas um meio de contribuir para promover um desenvolvimento político das massas. O desenlace insurrecional exitoso carrega a idéia deste trabalho político prévio. A insurreição só pode ser vitoriosa na medida em que esta ação de preparação política prévia, dentro da qual a atividade da guerrilha urbana é um elemento fundamental, tenha sido desenvolvida cabalmente. Isto sucede assim porque, em definitivo, o desenlace insurrecional não dependerá centralmente do desenvolvimento técnico-militar prévio do aparato armado, mas da eficácia com que ele tenha conseguido se inserir e gravitar no nível das massas junto às quais poderá se obter por via insurrecional uma decisão de vitória. A eficácia com que a guerrilha urbana tenha conseguido se inserir dependerá mais da justeza de sua linha e sua ação política que de seu desenvolvimento técnico.³²⁴

O fato de não superestimar a luta armada levou a FAU a conceber níveis e possibilidades de seu emprego, os quais foram divididos em quatro variantes: a ação direta de solidariedade vinculada diretamente à demanda de algum conflito social; operações de tipo comando, com finalidades propagandística, econômica e de equipamentos; operações com finalidades especificamente militares, direcionadas às forças inimigas de forma a desgastá-las material e psicologicamente e, por fim, operações militares para a destruição parcial ou total do aparato repressivo já na perspectiva de liquidação do poder burguês.

Por sua vez, esse esquema não apresentava necessariamente uma ordem gradual, sendo possível que formas avançadas de ação direta solidária e operações de expropriação e propagandísticas evoluíssem precipitadamente à insurreição generalizada e guerra civil aberta, como fora o processo revolucionário espanhol de 1936. Na análise da organização, o desenvolvimento das formas de ação violenta, assim como a decisão em adentrar em novas

³²³ Esse nível de complexidade aumentaria ainda mais com as possibilidades de intervenção militar estrangeira: “[...] Toda revolução, no que se sucede, deve contar com a intervenção estrangeira respaldada pelas burguesias locais. No caso uruguaio, quando chegar a correr perigo, alguma vez, a dominação burguesa, a intervenção virá. Segundo o que se pode prever agora, o mais provável é que intervenha a burguesia do Brasil. Este é outro elemento que importa reter.” FAU. *Op. cit.* pp. 23-26.

³²⁴ Idem, p. 51.

modalidades, era fruto, necessariamente, de uma avaliação estratégica e tática que deveria embasar-se em distintas circunstâncias, como avaliação da conjuntura, a capacidade operativa, o desenvolvimento do movimento de massas e a conjuntura internacional. O diagnóstico em torno dessas circunstâncias indicava que as ações solidárias³²⁵ e de tipo comando eram as modalidades viáveis e imprescindíveis ao momento. A pertinência das ações de solidariedade residia na indicação de que o quadro político já não permitia mais que as greves se decidissem em um “mano a mano” entre patrões e trabalhadores, adquirindo inevitavelmente o patamar de conflitos políticos.

No caso das ações de tipo comando, representariam um nível da atividade violenta distinto das medidas solidárias na medida em que recobrava uma maior complexidade militar. Sua grande eficiência era criar um estado de comoção permanente.

Las operaciones de tipo “comando” además del logro de los objetivos concretos previstos para cada una de ellas (equipamiento, económicos, etc.) tienen siempre una resonancia propagandística. En la medida en que cuestionan más o menos seriamente y en los hechos, la vigencia de la autoridad, del “orden” establecido, contribuyen a fisurarlo, a debilitarlo. En este plano contribuyen a crear las condiciones subjetivas para un mayor impulso a la lucha popular.³²⁶

Esse trabalho de estudo e formulação sobre problemas político-militares deu lugar a uma importante experiência desenvolvida pela organização, a *Escuelita*. Concebida de forma a ser uma escola de quadros da militância localizada no aparelho militar, a *Escuelita* tinha como finalidade desenvolver aspectos relacionados à prática e teoria militar, assim como elementos vinculados à formação ideológica da militância, psicanálise, literatura, artes etc.³²⁷ Buscava-se, nesse processo, promover uma formação que fosse o mais ampla possível e essa busca era especialmente manifestada no âmbito do aparato armado, dado que a tarefa militar incorria inevitavelmente na possibilidade de acarretar desvios de ordem militarista e uma cultura de mando e obediência na organização. Nesse sentido, a *Escuelita*, assim como toda tarefa de formação da FAU, deu especial atenção à análise da formação do sujeito militante,

³²⁵ “De nossa parte e faz anos [...] afirmamos que o objetivo da violência no nível da luta econômica, NÃO É SÓ nem sequer é PRINCIPALMENTE a obtenção das reivindicações econômicas em si mesmas. Que a violência na luta econômica têm por função contribuir [...] para elevar o nível destas lutas ao nível político. Contribuir (junto com os outros meios: propaganda, luta ideológica, luta pública legal ou não) para elevar a luta econômica na maior medida possível, ao nível de luta política. Contribuir para elevar a consciência gremial [...]” [Grifos no original.] Idem. p. 20.

³²⁶ *CARTAS DE FAU. La Violencia Como Tarea Del Partido [III]*. Montevideu, 6 jul. 1970.

³²⁷ Um dos locais encobertos utilizados para os encontros da *Escuelita* foi a residência de Idea Villariño. Uma das poetisas mais conhecidas e respeitadas do Uruguai, Idea Villariño compôs boa parte das canções do respeitado conjunto do canto popular uruguaio *Los Olimareños*, entre elas, a clássica *Los Orientales*, ode à resistência da esquerda revolucionária nos turbulentos anos do *Pachecato*. Também foi interpretada por Daniel Viglietti na canção *Otra voz canta*, relativa aos desaparecidos políticos. Pontual colaboradora da FAU, Idea também disponibilizou sua residência em inúmeras ocasiões para esconder militantes perseguidos e clandestinos. FACAL, Julio. Depoimento ao autor.

dos valores e subjetividades que o acompanhavam, contando com uma importante colaboração de militantes psicólogos que levaram o aporte da psicanálise para a abordagem desses problemas.³²⁸

3.4 A FAU e a ROE no contexto pré-eleitoral

As lutas de massas impulsionadas pela FAU desde seu raio de influência, a ROE, passariam a adquirir um nível mais avançado de combatividade com a entrada em cena de VF. Trabalhadores de TEM protagonizariam uma forte greve que se estenderia por mais de 100 dias³²⁹, a qual contou com inúmeras medidas de sabotagem protagonizadas pela militância de VF e por outros grupos de militantes vinculados à organização; uma das *Cartas de FAU* dava repercussão de algumas dessas medidas.

LA OFENSA HECHA A UNO ES LA OFENSA HECHA A TODOS.

Carlos Pierce Presidente del Directorio de TEM recibió hace varias semanas una advertencia. Un petardo quebró los vidrios de su casa.

Luis A. Pita es Gerente Administrativo de la empresa. Mano derecha del directorio. Su mansión de Carrasco se sacudió la madrugada del miércoles por una explosión.

Horacio Parodi: Subgerente. En Ferrosalt donde trabajó antes, hizo lo mismo que en TEM. Persiguió trabajadores. Fue incondicional de la patronal. La madrugada del jueves, en su casa se escuchó el repudio popular.

Grupos de Solidaridad Obrera.³³⁰

Na educação, as lutas adquiriram um nível particular de enfrentamento contra o governo quando o *Consejo de Secundaria* foi destituído e em seu lugar imposto um conselho interventor nomeado a dedo e com a função de intervir no regulamento do ensino, impondo desde grade curricular até normas de conduta moral.³³¹ Também os trabalhadores da saúde se manifestaram, mostrando um considerável salto em sua capacidade de mobilização e organização, ao organizar os “hospitais populares” em meio aos conflitos, mantendo, assim, o funcionamento de todos os serviços sob o controle do sindicato.³³² Já nos ferroviários, a lista

³²⁸ MECHOSO, Juan C. *Acción Directa Anarquista. Una historia de FAU*. Montevideo: Recortes. s/d. p. 278, 279.

³²⁹ Na ocasião, a gota d’água que levou os 500 trabalhadores da empresa a pararem foi a negativa a serem apresentados ao Ministro da Indústria e Comércio, Sanguinetti, quando ele visitava a fábrica. Os trabalhadores difundiram imediatamente um manifesto onde se aclara: “Nos negamos a ser exhibidos ante un ministro de la dictadura como un renglón más de la producción. No somos propiedad de la empresa TEM, somos obreros.” *CARTAS DE FAU. De Cuando se Unen la Rebeldia y el Coraje*. Montevidéo, 27 jul. 1970. [Grifos no original.]

³³⁰ *CARTAS DE FAU. LA OFENSA HECHA A UNO ES LA OFENSA HECHA A TODOS*. 6 de julio de 1970. In: MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 263.

³³¹ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 169.

³³² MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 170.

da *Tendencia* vencia no sindicato e logo se organizaria um importante agrupamento da ROE na categoria, o *Dignidad Obrera*, que exerceu destacada influência nos setores operários e contou com importante militância de trabalhadores jovens e de mulheres.³³³

Entretanto, a organização amargaria um dos primeiros golpes contra seu aparato armado. Em uma expropriação bancária, foram presos, ao final de outubro, quatro militantes, entre eles Hector “Santa” Romero, militante que integrava *Aguilar*.

Em termos gerais, o ano de 1970 apresentou um novo panorama nos conflitos de classe. Havia iniciado uma nova feição dos mais corriqueiros conflitos que eram, agora, sobretudo conflitos em fábricas e postos de trabalho de pequeno porte, associados a pautas como a organização de sindicatos frente à repressão e contra as demissões. Nesse âmbito de conflitos menores, a ROE criou em seu entorno um amplo raio de solidariedade procurando evitar seu isolamento.³³⁴

Iniciou-se o que a organização classificara como “refluxo circunstancial” das lutas sindicais, marcado fundamentalmente pelos duros golpes da repressão a sindicatos como os de UTE, dos bancários e dos frigoríficos, criando uma situação que “[...] *há gravitado sobre el conjunto del movimiento popular, reduciendo circunstancialmente su capacidad operativa.*”³³⁵. Em meio a esse “refluxo circunstancial”, por sua vez, o campo político-social na esquerda representado pela *Tendencia Combativa* se encontrava em um patamar consideravelmente superior àquele anterior a 1968, com maior capilarização social e capacidade organizativa. A organização reconhecia a existência de fatores viabilizadores de uma possível reversão na composição de forças dentro das lutas sociais, tais como: maior compreensão do quadro político do país entre a classe trabalhadora organizada, organização dos setores mais radicalizados, formação de agrupações em locais até então imprevisíveis (dada a hegemonia do PCU) e, por fim, uma maior coordenação entre os mesmos.³³⁶ Esse quadro permitia projetar certa acumulação de forças para a *Tendencia Combativa*, permitindo a essa disputar o que caracterizava enquanto a “direção efetiva” das lutas.

Esta situación ha introducido una variante destinada a tener una gravitación cada vez mas importante. Por primera vez en mucho tiempo se están empezando a crear las condiciones para actuar en una línea combativa, a nivel de masas, en una escala adecuada. Se empieza a generar la posibilidad de disputarle al reformismo la dirección efectiva del movimiento popular. Por supuesto, cuando decimos esto, aludimos a la dirección efectiva de las movilizaciones populares, que no equivalen

³³³ Entrevista Raul Oliveira. nº 2.

³³⁴ Pablo Anzalone em entrevista ao autor, Montevideu, Novembro, 2012.

³³⁵ CARTAS DE FAU. *Para Golpear Juntos*. Montevideu, 05 abr. 1970. p. 01.

³³⁶ Idem.

imprescindiblemente a mayoría en las comisiones directivas o congresos, en los organismos institucionales digamos, del aparato de dirección.³³⁷ [Grifos no original.]

Esse diagnóstico, contudo, levou a FAU a tecer críticas ao ambiente organizativo da *Tendencia*, apontando que essa vinha restringindo-se a uma dinâmica “particularista”, onde cada agrupação se resumia às tarefas em seu próprio sindicato. Nesse sentido, uma maior coordenação entre as agrupações terminava por ficar muito dependente de conflitos de grande magnitude, como fora o caso da greve dos bancários. Para a FAU, caberia à *Tendencia* abarcar um campo permanente de coordenação, não apenas entre as agrupações sindicais, mas em torno das distintas lutas que pudessem ser desenvolvidas e canalizadas a uma linha de maior enfrentamento.

La carencia de una perspectiva de conjunto, suficientemente elaborada que habilite objetivos realmente comunes, traba el empleo adecuado de todas las fuerzas disponibles en cada instancia de lucha, fragmentando, en los hechos el potencial de combate de la tendencia y enlentece, por lo tanto, el crecimiento de esta. La tendencia, de ser una coordinadora de agrupaciones sindicales, que siguen centradas decisivamente en sus problemas gremiales específicos, puede y debe pasar a ser un movimiento popular con objetivos de dimensión y alcance acordes con su fuerza. Sobre todo con su fuerza potencial. Esta se desplegará, se hará operativa, se capitalizará organizativamente como fuerza real, en la medida en que podamos movilizarla por objetivos de alcance amplio. En la medida en que podamos llegar a gente de muchos gremios distintos y a gente que no está en ninguno, con propuestas concretas de lucha por objetivos también concretos. En efectos, amplitud de objetivos no tiene por qué implicar que estos sean abstractos o meramente “políticos”, si por tales entendemos, como entienden algunos, metas derivadas de planteos más o menos teóricos y divorciados de la realidad cotidiana.³³⁸ [grifos no original]

Uma das grandes medidas levadas a cabo em meio a essa projeção foi o início de uma importante mobilização contra o aumento nas taxas de energia elétrica, que naquele momento chegava a 20%. Um amplo movimento impulsionado pela ROE e também por agrupações da *Tendencia* foi formado sob a consigna “*No Pago*”, apoiado por inúmeros comitês de bairros.³³⁹ Por outro lado, conjugado a esse “refluxo circunstancial”, o MLN-T seguiria apontando um avanço em sua espiral operativa, tendo realizado uma série de ações de grande envergadura, dentre as quais o sequestro e a posterior execução de Dan Mitrione³⁴⁰, realizada

³³⁷ Idem. *Tareas Para Ahora*. Montevideú, 30 mar. 1970. p. 02.

³³⁸ Idem. *Para Golpear Juntos*. Montevideú, 05 mar. 1970. p. 03.

³³⁹ Entrevista Pablo Anzalone, nº 3.

³⁴⁰ Dan Mitrione foi um destacado agente da CIA, experto em técnicas de combate à “subversão”, como guerra psicológica, interrogatório e tortura. Antes de atuar no Uruguai, esteve colaborando no desenvolvimento dos aparelhos repressivos do Brasil e de Santo Domingo. Foi sequestrado pelo MLN-T junto ao cônsul brasileiro, Dias Gomide, o qual não chegou a ser executado. O grande objetivo almejado pelo MLN-T no sequestro era a libertação de todos os presos políticos do país. Seu sequestro é relatado no filme de Costa Gavras *Estado de Sítio*. Para uma análise mais apurada a respeito desse episódio, assim como da intensa intervenção dos EUA no Uruguai, ver: ALDRIGUI, Clara. *El Caso Mitrione: La intervención de Estados Unidos em Uruguay (1965-1973) Tomo I*. Montevideo, Trilce, 2007.

após a queda de parte expressiva de sua direção, incluindo Raul Sendic, que levou ao rompimento de negociações com o governo.

Ainda em princípios do segundo semestre, foram iniciadas as tratativas para a convocação de eleições no ano seguinte (assunto que já estava em pauta desde o princípio do ano). Após Pacheco declarar que, em novembro de 1971, ocorreriam eleições “pese a quem pese” e após o senado haver aprovado por unanimidade o voto obrigatório, as proscricções políticas de *Epoca*, *El Sol* e suas organizações; na ocasião, junto à suspensão das proscricções, também foram aprovadas medidas de ordem econômica, como:

[...] criação de novos cargos públicos, aumentos salariais e de pensões, controle de preços da cesta básica, etc. Inclusive, contrariando toda lógica anterior, diante da reivindicação de 25% de reposição salarial, por parte dos trabalhadores, surpreendeu concedendo 27,2%.³⁴¹

Para a FAU, a suspensão das proscricções políticas era parte de um “pacote” apresentado pelo governo no intuito de criar um ambiente pretensamente democrático que garantisse o continuísmo assentado na legitimidade das urnas.

[...] La aceptación e incluso la promoción de la apertura electoral se inscriben, por el contrario, en la búsqueda de una salida política que permita a la vez legitimar la vigencia del régimen y canalizar de manera no perjudicial a sus intereses las fuertes tensiones sociales acumuladas en estos últimos años. Esta es la orientación fundamental de los sectores burgueses e imperialistas a ellos vinculados. Sería erróneo, sin embargo, suponer en estos sectores una unanimidad que por su propia índole burguesa no pueden tener. La burguesía como clase constituye un todo complejo y contradictorio. Sus expresiones políticas reflejan esta naturaleza contradictoria. Esto nos permite comprender como pueden coexistir una orientación fundamental y predominantemente favorable a las elecciones – elecciones con represión se entiende – y actitudes de grupos y personeros gubernamentales solapadamente contrarios a ellas.

[...]

¿Por qué estos sectores han elegido el camino de las elecciones con represión en lugar de la dictadura descarnada? Se han visto en América Latina elecciones realizadas en el marco de regímenes dictatoriales absolutamente “tradicionales”. Las ha hecho Stroessner. Las ha hecho Castelo Branco. Y tantos otros dictadores que también tienen Parlamento.³⁴²

Não obstante, embalada pela vitória da *Unidad Popular* nas eleições chilenas e a conseguinte ascensão do socialista Salvador Allende à presidência da República, a grande maioria da esquerda tomou a iniciativa de conformar o *Frente Amplio* (FA), em fevereiro de 1971, do qual estiveram ausentes apenas a FAU e o MIR. Com essa mudança de cenário, a FAU entrou em um processo de discussões internas visando a sua adequação aos tempos que se descortinavam; resulta disso a convocação de um congresso, chamado internamente de *La*

³⁴¹ PADROS, Enrique Serra. *Op. cit.* p. 307.

³⁴² FAU. *Contra la escalada cívica de la burguesía, acción directa a todos los niveles.* In: FAU. *¿Tiempo de lucha tiempo de elecciones?* Maio de 1971. pp. 75-76.

Instancia, para o ano que se iniciava.³⁴³ O Secretariado Nacional da FAU (*Fomento*), na circular que convocava o congresso, posicionava-se a respeito da distensão oferecida pelo governo, afirmando que a iniciativa em suspender a proscrição das sete organizações que sustentavam *Epoca* era parte do intuito de levá-las a funcionar “[...] dentro de la estructura legal vigente y participen en las elecciones, haciéndose cómplices, así de la escalada cívica lanzada por la burguesia[...].”³⁴⁴ Na medida em que a organização não identificara alterações de fundo no quadro de deterioração política, econômica e social do país, sua opção era seguir desenvolvendo-se como uma estrutura clandestina a partir de mecanismos de compartimentação e rigorosos critérios de ingresso; junto a essa medida, também suspendeu a publicação das *Cartas de FAU*.

Por três anos, a FAU trabalhou em torno das *Cartas*, garantindo a rigorosa periodicidade semanal. Sara Méndez, uma das integrantes da equipe responsável pelas *Cartas*, aponta que a disciplina de uma pequena equipe de trabalho fazia com que:

La *Carta* tenía que salir por difícil que fuese la situación y era una responsabilidad sagrada. Se llegó a imprimir más de cinco mil cartas y eso quiere decir que los lectores eran muchos más porque cada uno que la recibía tenía que leerlas y pasarlas. [...] Recuerdo que se hacían cosas increíbles para que la *Carta* saliera. Había compañeros viejos que recibían paquetes enormes el domingo de noche y salían a repartir aquellas cartas que eran clandestinas y que por lo tanto el reparto les podía costar caro. Yo creo que la *Carta* jugó un papel muy importante al dar elementos para la reflexión en momentos de tanta acción.³⁴⁵

A equipe de trabalho de *Cartas* estava coordenada por Raul Cariboni, responsável por desenvolver questões de fundo teórico e pela redação de editoriais, além de Mauricio Gatti, responsável pela seção *Así se esta respondiendo*, correspondente a informes das lutas do momento. Além das análises correspondentes à FAU, também era comum a reprodução de alguns comunicados do MLN-T e de outras organizações referentes a suas ações.³⁴⁶ A equipe

³⁴³ Não se tratava de um Congresso “formal”, dadas as condições de segurança e necessidade de manter os mecanismos de compartimentação. *La Instancia* se tratou de um longo processo de debates internos que envolveu todo o conjunto da militância da organização, através de diversas reuniões de debates e, sobretudo, do intercâmbio de contribuições individuais e também a nível das equipes vinculadas às “duas patas” da organização.

³⁴⁴ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 203.

³⁴⁵ MENDEZ, Sara. Apud: RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivonne. *Op. cit.* p. 143.

³⁴⁶ No caso, também podemos encontrar a reprodução de manifestos, além de considerações sobre a Aliança Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e suas operações contra a ditadura civil-militar brasileira. Outra organização que ganhou grande atenção nas *Cartas de FAU* foi o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) chileno.

elaborava e coordenava a produção e distribuição de forma clandestina, contando com três locais de produção compartimentados.³⁴⁷

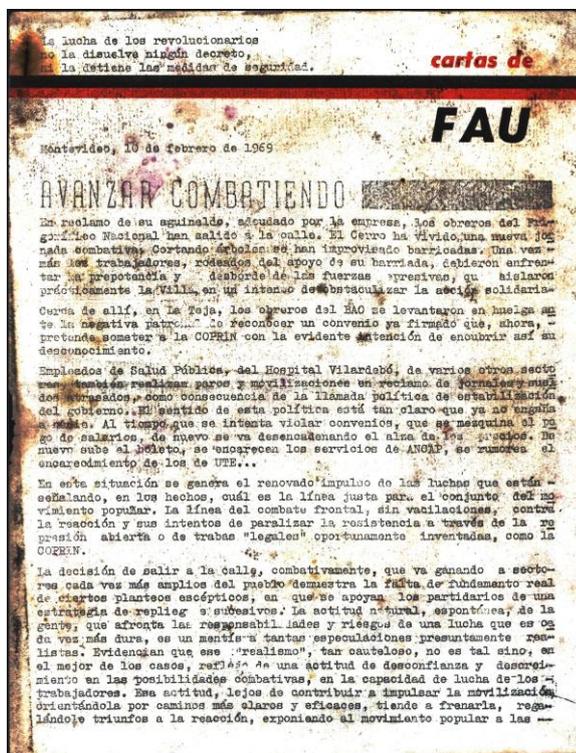


Figura 3: *Avanzar Combatiendo*

Fonte: *CARTAS DE FAU. AVANZAR COMBATIENDO. Montevideo, 10, fev., 1969. p. 01*

A tarefa de manter um boletim com análises de conjuntura de rigor, informes nacionais e internacionais, além de elementos de ordem teórica que colaborassem para um melhor entendimento da formação social do país e do continente, aliado a sua distribuição na clandestinidade, exigia um considerável esforço do conjunto de sua militância, indo além da equipe encarregada. Garantir os recursos para a impressão, distribuição - sobretudo ao interior do país³⁴⁸ - e máxima circulação era uma orientação permanente e expressa em suas páginas;

³⁴⁷ Uma das casas compartimentadas a abrigar as oficinas de produção das *Cartas de FAU* era da professora de educação infantil e militante da FAU Elena Quinteros. RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivone. *Op. cit.* p. 143.

³⁴⁸ A FAU concentrou o fundamental de seus esforços na capital, dada a concentração da esmagadora maioria da população e, em especial da classe trabalhadora. Todavia, isso não a eximiu de se esforçar para chegar ao interior. Ao longo da pesquisa, encontramos essa preocupação manifestada de forma recorrente nas *Cartas* e, posteriormente, em *Compañero*; da mesma forma, tivemos acesso a documentos internos (manuscritos) que discutem orientações para militantes sindicais do magistério que se encontravam no interior, contando inclusive com a orientação de “giro” de militantes desse ramo da capital ao interior. Dado o escasso período de pesquisa de campo e também as poucas fontes a esse respeito, não abordamos devidamente a implantação da organização no interior do país.

“haga circular esta carta”, “Lea ésta carta pásela despues” eram chamadas constantes ao final das *Cartas* e refletiam, junto à necessidade de ampliar sua difusão, um critério de segurança para a militância. Recomendava-se sistematicamente nas cartas “No bajar la guardia” ou “[...] Nuestras ‘medidas de seguridad’ deben aplicarse diariamente”, ao que se orientava à militância estar alerta quanto a anotações (endereços, telefones, nomes), assim como a materiais de propaganda, documentos, livros etc., sugerindo que se mantivesse apenas o essencial, devidamente escondido e com uma pessoa de confiança que pudesse recolhê-los emergencialmente em determinadas ocasiões.³⁴⁹ Ainda no quesito de informação e segurança, a carta publicava frequentemente dados de agentes de inteligência e agregados da embaixada estadunidense que eram identificados, além de solicitar que os leitores e militantes que conseguissem tais informações as socializassem. Por fim, era recorrente nas *Cartas* um estímulo ao debate das linhas apontadas, buscando firmar acordos práticos – de forma que uma corrente de opinião desse espaço a uma corrente organizativa –, assim como buscar apoio para viabilizar as devidas tarefas. Ao final de uma das *Cartas*, seus redatores afirmavam:

Elija entre sus compañeros. Distinga a quien está realmente interesado. A quien puede darle utilidad a lo que aquí se plantea. A ese compañero entréguele la Carta. Y no se limite a eso. Discúptala con él. Si de las conversaciones surgen acuerdos con la línea sostenida, vean la manera de ponerla en práctica. De nada valen ya los acuerdos verbales o las adhesiones más o menos teóricas. De comprometerse se trata. Y si hay disposición seria, hay siempre una tarea para realizar. Y por ahora vaya cumpliendo con una – modesta como todas – que asegura para hoy y para el futuro la circulación de las noticias, esas que se ocultan, esas que no se publican en ningún lado. Ayude a asegurar la circulación de estas hojas. Ayude a agrandar la cadena de compañeros que permanentemente reciben estos materiales. Y recomíéndeles a ellos que hagan lo mismo que Ud. Que elijan entre sus compañeros de taller, de centro de estudio, de barrio o de oficina, a la gente más interesada. A la que tenga pasta de militante. Y que a él le pasen regularmente estas hojas. Si esa cadena es segura, si no se nos cuele un eslabón falso, cada uno de los ejemplares va a valer por varios más. Por esa misma vía recabe materiales. Esos que es muy probable que se puedan conseguir en su lugar de trabajo, y que van a ayudar a que no se distraigan fondos que deben estar al servicio de las tareas principales. Papel y matrices; maquinitas de engrampar y ganchos; tinta, sobres, corrector y carbónicos. Todo eso viene bien. Cuando los consiga hágales pegar la vuelta. La misma vuelta que dieron estas hojas para poder llegar a sus manos.³⁵⁰

Com a suspensão das *Cartas de FAU*, a organização viria a iniciar a edição de um boletim nos mesmos marcos, porém de consumo interno, denominado *Chorizo*, que se limitou ao ano de 1971; também definiria a edição de um periódico de ordem pública,

³⁴⁹ *CARTAS DE FAU. Lo que Importa*. Montevidéo, 03 nov. 1969. p. 4. Em outra *Carta*, ao frisar os critérios de segurança, concluía-se “Cuando se toman todas estas prevenciones se agranda el margen de seguridad para los que luchan. Y para ellos se achican los datos. Se les limita entonces, la esfera de acción. Se desesperan por encontrar algo y como nada aparece, dan palos de ciego. Ellos, los verdugos, a la piñata vuelven a jugar.” *CARTAS DE FAU. Juegan a la Piñata*. Montevidéo, 06 jul. 1970.

³⁵⁰ *CARTAS DE FAU. A Cualquiera No*. Montevidéo, 22 jun. 1970. p. 4.

financiado e editado a partir da FAU (embora não o identificasse como órgão oficial). A iniciativa vinha como um meio de massificar sua orientação, contando, a partir de então, com um instrumento de propaganda de maior abrangência e caráter de agitação, sendo assim um informativo com critérios de definição mais “elásticos” que os que haviam nas *Cartas*. O surgimento do *Frente Amplio* exigiria tal medida, de forma a ampliar o raio de influência da política da organização e evitar um isolamento em razão de não aderir a essa frente. A esse respeito, o Secretariado informaria:

a) La peculiar coyuntura política que se vivirá en 1971; la distensión que aparejará; la confusión que esto introducirá en amplios sectores, incluso de alguna manera próximos a nosotros; las responsabilidades que la gravitación ya adquirida por la Organización generan; todo esto impone la necesidad de que continuemos consolidando nuestros contactos, ampliándolos al llegar con nuestras posiciones políticas a circuitos cada vez más extensos de opinión [...].³⁵¹

Essa orientação levou às ruas do país, ainda em finais de abril, o jornal de periodicidade quinzenal *Compañero*, sob a direção de Leon Duarte. Ainda que a não adesão ao FA tenha privado a organização de tomar parte em uma ampla agitação de massas que pela primeira vez na história do país ameaçava o bipartidarismo conservador, essa opção não resultou em um isolamento da mesma no plano das lutas de classe. Por sua vez, as opções em torno do FA resultaram em uma maior flexibilização da *Tendencia*, o que gerava mais um elemento de desavenças. A FAU, nesse momento, apostava no impulso dos conflitos em curso. Tal foi o caso envolvendo o jornal BP Color, do qual a Igreja detinha 30% dos capitais e que viria a ser colocado sob controle de seus próprios trabalhadores em meio ao conflito, “*El BP obrero se convirtió en una herramienta de orientación y de lucha. La que se daba en la calle.*”³⁵² Vitorioso, o conflito contou com uma greve de fome de nove trabalhadores que terminaram hospitalizados, além da ocupação da catedral de Montevidéu em uma missa por 150 pessoas (entre trabalhadores do jornal e militantes sindicais e estudantis solidários). Na ocasião, desde o púlpito se leu e distribuiu um manifesto a respeito do conflito, ocasionando um cerco da polícia e uma extensa negociação de 10 horas para que os militantes saíssem sem ser presos.³⁵³

Apesar das medidas de “distensão”, as eleições ocorreram em meio a um clima de contínua repressão e também de importantes conflitos. Assim, em março, foram presos militantes que integravam *Fomento*, entre eles Gerardo Gatti, Hugo Cores, o “Perro” Perez e

³⁵¹ MECHOSO. Juan C. *Op. cit.* p. 206.

³⁵² Idem. p. 210.

³⁵³ Na ocasião, nenhum dos fiéis que participavam da missa foi tomado como refém, tendo esses se retirado do local, em segurança, logo após a chegada das forças policiais. *EL DIA. La Catedral Ocupada Durante 10 Horas.* Montevidéu, 08 fev. 1971. p. 7.

Raul Cariboni. Com apenas três militantes de *Fomento* em liberdade, a organização incorporou outros que já compartilhavam experiência em níveis de responsabilidade para seguir seu funcionamento orgânico. A prisão de parte de sua direção não impediu que a FAU continuasse mantendo uma comunicação com essa militância, a qual regularmente emitia sua opinião a respeito das inúmeras atividades da organização (inclusive de seu aparato armado) através de troca de cartas que eram manejadas através de familiares.³⁵⁴ O cenário repressivo seguiria golpeando com rigor as organizações revolucionárias e desenvolvendo mecanismos de controle sobre a população, caso das constantes revistas de moradias. Sobre isso, manifestar-se-ia a organização em seu segundo editorial de *Compañero*:

Por eso las cárceles y los cuarteles siguen llenos de presos. Mucha gente es detenida con cualquier pretexto. A muchos los llevan ante la justicia. Pero aunque los jueces comprueban que no son culpables de nada y resuelvan darles la libertad, casi siempre la policía por su cuenta decide otra cosa. Los espera a la salida del juzgado para encarcelarlos en los cuarteles donde se pasan meses “A disposición del Poder Ejecutivo en el marco de las Medidas de Seguridad”, como dicen. Aunque rigen las “garantías constitucionales”, siguen los rastillos. Las fuerzas represivas se meten, a cualquier hora, en las casas y revisan todo. Tratan de implantar un Registro de Vecindad para intentar controlar paso a paso la vida de todo el mundo.³⁵⁵

A prisão de parte expressiva de *Fomento* havia ocorrido em meio a um importante conflito na *Compañía Industrial y Comercial del Sur Sociedad Anonima* (CICSSA), uma pequena indústria de papel que empregava 250 operários. A fábrica contava com um extenso prognóstico de falta de segurança no trabalho e higiene – no caso, o “refeitório” dos operários era o seu banheiro –, além de uma prepotência patronal expressa por seu acionista majoritário, o estadunidense Henry Brow, que costumava adentrar em suas dependências ostentando armas³⁵⁶ e declarando “*Yo tengo treinta millones de dólares para destruir cualquier sindicato.*”³⁵⁷ Contra um *lock out* patronal, os trabalhadores ocuparam a fábrica. A ampla solidariedade acionada através de FUNSA e também por *Violencia FAI*³⁵⁸ não foram

³⁵⁴ “Tanto el ejemplar de *Compañero* que llegó al cuartel ‘encanutado’ como las ‘pastillas preparadas con la información’ son apenas dos menciones de una práctica permanente de la FAU respecto a la comunicación con sus presos. Lograrla requería el desarrollo de ingeniosos escondites que debían ser incesantemente cambiados por razones de seguridad. Esta práctica se mantuvo más tarde, durante la dictadura, y se amplió con el envío y recepción de información clandestina desde y hacia Uruguay con artefactos cada vez más sofisticados. Para los presos, este tipo de comunicación fue un importante aporte político pero sobretudo un vínculo solidario que ayudó a mantener el sentido de pertenencia.” RODRIGUES, Universindo; TRIAS, Ivonne. *Op. cit.* p. 177. Um dos métodos utilizados para garantir a entrada e saída destas cartas, era a utilização de papéis para tabaco, onde os militantes escreviam em letras minúsculas suas observações e logo os inseriam no filtro de cigarros. FACAL, Julio. Depoimento ao autor.

³⁵⁵ *COMPANERO. Dictadura con elecciones.* Montevidéo, 14 mai. 1971. p. 03.

³⁵⁶ Idem. *CICSSA Ocupada por los Obreros.* Montevidéo, 14 mai. 1971. p. 01.

³⁵⁷ Idem. Montevidéo, 29 abr. 1971. p. 01.

³⁵⁸ “Hace pocos días se hacia un peaje solidario con los trabajadores de su fábrica, en el Camino Carrasco. Y apareció el mister. Fue todo rápido: se abalanzó con su auto sobre el grupo de personas y... no le quedó un

suficientes para definir o conflito. A situação piorou com a saída de Brow do país, que delegou suas responsabilidades a seu advogado Alfredo Cambóm – que também colaborava com a direção de FUNSA.

A intransigência patronal e a ausência de perspectivas de solução do conflito levaram a organização a acionar seu aparato armado, o qual, nesse momento, já se encontrava em um estágio de desenvolvimento técnico considerável (havia adquirido perfil de organização: *Organización Popular Revolucionaria 33 Orientales - OPR 33*)³⁵⁹, resultando em uma medida ousada, a realização do seu primeiro sequestro, no caso, do advogado da empresa, Alfredo Cambón, o que, em poucos dias, levaria a uma solução no conflito. A realização desse tipo de operativo vinha sendo devidamente planejada pela organização, que, dentre outros motivos, apontava a necessidade de solucionar seu problema de finanças em uma perspectiva de médio prazo; ainda que não houvesse problemas financeiros para o andamento das atividades, os custos da organização exigiam constantes expropriações. Esse planejamento tocou especialmente a Unidade de Informação de seu aparato armado, que se focou em levantar informações a respeito de autoridades políticas e dirigentes patronais, bem como na construção de *pozos* para a realização de sequestros que poderiam tanto ser utilizados para a solução de conflitos sindicais como para a exigência de um resgate vultoso.

Às vésperas de resolver o conflito em CICSSA, a FAU sofreu um dos mais duros golpes que a repressão desprender-lhe-ia. No 24 de julho, estudantes do *Instituto Escuela de la Construcción* (IEC) que realizavam um pedágio perto da universidade (com o objetivo de arrecadar fundos para a referida greve dos trabalhadores de CICSSA) foram atacados pela polícia. Em meio ao gás lacrimogêneo, ouviram-se disparos que resultaram na morte de Heber Nieto - conhecido como “el Monje” por seu perfil compenetrado -, militante da FAU e da agrupação da ROE na IEC. Com 17 anos de idade, Nieto trabalhava na construção de novas salas da escola, feita sob controle estudantil, conquista lograda pelo *Centro de Estudiantes de la Construcción*, onde a ROE era majoritária.

vidrio sano. No se bajó, extrañamente ni siquiera largó unos tiros al aire de esos revólveres que lleva al mejor estilo cowboy. Al contrario, salió disparando, como alma que lleva el diablo. Debe haber visto el rostro de la solidaridad.” Idem. *Mister Brow ya no Puede Cazar Tigres*. Montevideo, 14 mai. 1971. p. 02.

³⁵⁹ A primeira aparição pública da OPR 33 foi em abril, durante o operativo denominado pela organização como *Talna*, que consistiu na expropriação de armas de seguranças de FUNSA, do Capitão Mario Mutter De los Reyes e de colecionadores. Até então as operações eram assinadas enquanto *Grupos de Solidaridad Obrera, R, R 33*, entre outras. MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 357



Figura 4: ¡Salvaje Asesinato de la Dictadura!
Fonte: COMPañERO. ¡Salvaje Asesinato de la Dictadura!.
 Montevideú, 26 jul. 1971. p. 01

O assassinato gerou ampla mobilização em repúdio à repressão e em solidariedade aos estudantes. O cortejo fúnebre (que também foi alvo da repressão)³⁶⁰ levou uma multidão de 200 mil pessoas às ruas. À frente do cortejo estavam militantes da organização e companheiros estudantis de Nieto com uma bandeira vermelho e negra e outra dos 33 *orientales* em clara alusão à força política que encabeçava a mobilização: FAU/ROE/OPR-33. Uma paralização geral convocada pela CNT teve grande adesão, em especial em sindicatos onde a *Tendencia* tinha um fundamental protagonismo (casos de FUNSA e da *Unión Ferroviaria*); manifestações importantes também ocorreram no interior do país (Socca, Florida, Tacuarembó, Salto e Durazno). Em meio às mobilizações, o *Centro de Estudiantes de la Construcción* divulgou um manifesto denunciando os interventores da Escola.

Asambleas de los tres turnos, por separado, decidieron tomar el único camino posible: el de la lucha frontal y sin vacilaciones. Hemos decidido oponer a la violencia opresora de la limitación de nuestro derecho al estudio, la violencia liberadora de nuestra unión y combatividad.

[...]

Esa rebeldía que crece en amplios sectores de nuestro pueblo tocados por la política de congelación de salarios, y su sostenedora: la represión.

La que a convertido nuestro país en un cuartel, que ha llevado a sus mejores hijos a la cárcel, que calumnia a los militantes sociales como delincuentes, que pretenden perpetuar en nombre la “paz”, del “orden”, la “libertad”, el régimen de los

³⁶⁰ “Efectivos policiales cargaron sobre los asistentes al velatorio de Heber Nieto, que se estaba realizado en la Escuela de Construcción.” *COMPañERO. Nada respetan.* Montevideú, 26 jul. 1971. p. 01

cantegriles, de los hombres comiendo en tarros de basura y juntando papeles en las calles, de los niños mendigando o vendiendo caramelos en los ómnibus, de las prostitutas vendiéndose a falta de trabajo.³⁶¹



Figura 5: Cortejo fúnebre de Heber Nieto. Ao centro Leon Duarte, à sua direita Yamandú González (também dirigente de FUNSA e militante da FAU/ROE) e à esquerda Hugo Casariego junto aos companheiros de Heber; de camisa quadriculada José Carballa e a sua esquerda Graciela Popelka, militantes da ROE no IEC.

Fonte: <<http://www.surda.se/ArticulosEnPortada/Uruguay%20y%20el%20pasado%20presente.htm>> Acesso em: 20/04/2015.



Figura 6: Imagem panorâmica do cortejo fúnebre de Heber Nieto.

Fonte: COMPAÑERO. *LA VIOLENCIA DE LA DICTADURA NO DETIENE LA LUCHA DEL PUEBLO*. Montevideo, 07, ago, 1971. p. 03.

As investigações em torno do assassinato confirmaram as responsabilidades do aparelho policial (o disparo havia sido efetuado por um franco atirador) e evidenciaram outro fenômeno que vinha se desenvolvendo a passos largos naquele contexto: a atuação de

³⁶¹ CENTRO DE ESTUDIANTES DE LA CONSTRUCCIÓN. Por que luchan los estudiantes de la construcción: In: Idem. Montevideo, 26 jun. 1971. p. 03

“esquadrões da morte” que agiam concomitantemente a grupos de extrema direita de tendência nitidamente fascista, como era o caso das *Juventudes Uruguayas de Pie* (JUP). Com o objetivo de sabotar, atacar e seviciar militantes de esquerda e suas respectivas organizações, esses organismos atuavam com ampla cobertura dos aparelhos do Estado.

[...] Según la revista *Alter*, los informes del médico forense Julio Arzuaga y de la propia Sala de Abogados de la UTU fueron concluyentes en cuanto a los responsables del homicidio, aunque el Consejo Interventor de la Universidad del Trabajo prohibió difundir el informe. Unos días después el domicilio del doctor Arzuaga fue víctima de un atentado dinamitero realizado por un Escuadrón de la Muerte. Con las conclusiones del forense, de la Sala de Abogados de la UTU y los testimonios del director del IEC, de los trabajadores del CASMU y de los estudiantes y maestros de taller, quedó demostrado que los disparos venían de la Policía y que la bala que mató a Nieto provenía de un rifle calibre 22, disparado a la misma altura de la víctima y aproximadamente a treinta metros de distancia, en diagonal con la puerta de salida de la azotea, es decir desde el primer piso del edificio del BPS, en construcción.³⁶²

A aproximação do contexto eleitoral intensificou os ataques desses grupos. A JUP agitava permanentemente uma campanha golpista, chegando inclusive a denunciar uma suposta falta de “pulso firme” por parte do governo contra a “sedição”. Por outro lado, o FA desatava ampla mobilização de massas em seu entorno, fundamentalmente da sua candidatura majoritária, o general progressista Liber Seregni, que havia passado à reserva em finais de 1968 por desavenças com os rumos do governo Pacheco. O FA também chegou a contar com a adesão crítica do MLN-T, que assumiu, pela primeira vez, uma expressão pública para a atividade política, o *Movimiento de Independientes 26 de Marzo* (M-26), cuja principal expressão era o movimento estudantil, embora também contasse com incidência sindical. O M-26 não lançou candidatura própria e se aglutinou dentro do que viria a ser a *Corriente*, espaço que organizava as agrupações vinculadas à *Tendencia* que optaram por aderir ao FA. Essa ampla agitação em torno do FA criou um ambiente onde se acreditava na possibilidade concreta da vitória eleitoral. Essa perspectiva eleitoral atiçou, ainda mais, a repressão, assim como a conspiração que, do exterior, apoiava a intervenção de tropas brasileiras para impedir uma hipotética vitória eleitoral da esquerda. O Brasil, à época sob a presidência de Médici, organizou a “Operação 30 horas”³⁶³, que consistia na ocupação militar do território do Uruguai caso o *Frente Amplio* vencesse as eleições.

³⁶² RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivonne. *Op. cit.* p. 181.

³⁶³ PADRÓS, Enrique. *Op. cit.* pp. 316-336.



Figura 7: ENCUENTRAN SEDICIOSO ASESINADO EN POCITOS.³⁶⁴

Fonte: *EL PAIS*. *ENCUENTRAN SEDICIOSO ASESINADO EN POCITOS*. Montevideu, 01, ago, 1971.

De qualquer forma, as expectativas nutridas pela esquerda acabaram frustradas com o resultado final do escrutínio.³⁶⁵ Esse, apesar de não garantir a vitória de uma emenda constitucional que permitisse a reeleição de Pacheco Areco, garantiu a eleição de seu sucessor, Juan María Bordabery, deixando também indícios de fraude contra a candidatura majoritária do Partido Nacional, Wilson Ferreira Aldunate, que representava uma “oposição liberal” a Pacheco e sua escalada repressiva.

Ao longo desse processo, o aparato armado da organização realizou outros sequestros, caso do empresário Fernández Lladó, acionista de FUNSA e sobretudo do Frigorífico Modelo, empresa onde se registravam jornadas extenuantes de trabalho, baixos salários e

³⁶⁴. Na capa da edição de 01 de Agosto de 1971 o jornal *El Pais* informava a primeira vítima oficial do Esquadrão da Morte, que firmava suas ações enquanto *Comando Caza Tupamaros*. Manuel Ramos Filippini chegou a ser preso no início de 1970 por portar alguns panfletos assinados pelo MLN-T, sendo por isso preso até junho em Punta Carretas; Manuel sempre negou seu vínculo com a organização. No ano seguinte, no dia 30 de julho de 1971, policiais à paisana foram até sua casa para intimá-lo a prestar depoimento na delegacia; algumas horas depois seu corpo era encontrado alvejado na praia de Pocitos, Montevideu. Mais informações sobre o assassinato de Manuel Ramos Filippini em <<http://memoriaviva5.blogspot.com.br/2008/10/manuel-ramos-filippini-una-ejecucin.html>>. Acesso em: 20/04/2015.

³⁶⁵ Rodney Arismendi analisava a possibilidade de ganhar as eleições nos seguintes termos: “A vitória eleitoral é, sem dúvida a mais importante tarefa táctica actual do movimento operário e popular do nosso país. Isto não se opõe – como se faz às vezes em falsa contraposição – às lutas das massas pelas suas reivindicações e pelo seu programa. Ambos os aspectos se conjugam. Não obstante, é mister repeti-lo: é necessário ganhar as eleições.” ARISMENDI, Rodney. *Frente Ampla: Arranque para as grandes tarefas*. In: ARISMENDI, Rodney. *A Revolução Latino-Americana*. Lisboa: Avante!, 1977. p. 51.

assédio aos trabalhadores. Após extensa negociação com a família, a organização obteve um resgate de 200 mil dólares, além de exigir melhorias nas condições de trabalho no Frigorífico. Ao longo de todo o sequestro, o jornal *El Dia* desencadeou uma extensa campanha contra as organizações revolucionárias, em especial a OPR-33, em função do sequestro. Em reação a essa campanha, a OPR-33 tomou a iniciativa de sequestrar seu redator responsável, Pereyra Gonzalez, e exigiu do jornal que retificasse suas declarações a respeito da organização. Pouco após sua liberação, foram publicadas crônicas relatando sua experiência; da mesma forma, o jornal atendeu algumas demandas do movimento sindical.

Junto a todas essas medidas, a organização também reforçou a campanha pela libertação dos presos políticos às vésperas das eleições, dando especial destaque a essa questão nas páginas de *Compañero*. Aliás, a luta pela libertação dos presos políticos contaria com ousadas medidas protagonizadas pelo MLN-T quando, em julho, logra organizar a fuga de 38 presas do presídio feminino, entre as quais se encontrava Stela Saravia, militante da FAU e integrante da OPR-33. A mais ousada, por sua vez, foi realizada em setembro, quando escaparam 111 presos de *Punta Carretas*, entre eles Hector “Santa” Romero, Roger Julien e Idilio de León, “el Gauchito”, também integrantes da OPR-33, no episódio conhecido como *El Abuso*.

Ao final de novembro, os presos da FAU e da ROE iniciaram uma greve de fome demandando sua libertação, ao que difundiram um manifesto publicado em *Compañero*:

Evidenciando siempre las reservas morales, el espíritu de pelea de los trabajadores y de la juventud, aplicando métodos de acción acordes con la dureza de los enfrentamientos, concitando la solidaridad popular y elevando la conciencia política. Así, con el combate a todos los niveles, sin dejarse desviar ni adormecer por la engañosa prédica de la “pacificación”, se ha enfrentado la ofensiva reaccionaria.

[...]

Desde los cuarteles llamamos a redoblar el trabajo. A que cada cual ocupe su puesto. Dispuesto a realizar todas las tareas. Sabiendo que todas importan. Que la victoria se irá construyendo palma a palma. Que no será fruto de milagros. Trabajando en medio de la gente y avanzando junto a ellos. Asimilando los golpes recibidos. Enfrentando el enemigo en todos los terrenos.

Por ese camino hay que avanzar. Actuando siempre con moral de victoria. Siempre por el socialismo y la libertad.

!Arriba los que luchan!³⁶⁶

A pressão lograria liberar os presos em finais de dezembro. A poucos dias da libertação dos presos, era convocado um ato público da ROE para difundir a linha da organização para o próximo período. A poucas horas de seu início, o ato era proibido sob

³⁶⁶ Os signatários do manifesto de greve de fome eram: Ruben Prieto Benencio, Darío Espiga, José Carballa, Eduardo Dean, Washington Pérez, Lilián Celiberti, Hugo Cores e Gerardo Gatti. *COMPANERO. Huelga de Hambre en los cuarteles. Luchar, ahora por la libertad de los presos políticos*. [Suplemento especial] Montevideu, 23 nov. 1971. p. 3, 4.

alegação do governo de que a ROE seria uma organização clandestina; apesar de sua “clandestinidade”, enquanto medida de resistência, o ato seria levado a cabo, contando com a intervenção de Hugo Cores, Washington “Perro” Pérez e Gerardo Gatti.

3.5 Do Estado de Guerra Interno ao Golpe de Estado

A posse de Bordabery viria a colocar definitivamente o Uruguai às portas do golpe de Estado e da instalação de uma ditadura civil-militar de fato. O resultado oficial das eleições garantiu uma vitória do *Pachecato* que, apesar de não lograr seu objetivo inicial, a reeleição, fez seu sucessor com o respaldo institucional das urnas.

Ainda no primeiro semestre de 1972, havia mais de 100 presos políticos sem processo e sob determinação do Executivo, mesmo após o Parlamento haver suspenso as MPS em uma sessão em março. Em dezembro de 1971, um comunicado do Ministério do Interior havia dado a tônica dos novos tempos:

[...] está prohibido informar sobre huelgas, paros, ocupaciones de fábricas, peajes, huelgas de hambre, movilizaciones, establecimiento de campamentos sindicales, ollas sindicales, marchas, mítines de solidaridad con gremios en conflicto y otras medidas análogas.³⁶⁷

Esse processo vinha acompanhado da quebra da “distensão” econômica utilizada pelo governo para obter maior apoio eleitoral. Assim que assumiu o governo, Bordabery promoveu novos ajustes e desvalorizou o salário real, que caiu em 17%, superando os níveis de 1968; as aposentadorias, paralelamente, caíram 22%, enquanto o endividamento e a dependência exterior do país aumentavam ainda mais com a assinatura de nova Carta de Intenções com o FMI.³⁶⁸ A repressão, por sua vez, intensificou seus mecanismos “encobertos”, aumentando as atividades do “Esquadrão da Morte” e dos grupos de choque de extrema direita.

A esta altura se estima que los fascistas de la JUP llevan realizados cerca de 500 atentados. Están siendo adiestrados y armados desde la estructura de poder. Han utilizado granadas perforantes, explosivos plásticos, portan metralletas y pistolas de grueso calibre. Tienen su periódico: Azul y Blanco y el apoyo sistemático del diario “El País”. [...] Es uno de los paralelos del régimen, el otro es el Escuadrón de la Muerte compuesto directamente por elementos de la policía y especialmente del Ejército.³⁶⁹

A JUP e demais organizações de extrema direita de perfil paramilitar, além de realizarem contínuas investidas contra a esquerda, também exerciam destacado trabalho

³⁶⁷ MECHOSO, Juan C. *Op. cit.* p. 413.

³⁶⁸ *Idem.* p. 416.

³⁶⁹ *Idem.* p. 415, 416.

político-ideológico que reforçava a agitação golpista. Dentre as publicações dessas agrupações, destacou-se o jornal *Azul y Blanco*, dirigido por José González, um ex-jesuíta espanhol, franquista e ex-falangista.³⁷⁰ Em um manifesto de início de 1972, o jornal conclamava para uma iniciativa golpista das FFAA.

Crear un comando de Fuerzas Especiales, que con plena conciencia del estado de guerra en que vivimos y adiestrados para cumplir cabalmente su función como contrarrevolucionarios, se apliquen a la destrucción sistemática y completa de las fuerzas enemigas.

Salvadas estas etapas cumple intervenir la Universidad de la Republica, buscando el saneamiento de la misma, a todos los niveles, ya que es imposible la reestructuración moral, política, social y económica de un país si persiste en el un foco revolucionario y antinacional como constituye hoy día nuestra Universidad.

Por supuesto nada se logrará mientras no se proceda a una revalorización general de los conceptos morales de nuestra sociedad cristiana y que solamente se puede lograr con una reelaboración **contrarrevolucionaria** de nuestras **instituciones** y de nuestras **leyes**. Empresa a la cual colaboraremos militares y civiles.

F.F.A.A.: Contrarrevolución ¡Ahora! De ello depende nuestra sobrevivencia como pueblo y vuestro honor como soldados.³⁷¹ [Grifos no original.]

Em meio a esse processo, o MLN-T desatou uma ofensiva contra a escalada repressiva emitindo uma “declaração de guerra” ainda em janeiro; a mesma iniciou no mês seguinte quando a guerrilha ocupou a cidade de Soca e sequestrou um dos integrantes do “Esquadrão da Morte”, o fotógrafo policial Nelson Bardesio. Interrogado na *Carcel del Pueblo*, Bardesio descreveu minuciosamente a estrutura de funcionamento do “Esquadrão”, assim como identificou os principais quadros responsáveis por ele. Ao emitir um documento público a respeito do sequestro e das informações obtidas, o MLN-T apontou os nomes desses integrantes do “Esquadrão” e afirmou que haviam sido condenados pelo *Tribunal del Pueblo*.³⁷² Essa situação ganhou contornos mais dramáticos com uma nova fuga do presídio de *Punta Carretas* (15 militantes) no 12 de abril. Passados dois dias da fuga, o MLN-T consumou sua ofensiva executando quatro integrantes do “Esquadrão da Morte”, entre eles o vice-secretário do Ministério do Interior, Armando Costa y Lara.³⁷³

Ainda no mesmo dia, a repressão respondeu contundentemente. Vários aparelhos do MLN-T foram “estourados” e dez militantes executados; a orientação do aparelho repressivo estava explicitada no comando dado por Victor Castiglioni, diretor geral da *Dirección de Información e Inteligência* (DII): “*Salgan a matar. No quiero prisioneros*”.³⁷⁴ No dia

³⁷⁰ RUGAI, Ricardo Ramos. *Um Partido Anarquista. O anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU*. São Paulo: Ascaso. 2012. p. 241.

³⁷¹ AZUL Y BLANCO. *Fuerzas Armadas Contra-Revolución ¡Ahora!* 02 fev. 1972. p. 21.

³⁷² Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros. *Aviso a la población*. 01 de março de 1972. Disponível em: <http://cedema.org/ver.php?id=5531> Último acesso: 29 out. 2014.

³⁷³ PADRÓS, Enrique Serra. *Op. cit.* p. 339.

³⁷⁴ CALACE, p. Apud: PADROS, Enrique Serra. *Op. cit.* p. 339.

seguinte, a escalada repressiva se intensificou ainda mais com a aprovação, na Assembléia Geral, do *Estado de Guerra Interno* (por 30 dias)³⁷⁵; a “oposição liberal” apoiou a medida. Em pouco tempo, o Estado, agora com as Forças Armadas assumindo a direção do combate à “subversão” no lugar da polícia, destruiria, virtualmente, a estrutura militar e política do MLN-T.

O *Estado de Guerra Interno* também funcionou como pretexto para que a repressão desse um sinal às demais forças de esquerda, anunciando que a guerrilha se tratava de um mero inimigo circunstancial. Tratava-se de eliminar todas as forças opositoras e de esquerda, inclusive aquelas que reivindicavam a salvaguarda das instituições em detrimento da luta armada. Poucos dias após o decreto, o exército, após uma batida na Seccional 20 do PCU, executou 8 militantes do partido. Uma grande onda de repúdio se disseminou, culminando com uma paralisação geral convocada pela CNT.

Apesar desse desfavorável cenário, o movimento sindical e estudantil não havia cessado suas atividades, demonstrando sua capacidade de organização e disposição de luta. Pouco antes do *Estado de Guerra Interno*, a *Unión Ferroviaria* assumiu o controle dos trens; além de não cobrar passagem aos usuários, o sindicato organizava o conjunto dos serviços ignorando as autoridades do Estado. Esse mesmo sindicato, com importante intervenção da ROE, havia tomado, anteriormente, uma medida de fundamental importância para o futuro da resistência no país. Efetivamente, ainda no final de 1971, quando era consumada a vitória eleitoral de Bordabery, o sindicato solicitou ao presidente eleito que demandasse um plano de recuperação das ferrovias. Ao final da reunião, a direção do sindicato foi questionada pelo diretório da estatal a respeito de suas conclusões. Buscando ludibriar o diretório, manifestaram-se satisfeitos e contentes com o encontro com Bordabery. Com isso, o diretório ofereceu um *coche-motor* ao sindicato para se deslocar pelo país informando os resultados do encontro, imaginando que tal fato fosse legitimar o novo governo. Em realidade, o que aconteceu foi que a direção do sindicato dos ferroviários percorreu o país defendendo a filiação à CNT e debatendo o que fazer em caso de um golpe de Estado, ou seja, a orientação de convocar uma greve geral.³⁷⁶

³⁷⁵ “[...] O governo pressionava pela aprovação dessa lei desde o dia 6 de abril. O espírito da mesma era o de criar mecanismos para enfrentar situações de conflito não contempladas pela Constitucional. Em realidade, com a aprovação do *Estado de Guerra Interno*, o Parlamento legalizou o que já acontecia de fato, ou seja, ações policiais sem necessidade de ordem judicial, interrogatórios sem prazo, suspensão de *habeas corpus*, a intervenção da Justiça Militar nos delitos políticos, a criação de novos delitos, o aumento das penas e a reclusão dos detidos em qualquer parte do país. [...]” PADROS, Enrique Serra. *Op. cit.* p. 340.

³⁷⁶ A categoria contava com algo em torno de 100 mil trabalhadores, sendo um dos maiores sindicatos do país. Com uma base de tradição “anticomunista”, não era filiado à CNT por causa do peso que aquele partido tinha no interior da central, além do mais, os comunistas por muito tempo se organizaram em outro sindicato, a

Em Santa Lucía, departamento de Canelones, a organização redobrou esforços em um conflito envolvendo a fábrica de calçados Seral – também marcada por contínuos abusos patronais -, que já vinha estendendo-se desde finais do ano anterior. Assim como a *Unión de Obreros de CICSSA*, a *Unión de Obreros de Seral* (UOS) também foi organizada com um destacado aporte da militância da ROE. Após nove meses de impasse não solucionado para que a patronal cumprisse acordos de um conflito anterior, a UOS não via solução possível para um desfecho do conflito, dada a intransigência da patronal e do governo³⁷⁷; 150 trabalhadores haviam sido detidos e eram constantes os ataques dos grupos de extrema direita.

A preocupação em encontrar um desfecho levou à ação do aparato armado, que sequestrou o filho do proprietário da fábrica, Sergio Molaguero, que, além de participar da administração do negócio, era vinculado aos grupos de choque da extrema direita que atacavam os trabalhadores, além de ter o hábito de assediar as trabalhadoras. Logo após a realização do sequestro, os militares emitiram o seguinte comunicado: “¿Sabia la Unión de Obreros de Seral que se preparaba el secuestro de Molaguero?”, ao que prontamente respondeu a UOS: “¿Sabían las Fuerzas Conjuntas de todas las humillaciones a que éramos sometidos los obreros de Seral?”. O comunicado seguia, afirmando:

Tengan claro las Fuerzas Conjuntas que no vamos a permitir confusiones deliberadas, la verdad es una sola. Estamos en lucha contra la miseria y contra la intolerable opresión de una patronal negra³⁷⁸ que ha violado hasta las leyes del país. Rodeados de la inmensa solidaridad del pueblo, afirmados en nuestra dignidad de obreros y orientales, seguiremos adelante por el logro de nuestras legítimas y justísimas deliberaciones.

Unión de Obreros de Seral – Montevideo, 16 de Mayo de 1972.³⁷⁹

Em meio à escalada repressiva e ao desmonte do aparato do MLN-T, a execução de uma operação de tal envergadura era uma medida de grande risco. Embaladas em sua eficiência para desmontar o MLN-T, as Forças Conjuntas solicitaram à família de Molaguero que não negociasse sua liberação, afirmando que o trariam “*sano, salvo y rápidamente*” assim

Organización de Ferrovianos Unidos (OFO), tomando a decisão de dissolver esse sindicato e integrar-se na *Unión Ferroviaria* em 1967. Todavia, essa decisão ainda encontrou forte resistência entre a base do sindicato, que era recalcitrante em ter os comunistas em seu sindicato. “Nosotros somos los que propiciamos, pensamos y logramos calcular que ellos se integraran al gremio. Lo que demarca en alguna manera el carácter muy especial que tenía la FAU con relación a la creación al movimiento sindical, o sea el movimiento sindical uruguayo se creó en la unificación de comunistas y anarquistas, cosa que en ningún lugar del mundo lo encontramos.” A incorporação à CNT, por sua vez, em que pese as contradições, foi motivo de discórdia com o PCU na interna do sindicato, uma vez que isso poderia modificar substancialmente a correlação de forças em seu interior. Entrevista de Raul Oliveira ao autor, Montevideu, Novembro, 2012.

³⁷⁷ Em uma reunião da COPRIN, o representante do Poder Executivo, Bugallo, ao ser interpelado a respeito da condição dos trabalhadores da fábrica, contestava: “Que vayan a la Plaza Libertad y que se peguen un tiro.” *COMPañERO*. 26 de jan. 1972. p. 1.

³⁷⁸ “Negrero” é uma expressão coloquial utilizada no Uruguai para caracterizar padrões que super-exploram seus trabalhadores, associando-os assim aos antigos traficantes e proprietários de escravos.

³⁷⁹ UNION DE OBREROS DE SERAL. Que quede claro: Seguirá la lucha. In: Idem. 17 mai. 1972. p. 9.

como haviam feito com Pereyra Reverbel e Frick Davies³⁸⁰, poucos dias antes, ao localizar uma *Carcel del Pueblo* do MLN-T. Depois do sequestro, caíram presos Leon Duarte e Washington “Perro” Pérez, além de Julio Ojeda e Hilda Moreira da UOS.³⁸¹ Todos foram alvo de tortura, sobretudo Leon Duarte, para que entregassem o local onde Molaguero se encontrava. Exigindo a liberação desses militantes, os trabalhadores de FUNSA tornaram a ocupar a fábrica, além de fomentar uma mesa redonda para debater a situação do conflito no interior da UOS.

Após mais de dois meses retido, Molaguero foi solto após um acordo com sua família. Além do cumprimento de acordos trabalhistas anteriores, a negociação envolvia a compra de materiais escolares para distribuição nos bairros pobres da cidade, além de uma quantia à organização para que cobrisse os custos com o operativo. Duarte, Pérez, Ojeda e Moreira saíram do cárcere pouco antes do acordo que liberou Molaguero.

Poucas semanas após a libertação dos presos, Duarte³⁸² e Pérez foram novamente detidos. A FAU tornou a acionar uma forte campanha pela liberdade de ambos, convocando um ato em memória de Sacco e Vanzetti, associando-os à figura de Leon Duarte e Washington Pérez, para o 23 de agosto, data em que se completariam 45 anos da execução dos dois anarquistas italianos nos EUA. Com a consigna “*Luchar Ahora!*”, o ato era convocado pelo *Comite Obrero Sacco y Vanzetti* e contou com a intervenção de Hugo Cores e Gerardo Gatti pela ROE, Héctor Rodriguez pelo GAU, Enrique Erro da *Unión Popular*, Armando Rodriguez pelo M-26, Zelmar Michelini pela *Agrupación Avance* e um delegado da *CGT de los Argentinos*. A convocação de atividades públicas em conjunto com setores de considerável influência no FA em prol do movimento operário, contra a escalada repressiva e o expressivo aumento nas práticas de tortura e ações encobertas dos esquadrões da morte e da extrema direita, era parte da disposição da organização em não sucumbir ao sectarismo e ao

³⁸⁰ Pereyra Reverbel foi um dos principais dirigentes políticos do *pachecato*, tendo presidido a UTE, onde se destacou pela intransigência e postura repressora com os trabalhadores. Já havia sido sequestrado pelo MLN-T em 1968. Frick Davies foi ex ministro de pecuária de Pacheco Areco.

³⁸¹ EUGENIA JUNG, María; RODRIGUES, Universindo. *Op. cit.* p. 76.

³⁸² Ao sair da prisão, Duarte fez um extenso relato a respeito daqueles dias no cárcere, informando detalhes das torturas e chantagens por parte dos inspetores para que entregasse “confidencialmente” alguns de seus companheiros e com isso ganhasse a liberdade sem que a delação fosse repercutida. Em meio do depoimento, chamou a atenção para a quantidade de presos políticos existentes no quartel de San Ramón, em Canelones (onde estava detido), apontando que os pisos 3, 4, 5 e 6 eram destinados exclusivamente a eles. No seu depoimento, Duarte comentou que, estando em plantão e encapuzado, conseguiu ver rapidamente: “una cantidad de gente, sentada en camastros, todos encapuchados. Era por supuesto un cuadro extraño, una especie de leprosario, como en esas películas de leprosos que uno ve. Impactante.” DUARTE, Leon. Citado em: RODRIGUES, Universindo; TRIAS, Ivone. *Op. cit.* p. 198. Considerando que o quartel de San Ramón não era um elemento residual no quadro político do país, estando naquele momento todas as prisões e quartéis repletos de presos políticos, temos o quadro do terrorismo de Estado já consolidado no país ainda antes de consumado o golpe de Estado.

isolamento, buscando zelar as saudáveis relações que sempre mantivera com estes setores no âmbito da *Tendencia Combativa*. As divergências em torno da opção pelo FA não podiam se configurar em um elemento de desagregação da resistência que transcorria nas diversas bases organizadas e em luta contra a escalada repressiva. A respeito deste ato, Sara Mendez recorda que:

El acto de Sacco y Vanzetti fue muy discutido internamente. Se discutía la oportunidad y el sentido de realizar un acto así, tan peleador en momentos en que la represión ya estaba desbocada. Creo que fue hecho como el cierre de un período en que primaba aun lo público, a pesar de la represión y del funcionamiento clandestino.³⁸³

Em consequência do ato, as Forças Conjuntas requerem os militantes Hugo Cores, Gerardo Gatti, Elvira Suárez, Kimal Amir, Sara Lerena de Goessens, Mariaselva Echagüe, Darío Espiga, Carlos Goessens, Rubén Rodríguez Coronel, Silvia Valeron e Gonzalo Vigil, acusados de serem “[...] *vinculados a la organización que asuela nuestro país [...]*”³⁸⁴; Gatti e Cores entraram de imediato na clandestinidade de forma a seguir suas atividades. O cerco repressivo ainda se agravou com a prisão de dois quadros integrantes de *Aguilar*, Alberto “Pocho” Mechoso e Ivonne Trías. Presos poucos dias antes do ato pela liberdade de Duarte e Pérez, foram encaminhados ao 5º Regimento de Artilharia, quartel “especializado” na militância anarquista, dentro de uma operação que visava a responsabilizá-los pelo sequestro de Molaguero.

[...] Los interrogatorios no dieron los resultados esperados por los miembros del organismo de Coodinación de Operaciones Antisubversivas (Ocoa). Los prisioneros mantuvieron sus secretos bien guardados. Acompañado por el entonces capitán Cordero, Sergio Molaguero fue al cuarto de interrogatorios del cuartel y señaló a Alberto Mechoso y a Ivonne Trías como integrantes de los comandos guerrilleros que lo tuvieron secuestrado. Los interrogatorios se endurecieron y las torturas aumentaron con el uso alternado e indiscriminado de reflectores, picana, tacho (submarino), teléfono, gancho, caballete de hierro, plantones, gopizas.³⁸⁵

³⁸³ MENDEZ, Sara. Apud: RODRIGUEZ, Universindo; TRIAS, Ivonne. *Op. cit.* p. 206.

³⁸⁴ FUERZAS CONJUNTAS. Comunicado n.º 452. Apud: RODRIGUES, Universindo; TRIAS, Ivonne. *Op. cit.* p. 203.

³⁸⁵ EUGENIA JUNG, María; RODRIGUEZ, Universindo. *Op. cit.* p. 81. O mencionado Capitão Cordero, ao longo de sua carreira militar, assumiu para si uma “guerra particular” contra a FAU/OPR-33. Comentando a prisão da militante estudantil de magistério María Selva Echagüe, Cores afirma: “[...] Un grupo militar encabezado por el entonces capitán Manuel Cordero allanó su casa de la calle Comercio (hoy Solano López). En la casa estaba el padre de Ma. Selva, un profesional universitario prestigioso. Cordero le reprochó: ‘*Su hija está vinculada a la OPR. Esta gente es de lo peor. Son la miseria de la subversión.*’”. Já instalada a ditadura e tendo sido promovido a Coronel, Cordero foi, junto a Nino Gavazzo, um dos principais responsáveis pela perseguição aos exilados uruguaios na Argentina, especialmente aos da FAU e, posteriormente, do *Partido por la Victoria del Pueblo* (PVP).

O cenário do golpe de Estado já estava mais do que claro para a organização, tratando-se muito mais de uma questão de tempo. Manter o conjunto de atividades no país já demandava uma conjugação de estrutura e riscos cada vez mais complexos ao conjunto da organização.

En muchos sectores de la población comenzó a cundir el pánico. Se retaceaba apoyo y solidaridad. Ya no era nada fácil conseguir casas para que se quedaran compañeros clandestinos. Nosotros habíamos recibido algunos golpes, pero, el grueso de la Organización estaba intacta y el aparato armado en condiciones de seguir operando en el nivel por nosotros concebido. [...] Era un esfuerzo diario, agotador, el conseguir alojamiento para los clandestinos. Era una de estar todo el día en la calle para mayor seguridad porque caían y caían casas de gente de izquierda y colaboradores. La creatividad no cesaba en solidaridad con las piernas, los más diversos lugares sirvieron para ir descansando durante esos días que se tornaban interminables. Sí, el pánico había ido ganando terreno, se había metido dentro de mucha gente y ya no resultaba nada fácil conseguir colaboradores que compartieran sus casas.³⁸⁶

Esse cerco que contornava cada vez mais a esquerda³⁸⁷ levou a organização a encerrar os trabalhos que vinha realizando em torno de *La Instancia*, além de decidir a retirada de parte de sua militância do país, encaminhando-a a Buenos Aires. Entendia a organização que a “ditadura de fato” era questão de tempo - pouco tempo no caso -, e que em função disso haveria de se resguardar forças para uma luta ainda mais dura e prolongada. A decisão afetava, fundamentalmente, o conjunto dos militantes clandestinos e, ainda que tenha tido grande adesão interna, não escondia o expressivo abalo emocional que produzia a saída do país.³⁸⁸

Na Argentina, os militantes de pronto vincular-se-iam a velhos anarquistas que se haviam relacionado com os grupos expropriadores da região, à militância que de pronto viria a fundar a organização anarquista clandestina *Resistencia Libertaria*³⁸⁹, assim como a diversas organizações político-revolucionárias locais não originárias do anarquismo, como o PRT-ERP e Montoneros (com o tempo, desenvolver-se-ia uma estreita colaboração com essa organização); a solidariedade da esquerda argentina foi resultado do reconhecimento do

³⁸⁶ MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 427.

³⁸⁷ “Entre março a setembro de 1972, os militares prenderam 1.441 pessoas acusadas de subversão; requereram outras 284; mataram 38 e feriram 19. No mesmo período, sofreram 18 mortos e 25 feridos. Em setembro, anunciavam a derrota do MLN.” PADRÓS, Enrique Serra. *Op. cit.* p. 346.

³⁸⁸ “[...] Política y racionalmente el análisis era correcto, pero irse pesa y entristece. No sólo de racionalidad vive el hombre.” MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 427. Zelmur Dutra, que também esteve entre os militantes do aparato armado que se estabeleceram na Argentina, afirma: “Dolió mucho para nosotros.” Zelmur Dutra, entrevista ao autor em Montevideu, outubro, 2012.

³⁸⁹ A *Resistencia Libertaria* foi uma pequena organização anarquista clandestina fundada em 1974. Não chegou a desenvolver propaganda própria, mantendo seus periódicos como publicação de grupos de trabalhadores de base. Logrou uma importante influência no sindicato dos gráficos de Córdoba. Sobre essa experiência de organização anarquista, ver: LOPEZ TRUJILLO, Fernando. *Resistencia Libertaria*. Buenos Aires, Madreselva, 2007.

trabalho desenvolvido pela FAU no Uruguai, fundamentalmente em questões militares e na incidência no meio operário: “*Por suerte, digamos, los anarquistas uruguayos teníamos cierta estima en la izquierda argentina.*”³⁹⁰ A orientação a esses militantes era buscar trabalho, de forma a se sociabilizar e não levantar grandes suspeitas, sendo que enquanto não eram empregados recebiam um aporte financeiro da organização, condizente a um salário operário.

No Uruguai, os últimos meses do ano foram marcados por inúmeros conflitos, em especial no setor da educação, e paralisações gerais convocadas pela CNT. Ataques de grupos da extrema direita contra a universidade, escolas e contra o movimento estudantil aumentaram significativamente, enquanto o governo enviava ao Parlamento a Lei de Educação.

Ao final de novembro, Alberto Mechoso conseguiu fugir do quartel onde estava detido. O plano de fuga incluía Ivonne Trias, mas essa foi removida de sua cela e levada ao 9º de Cavalaria, onde as Forças Conjuntas estavam concentrando as mulheres.³⁹¹ Alberto Mechoso, ainda que muito debilitado em função das longas seções de tortura, protagonizou uma fuga “cinematográfica”³⁹², refugiando-se emergencialmente na casa de um conhecido veterano da *Federación Autónoma de la Carne* para logo em seguida ser encaminhado a um aparelho da organização no bairro de Ciudad Vieja, onde passaria um bom tempo recuperando-se de suas inúmeras feridas e lesões (contava com várias costelas quebradas).³⁹³ Como meio de propagar a fuga e agitar seu significado moral à resistência das organizações

³⁹⁰ Zelmar Dutra. Entrevista ao autor, Montevideú, Outubro, 2013

³⁹¹ EUGENIA JUNG, María; RODRIGUEZ, Universindo. *Op. cit.* p. 81.

³⁹² Em sua entrevista à Eduardo Galeano, Alberto “Pocho” Mechoso faria um relato de sua fuga: “[...] Tarde o temprano, más bien temprano que tarde, iba a volver a la máquina. Ellos mismos me lo decían. No tenían apuro; yo sí. Yo me estaba reconstruyendo y ellos iban a venir a reventar todo... Pensé en varias chances y elegí la más difícil. Porque se me dio por sospechar: ¿y si fuera una trampa para matarme? La fuga sería una buena manera de matarme. Una manera cómoda. A esa altura ya muchos sabían que yo estaba allí, aunque me tenían aislado. [...] Doblé los barrotes de fierro de la ventana, haciendo palanca, con mucho trabajo y después corté el tejido metálico de atrás. Había conseguido con qué doblar y cortar. Dejé un bulto bajo a la frazada y me escurrí por el agujero. Estaba muy flaco. Me hice culebra y deslizándome trepé a uno de los cipreses alineados contra la pared del barracón. [...] Al otro lado del muro, yo sabía, estaban los custodias, bien armados. En cualquier momento los carceleros se iban a dar cuenta que yo faltaba. Esperaba apretando los dientes, el alarido de la sirena... Decidí dejarme de joder y contar hasta cincuenta y chau. Conté hasta cien. Me alcé en el muro y tiré los cascotes que había traído, los tiré bien lejos, con todo y hubo una explosión de vidrios rotos y me descolgué del muro y corrí con alma y vida. Y me salvé. No sé cómo. Volé. Escuché que me gritaban alto y puteadas y después tiros y después ladridos mezclándose con los tiros. Me habían largado los perros. Empezaba la cacería. La sirena de la alarma me taladraba la nuca. Zumbaban las balas. Los reflectores barrían la tierra a mi alrededor. Me metí en el Cementerio (del Norte) [...] Salté el tejido de alambre del cementerio y cuando quise acordar ya estaba chapoteando en el arroyo (Miguelete)... Yo caminaba a los tumbos, sonámbulo de la alegría de ser libre... Yo tenía el cuerpo todo roto y me pregunté cómo carajo habían hecho mis piernas para llevarme hasta allí. Recién ahora me daba cuenta. No había tenido tiempo de sentir nada. Opiné que todo había salido bien y me dije: lo felicito compañero.” “EUGENIA JUNG, María; RODRIGUEZ, Universindo. *Op. cit.* p. 85, 86.

³⁹³ A FAU tinha quadros entre trabalhadores da saúde, muitos deles vinculados à cobertura de *Chola*, mantendo o funcionamento de uma clínica compartimentada, com uma equipe de médicos e enfermeiros de plantão em dias de operativo. MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 371.

populares e armadas, a FAU contou com a solidariedade de Eduardo Galeano que se dispôs a realizar uma entrevista com Alberto. A entrevista foi realizada sob pseudônimo e informava ser feita na Espanha. Ainda em dezembro, Alberto se deslocou para a Argentina, onde se vinculou à organização de um operativo financeiro da FAU.

Em Montevideu, a militância ainda impulsionou um último grande ato público contra a escalada golpista. Convocado pelo sindicato de FUNSA, o ato homenageava Leon Duarte, Washington Pérez e Gerardo Ávila, recentemente liberados. À véspera do ato, em uma assembleia do *Sindicato Único del Transporte Marítimo* (SUTM), acabou sendo assassinado o operário Alcides Pintos e ficaram feridos outros três. Uma crescente hostilidade contra o movimento operário e a esquerda assinalou a passagem de ano.

Em meio a esse momento conturbado, onde a insegurança era cotidiana e afetava concretamente o emocional, além de colocar em risco a vida dos militantes, a FAU encerrava o ano com eleições internas para designar nova dirigência para *Fomento* e *Aguilar*, processo do qual participou o conjunto da militância (em torno de 150 militantes naquele momento). Esse número correspondia a militantes de pleno compromisso, com alto nível de responsabilidades. Fora esses, havia ainda uma quantidade significativa de quadros que colaboravam regularmente com a organização, totalizando um número em torno de 500 militantes (entre plenos e colaboradores regulares). Em relação ao aparato armado, contabilizou-se 33 votos, entre aqueles que estavam no Uruguai, presos e também na Argentina.

Cabe salientar que as eleições tinham a seguinte peculiaridade: cada militante devia justificar positivamente ou negativamente o seu voto, considerando uma série de elementos. Assim, seriam levados em consideração quanto a: A) critérios de segurança: pontualidade, disciplina, alerta, atitude frente aos critérios de classificação; B) formação política: costume de leitura de jornais e livros, conhecimento das inquietudes e demandas de seu ambiente e a convivência com essas questões, conhecimento da orientação de outros grupos e organizações, inquietude para a formação, capacidade teórica e de análise, capacidade de transmissão de conhecimento; C) critérios de ordem técnica: capacidade teórica e operativa, agressividade, informação, busca de infra-estrutura; D) critérios de ordem moral e estilo militante: solidariedade, fraternidade, constância, audácia, paciência, firmeza, ductilidade, modéstia, iniciativa, sentido comum, agressividade política, disposição ao trabalho coletivo, exercício da autocrítica, aceitação da crítica de outros, capacidade de comunicação,

capacidade de direção, comunicação, entre outras.³⁹⁴ As questões que fundamentavam a consulta interna guardavam uma importante preocupação com o perfil de organização e militante em formação, buscando um nivelamento entre as capacidades operativa (no plano público ou militar), de formação política, além de aspectos de conduta, como modéstia, solidariedade e disposição de crítica e autocrítica.

[...] Esa Instancia que comenzó tras un gran esfuerzo y en un marco social-político particularmente difícil y que sin duda marca con claridad una vocación de la Organización, de la militancia: la participación, la democracia interna, la vida colectiva.³⁹⁵

Esse processo de eleição dos organismos de direção da FAU foi precedido por extensas discussões em torno de temas pendentes como violência e política, trabalho de massas e processo revolucionário e uma melhor caracterização do foquismo. Para tanto, circularam semanalmente uma série de Cartas onde foram tratadas essas questões, tendo como ponto de partida um trabalho de Gerardo Gatti intitulado *La Violencia Anarcosindicalista*. O conjunto dessas Cartas deram corpo, finalmente, ao *Copey*³⁹⁶, redigido por Raul Cariboni com a colaboração de Mauricio Gatti e que traduzia a concepção de luta armada da organização no marco de um projeto político global, elaborado e dirigido por um partido revolucionário com incidência nos diversos terrenos da luta social (ideológica, política, de massas e militar). Ao longo das Cartas, a crescente intervenção das forças castrenses na vida nacional também era analisada.

Pero el hecho más trascendente de estos tiempos últimos, es la asunción plena y abierta del papel represivo del Ejército. Este emerge, por esta vía, en la vida nacional como un claro factor de poder dotado, desde el principio, de un significativo margen de autonomía. [...] Su animosidad frente al Parlamento, frente a todos los partidos opositores, no se ha ocultado. Asambleas de oficiales han incursionado ampliamente en temáticas claramente políticas, *la época de los 'planteamientos' militares se ha abierto en el Uruguay*.³⁹⁷ [Grifos no original.]

Esse avanço das forças castrenses na condução política do país assumiu uma feição “bipolar” que, em última instância, confundiu expressivos setores da esquerda, desarmando-os para uma política de resistência ao golpe em marcha. As Forças Conjuntas, após anos de trabalho minucioso ao lado das forças policiais e paramilitares, assumiram o controle da luta contra a “sedição”, promovendo prisões, assassinatos e torturas em larga escala. Na sua luta

³⁹⁴ Fichas de avaliação. Fonte: Arquivos de FAU.

³⁹⁵ MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 436.

³⁹⁶ Copey é o nome de um tradicional partido conservador da Venezuela. A opção por intitulá-lo assim era parte de um dos critérios de segurança da organização para com seus documentos internos, na busca por camuflá-los e buscar dificultar o trabalho da inteligência policial e militar; as unidades operativas da OPR-33, por exemplo, eram mencionadas como “Grupos de *Basketball*”. Fichas de Unidades Operativas, fonte: Arquivos de FAU.

³⁹⁷ MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 423.

contra a “sedição”, altos oficiais tiveram contato com a militância do MLN-T, surgindo disso uma série de conversações que visavam negociar uma trégua. Dessas conversações resultaram troca de informações sobre os “ilícitos econômicos”, a corrupção e o fisiologismo que entrelaçavam as diversas esferas do público e do privado. Dessas trocas de informações a oficialidade passa a tomar iniciativas visando salvaguardar sua imagem.

[...] Civis que se manifestaram contra os Tupamaros na década de 60, foram interrogados por militares sobre sua participação em delitos econômicos. As informações eram fornecidas ao Exército por militantes da organização presos no quartel de Florida. Pelo menos 70 homens de negócios foram detidos para interrogatórios naquela unidade militar. A troca de informações entre a inteligência militar e os guerrilheiros foi responsável pela criação da *Comisión de Represión de Ilícitos Económicos* em julho de 1972. O órgão tinha função de processar políticos, funcionários públicos e empresários envolvidos com corrupção.³⁹⁸

Essas operações tomaram contornos espetaculares, como, por exemplo, a prisão do político colorado Jorge Battle que, prontamente, resultaria na renúncia dos ministros vinculados ao mesmo partido: Forteza, Sanguinetti e Pintos Risso.³⁹⁹ Em função disso, as Forças Conjuntas começaram a angariar relativa simpatia de parte da esquerda, como o MLN-T, o PCU e do senador do FA, Zelmar Michelini; enquanto avançavam em medidas intervencionistas, a oficialidade contestava as críticas a sua postura (fossem elas oriundas do Poder Legislativo ou do Poder Executivo) de maneira cada vez mais agressiva. Isso levou a um confronto decisivo quando Bordabery nomeou o General Antonio Francese para o Ministério da Defesa com o objetivo de disciplinar a alta oficialidade. Não obstante, Francese teve sua autoridade questionada pelas cúpulas do Exército, da Aeronáutica e sua cadeia de comando, que, através de comunicados transmitidos pelo sistema de rádio e televisão, manifestavam sua insubordinação ao novo Ministro. A tensão se agravou ainda mais quando Francese, ao se dirigir ao 13º Batalhão do Exército, foi recebido na porta da unidade pelos Generais Cristi e Alvarez, além do coronel Trabal, então chefe de inteligência. Negando-se a tomar parte na investida golpista, a Marinha ocupou a Ciudad Vieja, zona portuária de Montevideú, em apoio ao presidente Bordabery; posteriormente, porém, alinhou-se às demais armas.

Como solução ao impasse, Bordabery voltou atrás, retirando o General Francese de cena enquanto os comandos do Exército e da Aeronáutica emitiram os comunicados 4 e 7, os quais apresentavam uma ardilosa manobra tática da oficialidade ao incorporar demandas tradicionais do movimento sindical e popular, tais como combate aos monopólios, melhor

³⁹⁸ VILLALOBOS, Marco Antônio. *Tiranos, Tremei! Ditadura e Resistência Popular no Uruguai (1968-1985)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 89.

³⁹⁹ Ocupavam, respectivamente, os Ministérios da Economia, Educação e Cultura e Obras Públicas.

distribuição da terra, emprego etc., aumentando ainda mais as expectativas em importantes setores da esquerda de uma solução à crise pela via castrense, na medida que passou a se identificar a influência de uma pretensa corrente “peruanista”⁴⁰⁰ na oficialidade. Entre as forças de esquerda, foi o PCU aquela que mais expectativas criou em torno dos pretensos “peruanistas”; em sua edição de 15 de fevereiro, *El Popular* reproduzia um comunicado do Comitê Central do Partido.

[...] No es casual que la clase obrera y su vanguardia, inspirándose justamente en el marxismo-leninismo, han estado siempre en la primera fila del combate por transformaciones profundas, y que exista una coincidencia objetiva con muchos de los puntos que plantea las FF.AA y sobretodo, con el ideario artiguista que los inspira.

Estas opiniones, que el Partido Comunista expresa con la franqueza que caracteriza sus procederes, no invalidan en lo más mínimo, la apreciación positiva de esos documentos programáticos y, más generalmente, de la postura que adoptan las FF.AA. Sin duda, los hechos ocurridos en estos días han asestado un duro golpe a la política pachequista, y el país atraviesa un momento que, mirado en la perspectiva histórica, tiene un signo positivo.

[...]

La lucha del pueblo unido y organizado debe extenderse al vasto ámbito de todos los orientales honestos, por encima de toda división, artificial y falsa, en particular, entre civiles y militares. La clase obrera y el pueblo se esforzarán para que los acontecimientos se desarrollen en un sentido de una salida democrática avanzada, antioligarquica y antiimperialista.⁴⁰¹

Para a FAU, as manifestações castrenses eram parte de uma inflexão ainda maior na espiral golpista e de direita em que o país se encontrava imerso desde a Reforma Constitucional de 1966 e a ascensão de Pacheco Areco em finais de 1967. Em seu documento *Informe sobre la situación política*, que circula logo após a divulgação dos comunicados 4 e 7, afirmava que:

De lo que se trata es de dirimir cuál es la dimensión de la participación de las FF.AA (como aparato relativamente autónomo) en el poder. Sea cual sea el desenlace en la actual crisis política es evidente que las FF.AA se van integrando de manera creciente a la estructura de dominación...

[...]

D) Estos episodios pusieron de manifiesto hasta lo irrisorio la falsedad de la legalidad. Por un lado, en plena insubordinación de las FF.AA, ambos bandos siguieron invocando la vigencia de las instituciones del ordenamiento democrático republicano. Pero, a la vez, se preservó el monopolio de la violencia legalizada al servicio de los grupos dominantes.

⁴⁰⁰ A expressão “perunista” passou a ser utilizada na América Latina de forma a designar aqueles oficiais com inclinações antiimperialistas. Isso em função do golpe de Estado de 1968 no Peru que inaugurou o “*Gobierno Revolucionario de las Fuerzas Armadas*” e que, sob liderança do general Velasco Alvarado, promoveu uma série de reformas de caráter “nacionalista e popular”. Para maiores informações a respeito dessa vertente militar, ver: MORAES, João Quartim. Desenvolvimento e legitimidade na ideologia dos militares no Brasil e no Peru. In: MORAES, João Quartim. *Liberalismo e Ditadura no Cone Sul*. Campinas: UNICAMP/IFCH. 2001. pp. 17-56.

⁴⁰¹ *EL POPULAR. Ante la Actual Situación Política: Declaración del C.C del P. Comunista*. Montevidéo, 15 fev. 1973. p. 8

E) ...Han sido evidentes, además, en estos días, las vacilaciones y el oportunismo de las direcciones reformistas que una vez más demuestran su inconsecuencia. De postular la huelga general revolucionaria con ocupación de los lugares de trabajo, se pasó a una convergencia de objetivos con los golpistas.⁴⁰²

O impacto divisionista dessa orientação para o movimento sindical foi profundo. A CNT deu início a conversações com os mandos militares, as quais seriam prontamente rompidas pelas FFAA que, a seguir, reafirmaram sua adesão às prerrogativas da DSN no que dizia respeito à concepção da nação enquanto uma família unida e livre de toda sorte de conflitos sociais; o comunicado afirmava que:

1º) Que si bien la C.N.T. reconocía la identidad de sus objetivos con los expresados por las Fuerzas Armadas en sus Comunicados Nos. 4 y 7/73, estas entienden que los caminos preconizados por ambas Instituciones son irreconciliables, ya que, mientras la C.N.T. recurre para lograr sus conquistas al arbitrio de paros y huelgas – con o sin ocupación de fábricas – que solo conseguirían comprometer aún más la delicada situación económica y social del país, las Fuerzas Armadas se empeñan para sus fines, en forzar la comunidad de todos los orientales en el trabajo, sacrificio y honestidad tanto más comprometidos cuanto más elevado sea el nivel de responsabilidad de cada ciudadano.⁴⁰³

Durante o percalço onde setores da esquerda depositaram grandes expectativas em uma saída da crise pactuada com a oficialidade “peruanista”, a repressão não proporcionou nenhum tipo de tregua. Patrulhas policiais e militares pelas ruas, vitorias de casas e prisões seguiam fazendo parte do cotidiano e desfraldaram um duro golpe na FAU em finais de março. Logo após uma reunião de *Fomento*, a essa altura já reestruturada pelas eleições internas de 1972, caíram presos Alfredo Pareja, Juan Carlos Mechoso e Raul Cariboni, além dos militantes que residiam no aparelho da organização onde se realizava a reunião, Ricardo Barreiro, Marta Marin, Ruben Perdomo, Andres Figari, Alvaro Nores e Stella Saravia, que estava clandestina desde julho de 1971, quando escapou da Prisão de Mulheres.

O forte impacto das detenções obrigou a organização a intensificar a retirada de militantes à Argentina; a existência de dezenas de militantes requeridos aliada à dificuldade de conseguir aparelhos seguros onde pudesse alojá-los era o principal motivo que orientava fortalecer a medida. Por sua vez, a decisão não foi uma medida consensual, ocasionando uma pequena, embora importante, cisão. Um grupo de militantes cujas principais referências eram Idílio de León, “el Gauchito” e Julio Larrañaga se negam a aderir à iniciativa, alegando a

⁴⁰² MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 479 - 480. O sindicato dos bancários, após o desgaste da greve de 1969 e a ostensiva perseguição e prisão de militantes da *Tendencia* na categoria, encontrava-se dirigido pelo PCU e afirmava que “no se afiliaban a ataduras formales, creadas por la oligarquía, porque en definitiva es el programa lo que define a un gobierno y no el marco institucional en el que se desenvuelve.” A esse propósito, Cores, afirma posteriormente: “Como bien se há reconocido después, asistíamos a un golpe de Estado de las Fuerzas Armadas y algunas organizaciones de izquierda decían que lo principal era el programa.” CORES, Hugo. *Memorias de la Resistencia*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental. 2002. p. 128.

⁴⁰³ AHORA. *Los Comandantes Rompen el Dialogo con la CNT*. Montevidéo, 10 abr. 1973. p. 2.

necessidade de seguir operando em Montevideu, evitando, assim, uma “*aflojada*”. A divisão, embora inevitável, foi muito sentida nos quadros da organização, dada a estima que havia por esses militantes em função de sua firmeza e trajetória.⁴⁰⁴ Com a retirada de um número ainda maior de quadros à Argentina, ficaram no país apenas um serviço técnico mínimo e uma oficina para a produção de documentos em casos emergenciais.

Esse longo processo de intervenção das FFAA culminou no golpe de Estado de 23 de junho de 1973; naquela ocasião, comandos militares se posicionaram nos pontos mais estratégicos de Montevideu, ocuparam o Palácio Legislativo e tomaram os meios de comunicação. Pouco depois, Bordaberry, que nesse momento já se havia realinhado com a oficialidade, comunicou a dissolução do Parlamento e a instauração de um Conselho de Estado. A medida resultou na destituição das autoridades departamentais e em intervenções nas estatais; Pacheco Areco, naquela ocasião exercendo o ofício de embaixador na Espanha, anunciou seu apoio ao golpe. O motivo alegado para o golpe havia sido a tentativa de cassação do mandato do senador do FA, Enrique Erro, por parte do Executivo, medida rejeitada pelo Parlamento. Ao lado dos demais senadores do FA, como Zelmar Michelini, Erro vinha desfraldando uma série de denúncias a respeito do governo e das FFAA, principalmente no que tangia à sistemática prática de torturas e prisões.

Na mesma madrugada do golpe, o movimento sindical e estudantil levava a cabo suas históricas resoluções coletivas sem sequer aguardar por um comando; ao meio-dia, a paralisação e ocupação dos locais de trabalho adquiria consideráveis proporções, alcançando inclusive locais com poucos antecedentes sindicais. Entre 27 de junho e 4 de julho, a greve foi virtualmente generalizada. No dia 30 de junho, Bordaberry emitiu um decreto onde colocava a CNT na clandestinidade, o que resultou na ocupação de sua sede e na prisão de centenas de pessoas que lá se encontravam. Posteriormente, no 4 de julho, os quadros da direção da CNT foram acusados de “mafiosos e delinquentes” e 52 de seus dirigentes foram requeridos. A caça a sindicalistas e demais opositores ao novo regime ditatorial ficou simbolizada na utilização do estádio *Cilindro Municipal* por parte das FFAA como cárcere, confinando em torno de 2 mil presos políticos. A sistemática repressão à greve geral só foi capaz de dobrá-la em 11 de julho, quando, por 27 votos a dois (FUNSA e *Federación de Obreros y Empleados de la Bebida* – FOEB) e duas abstenções (*Federación Única de la Salud* – FUS - e *Congreso*

⁴⁰⁴ “Unas semanas después Julio Larrañaga resultó muerto en un asalto en 8 de octubre y Villagrán, en el que también murió un soldado. Un tiempo después, en octubre de 1974, también murió peleando Idilio de León. Realizaba una operación cuando se topó en la calle con un vehículo militar. Le dispararon con un fusil.” CORES, Hugo. *Op. cit.* p. 129.

Obrero Textil - COT), a mesa representativa da CNT decidiu suspender a medida por avaliar que o desgaste já impossibilitava sua manutenção.

Contando também com importante adesão no interior do país ao longo de 15 dias trabalhadores e estudantes resistiram à ofensiva policial e militar em seus locais de trabalho e estudo que, inúmeras vezes, foram desocupados pelas FFAA para ser novamente ocupados em meio a uma ímpar demonstração de resistência. Em um documento de balanço da greve, alguns sindicatos da *Tendencia* destacavam seu desenvolvimento na primeira semana, momento de maior mobilização.

- a) La generación de energía eléctrica se mantenía bajo control obrero y el abastecimiento de combustible dependía por entero de las resoluciones gremiales.
- b) Los días 30 de junio, 1, 2, 3 de julio se desarrolló una ofensiva de operativos de desalojo. En la mayoría de los casos se reocupó (en algunos casos hasta 7 veces), excepto Lanasur que quedó unilateralmente ocupada por las FF.AA. y que no pudo ser ocupada por los trabajadores. En Alpargatas, Bao, etc., el trato represivo alcanzó una violencia extrema sin lograr el ablande de los trabajadores y militantes que reocuparon sus fábricas.
- c) El jueves 28 y el viernes 29 de junio, el ejército retira combustible de ANCAP. El sábado 30 la ocupa militarmente, copando el combustible almacenado.⁴⁰⁵

Ao longo da greve, FUNSA se colocou novamente como um grande bastião de resistência operária, evidenciando nesse conflito o resultado de uma linha de trabalho que passou a se capilarizar na fábrica nos conflitos de 1958, com a condução da fábrica sob controle operário em meio a um *lock-out* patronal.

FUNSA permanecía firme. Enclavada en el populoso barrio Villa Española había logrado, mas allá de los problemas propios de la lucha, mantener un nivel de organización y eficiencia muy buenos, que perduraba aun al decaer la Huelga en otros sectores. Incluso se había logrado montar un dispositivo de seguridad para proteger, fundamentalmente a los dirigentes más encumbrados del sindicato – Washington ‘Perro’ Pérez, Darío Santana y el mismo Leon Duarte – que eran hostigados en forma permanente por los militares. Dentro de los inmensos depósitos de la planta se encontraban los escondites – con alimentos y comunicaciones preparadas – por cualquier eventualidad [...].⁴⁰⁶

Em depoimento a Chagas e Tonarelli, Alberto Márquez, dirigente do sindicato de FUNSA, descreveu a primeira desocupação da fábrica mediante uma verdadeira manobra de guerra:

[...] Me había tocado ir a mi casa. Y la sorpresa es que a las cuatro de la mañana cuando vuelvo me encuentro con que la empresa estaba toda rodeada, no se podía entrar. Camionetas militares, ‘chanchitas’, ‘roperos’, carros de bomberos, tanquetas

⁴⁰⁵ FOEB, FUNSA, FUS. Documento de las tres “F”. In: RICO, Álvaro. (org.) *15 Días que Estremecieron al Uruguay. Golpe de Estado y Huelga General 27 de junio – 11 de julio de 1973*. Uruguay: Fin de Siglo. 2005. p. 606.

⁴⁰⁶ CHAGAS, Jorge; TONARELLI, Mario. *El Sindicalismo Uruguayo bajo la dictadura: 1973-1984*. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo. 1989. p. 64, 65.

de asalto, soldados armados de guerra y ametralladoras de pie en las azoteas habían cercado a FUNSA. Los vecinos seguían de cerca las acciones, expectantes e impotentes.⁴⁰⁷

Encurralados pelo forte aparato bélico, os trabalhadores tomaram a iniciativa de ligar as caldeiras da fábrica, sem com isso iniciar o trabalho, afirmando que sairiam deixando-as ligadas. A manutenção técnica da estrutura fabril era muito delicada e exigia uma devida qualificação, o que poderia resultar em uma explosão que comprometeria toda a fábrica. Ao colocar essa medida, os trabalhadores exigiram como contrapartida a sua desocupação a garantia de que nenhum trabalhador seria preso e de que os empregos seriam garantidos. Cumpridas as condições, no dia seguinte, ao iniciar o primeiro turno na fábrica, os trabalhadores novamente a ocupavam, promovendo, por medidas de segurança, a evacuação dos dirigentes Alberto Márquez e Luis Romero, que haviam negociado a desocupação no dia anterior. A reocupação da fábrica desatou a fúria da oficialidade golpista, como recorda Márquez:

[...] Los militares coléricos entran en la planta y piden por Márquez y Romero, pero estos no estaban. En su lugar había una nueva directiva (ya estaba programado así por el sindicato), que es la que negocia con ellos, bajo diferentes condiciones. La fábrica es desalojada nuevamente, pero esta vez fue virtualmente ‘tomada’ por las tropas.⁴⁰⁸

Esse desgastante processo levou, às vésperas da reunião da mesa representativa da CNT, a que o General Seregni, líder do FA, buscasse Leon Duarte na tentativa de encontrar um entendimento para os rumos da greve. A recordação de Seregni é sintomática do reconhecimento da incidência sindical da ROE, especialmente em FUNSA.

Mi propuesta era, precisamente, convocar a la reunión y luego levantar las medidas. De manera que la huelga no muriera por agotamiento sino por una decisión. Que muriera por un acto, lo cual mantenía todo el potencial de fuerza en movimiento [...]. La entrevista con Duarte fue excelente. Hubo ahí un acuerdo en la valoración de los hechos, pero Duarte entendía que todavía había capacidad de lucha, de continuar. Tomaba en cuenta la propuesta mía, veía a que apuntaba. Pero claro, al nivel en que Duarte se movía había todavía una real capacidad.⁴⁰⁹ [Grifos Nossos]

Debilitada pelos fortes golpes repressivos e estando parte expressiva de seus quadros mais experientes e influentes no exílio ou no cárcere, a FAU se empenhou muito para sustentar a greve⁴¹⁰ nos locais onde a ROE e *Tendencia* possuíam influência, em especial em

⁴⁰⁷ Idem. pp. 65-66.

⁴⁰⁸ Idem. p. 68

⁴⁰⁹ Idem.

⁴¹⁰ “Nos esforzamos por hacer algo desde la clandestinidad en apoyo a la huelga. Estábamos con pocos compañeros con experiencia. Se colocaron algunos petardos de repudio al golpe en dependencias del gobierno. La prensa silenció el asunto y los efectos de las acciones fueron casi nulos.” CORES, Hugo. *Memorias de la Resistencia*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2002. p. 131.

três importantes federações sindicais, a *Federación del Caucho* (que correspondia aos sindicatos de FUNSA, Geringheli e outros), a *Federación de Obreros y Empleados de la Bebida* (FOEB) e a *Federación Única de la Salud* (FUS). Um comunicado da ROE no 6 de julho insistia na condução da greve, mas mostrava preocupação com o cerco informativo a respeito das mobilizações e propunha a máxima circulação de panfletos e boletins que informassem o andamento da resistência nos mais diversos locais, a ampliação do debate com as bases nos locais de trabalho e mobilizações (mesmo que em detrimento das instâncias de direção). Em síntese, defendia maiores esforços na manutenção da greve e a ampliação de mobilizações ganhando as ruas com demonstrações de massa em repúdio ao golpe. A quebra do cerco informativo correspondia à superação do silêncio sobre as ações de resistência.

Mucha gente vacila pues piensa que sólo su gremio está en conflicto. Esa es la carta que juega la dictadura y para eso ejerce el monopolio totalitario de los medios de difusión. En circunstancias como éstas, contar hechos, describir acciones de resistencia, adquiere un gran significado político. Devuelve la confianza a la gente, estimula la imaginación y el ejemplo.⁴¹¹

No cárcere, esse exemplo e imaginação eram alimentados pela chama da refinaria de ANCAP, que permanecia apagada, estimulando uma grande comunhão de esperanças entre militantes das mais diversas origens que a observaram constantemente na expectativa de uma vitória da classe trabalhadora naquela decisiva e dramática encruzilhada.

En la cárcel de “Libertad” los presos políticos, sin información alguna pero sabiendo de la huelga general, seguían expectantes el hecho. La orientación, día a día, la proporcionaba la llama de ANCAP que estaba apagada. Lo primero que hacían los compañeros de un ala del Penal cuando se levantaban era mirar y comentar: “Sigue apagada, vamo arriba”. Hasta que un día apareció la llama encendida... y esta antorcha no era la de la libertad.⁴¹²

Com a derrota da greve, o Uruguai entrou em uma longa ditadura civil-militar marcada pelo Terrorismo de Estado, onde o revanchismo das patronais avançou com voracidade sobre o movimento operário⁴¹³; ocorreram demissões em massa, perseguições de dirigentes sindicais, estudantis e políticos, prisões, torturas, assassinatos e desaparecimentos de parte expressiva de uma geração que viveu um período marcado por grandes esperanças de um desenlace emancipatório protagonizado pela classe trabalhadora e demais setores populares. Inúmeros quadros representativos das diversas forças de esquerda e opositoras foram logo encarcerados, como foi o caso de Leon Duarte, do General Seregni e do Capitão Murdoch

⁴¹¹ MECHOSO, Juan Carlos. *Op. cit.* p. 486.

⁴¹² *Idem.* p. 486, 487.

⁴¹³ “Alguien me dijo que en los meses que siguieron a la implantación de la dictadura y la derrota de los trabajadores, hubo una época de grandes fiestas en las casas de los propietarios de grandes fortunas. Celeraban el ‘fin de la dictadura de los sindicatos’. CORES, Hugo. *Op. cit.* p. 132

(Presidente do Diretório do Partido Nacional). Publicações de grande influência na esquerda e em setores opositores foram fechadas, tais como *El Popular*, *Ahora*, *Ultima Hora* e *Marcha* (cujo diretor, Carlos Quijano, teve a casa alvejada por tiros).⁴¹⁴ No sindicato dos ferroviários, a repressão chegou a ocupar sua sede, no bairro *Peñarol*, quando os trabalhadores faziam um balanço da greve e buscavam encontrar meios de reagrupar suas forças. A intervenção no sindicato resultou na prisão de mais de 50 sindicalistas, alvos de tortura que atingiu, com especial voracidade, os militantes da agrupação *Dignidad Obrera*, da ROE⁴¹⁵; no mês de novembro, após longo período de torturas, o operário carpinteiro das oficinas de *Peñarol*, Gilberto Coghlan⁴¹⁶, faleceu após sofrer grave hemorragia interna e não ser socorrido apesar da generalizada manifestação de seus companheiros presos que aos gritos solicitavam atendimento. Na educação, a ditadura concluiria os planos que tanta resistência encontraram durante o *Pachecato*, intervindo nas universidades e escolas, destituindo suas respectivas direções, fechando cursos e impondo novos currículos e normas de conduta moral.

Esse cenário desolador resultou no exílio de milhares de pessoas. As perseguições políticas e os resultados da ofensiva que feriu ainda mais as condições de vida e trabalho da classe trabalhadora e dos setores médios, cada vez mais precarizados, levaram o país a perder parte expressiva de sua população. A “diáspora” uruguaia levou à saída de 200 mil habitantes do país, a maioria entre 20 e 24 anos, em um movimento que foi sintetizado por uma inscrição em um muro do porto de Montevideu que dizia “*El último que se vaya, que apague la luz.*”

⁴¹⁷.

3.6 Um balanço da greve geral e o início de uma longa luta contra a ditadura

O término da greve geral e seus consequentes resultados perversos ao movimento sindical, à esquerda e à classe trabalhadora uruguaia foi motivo de grandes reflexões para a FAU e também para as demais agrupações que integravam a *Tendencia* e a *Corriente*; essas

⁴¹⁴ *COMPAÑERO. A Nuestro Director, a todos los presos y perseguidos. A todos ellos: ¡Salud y Revolución Social!* p. 3

⁴¹⁵ CORES, Hugo. *Op. cit.* Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental. 2002. p. 132.

⁴¹⁶ Coghlan era uma das principais referências da *Dignidad Obrera* e já havia amargado 10 meses de cárcere em *Punta Carretas* no ano de 1971, acusado de integrar os quadros da OPR-33. ROE. *Gilberto Coghlan: Ferroviario y Hombre*. Disponível em: <http://cedema.org/ver.php?id=6021>. Último acesso: 07 out. 2014.

⁴¹⁷ VARGAS MARTINÉZ, Virginia; ARIJON, Gonzalo. *Por esos ojos*. Documentário. França/Uruguai: France 2-Point du Jour (Tele Europa); TV Ciudad (Montevideo). Em um editorial de *Compañero*, afirmava-se: “La décima parte del Uruguay se ha ido. Obreros, jóvenes estudiantes, profesionales, técnicos. Para ellos se cerraron las puertas del país. ¿Quién no tiene un amigo o un pariente que en la dársena o en el aeropuerto haya mirado con dolor este cielo uruguayo que lo vio nacer y hoy debe abandonar?” *COMPAÑERO. Exodo y Represión*. Montevideu, 04 set. 1973. p. 5.

sistematizaram seus respectivos balanços da greve no *Documento de las tres "F"* (referência aos três sindicatos que o assinavam: FUNSA, FUS e FOEB). No documento em questão, são elencados dois momentos cruciais onde haveria não apenas possibilidades como também necessidades de avançar-se em medidas unificadas de luta com vistas a unir forças à greve geral. No caso, elenca-se agosto de 1968, quando há o grande desborde de lutas radicalizadas, com especial protagonismo do movimento estudantil, e junho de 1969, em meio às grandes greves militarizadas em UTE e bancários, além da extensa greve na indústria frigorífica. Na análise dos sindicatos que firmaram o documento, esses dois grandes eventos proporcionaram um fortalecimento do *pachecato* na medida em que o movimento popular não foi capaz de contrapor uma luta que superasse a dispersão de cada conflito, planejada e coordenada com vistas a se alcançar objetivos políticos. Esses fatores, aliados às expectativas que a direção da CNT criou em torno da oficialidade “peruanista” nas vésperas do golpe, chegando, inclusive, a celebrar o 1º de maio enquanto um dia de “festa” e “alegria”, enfraqueceram as possibilidades da classe trabalhadora de chegar à greve geral com uma maior capacidade organizativa, de luta e de resistência.

Apontada enquanto a ação política de maior importância protagonizada pela classe trabalhadora, pelo movimento estudantil e pelos demais setores atingidos pela crise no país, as “três F” afirmavam que:

NINGÚN GREMIO FUE DERROTADO, FUE DERROTADO UN ESTILO, UN MÉTODO, UNA CONCEPCIÓN DEL TRABAJO SINDICAL.

En resumen: la fuerza de la HUELGA GENERAL contra la dictadura (experiencia históricamente inédita) golpeó a esta en cierto grado. No logró voltearla, pero consiguió agrupar contra la dictadura un anchísimo frente de fuerzas desigualmente estructuradas. La lucha puso a prueba todas las orientaciones, todos los sistemas organizativos y de trabajo sindical, todos los criterios tácticos.

[...]

La CLASE OBRERA, columna vertebral de la resistencia popular durante la huelga de 15 días, debe seguir cumpliendo su papel cardinal.

De la gravitación de la clase obrera y sus sectores más combativos en el proceso de resistencia iniciado, depende el signo social de la salida política a esta situación. Del peso de la clase obrera y de sus sectores más combativos depende que de esta etapa de resistencia avancemos hacia el poder popular. Solo el papel protagónico del pueblo impedirá que esta lucha culmine con una salida entre bambalinas y que signifique una nueva frustración para el pueblo y, especialmente, para la clase obrera. [Grifos no original]⁴¹⁸

Com a estabilização do golpe, a ditadura, em seu intento de regulamentar de vez a atividade sindical, buscou fomentar o surgimento de uma nova central sindical oficialista a partir da divisão da proscrita CNT. Para tanto, o Ministro do Interior, Cel. Bolentini, buscou explorar as históricas disputas entre a *Tendencia Combativa* e o PCU, indo até o sindicato de

⁴¹⁸ FOEB, FUNSA, FUS. *Op. cit.* p. 607, 608.

FUNSA para propor-lhe que assumisse a iniciativa, visando a um papel hegemônico no movimento sindical. O sindicato de FUNSA, longe de seduzir-se com a proposta fisiologista do Ministério do Interior, informou a CNT a respeito da iniciativa e que estariam acompanhando a reunião convocada como uma espécie de Congresso Constitutivo da nova central. Na reunião, transmitida em cadeia nacional de rádio, reapareceram representações do sindicalismo amarelo, derrotado e marginalizado pelo processo de unificação sindical da década de 1960. Bolentini fez uma extensa exposição a respeito do quadro sindical do país e as necessidades de transformá-lo segundo as metas do “Processo Cívico-Militar”. Segundo Bolentini, o movimento sindical estava corrompido por “ideias forâneas”. Propôs, ainda, um “novo sindicalismo” e ofereceu aos dirigentes de FUNSA a possibilidade de dirigi-lo. Miguel “Gallego” Gromáz, dirigente do sindicato e um dos quadros da FAU e da ROE, tomou a palavra em seguida e respondeu a Bolentini para dizer: “*!Ustedes lo que quieren es formar una central de carneros y de guampudos [...] pero con nosotros no van a contar...! Nosotros pertenecemos a la CNT y no vamos a entrar en esa!*”⁴¹⁹. A transmissão radial da reunião foi interrompida abruptamente e desde então se comprometeram as possibilidades da ditadura de fomentar um sindicalismo amarelo com o mínimo de representatividade, embora continuassem tentando seduzir as lideranças da *Tendencia Combativa*, chegando inclusive a oferecer um cargo no Ministério do Trabalho a Leon Duarte.⁴²⁰

Enquanto a ditadura se consolidava no país, a FAU destinou o essencial de suas energias para a consolidação de uma grande força política contra o novo regime. A existência de um considerável núcleo em Buenos Aires, aliado aos rígidos critérios de segurança compartilhados pela FAU, permitiriam poupar o essencial de seus quadros e de sua estrutura. Mediante esse cenário, a organização deu início a conversações que buscavam impulsionar um agrupamento das forças opositoras à ditadura instalada. Essa iniciativa se abrigou primeiramente na convocação de um *Frente Nacional de Resistencia* (FNR), amplamente abordado em *Compañero*, até sua proscricção em novembro, quando o governo ilegalizou a ROE junto às demais organizações de esquerda, fechando seus locais e confiscando seus bens. Em um editorial de *Compañero*, a necessidade de um FNR era abordada:

Un gran Frente Nacional de Resistencia que recoja y organice las ansias de lucha que recorren las fábricas, oficinas, centros de estudios, que se palpa en las calles, en el hombre común que no le ve salidas al país [...]. Un gran Frente Nacional de resistencia que contenga la presencia consolidada de los sectores combativos del movimiento obrero y popular, que recoja las consignas de dignidad, de lucha por

⁴¹⁹ CHAGAS, Jorge; TONARELLI, Mario. *Op. cit.* p. 113.

⁴²⁰ Idem. 123.

libertades publicas, por justicia e independencia que informan lo mejor de las tradiciones sentidas por nuestro pueblo.⁴²¹

Paralelamente a essa iniciativa, a FAU também processou o ingresso da militância oriunda do *Frente Estudiantil Revolucionario* (FER) e da *Fuerza Revolucionaria de los Trabajadores* (FRT), agrupações então vinculadas ao MLN-T e que desde a intensificação do confronto militar com o Estado começaram a se distanciar, adquirindo progressivos vínculos com a FAU. As discussões em torno do FNR envolveram basicamente todas as forças opositoras, mas não se consolidaram; a ausência de acordos e a incorporação do FER/FRT, por sua origem não anarquista, influenciaram nos rumos concebidos para o FNR, culminando na forja de uma nova organização surgida no exílio e que de pronto seria uma destacada força de luta contra a ditadura, o *Partido por la Victoria del Pueblo* (PVP). A capacidade da FAU de manter uma estrutura política operante, mesmo com os traumas do Estado de Guerra Interno e, posteriormente, com a ditadura civil-militar fez com que a organização começasse a atrair um setor significativo da esquerda revolucionária que se encontrava à deriva. A constituição do PVP entrava nos marcos de formar uma grande frente de resistência ao novo regime, uma organização de síntese entre anarquistas e marxistas que compartissem uma concepção comum para a luta, onde o rechaço à canalização dessas a mecanismos institucionais aliado à concepção de “ação direta em todos os níveis” seguisse vigente.

Após a fundação do PVP em 1975, o golpe de Estado na Argentina no ano seguinte viria a deixar uma onda de prisões e assassinatos de parte expressiva de sua militância, assinalava um novo período, marcado fundamentalmente pelos desencontros e pela violenta repressão que atingiu o partido logo em seu primeiro ano de vida, quando parte expressiva de seus militantes, muitos dos quais provenientes da FAU, foram sequestrados e logo desaparecidos; tal foram os casos de Gerardo Gatti, Leon Duarte, Roger Julien, Elena Quinteros, Alberto “Pocho” Mechoso e Gustavo Inzaurrealde. Abalado pela forte repressão desatada pelas ditaduras uruguaia e argentina, no marco colaborativo da Operação Condor, o PVP evacuou sua estrutura ao exílio na Europa, onde realizou um congresso em Paris no ano 1977. Com grande influência de Hugo Cores, o PVP desenvolveria uma nova orientação no congresso de Paris, realizando um balanço crítico a respeito da não incorporação no FA e afirmando-se enquanto um partido marxista e não mais de síntese. Essa reorientação, por sua vez, não eximiu a participação de militantes que seguiram reivindicando a análise da FAU nos quadros do PVP.

⁴²¹ COMPAÑERO. *El Pueblo Siempre Encuentra el Camino*. Montevideo, 25 set. 1973. p. 5.

Da conferência de Paris à reabertura política, em meados da década de 1980, o PVP se destacou enquanto uma importante organização de luta contra a ditadura civil-militar uruguaia, contando com uma considerável militância clandestina no Uruguai, assim como células em diversos países da Europa e da América Latina, incluindo o Brasil, orientadas a realizar trabalhos de denúncia da ditadura. Com a anistia de 1985, o PVP se consolidou de vez enquanto um partido de esquerda, marxista e inserido no FA. Por outro lado, com a saída da prisão de históricos militantes e com o retorno do exílio de quadros que não tomaram parte no PVP ou que o integraram criticamente, a FAU foi refundada em 1985. Ambas as organizações seguem vivas nos dias atuais, tomando rumos assimétricos no cenário político-social uruguaio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) O dom de despertar no pasado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.⁴²²

A presente pesquisa buscou refletir em torno da experiência da FAU em um momento de particular efervescência político-social no Uruguai. Os anos que precederam a instauração da ditadura civil-militar e seu conseqüente terrorismo de Estado, conhecidos como *Pachecato*, foram marcados por uma vertiginosa deterioração econômica e político-democrática no país, com uma acentuada inflação aliada ao congelamento salarial e crescente repressão política. Em meio a esse processo, as lutas sociais adquiriram um elevado patamar de organização e politização, envolvendo o conjunto de setores atingidos pela crise, fundamentalmente trabalhadores e setores médios em ascendente empobrecimento. A juventude, através do movimento estudantil, também viria a ocupar um posto de grande destaque, revigorando a esquerda com debates e com sua considerável disposição em cerrar fileiras com os setores mais radicalizados do movimento sindical e das organizações político-militares – disposição que em muito alimentou as fileiras do MLN-T. A classe trabalhadora adquiriu um nível ímpar de organização unitária com a fundação da CNT, ocupando, assim, o posto de “coluna vertebral” de todo o processo de resistência e luta popular que se desenvolveu no país ao longo desses anos.

Para analisar a trajetória da FAU ao longo desse período, buscamos imergir o máximo possível na experiência dos movimentos populares, dando especial atenção ao movimento sindical, eixo prioritário de intervenção política da organização. Deparamo-nos com um movimento sindical de características peculiares, em certa medida inéditas, se comparadas com outras importantes experiências, seja na América Latina seja na Europa.

Em um primeiro momento, destacamos o caráter unitário e de massas do movimento sindical uruguaio. Sem prescindir da dura e tradicional, e por vezes violenta, disputa de tendências no âmbito do movimento sindical, as inúmeras correntes de esquerda no Uruguai levaram a cabo um recipiente organizativo único, capaz de ampliar ainda mais seu caráter de massas e constituir-se enquanto um importante fator de resistência e promoção de consciência em amplos setores sociais. A luta sindical era, naqueles anos, um elemento transversal que

⁴²² BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 224, 225.

balizava o conjunto das manifestações de resistência à escalada autoritária que marchava ao golpe de Estado.

Esse caráter de massas adquire um especial sentido se observarmos o delicado momento histórico que investigamos. Uma ofensiva de golpes de Estado tomava conta do subcontinente, atingindo Argentina, Brasil e Santo Domingo, por exemplo, instalando regimes de forte índole repressiva que, em última instância, buscavam o aniquilamento físico e político das expressões organizativas dos setores sociais menos favorecidos. Para a Doutrina de Segurança Nacional, “pensamento guia” desses golpes, a mobilização dos setores menos favorecidos na pirâmide social, com vistas a pautar politicamente a sociedade, constituía-se enquanto uma aberração social. Frente a isso, dever-se-ia contrapor uma elite política e econômica, tecnicamente capacitada para assumir os destinos políticos da nação; na inviabilidade e incapacidade dessa elite levar a cabo essa tarefa, caberia às Forças Armadas assumi-la, de forma a criar as condições para o seu desenvolvimento.

No Uruguai, ainda que o golpe de Estado tenha ocorrido em meados de 1973, as bases já vinham consolidando-se com a ascensão de Pacheco Areco em um processo denominado de “golpe em câmera lenta”. Por seis anos consecutivos, o Uruguai viveu ostensivamente debaixo de MPS, com censura, militarização de conflitos sindicais, esquadrões da morte e grupos de choque paramilitares, em um processo que a FAU caracterizou enquanto “ditadura constitucional” por ancorar-se nas prerrogativas da “reforma laranja” de 1966. Essa violenta repressão não foi capaz de inviabilizar que se forjasse um amplo espectro político social de resistência. As lutas sociais, com o movimento sindical à frente, multiplicaram-se e adquiriram não apenas um patamar organizativo único, como também um elevado nível em termos de debates políticos e participação popular. Mesmo com as frequentes MPS, as assembléias sindicais eram, via de regra, multitudinárias, em uma época onde os trabalhadores não contavam com liberação de ponto para concorrer nas mesmas; pelo contrário, colocavam em risco sua segurança física e laboral ao concorrer nas instâncias sindicais.

Ao longo desse processo, a FAU identificou que, dado o nível da deterioração política e econômica no país, não havia saídas para a crise no marco institucional e tampouco a curto prazo, incorrendo aí em uma concepção de luta de longo prazo, que acumulasse forças na perspectiva de desatar um processo insurrecional com destacada participação de massas, assim como de organizações político-militares técnica e politicamente aptas a enfrentar a situação. Dada sua matriz anarquista, nutriu-se fundamentalmente de um encontro entre as concepções bakuninistas e malatestianas de partido revolucionário. Não esteve entre as ambições da organização constituir-se enquanto um “partido de massas”, mas sim enquanto

uma pequena e compacta organização capaz de incidir decisivamente nos acontecimentos através de sua influência nos setores sociais populares, dinamizando-os enquanto um “pequeno motor” integrado às lutas e anseios dos trabalhadores, de forma a estimular a ação direta em todos os níveis.

El camino de la acción directa es, también, nuestro camino. *Acción directa de todo el pueblo*, que sí adquiere real medida de su poder, se hace cada día más fuerte, forje su conciencia política y su organización. *Acción directa de los destacamentos de vanguardia*, actuando dentro del pueblo, promoviendo el procesamiento de hechos sociales, librando batalla ideológica, dinamizando. El gran motor de la lucha de todo el pueblo, el pequeño motor de sus destacamentos de vanguardia, aspectos inseparables de un mismo camino para crear las condiciones de la libertad y el socialismo en el Uruguay.⁴²³

Esse “pequeno motor”, a FAU, projetou a constituição de uma organização mais ampla, a ROE, enquanto seu “braço de massas”. Além disso, aportou um papel capital na consolidação da *Tendencia Combativa*, concebida para organizar e dinamizar um vasto campo de organizações e militantes dispostos a forjar uma política combativa nas lutas de massas, assim como no processo de unificação sindical, trabalho que era desenvolvido em conjunto com um eficaz aparelho militar, a OPR-33. Tratava-se de um conjunto complexo de tarefas concêntricamente desenvolvidas.

Em que pese seu pequeno número de militantes, a FAU foi capaz de abarcar uma significativa influência política no país a partir de sua influência no movimento sindical e estudantil. Seu projeto de organização política não se constituía enquanto um “partido de vanguarda” no sentido clássico do marxismo-leninismo, onde se compreende o papel do partido enquanto um instrumento a guiar as massas, mas sim enquanto um partido que insuflasse essas massas, estimulasse sua organização e experiência, contribuindo, assim, para forjar em seu seio um nível de consciência e organização que as capacitassem para enfrentar o previsto endurecimento do regime. Um processo revolucionário dirigido pelos sindicatos tendo os trabalhadores enquanto protagonistas era sua política para fazer frente à crise, não a conversão do grande espectro organizativo da esquerda em uma frente político-eleitoral; nesse sentido, em última instância, a finalidade do “pequeno motor” era acionar e resguardar o “grande motor”: a livre organização dos trabalhadores. Contra as instituições do Estado burguês, buscou criar as bases para uma auto-instituição dos trabalhadores, ancorada em suas diversas organizações de base.

Nesse sentido, medidas como a permanente disputa por um plano de lutas ascendente e unificado entre o conjunto dos movimentos populares com a perspectiva de chegar à greve

⁴²³ FAU. 40 puntos para la acción aquí. In: *Rojo y Negro*. Montevideú, diz. 1968. p. 30.

geral, de acumular forças e forjar consciência em ações ofensivas de luta, como era o caso das fábricas ocupadas, hospitais populares, trens sob controle operário, das ações diretas de apoio promovidas por *Violencia FAI* e pela OPR-33, encontram-se dentro de um enorme manancial de experiências que se disseminaram entre a classe trabalhadora e demais setores atingidos pela crise, influenciando diretamente na irrupção da greve geral de 1973. É sintomático, nesse sentido, observarmos que nesse período o Uruguai se constituiu enquanto o único país onde os movimentos populares fizeram frente à onda de golpes de Estado, com uma greve geral e multitudinárias demonstrações de repúdio ao golpe nas cidades. Reação mais ou menos semelhante encontramos, não por acaso, na Espanha de 1936, quando as organizações operárias e camponesas conseguem desatar um processo insurrecional em contraposição ao golpe fascista liderado pelo general Franco. Em ambas as experiências, o anarquismo teve papel fundamental; sua resoluta disposição em acumular forças para uma greve geral que pudesse resultar em um desenlace insurrecional paga tributo à primeira grande polêmica estratégica da esquerda internacional, os debates no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Naquelas intensas discussões que marcaram a breve e impactante experiência de uma poderosa organização internacional unitária de trabalhadores, essa modalidade de lutas sempre esteve presente nas defesas da ala federalista, assim como seu rechaço à canalização dos grandes movimentos de massa em partidos com disposição à luta parlamentar, apontando a classe como coletividade organizada em seus locais de trabalho e associações enquanto o devido sujeito a irromper no cenário político-social.

Levando em consideração esse conjunto de fatores desenvolvidos ao longo da pesquisa, acreditamos que a FAU, ao invés de ter sido uma “pequena” organização, marginal e com escassa e localizada influência na classe trabalhadora, constituiu-se enquanto uma organização de especial gravitação no cenário político-social do país, um partido revolucionário que foi capaz de formular e organizar experiências que se desenvolveram entre os setores atingidos pela crise, que aportou significativamente à organização do potente movimento sindical uruguaio, afirmando inclusive sua linha política, através do sindicato de FUNSA, enquanto uma direção informal ao conjunto do movimento sindical que não se alinhava à política do PCU; a partir de FUNSA, importantes sindicatos foram surgindo ao calor dos conflitos, como foram os casos da *Unión de Obreros de CICSSA* e de *SERAL*. Inúmeros conflitos encontravam nesse sindicato seu grande “quartel general”, onde diuturnamente se coordenava e solidarizava-se às diárias lutas em curso, o que lhe custou reiteradas intervenções, prisões, torturas e posterior “desaparecimento” de suas lideranças.

Se a FAU não chegou a constituir-se enquanto a principal organização no seio do movimento sindical ou na luta armada, foi a única que transitou com reconhecida influência conjugada com um programa político em ambos os terrenos, tarefa que levou a um complexo desenvolvimento em seu quadro orgânico, além de uma exaustiva produção teórica e de análise daquele contexto. Essa complexa estrutura política desenvolvida proporcionou, além de uma expressiva incidência nas lutas sociais, uma importante projeção no tempo. Foi uma das poucas organizações da esquerda revolucionária que logrou manter-se operante durante e após o Estado de Guerra Interno, em um primeiro momento, e o golpe de Estado, em 1973, em outro, proporcionando, a partir dessa estrutura, uma decisiva frente de combate à ditadura civil-militar, ainda que essa estrutura de combate à ditadura, o PVP, tenha tomado rumos assimétricos com seu projeto original no congresso de Paris em 1977.

Nesse sentido, destacamos a importância de aprofundar-se na reflexão dessa importante experiência histórica levada a cabo por um setor do anarquismo no Uruguai, assim como outras experiências históricas onde o anarquismo cumpriu um importante papel. Ao longo do trabalho, deparamo-nos com uma série de questões que, dado o tempo e os limites da pesquisa, não foram aprofundadas e sugerem uma especial reflexão. Um tema de interesse é a dinâmica dos sindicatos autônomos e, posteriormente, os *gremios solidarios*; tendo como “carro chefe” a *Federación Autónoma de la Carne* e a *Federación de Obreros en Construcciones y Reparaciones Navales*, esses sindicatos foram de especial importância para o desenvolvimento do movimento sindical, protagonizando greves de especial envergadura combativa e com a capacidade de envolver um considerável campo de solidariedade de classe em experiências como as greves de 1951 e 1952. Um movimento que, em certa medida, foi um “repouso” da experiência da então poderosa FORU anarco-sindicalista pelo conjunto de princípios e orientações que carregava. Outro tema de grande importância é um aprofundamento em torno da caracterização da formação social do Uruguai, principalmente a análise do *pachecato* feita pela organização e sua formulação teórica que se nutriu também de algumas vertentes marxistas heterodoxas da época, principalmente Nicos Poulantzas, através de sua crítica ao determinismo infraestrutura e superestrutura. A análise do desenvolvimento da organização a partir do Estado de Guerra Interno, com o início do exílio de parte da militância, também se mostra de fundamental importância. Ao iniciar os trabalhos na Argentina, a militância da FAU desenvolveria uma ampla relação com setores da esquerda daquele país, entre anarquistas e não anarquistas, sendo que muitas dessas relações já tinham um antecedente, como era o caso da militância oriunda dos grupos expropriadores e também de agrupamentos vinculadas ao “sindicalismo classista” da CGT-A. Esse grande espectro de

relações que a FAU soube nutrir proporcionou uma importante capacidade de mover-se em terras argentinas, consolidar sua estrutura e levar a cabo uma série de operativos, entre eles o sequestro de Hart, um importante industrial do ramo da produção de lã, que rende uma fortuna de 10 milhões de dólares, parte empregada na luta contra a ditadura e (a maior) parte apropriada pelos militares responsáveis pela perseguição de sua militância nos marcos da Operação Condor. Nesse sentido, chamam a atenção as mudanças que vão sendo processadas, primeiramente, a fundação do PVP e, posteriormente, o giro estratégico que esse partido promove no congresso de Paris em 1977, assim como a sistemática campanha de extermínio promovida pela ditadura uruguaia em colaboração com as da Argentina, do Brasil, do Chile e do Paraguai, a Operação Condor.

Além desses pontos a aprofundar, também destacamos algumas possibilidades de vias comparativas. Uma dessas vias é a possibilidade de traçar um estudo comparativo entre as organizações da esquerda revolucionária uruguaia, em especial a FAU, com as chilenas. No Chile, assim como no Uruguai, esse período foi de intensas mobilizações de massas, principalmente quando se inicia o governo da Unidade Popular através da vitória de Salvador Allende nas eleições de 1970; no caso, a esquerda chilena se moveu em um ambiente significativamente distinto ao ambiente uruguaio, na medida em que não se encontravam em um regime nos moldes do *pachecato*, o que, por sua vez, não a eximia da atuação de grupos paramilitares da extrema direita como era o caso de *Patria y Libertad*. O desenvolvimento da esquerda naquela ocasião chegou, em inúmeras ocasiões, a abrir significativas tensões com o governo Allende, na medida em que os organismos de Poder Popular como os *cordones industriales* e *comandos comunales*, fomentados em um primeiro momento como mecanismos de defesa do governo contra a ofensiva golpista da direita, logo começaram a conformar-se enquanto germes de um possível poder autônomo do Estado. Nesse processo chileno, o anarquismo não contou com uma expressão de relevo, tampouco com uma organização específica, embora haja importantes registros de militância anarquista, ou com grande referência em seu legado, localizadas em importantes experiências. Chile e Uruguai se constituíram enquanto países onde a esquerda mais se desenvolveu e se enraizou socialmente na América Latina durante esses anos. Por fim, a atuação da FAU-ROE-OPR suscita uma instigante comparação com a CNT-FAI espanhola. Ao contrário da FAU, os anarquistas espanhóis não constituíram uma organização política; o caso da FAI, apesar de sua simetria semântica, é em grande medida distinto do da FAU, já que se constituiu fundamentalmente enquanto uma organização destinada à solução de um problema tático: a autodefesa do movimento operário e camponês. Isso, por sua vez, não a eximiu, em muitos momentos, de

demarcar uma posição mais combativa no interior da CNT e de acumular debates em torno das polêmicas em seu interior. Por outro lado, a CNT e a FAI se constituíram não somente enquanto organizações com influência de massas, mas, sobretudo, enquanto as principais organizações da classe trabalhadora naquele país.

Com graus de incidência distintos, o anarquismo esteve presente em inúmeras experiências históricas das lutas operárias, camponesas, estudantis, em termos gerais, dos “de baixo”, da “ralé”, ao longo da História contemporânea. No entanto, sua história segue majoritariamente desconhecida e, não raras vezes, abordada a partir de estereótipos, caricaturas e interpretações teleológicas que buscam enquadrar uma experiência “pura”. Nesse sentido, torna-se recorrente que se analise o anarquismo através daquilo que o intérprete cria enquanto imagem “ideal” de anarquismo, não a partir de uma reflexão de como esse se constituiu – na diversidade e na unidade – histórica e teoricamente. O estudo e reflexão das inúmeras experiências e debates que se desenvolveram no âmbito do anarquismo, assim como de tantas outras experiências advindas das diversas tradições dos trabalhadores, torna-se, portanto, um trabalho de fundamental importância, sobretudo para a reflexão e inspiração das gerações em um século tragicamente marcado pelo triunfo das distopias.

ARQUIVOS E FONTES CONSULTADAS

A) ARQUIVOS CONSULTADOS

1) Centro de Estudios Interdisciplinarios Uruguayos – Universidad de la Republica, Montevideú, Uruguai

2) Biblioteca do Palácio Legislativo do Uruguai – Montevideú, Uruguai

3) Biblioteca Nacional do Uruguai

4) Arquivos de FAU – Montevideú, Uruguai

5) Arquivos Eletrônicos

- Centro de Documentación de los Movimientos Armados -
<www.cedema.org>

- Punto Final - <<http://www.pf-memoriahistorica.org/>>

- Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos -
<<http://www.desaparecidos.org.uy/>>

- Proyecto Desaparecidos - <<http://www.desaparecidos.org/arg/>>

- El Ortiba, Cuadernos de la Memoria - <<http://www.elortiba.org/aguanta.html>>

- Anakismo – <www.anarkismo.net>

- Arquivo Marxista na Internet - <<http://www.marxists.org/portugues/index.htm>>

- Federación Anarquista Uruguaya - <<http://federacionanarquista.uy/>>;
<www.nodo50.org/fau>

- Partido por la Victoria del Pueblo - <<http://www.pvp.org.uy/>>

- Carta Maior – <www.cartamaior.com.br>

- Instituto de Teoria e História Anarquista - <<http://ithanarquista.wordpress.com/>>

B) FONTES CONSULTADAS

1) Jornais

A) *Compañero* (Uruguai)

- B) *Epoca* (Uruguai)
- C) *Lucha Libertaria* (Uruguai)
- D) *Voluntad* (Uruguai)
- E) *Respuesta* (Uruguai)
- F) *Reconstruir* (Argentina)
- G) *Marcha* (Uruguai)
- H) *Azul y Blanco* (Uruguai)
- I) *El Popular* (Uruguai)

2) Revistas

- A) *Rojo y Negro* (Uruguai)
- B) *Cuestión* (Uruguai)
- C) *Cuadernos de Marcha* (Uruguai)

3) Boletins Impressos

- A) *Cartas de FAU* (Uruguai)
- B) ROE – Panfletos diversos – (Uruguai)

4) Documentários / Filmes / Áudio

Estado de Sítio. Direção e Roteiro: Costa Gavras & Franco Solinas. Alemanha/França/Itália, 1972.

A Batalha de Argel. Direção e Roteiro: Gillo Potencorvo & Franco Solinas. Argélia/Itália, 1965.

Escuadrones de la Muerte: la escuela francesa. Direção e Roteiro: Marie-Monique Robin. França, 2003.

A las Cinco en Punto. Direção e roteiro: José Pedro Charlo & María Eugenia Jung & Universindo Rodrigues, Uruguai, 2004.

Hector, el Tejedor. Direção e roteiro: José Pedro Charlo & Universindo Rodrigues, Uruguai, 2000.

Tupamaros, la fuga.

Ácratas. Direção e roteiro: Virginia Martínez, Uruguai, 2000.

Por estos ojos. El caso Mariana Zaffaroni. Direção e roteiro: Gonzalo Arijón & Virginia Martínez. Uruguai/França, 1997.

La hora de los hornos: 1) Neocolonialismo y violencia; 2) Acto por la liberación; 3) Violencia y liberación. Direção e roteiro: Pino Solanas & Octavio Getino. Argentina, 1968

La Batalla de Chile: la lucha de un pueblo sin armas. 1) La insurrección de la burguesía; 2) El golpe de Estado; 3) El poder popular; Direção e roteiro: Patricio Guzmán. Cuba, 1972 – 1979.

Uno de nosotros: Idea Villariño. Televisión Nacional Uruguay.

El gallo y el alba. Direção e roteiro: Fernando Richieri. Uruguai

4) Depoimentos

AMORÓS, Ana; COITIÑO, Carlos; SARAIVA, Stela. Entrevista coletiva ao autor. Montevidéo, setembro, 2012.

ANZALONE, Pablo. Entrevista ao autor. Montevidéo, novembro, 2012.

DUTRA, Zelmar. Entrevista ao autor. Montevidéo, outubro, 2012.

OLIVEIRA, Raul. Entrevista ao autor. Montevidéo, novembro, 2012

FACAL, Julio [Nome fictício]. Depoimentos não gravados ao autor, setembro, outubro, novembro. Montevidéo, 2012.

5) Bibliografia geral

AGEE, Philip. *Dentro da “Companhia” diário da CIA.* São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1976.

ALDRIGHI, Clara. *La intervención de Estados Unidos en Uruguay (1965 – 1973) tomo 1 el caso Mitrione.* Montevideo: Trilce, 2007.

_____. *Memorias de insurgência: historia de vida y militância en el MLN-Tupamaros. 1965-1975.* Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado.* São Paulo: Graal, 2007 (10º Ed.).

ANDRÉS, Augusto “Chacho”. *Estafar um banco...Qué Placer!* Montevideo: Alter. 2009.

ARAKELIAN, Garabed. *Crónicas de una lucha (80 días de conflicto textil).* Montevideo: Ediciones Uruguay, 1961.

ARCHINOV. *Historia do Movimento Macknovista (a insurreição dos camponeses da Ucrânia).* Lisboa: Assírio&Alvim, 1976.

AVRICH, Paul. *Kronstadt 1921*. Buenos Aires: Anarres, 2006.

AZEVEDO, Cecília. *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.

ALONSO ELOY, Rosa; DEMASI, Carlos. *Uruguay 1958 – 1968 crisis y estancamiento*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986.

ARISMENDI, Rodney. *A Revolução Latino-Americana: antologia de textos (1970-1974)*. Lisboa, Editorial Avante!, 1977.

_____. *Uruguay y América Latina en los años 70: experiencias y balance de una revolución*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1972.

BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001.

_____. *O Princípio do Estado e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. *Os enganadores / A política da Internacional / Aonde ir e o que fazer?* São Paulo: Imaginário/Faísca, 2008.

_____. *Catecismo revolucionário / Programa da sociedade da revolução internacional*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009.

BAÑALES, Carlos; JARA, Enrique. *La rebelión estudiantil*. Montevideo: Arca, 1968.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS LÉMEZ, Alvaro. *Arismendi: Forjar el viento*. Uruguay: Monte Sexto, 1987.

BAYER, Osvaldo. *Anarquistas expropriadores*. São Paulo, Luta Libertária, 2004.

BEGIN, Menachem. *La rebelion: historia del IRGUN*. Barcelona: Plaza y Janes, 1981.

BLIXEN, Samuel. *Sindic acción y legado*. Montevideo: Trilce, 2000.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOOKCHIN, Murray. *Anarquismo, Crítica e Autocrítica*. São Paulo: Hedra, 2011.

CAPPELETTI, Angel J. *El pensamiento de Malatesta: idealismo ético y socialismo libertario*. Montevideo, Recortes, 1990.

CARAMBULA, Ramiro. *Bancarios 1969: cronologia de una huelga histórica*. Montevideo: s/Ed, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. *Sobre o conteúdo do Socialismo; os movimentos dos anos 60*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

_____. *A criação histórica: o projeto da autonomia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

CHAGAS, Jorge; TRULLEN, Gustavo. *Pacheco: la trama oculta del poder*. Montevideo: Rumbo.

CHAGAS, Jorge; RODRÍGUEZ, Universindo; TRULLÉN, Gustavo; VISCONTI, Silvia. *El sindicalismo uruguayo: a 40 años del congreso de unificación*. Montevideo: Santillana, 2006.

CHAGAS, Jorge; TONARELLI. *El sindicalismo uruguayo bajo la dictadura 1973 – 1984*. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1989.

CHIRICO, Selva Lopez. *Estado y Fuerzas Armadas en el Uruguay del siglo XX*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1985.

COLLAZO, Ariel. *Historia de una pasión política*. Montevideo: Productora Editorial, s/d.

COLETIVO LUTA LIBERTÁRIA (org.), *Mikhail Bakunin, socialismo e liberdade*. São Paulo: Luta Libertária, 2000.

_____. *Errico Malatesta & Luigi Fabbri. Anarco Comunismo italiano*. São Paulo: Luta Libertária, s/d.

COLOMBO, Eduardo et. al. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário; IMES; Expressão & Arte, 2004.

COMBLIN, P. e JOSEPH. *A Ideologia de Segurança Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CORRÊA, Felipe. *La estrategia del especificismo*. Juan Carlos Mechoso (Federación Anarquista Uruguaya) en entrevista a Felipe Corrêa. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/18368>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CORES, Hugo. *La lucha de los Gremios Solidarios*. Montevideo: Ediciones Compañero, 1989.

_____. *El 68 uruguayo*. Los antecedentes. Los hechos. Los debates. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1997.

_____. *Memorias de la resistencia*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2002

COUTO, Evandro (org.). *Contexto histórico-social e formação da corrente libertária do socialismo*. 2011. Disponível em: <http://www.anarkismo.net/article/20823?author_name=Evandro+Couto&>. Acesso em: 10 nov. 2014.

DEBRAY, Regis. *¿Revolución en la Revolución?* Editorial Sandino, 1967.

D'ELÍA, Germán. *El Movimiento Sindical*. Montevideo: Nuestra Tierra, 1969.

D'ERRICO, Stefano. *Anarquismo y política. El "programa mínimo" de los libertarios del Tercer Milenio*. Relectura antológica y biográfica de Camillo Berneri. Madrid: Fundación Salvador Seguí, 2012.

DIELO TRUDA. *O problema organizacional e a idéia de síntese*. 2009. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/14827>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

DIZ, Verónica; LOPEZ TRUJILLO, Fernando. *Resistencia Libertaria*. Buenos Aires: Madreselva, 2007.

DUFFAU SOTO, Nicolás. El Coordinador: la participación de los militantes del Partido Socialista en los inicios de la violencia revolucionaria en Uruguay. pp. 57-70. In: ABELLA, Alcides (org.). *Cuadernos de la historia reciente. 1968 Uruguay 1985: testimonios, entrevistas, documentos e imágenes inéditas del Uruguay autoritario*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

DUNOIS, Amédée. *Anarquismo e Organização*. 2010. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/16943>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

EUGENIA JUNG, María; RODRÍGUEZ, Universindo. *Juan Carlos Mechoso anarquista*. Montevideo: Trilce. 2006.

ERRANDONEA, Alfredo; CREMANTI, Vicente. *Los militantes: una historia del movimiento estudiantil universitario uruguayo desde sus orígenes hasta 1966*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 1990.

FAU, *El Copey*. Porto Alegre: Combate, 2009.

FAURE, Sébastien. *A Síntese Anarquista*. 2009. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/12392>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

FEBRO, Eduardo. *A Batalha de Argel na América do Sul*. Paris, 2012. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/A-batalha-de-Argel-na-America-do-Sul%0D%0A/6/25679>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

FERNÁNDEZ HUIDOBRO, Eleuterio. *El Tejedor Héctor Rodríguez*. Uruguay: tae. 2006 (2º Ed.).

FIALHO, A. Veiga(org.). *Uruguai: um campo de concentração?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FREGA; MARONNA; NAHUM; TROCHÓN. *El fin del Uruguay liberal 1959 – 1973*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1994.

GERARDO PRIETO, Ruben. *Por la tierra y por la libertad*. Trabajadores rurales y proceso revolucionario: UTAA y el MLNT (Movimiento Nacional de Lucha por la Tierra). Estocolmo: Nordan Comunidad, 1986.

GOMES, Ângela Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. IN: BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria Fátima; SOIHET, Rachel (org). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GÓMEZ CASAS, Juan. *Historia de la FAI*. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo. 2002.

GONZÁLEZ SIERRA, Yamandú. *Un sindicato con historia*. Sindicato de FUNSA. Tomo II. CIEDUR, U.O.E.S de FUNSA, 1991.

_____.

_____. *Tomo III*. Federación del Caucho, PIT-CNT, 1998.

GRAÑA, François. *Los padres de Mariana*. María Emilia Islas y Jorge Zaffatoni: la pasión militante. Montevideo: Trilce, 2011.

GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

GUEVARA, Ernesto Che. *Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*. La Habana, 1967. Disponível em: <http://marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *A Guerra de Guerrilhas*. São Paulo: Edições Populares, 1980.

GUILLÉN, Abraham. *Teoria de la Violencia*. Buenos Aires: Editorial Jancana, 1965.

_____. *Desafío al Pentagono: la guerrilla latinoamericana*. Montevideo: 2º Ed. Andes, 1969.

GUILLÉN, Abraham; HODGES, Donald C. *Revalorización de la guerrilla urbana*. México D.F.: Ediciones “El Caballito”, 1977.

HOBBSAWM, Eric. *Revolucionários*. 2º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Era dos extremos o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999.

IANNI, Octavio. *Marx*. São Paulo: Ática, 1988.

KROPOTKIN, Piotr. *A Anarquia – sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. *O Princípio Anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.

IRIGOYEN, Laura; ZIMMER, Alejandra. *La Federación Anarquista Uruguaya y sus “dos patas”*: Resistencia Obrero Estudiantil y Organización Popular Revolucionaria 33. Teoría y

práctica (1968-1971). Monografía. Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Licenciatura en Ciencias Históricas. Montevideo, 2009.

LABROUSSE, Alain. *Tupamaros: de la guerrilla al partido de masas*. Argentina, 1971. pp. 3-7. Disponível em: <http://izquierda.library.cornell.edu/i/izquierda/libros_pdf/024.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014.

LENIN, Vladimir Ilitch. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. *O que fazer?*. 1902. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/index.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Carta a um camarada*. 1902. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/index.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

LUXEMBURGO, Rosa. *Socialismo e liberdade*. Rio de Janeiro, Forum, 1968.

LEIBNER, Gerardo. *Camaradas y compañeros: una historia política y social de los comunistas del Uruguay*. Tomo I. La era Gómez; Tomo II. La era Arismendi. Montevideo: Trilce, 2011.

LOPEZ TRUJILLO, Fernando. *Vida en Rojo y Negro: Una historia del Anarquismo en la "Década Infame"*. La Plata, Buenos Aires: Letra Libre, 2005.

LOWY, Michael (org.). *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

LUIS BAUMTGARTNER, José. *Escuadrón de la Muerte*. Uruguay: Fin de Siglo, 2011.

MADRUGI, Leopoldo. *Tupamaros y Gobierno: dos poderes en pugna*. 1970. Disponível em: <http://www.pf-memoriahistorica.org/PDFs/1970/PF_116_doc.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MAKHNO, Nestor. *Anarquia & organização*. São Paulo: Luta Libertária, s/d.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Imaginário, 2000.

MARCHÍN, Horacio; MOROÑA, Mabel. *Marcha y America Latina*. Pittsburg: Instituto Internacional de literatura Iberoamericana Universidad de Pittsburg, 2003.

MECHOSO, Juan C.. *Acción directa anarquista: una historia de FAU*. Montevideo: Recortes. s/d.

_____. _____. Tomo II: La Fundación. Montevideo: Recortes, 2005.

_____. _____. Tomo III Los primeros años. Montevideo: Recortes, 2006.

_____. _____. Tomo I Raíces 1870-1940. Montevideo: Recortes, 2011.

MENDEZ, Sara; OLIVERRA, Raul. *Hugo Cores la memoria combatiente*. Montevideo: Trilce, 2007.

MLN, Movimiento de Liberación Nacional. *Documento N° 3. Apuntes sobre la acción a las masas*. Uruguay, 1968. Disponível em: <<http://cedema.org/ver.php?id=113>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Tupamaros: gérmen de la lucha armada em Uruguay; 30 preguntas a un Tupamaro*. Chile, 1968. Disponível em: <http://www.pf-memoriahistorica.org/PDFs/1968/PF_058_doc.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Los Tupamaros y el Movimiento Estudiantil*. Uruguay, 1968. Disponível em: <<http://cedema.org/ver.php?id=3521>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Declaración de Adhesión al Frente Amplio*. Uruguay, 1970. Disponível em: <<http://cedema.org/ver.php?id=4745>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Programa revolucionário del MLN-Tupamaros*. Uruguay, 1971. Disponível em: <<http://cedema.org/ver.php?id=122>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Partido o Foco: un falso dilema*. Argentina, 1971. http://izquierda.library.cornell.edu/i/izquierda/libros_pdf/024.pdf pp. 8-12. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Aviso a la población*. Uruguay, 1972. Disponível em: <http://www.cedema.org/uploads/MLN_1972-03.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Actas Tupamaras*. Argentina: Cucaña, 2003.

MOLINA, Carlos. *El mástil de mi guitarra*. Montevideo, 1999.

_____. *El Hombre y la Copla*. Montevideo: Recortes. 1995.

MORAES, João Quartim. *Liberalismo e Ditadura no Cone Sul*. Campinas: IFCH Unicamp, 2001.

MOTA, Urariano. *Soledad no Recife*. São Paulo: Boitempo, 2009.

NORTE, Sergio Augusto Queiroz. *Bakunin sangue, suor e barricadas*. Campinas: Papirus. 1988.

OLAIZOLA, José Maria; BERRO, Chema. *Sindicalismo y transformación social*. Madrid, Libre Pensamiento, 1993.

PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay... TERROR DE ESTADO E SEGURANÇA NACIONAL*. Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2005.

PAZ, Abel. *O Povo em Armas: Buenaventura Durruti e o anarquismo espanhol*. (2 volumes) Lisboa, Assírio e Alvin, 1976.

PEDRO, Felipe Corrêa. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política. São Paulo, 2012.

PEIRATS, José. *Los anarquistas en la crisis política española (1869-1939)*. Buenos Aires: Libros de Anarres; Terramar, 2006.

PORRINI, Rodolfo; SALABERRY, Mariela. *Leon Duarte: conversaciones com Alberto Márquez y Hortencia Pereira*. Montevideo: Editorial Compañero. 1993.

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Edunesp, 2000.

REY TRISTÁN, Eduardo. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya 1955-1973*. Montevideo: Fin de Siglo, 2006.

RICHARDS, Vernon (Org.). *Malatesta pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Tupac, 2007.

RICO, Álvaro (org.). *15 días que estremecieron al Uruguay: golpe de Estado y huelga general 27 de junio – 11 de julio de 1973*. Uruguay: Editorial Fin de Siglo, 2005.

ROCHA, Bruno Lima. *A interdependência estrutural das três esferas: uma análise libertária da organização política para o processo de radicalização democrática*. Tese de Doutorado – UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Porto Alegre, 2009.

RUGAI, Ricardo Ramos. *O Anarquismo organizado: as concepções e práticas da Federação Anarquista Uruguiaia (1952-1976)*. Dissertação de Mestrado – Unicamp, Programa de Pós-Graduação em História. Campinas, 2003.

_____. *Um Partido Anarquista: o anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU*. São Paulo: Ascaso, 2012.

ROCKER, Rudolf. *Anarco Sindicalismo (teoría y práctica)*. S/d. Disponível em: <http://www.nodo50.org/fau/teoria_anarquista/rocker/1.htm>. Acesso em: 10 nov. 2014.

RODRIGUEZ, Enrique. *Uruguay: raices de la madurez del movimiento obrero*. S/d.

ROE. *Gilberto Coghlan: ferroviario y hombre*. Uruguay, 1973. Disponível em: <<http://cedema.org/ver.php?id=6021>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Dirigente Obrero Ferroviario Asesinado por la Dictadura*. Uruguay, 1973. Disponível em: <<http://cedema.org/ver.php?id=2544>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia*. Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil. São Paulo; Rio de Janeiro: Imaginário; Achiamé, 2002.

_____. *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos*. Lisboa, Letra Livre, 2009.

_____. *Negras tormentas*. O federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris. São Paulo: Hedra, 2011.

SCHMIDT, Michael. *Anarquismo Búlgaro em armas: a linha de massas anarco-comunista – parte 1*. São Paulo: Faísca, 2009.

_____. *Cartography of Revolutionary Anarchism*. Oakland, Edinburgh, Baltimore: Ak Press, 2013.

SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. *Black Flame: the revolutionary class politics of Anarchism and Syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

SILVA, Rafael Viana. *Elementos inflamáveis: organizações e militância anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 – 1964)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2014.

_____. *Os Revolucionários Ineficazes de Hobsbawm: reflexões críticas de sua abordagem do anarquismo*. S/d. Disponível em: <<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2013/02/rafael-viana-os-revolucionarios-ineficazes-de-hobsbawm.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Anarquismo Contra o Anarquismo*. S/d. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/20240>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

TABER, Robert. *La Guerra de la Pulga: guerrilla y contraguerrilla*. México D.F.: Era, 1965.

THOMPSON, Edward P. *A Formação da classe operária inglesa*. vols. I, II, III. Rio de Janeiro: 3º Ed, Paz e Terra, 1997.

TRAGTEMBERG, Maurício. *Reflexões sobre o Socialismo*. São Paulo: Moderna, 2º Ed, 1986.

_____. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faísca, 2007.

TRÍAS, Ivonne. *Hugo Cores: pasión y rebeldia em la izquierda uruguaya*. Montevideo: Trilce, 2008.

TRÍAS, Ivonne; RODRIGUES; Universindo. *Gerardo Gatti revolucionario*. Montevideo: Trilce, 2012.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia* (2º Edição). Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

VAN AKEN, Mark. *Los militantes: una historia del Movimiento Estudiantil Universitario Uruguayo*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria. 1990.

VASCO, Neno. *Concepção anarquista do Sindicalismo*. Curitiba: TIE-Brasil. 2008.

VASSILEV, Pano. *A idéia dos Sovietes*. São Paulo: Faísca; Imaginário, 2008.

VIERA, Eduardo. *El aporte de Arismendi al desarrollo del leninismo en América Latina*. Montevideo: Fundación Rodney Arismendi, 1994.

VILLALOBOS, Marco Antônio. *Tiranos, tremei!* Ditadura e resistência popular no Uruguai (1968-1985). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

VILLAR, Daniel. *El Cordobazo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1971.

VOLIN. *A Síntese Anarquista*. 1934. Disponível em: <http://www.anarkismo.net/article/20027>. Consultado em: 10 nov. 2014.

WOODCOOK, George (org.). *Anarquismo: Uma História das Idéias e Movimentos Libertários*. Porto Alegre: L&PM, 1983.